

Organizadores

MARIE O'REGAN
E PAUL KANE

Cuidado com o que você deseja...

MALDIÇÃO

CURSED

*Uma antologia
dos melhores contos de
fadas sinistros*

Neil Gaiman, Jen Williams,
Charlie Jane Anders,
M.R. Carey e muito mais





DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

MALDIÇÃO



Organizadores
MARIE O'REGAN
E PAUL KANE

MALDIÇÃO

*Uma antologia
dos melhores contos de
fadas sinistros*

TRADUÇÃO

Ulisses Teixeira

TRAMA

Título original: *Cursed — An Anthology of Dark Fairy Tales*

Esta tradução de *Cursed*, cuja edição original data de 2020, é publicada mediante acordo com o Titan Publishing Group Ltd.

Introdução © Marie O'Regan e Paul Kane, 2020; *O castelo amaldiçoado* © Jane Yolen, 2020; *Vermelha como sangue, branca como a neve* © Christina Henry, 2020; *A ponte do troll* © Neil Gaiman, 1993. Publicado originalmente em *Snow White, Blood Red*, editado por Ellen Datlow e Terri Windling. Reimpresso mediante permissão do autor; *Nessa idade* © Catriona Ward, 2020; *Escute* © Jen Williams, 2020; *Henry e a caixa de madeira* © M.R. Carey, 2020; *Pele* © James Brogden, 2020; *Faith & Fred* © Maura McHugh, 2020; *A maldição da fada sombria* © Karen Joy Fowler, 1997. Publicado originalmente em *Black Raven, White Swan*, editado por Ellen Datlow e Terri Windling. Reimpresso mediante permissão da autora; *Wendy, querida* © Christopher Golden, 2014. Publicado originalmente em *Out of Tune*, editado por Jonathan Maberry. Reimpresso mediante permissão do autor; *Fadas lobisomens versus vampiros zumbis* © Charlie Jane Anders, 2011. Publicado originalmente em *Flurb: A Webzine of Astonishing Tales #11*, editado por Eileen Gunn. Reimpresso mediante permissão do autor; *Olhe aqui dentro* © Michael Marshall Smith, 2013. Publicado originalmente em *Fearie Tales: Stories of the Grimm and Gruesome*, editado por Stephen Jones. Reimpresso mediante permissão do autor; *Vermelhinha* © Jane Yolen e Adam Stemple, 2009. Publicado originalmente em *Firebirds Soaring — Uma Antologia de Ficção Especulativa*, editado por Sharyn November. Reimpresso mediante permissão dos autores; *Vinho novo* © Angela Slatter, 2020; *Haza e Ghani* © Lilith Saintcrow, 2020; *Odiado* © Christopher Fowler, 1995. Publicado originalmente em *Flesh Wounds*. Reimpresso mediante permissão do autor; *Os alegres dançarinos* © Alison Littlewood, 2020; *De novo* © Tim Lebbon, 2020; *A garota que veio do inferno* © Margo Lanagan, 2020; *O castelo despertando* © Jane Yolen, 2020.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Trama, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7.º andar —
Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Imagem de capa: Sketched Images | Shutterstock
Imagem das guardas: Joe Prachatree | Shutterstock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP)

O66m
O'Regan, Marie
Maldição: uma antologia dos melhores contos de fadas sinistros /
Marie O'Regan, Paul Kane ; traduzido por Ulisses Teixeira. – 2.ed. – Rio de Janeiro : Trama, 2021.
360 p.

Formato: e-book com 3,7 MB

Título original: *Cursed – an anthology of dark fairy tales*
ISBN: 978-65-89132-57-8

1. Literatura fantástica – antologia de contos. I. Kane, Paul. II. Teixeira, Ulisses. III. Título.

CDD: 808.8
CDU: 82-32

André Queiroz – CRB-4/2242

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Introdução. Por Marie O'Regan e Paul Kane

O castelo amaldiçoado. Por Jane Yolen

Vermelha como sangue, branca como a neve. Por Christina Henry

A ponte do troll. Por Neil Gaiman

Nessa idade. Por Catriona Ward

Escute. Por Jen Williams

Henry e a caixa de madeira. Por M.R. Carey

Pele. Por James Brogden

Faith e Fred. Por Maura McHugh

A maldição da fada sombria. Por Karen Joy Fowler

Wendy, querida. Por Christopher Golden

Fadas lobisomens versus vampiros zumbis. Por Charlie Jane Anders

Olhe aqui dentro. Por Michael Marshall Smith

Vermelhinha. Por Jane Yolen e Adam Stemple

Vinho novo. Por Angela Slatter

Haza e Ghani. Por Lilith Saintcrow

Odiado. Christopher Fowler

Os alegres dançarinos. Por Alison Littlewood

De novo. Por Tim Lebbon

A garota que veio do inferno. Por Margo Lanagan

O castelo despertando. Por Jane Yolen

Sobre os autores

Sobre os organizadores

Agradecimentos

Colofão

INTRODUÇÃO

POR MARIE O'REGAN E PAUL
KANE

M

aldições.

É impossível não amá-las.

O elemento principal de qualquer conto de fadas, o centro das histórias cheias de lições de moral que todos nós ouvimos enquanto crescíamos — narrativas que nos educavam, que alimentavam a nossa crença de que os culpados deveriam ser punidos, que, se tudo desse certo, nos mantinham no caminho da virtude e da honestidade... Os exemplos clássicos tiram sua inspiração do folclore ao redor do mundo, e, nesta antologia, você encontrará histórias que vêm dos contos da Noruega, da Dinamarca, da França e muitos outros. Há também escritos no estilo de Perrault, de Hans Christian Andersen e dos irmãos Grimm (cujas histórias originais eram muito, muito mais sombrias do que muita gente conhece). Veja a Bela Adormecida, por exemplo, machucando o dedo e dormindo por toda a eternidade. Ou a Chapeuzinho Vermelho, que, com certeza, teve sua família amaldiçoada por aquele lobo — uma maldição em si, se você acreditar em algumas visões sobre o conto. A Branca de Neve também, amaldiçoada pela bruxa que também era rainha e por uma maçã envenenada. Porém, sem o mal, como poderíamos reconhecer o bem?

Nosso objetivo com este livro era simples. Usar a ideia de ser amaldiçoado era o pontapé inicial, dando aos escritores a chance de reescrever alguns clássicos — como Jane Yolen e Adam Stemple fazem em “Vermelhinha”, Neil Gaiman faz em “A ponte do troll”, Lilith Saintcrow em “Haza e Ghani” e Christina Henri em “Vermelha como sangue, branca como a neve” —, tornando-os seus e apresentando pontos de vista bem diferentes em coisas familiares. Ao mesmo tempo, nós queríamos incluir algumas histórias “amaldiçoadas” novas e modernas — contos morais como os de Christopher Fowler (“Odiado”), James Brogden (“Pele”), Catriona Ward (“Nessa idade”) e Margo Lanagan (“A garota que veio do inferno”). Nem todas essas histórias se encaixam no conto de fadas tradicional, mas todas elas compartilham o mesmo coração sombrio.

Os autores foram encorajados a pensar fora da caixa — ou até mesmo dentro dela, literalmente, como você vai ver no lúgubre conto cômico de M.R. Carey, “Henry e a caixa de madeira”, e em “Olhe aqui dentro”, de Michael Marshall Smith — enquanto bebiam de fontes como *Peter Pan* (“Wendy, querida”, de Christopher Golden) ou a lenda do Barba Azul (“Vinho novo”, de Angela Slatter). Isso sem mencionar aqueles que criaram as suas mitologias (“Escute”, de Jen Williams), que se inspiraram em contos de fadas ou fizeram uma mistura deles (“Os alegres dançarinos”, de Alison Littlewood), bolaram maldições com as próprias regras (“De novo”, de Tim Lebbon, e “Faith & Fred”, de Maura McHugh) ou até trouxeram o horror como núcleo da história (o tumultuoso “Fadas lobisomens *versus* vampiros zumbis”, de Charlie Jane Anders).

Quando terminar de ler estas histórias incríveis destes autores maravilhosos, todos em sua melhor forma, vai perceber que maldições vêm de todos os formatos e tamanhos e que ficam escondidas nos lugares mais inesperados — como se você precisasse de mais motivos para se comportar.

Ora, elas podem vir até mesmo na forma de uma coletânea... Não dá para saber.

Maldições.

É impossível não amá-las.

MARIE O'REGAN E PAUL KANE
Derbyshire, julho de 2019.

O CASTELO AMALDIÇOADO

JANE YOLEN

A maldição se arrastou silenciosa como uma serpente
Pelas raízes do espinheiro.

Flores nas paredes murcharam, embora o jardim
Continuasse o mesmo, como se pintado no chão.

Um gavião, em um mergulho profundo, cai
De bico no barro,
A cobra do fosso flutua.
Cavalos param entre um relincho e outro.

Três guardas, ainda de serviço, não recebem o soldo
Por cem anos, mas ainda mantêm
A maior parte do castelo a salvo.
Não o quarto na torre onde a princesa dorme, porém.

Ela foi pega entre suspiros,
Lábios apertados, como se pedissem um beijo
Ou experimentassem o azedume da idade,
Ou como se tivessem se arrependido de tudo, menos da
[agulha em sua mão.

VERMELHA COMO SANGUE, BRANCA COMO A NEVE

CHRISTINA HENRY

Seria meu maior prazer, mais do que qualquer coisa no mundo, ver esta aliança em seu dedo, pois significaria que você concordou em ser minha esposa — disse ele, ajoelhando-se na frente dela.

Murmúrios percorreram o cômodo — uma série de aprovações da parte da corte — pois o que mais a princesa deles poderia desejar além de um príncipe? Ele era rico e belo e vinha de uma terra boa, ou ao menos era o que diziam, já que seu reino era tão distante que ninguém ali já o tinha visto.

Suas maneiras eram tão atraentes que ele foi imediatamente apelidado de “Príncipe Encantado”, embora, é claro, nenhuma pessoa demonstraria tamanho desrespeito ao chamá-lo assim ao alcance de seus ouvidos.

Neve não o considerava encantador. Quando ela olhou em seus olhos muito, muito sombrios, não viu o charme delicioso efervescente, mas o tremeluzir de uma língua entre dentes afiados.

Ele segurava a aliança diante dela, seu sorriso branco, fácil e esperançoso. Encantado escolhera bem o seu

momento. Ela dificilmente poderia recusá-lo diante de toda a corte, por mais que quisesse jogar o anel na cara dele e fugir.

Neve observou o Rei e a Rainha de soslaio. A boca de sua madrasta era uma linha reta, os cantos dos olhos apertados de medo. O pai de Neve assentia e sorria feito um velho caduco, como se estivesse enfeitado — o que ele estava.

O Príncipe esperou, pois tinha todo o tempo do mundo, e sabia qual seria a resposta dela. Ela viu tudo isso em seu rosto, na curva sem preocupações de seus lábios, em seus olhos onde a serpente se enrolava.

— É claro que aceito — respondeu ela, e ficou feliz por sua voz ter saído clara e cristalina; assim, ninguém na corte ouviria o horror que fervia dentro dela.

Ela desejou que tivesse a coragem para correr, mas uma princesa é criada para ser educada acima de todas as outras coisas, e, se o recusasse ali, haveria Consequências — e Consequências sempre significavam guerra, sobretudo quando o orgulho ferido de um homem estivesse envolvido. Neve amava sua nação e seu povo. Não queria que eles sofressem. Então, precisava aceitar a aliança, mesmo sabendo que era uma armadilha.

Neve viu, como se a distância, sua mão se movendo devagar na direção de Encantado, viu o leve tremor de seu sangue em sua pele branca, viu o triunfo correr pelo seu belo rosto conforme ele pegou os dedos dela.

O corpo de Neve se retraiu quando ele a tocou. Aquilo pareceu deixá-lo ainda mais satisfeito. Suas mãos a apertaram o suficiente para deixar marcas roxas, e ela

pensou que talvez ele a estivesse testando para ver o quanto ela aguentaria antes de gritar.

Não vou gritar, pensou ela, cerrando os dentes. *Não vou dar esse prazer a ele*.

No momento em que a aliança deslizou pela articulação e encontrou seu lugar, ela se estabeleceu cruelmente e, com pequenos dentes afiados, se uniu à pele. O rubi mudou sua aparência, agora semelhante a um olho sangrento a observá-la.

Ele cruzou seu braço com o dela, querendo dar a impressão da união de um amante para todo o mundo, conforme se viraram para encarar a corte. Apenas Neve sabia que ele a prendia ali, suas asas de borboleta batiam inutilmente sob o alfinete dele.

Ele a manteve por perto durante muitas horas, e ela sentiu seu sorriso ficar forçado, mas não falhar. Neve não mostraria fraqueza, embora soubesse que ele sentia sua aversão e parecia se deleitar em segredo com ela.

No momento em que teve a oportunidade, ela se livrou de seu braço.

— Está abafado demais aqui, meu Príncipe — disse ela. — Preciso sair para tomar ar puro.

— É claro, minha princesa — respondeu ele. — Mas volte logo para mim, pois vejo que não conseguirei tolerar um único segundo sem você.

Diversas das jovens damas (e até mesmo algumas das mais velhas, que deveriam entender melhor a situação) fizeram um som de contentamento, murmurando sobre como sua princesa tinha sorte de receber o amor de um príncipe tão devoto.

Devoto, pensou Neve amargamente enquanto ia para o jardim e tentava não pensar naquilo como uma fuga. Ela só precisava de um momento para respirar, um momento afastada do miasma ao redor dele.

Neve foi bem fundo na mata, onde ninguém poderia encontrá-la por acidente. Parou perto de sua lagoa favorita, coberta por vitórias-régias verdes com sapos gordos empoleirados nelas. Libélulas iridescentes iam de um lado para outro, pousando aqui e ali, e salgueiros-chorões se esticavam sobre a água com suas folhas compridas.

Neve se aninhou nas sombras secretas debaixo das árvores, girando a aliança em seu dedo, embora soubesse que era inútil. O metal parecia prata, mas não se comportava como nenhuma prata comum que ela conhecesse.

Conforme ela girava, a aliança apertava sua mordida, seus dentes entrando mais profundamente na carne dela, até o sangue sair e Neve gritar.

— Não é assim que você vai conseguir tirá-la, mas acho que já sabe disso.

— Mãe! — falou Neve.

Ela correu até a madrasta, que estava parada, chorando, na ponta da lagoa, as mãos envolvendo uma à outra de tristeza.

A Rainha segurou Neve em seus braços e as duas choraram juntas, pois amava a garota como se fosse sua filha, e ela era a única mãe que Neve conhecera.

Após a tempestade de pranto passar, ambas foram para debaixo da árvore e se sentaram em silêncio. A Rainha colocou um dedo nos lábios, demonstrando que Neve não

devia fazer perguntas. Com a outra mão, fez um gesto para que Neve colocasse a mão presa à terrível aliança na água.

Neve ponderou sobre aquilo, mas obedeceu, porque sua madrasta sabia de muitas coisas que ela não sabia. A Rainha tinha nascido em uma terra mágica — e um pouco da magia ainda residia nela — e, às vezes, conseguia fazer pequenos milagres.

No instante em que Neve colocou a mão na lagoa, sentiu algo mudar e se acalmar. Teve a estranha sensação de que o olho dentro do rubi tinha ficado cego.

A Rainha leu a expressão no rosto de Neve, pois seus corações eram próximos mesmo que não tivessem o mesmo sangue, e assentiu.

— De vez em quando, a água pode subjugar a magia, ainda que seja apenas um adiamento temporário. Assim que você tirá-lo da lagoa, o olho do rubi vai se abrir de novo.

— Então, ele *está* me espionando — disse Neve. — Eu pensei que estivesse, mas quase me esqueci depois de ele me morder.

A Rainha assentiu.

— O Príncipe tem poderes que nem mesmo eu vi. Ele jogou seu feitiço sobre seu pai de forma tão rápida e completa que não tive a chance de impedi-lo ou, pelo menos, enfraquecê-lo. No entanto, sei que se seu pai estivesse desperto e no controle de si mesmo, nunca teria consentido com este casamento.

— Mas ele não está desperto nem está no controle de si mesmo. E meus três irmãos estão todos longe, resolvendo

problemas do reino. Não há ninguém para me defender desse lobo entre nós.

— Teremos que fazer o possível, ainda que não possamos ameaçá-lo com a espada — falou a Rainha com tristeza. — Não vou permitir que você seja machucada. E ele quer machucá-la. Não se engane quanto a isso.

Neve concordou.

— Eu posso sentir. Embora não entenda por quê, ou por que ele veio até aqui por mim, na verdade. Ou até por que seus encantos não parecem ter efeito sobre mim ou você.

— Ele veio por você pela mesma razão de não poder afetá-la — explicou a Rainha, acariciando o cabelo de Neve. — Sua mãe também tinha um pouco de magia nela, só uma gota, e essa gota passou para você, a última filha dela. Não é o suficiente para que possa lançar feitiços, mas basta para você se defender dele. Basta para manter a rede que ele joga em todos os outros longe de nossos olhos.

Neve ficou surpresa ao ouvir sobre a magia em sua mãe, embora não tão surpresa quanto deveria ter ficado. *Eu já devia saber, em algum lugar lá no fundo. Devo ter sentido. Mas não importa agora. A única coisa que importa é que o Príncipe me quer por causa disso.*

— Por que o Príncipe está interessado em meu poder, se ele é tão pequeno? Sem dúvida um homem com o poder mágico dele ia querer uma feiticeira de verdade como esposa, alguém que pudesse passar este dom para os descendentes.

A Rainha bateu os dedos no joelho, como se contemplasse se deveria contar a Neve o que estava passando por sua cabeça.

— O que quer que a esteja incomodando, deve me contar — disse Neve. — Posso não ter me casado ainda, mas já estou completa e verdadeiramente jurada a ele agora.

A Rainha suspirou.

— É apenas um rumor, nada mais. Quando eu vivia em minha própria terra, ouvi histórias sobre o pai do Príncipe. Diziam que ele teve muitas esposas e que cada uma delas desapareceu e nunca mais foi encontrada. Mas não pode ser verdade, pois se princesas de tantas nações tivessem desaparecido, teria havido um alvoroço. Os pais delas teriam marchado reino adentro, exigindo saber o destino de suas filhas. Então, essa parte não pode ser verdade, não de fato.

“Não de fato” significa que pode ser verdade. Pode mesmo.

— E qual é a outra parte da história? — perguntou Neve.

— Quando Encantado chegou, mandei em segredo um mensageiro para a terra do Príncipe. Visto que ele era tão desconhecido para nós, pensei que seria melhor. O mensageiro retornou apenas na noite passada, embora tenha cavalgado na ida e na volta com todo o empenho que conseguiu juntar. Ele me contou que Encantado já foi casado e que sua primeira esposa morreu. O Príncipe, é claro, se esqueceu de nos contar isso.

— O mensageiro disse como a esposa morreu?

— No parto — respondeu a Rainha.

— Mas você não acredita nisso — disse Neve.

— Não há criança alguma na casa do Príncipe, embora suponho que ela possa ter sido natimorta. E ninguém viu

sua esposa após ela ter entrado no castelo. Nem mesmo uma vez.

Neve sentiu um arrepio na espinha.

— Não posso deixar ele me levar.

— Não acho que tenhamos nenhuma escolha sobre isso agora. Ele vai casar com você e você irá com ele, porque não pode se recusar sem causar uma guerra — disse a Rainha.

— Eu me pergunto se é isso que ele realmente quer — falou Neve, pensativa. — De fato, ele trouxe um exército grande demais para um príncipe que diz ter vindo para cortejar uma esposa.

— Meu mensageiro contou que o país de Encantado não é bom, nem perto disso, então talvez você tenha razão. Pode ser que tenhamos mais recursos do que ele. Mas não acho que a intenção dele era sair daqui sem você. De qualquer forma, não importa se ele a ganhasse de maneira justa ou não. É a maneira que ele olha para você.

— Sim — respondeu Neve, e tremeu. — Você percebeu o jeito que ele olha para mim.

— Mas vou tentar fazer o que puder. Em primeiro lugar, temos que remover esse espião do seu dedo. Ele já engoliu um pouco de seu sangue, então o feitiço já está bem fixado, mas pode ser que possamos envenená-lo para que ele a solte.

A Rainha deu tapinhas no joelho de Neve e falou:

— Espere aqui.

Ela caminhou para o jardim e voltou com uma maçã, uma bela maçã redonda e vermelha, irresistível. De uma prega

no vestido, a madrasta de Neve pegou diversos frascos pequenos.

— Você pensou que teria que me livrar de um feitiço esta tarde? — perguntou Neve, surpresa pela Rainha ter todos aqueles itens à mão.

— Eu esperava envenenar o Príncipe, mas não tive a chance. Ele é bastante cuidadoso com sua comida, veja bem.

— Sim — disse Neve. — O menino que está sempre ao lado dele prova tudo.

— Para início de conversa, confesso que não era um bom plano, mas, sim, um plano desesperado. Se ele de repente caísse envenenado em nosso castelo, então suas tropas, agrupadas do outro lado de nossos portões, com certeza atacariam.

— Então, em vez disso, vai me envenenar? — indagou Neve, observando a madrasta gotejar vários líquidos na maçã.

A rainha murmurou algumas palavras conforme fazia aquilo, palavras que Neve não entendia com a mente, mas com o coração; palavras que soavam como o calor do sol, como uma tempestade de areia e como a escuridão fria das sombras sob uma lua perolada. Eram as palavras da terra natal da Rainha, aquele lugar mágico que ela deixara para trás, pois se apaixonara por um Rei que vivia em um lugar verde distante.

— Estou temperando o feitiço para que ele não a envenene a ponto de deixá-la doente. Apenas o suficiente para deixar a aliança enjoada do seu sangue. Mas você deve comer só um pedaço da maçã por dia e tomar cuidado

para que a aliança não veja você fazendo isso, pois tudo que a aliança vê, o Príncipe também vê. — A Rainha entregou a fruta para Neve.

Ela deu uma única mordida antes de escondê-la nas saias. O sabor era estranho para sua língua, apimentado em vez de doce, e deixou um rastro de fogo em sua garganta.

— Não sei mais o que posso fazer — disse a Rainha —, exceto que, no instante em que seus irmãos voltarem, vou mandá-los atrás de você. O Príncipe não pode negar a entrada da família de sua esposa em seu castelo nem machucá-la enquanto eles estiverem por perto.

Neve não disse em voz alta o que estava pensando, pois via o mesmo medo no rosto de sua madrasta.

E se eu não sobreviver por tempo suficiente para meus irmãos me encontrarem?

— Assim que sua mão estiver livre da aliança, você pode se esconder dele — falou a Rainha. — Até lá, qualquer esforço que fizer será inútil, pois ele pode segui-la e encontrá-la tão facilmente quanto um falcão. Então, fique de boca fechada, esconda seus sentimentos e finja ser uma boa e amorosa esposa até esse dia.

— E depois?

— E depois, filha — disse a Rainha —, você deve correr.



O casamento aconteceu três dias depois, no meio da corte, com o sol brilhando através das janelas altas e pétalas espalhadas pelo chão de pedra. Todos sorriram e celebraram quando o Príncipe beijou a princesa dele, e Neve

se manteve calma e não se afastou dele, embora tivesse vontade.

Quando o Príncipe levou sua cabeça para trás, Neve viu confusão ali, como se ele estivesse esperando outra coisa.

— O que foi, meu Príncipe? — perguntou ela em voz baixa enquanto serpentinas e rosas eram jogadas na direção deles.

— É que sua boca é como o vinho doce com um toque de pimenta — respondeu ele. — Eu estava esperando o doce, mas não a pimenta.

Ela sabia que ele tinha provado da maçã envenenada e ficou com medo de que ele pudesse descobrir seu segredo, então falou (de uma maneira quase galanteadora que era tão incomum para ela):

— Acho que todas as coisas doces ficam melhores com um pouco de pimenta, não acha?

Ele encarou profundamente os olhos dela, e Neve sentiu uma sensação de picada desconfortável em todo o corpo, como se ele estivesse tentando olhar o coração dela. Mas ela levantou uma parede de espinhos em volta do coração e manteve seus segredos lá. Por fim, ele desviou o olhar, uma curva de insatisfação nos lábios.

Eles partiram logo depois do casamento, pois agora os negócios do Príncipe estavam concluídos e ele queria voltar para o próprio reino. Ele disse que tinha ficado tempo demais longe e que precisava garantir a segurança de suas fronteiras, mas Neve sabia que era porque o quanto antes ele a prendesse em segredo, mais rápido ele completaria os planos que tinha em relação a ela.

Mas tenho muitos dias de viagem, pensou ela conforme subia na carruagem. Ainda tenho tempo.

O Príncipe insistira — de uma maneira tão suave quanto intransigente — que Neve não precisaria de uma empregada para viajar com ela.

— Tenho muitas servas em meu palácio, e não há necessidade de uma das suas fazer uma jornada tão longa.

A Rainha tentou argumentar, falar como aquilo era impróprio, mas o Rei apenas fez um gesto vago com a mão.

— Neve estará acompanhada do marido. Não há nada impróprio — disse ele, e é claro que a palavra do Rei era a final.

Ah, pai, pensou Neve desesperada. O que vai pensar quando despertar deste sono encantado? Vai ficar horrorizado com o que deixou acontecer?

Então Neve se sentou sozinha na carruagem com as cortinas fechadas enquanto seu marido cavalgava com seus homens. Todo dia, em segredo, ela comia um pedaço da maçã que a Rainha lhe dera, e, todo dia, a aliança parecia ficar menos apertada, embora o olhar do rubi nunca se apagasse.

Tentou não se preocupar com o futuro ou mesmo se teria um.

Tentou não se preocupar com o que aconteceria quando ele exigisse seus direitos matrimoniais.

Até então, seu novo marido era sempre educado e solícito sobre o conforto dela. Toda noite, quando levantavam acampamento, ele se assegurava que Neve estava confortável na grande tenda enquanto ele ia dormir do lado de fora. Mas ela via o brilho nos seus olhos, aquele que dizia

que ele esperava algum prazer futuro, e o brilho a fazia tremer e se afastar.

Enfim eles chegaram ao país do Príncipe. Neve observou pela janela da carruagem e viu apenas cinza — pedras cinza e cascas de árvores cinza e pesadas nuvens cinza que se acumulavam sobre a terra. Quase não havia plantações e aquelas que ela viu eram franzinas e de aparência doente, assim como as pessoas que cuidavam delas.

Como essas pessoas sobrevivem?, imaginou ela, e então pensou que aquele deveria ser um reino muito infeliz se o seu regente negligenciava seu povo daquela maneira.

O castelo do Príncipe ficava empoleirado em uma montanha alta com uma estrada íngreme que subia na sua direção. Em torno da base do castelo havia uma enorme quantidade de pedregulhos que tornavam impossível alcançá-lo de outra maneira que não a estrada.

Uma forma de entrar e uma forma de sair, pensou Neve, observando as pedras. *A não ser que a pessoa seja muito corajosa ou muito tola.*

Quando os portões do castelo se fecharam atrás da carruagem, ela pensou: *Eu devo ser tola. Talvez precise ser.*

O Príncipe ofereceu a mão para que Neve pudesse descer do veículo. Quando ela colocou sua mão na dele, a aliança de rubi mudou em seu dedo. Foi sutil, quase imperceptível, mas o Príncipe lançou a ela um olhar afiado.

Alguns dos dentes retrocederam, pensou ela, e então sorriu para ele com seu melhor sorriso de princesa e disse:

— Onde está a castelã?

O Príncipe apertou os olhos e respondeu:

— Minha casa é muito diferente. Você vai ver quando estiver lá dentro.

Neve estava um pouco enjoada por causa da ansiedade. O Príncipe tinha percebido o movimento da aliança ou ela pensou ter imaginado aquilo? Ele suspeitava dela? Ela tinha esperança de que a aliança estivesse solta antes de chegarem ao castelo. Pensara em escapar durante a noite na floresta do país do Príncipe. Mas não havia florestas ali, nenhuma forma fácil de escapar, e, embora a aliança não estivesse tão justa quanto antes, ela ainda não sairia de seu dedo.

Tenho que esperar. Preciso ter paciência até ele não poder me seguir, não poder me encontrar.

Não havia homem algum na porta do castelo para recebê-los, nem a castelã. Não havia serviçal lá dentro para tirar a capa de Neve ou levá-la para um cômodo em que um banho estivesse esperando por ela. Havia apenas o eco ressonante da porta batendo atrás dela.

Neve observou o local vazio, a tapeçaria puída, a palha podre que cobria o chão de pedra.

O rosto do Príncipe não era mais encantado. Não havia necessidade de usar a máscara agora que ele estava longe de todos.

— Onde estão todos os serviçais? — perguntou Neve. Sua voz retornou a ela, uma coisa oca naquele aposento deprimente.

— Tudo que você quiser, o castelo vai providenciar — disse ele. — Basta pedir.

Mais feitiços, considerou Neve em desespero. *Nenhuma criada enxerida ou rapazes para se perguntar por que a*

senhora da casa está gritando.

Ela desejava girar a aliança, ver se conseguia enfim se livrar dela, mas, em vez disso, fechou a mão em punho debaixo das mangas de seu vestido. Ela não chamaria atenção para a única coisa que queria que o Príncipe ignorasse.

A maçã estava escondida em sua saia. Agora, não havia mais muito dela, o núcleo com as sementes aparente por todos os lados menos um. Neve só podia torcer para que tivesse veneno suficiente para libertá-la.

— Quando vou conhecer seu pai? — indagou ela, pois é claro que ele ainda era príncipe porque seu pai era rei.

— Meu pai não tem se sentido bem ultimamente — respondeu o Príncipe. — Quando ele estiver melhor, vou levá-la até ele.

Aquilo era uma mentira clara, mas Neve não falou nada. Ela precisava ficar quieta e não demonstrar resistência pelo tempo que fosse preciso. Ela não poderia deixá-lo suspeitar que estava planejando escapar.

Embora eu não faça ideia de para onde ir e como chegar lá.

Mas poderia deixar aquilo para depois. Por ora, precisava escapar do seu olhar. Nada era possível até esse momento.

— Você pode ir a qualquer lugar do castelo, menos à ala leste — avisou o Príncipe, acenando na direção de uma escada fina e curvada à esquerda. — O castelo é muito velho e não é seguro lá. Seu quarto fica nessa direção.

Ele indicou que ela o seguisse por uma escada mais larga. Assim ela o fez, seu coração batendo forte, imaginando o que ele faria agora.

Contudo, ele apenas a levou até uma porta de madeira com um enorme rubi vermelho, um rubi semelhante a um olho sangrento. Era o gêmeo da joia na aliança de Neve, e seu ânimo diminuiu ainda mais quando ela entrou no quarto e percebeu que a joia era visível de ambos os lados.

Olhos em toda parte, pensou. O que posso fazer?

— Você pode se lavar, trocar de roupa e descer para jantar — falou ele. Seus lábios estavam curvados, formando aquele terrível sorriso satisfeito de novo, como se tivesse notado o olhar dela para o rubi.

Ele sabe que eu sei, e isso o diverte. Isso o diverte porque ele tem certeza de que não há nada que eu possa fazer em relação a isso. Sou apenas um rato em um labirinto para ele. Não impem relação a caminho que eu faça, ele sabe que não poderei escapar.

— Obrigada — disse ela, de maneira muito formal, e não demonstrou nenhum sinal da surpresa que sentiu ao ver que havia uma banheira enorme cheia d'água no canto do quarto, o vapor subindo gentilmente de sua superfície.

Além da banheira, havia uma cama com dossel com um cobertor gasto de cor vermelha sobre ela. Um vestido branco estava esticado sobre ele, para que Neve o usasse depois do banho.

Enquanto passava o vestido pela cabeça, ela pensou em como poderia amarrar os laços nas costas sem uma serviçal. Então, ela gritou de choque e horror, pois os laços apertavam sem a ajuda de mão alguma, e a faixa estava amarrada na parte de trás de sua cintura. Um pente grande correu por seu cabelo úmido, que então foi feito em tranças e alfinetado em sua coroa.

Durante tudo isso, Neve não emitiu som algum exceto seu grito inicial, embora estivesse abalada e chocada por dentro. Ela não demonstraria fraqueza para o Príncipe, que decerto estava assistindo àquilo e esperando que ela entrasse em pânico.

Pois não acontecerá. Sou uma princesa.

Com cuidado, Neve colocou seu outro vestido na cama e escondeu a maçã com seu último pedaço na roupa nova, o corpo bloqueando a visão do olhar da joia na porta.

Ela pensou que a porta se abriria sem que fosse necessário tocá-la, mas percebeu que precisava abri-la de maneira manual. Também notou que havia uma chave pequena e antiga na fechadura. Ela a pegou e a manteve perto da maçã envenenada, embora soubesse muito bem que o Príncipe teria uma chave dele.

O Príncipe se sentou de frente para ela, do outro lado da mesa, no jantar, falando coisas sem importância que ela respondeu sem prestar atenção. Ela percebeu que o cabelo dele estava molhado e presumiu que ele também tinha tomado banho, embora não tivesse se incomodado em fazer a barba. Havia um tufo saindo de seu queixo, e as sombras ficavam estranhas à luz das velas, dando a aparência de azul na barba, em vez do preto de seus cabelos.

Quando acabaram a refeição, Neve se perguntou o que fariam depois. Na casa dela, haveria música, ou costura, ou histórias para ouvir, ou até dança, de vez em quando. Ela não desejava dançar com o marido ou pensava que a música ecoaria agradavelmente naquele lugar. Qualquer canção seria poluída pelo ar.

— Pode voltar ao seu quarto agora — disse ele. — Preciso cuidar de algumas coisas.

— É claro — respondeu Neve, e subiu as escadas.

Seu coração estava à boca. Ele iria vê-la quando terminasse os seus negócios, quaisquer que fossem. Não havia exército para ouvi-lo agora, como havia na estrada.

Eu devo ficar no quarto tremendo como um coelhinho que espera a raposa à porta entrar e me engolir quando quiser?

Ela entrou no quarto e fechou a porta. O olho vermelho piscou para ela, e Neve sentiu uma onda de raiva repentina.

Por que estou sendo espionada como uma criminosa? Por que ele deve ter essa satisfação? Pelo menos eu posso esconder a aliança nas dobras da saia.

Neve puxou sua roupa de viagem da cama e arrancou a faixa da cintura. Puxou diversos alfinetes do cabelo e prendeu a faixa na porta, cobrindo o olho do rubi. Um estranho zumbido saiu dele ao ser coberto, como se fosse uma abelha furiosa tentando se libertar.

— Veja se gosta disso — falou Neve.

Então, ela tirou a chave do bolso. Não conseguia enganar a si mesma dizendo que o Príncipe ficaria do lado de fora após uma tentativa tão boba, mas trancou a porta mesmo assim. Pelo menos teria alguns momentos para se preparar enquanto ele a destrancava.

Uma linha de fumaça fazia curvas, vinda da fechadura.

Outro feitiço? Algo para me impedir de usar a chave?

Neve se dobrou para ver mais de perto. Não percebeu nada óbvio, mas sentiu o cheiro de algo doce e apimentado no ar.

A maçã, pensou. O veneno da maçã. Deve ter encostado na chave.

Ela girou a maçaneta e puxou a porta, que não abriu. Seria o suficiente para manter o Príncipe longe de sua cama?

O baú de Neve tinha surgido no quarto enquanto ela estava jantando lá embaixo. Ela pegou sua camisola. Esperava que as mãos fantasmas aparecessem para desatar os nós do vestido, já que foram elas que os apertaram, mas não houve nada.

Será porque eu cobri o olho da porta? Era uma explicação interessante, claro, uma que poderia significar consequências à liberdade de Neve. Mas não a ajudava a remover uma roupa que precisava da ajuda de uma pessoa para vestir, de qualquer forma.

Depois de muitos minutos irritantes tentando se livrar do vestido branco, Neve desistiu e se deitou com ele mesmo, removendo apenas a faixa que mantinha a vestimenta bem presa na sua cintura.

Ela pensou que estaria amedrontada demais para dormir, mas deve ter cochilado, pois a próxima coisa que percebeu foi escuridão e que havia alguém tentando abrir a porta.

Neve se sentou reta, com o coração palpitando. Ela deslizou a aliança com o olho de rubi para debaixo das cobertas, de forma que ele não soubesse que ela estava acordada. A voz do Príncipe surgiu através do buraco da fechadura, as palavras indistintas, mas o significado claro.

Ele está tentando abrir a porta com magia.

Ela escutou sua voz ficar mais alta de frustração, ouviu-o xingar.

Mas a fechadura aguentou firme.

— Abra a porta, querida — pediu ele.

Jamais a palavra “querida” foi dita com menos afeição na história do mundo.

Neve permaneceu quieta, tão quieta, mais quieta do que o menor dos ratos pego pelo olhar de um gato.

— Branca de Neve — falou ele com a voz baixa e suave, com a intenção de seduzir, enfeitiçar, encantar. — Abra a porta para o seu marido.

Não vou abrir.

Sua mão fez a maçaneta tremer. Nesse momento, ela sentiu sua fúria, sua frustração, sua *fome*, e sua fome era uma coisa terrível, uma coisa que queria consumi-la. Era como uma onda que se quebrava na porta, escorrendo pelos nós da madeira, esmurrando Neve. Suas mãos seguraram os lençóis pela sua vida e ela mordeu o lábio inferior para não chorar.

— Branca de Neve! — disse ele, e não havia mais fingimento. — Abra essa porta, eu ordeno! Você não tem o direito de me recusar.

Neve se perguntou o quanto seria pior para ela depois, pois, de alguma forma, sabia que estava apenas evitando o inevitável. Mas não conseguia se obrigar a abrir a porta. Não podia convidar o lobo para entrar.

Depois de um tempo, o barulho na maçaneta cessou. Ela escutou sua gargalhada, longa e sombria.

— Sempre há um amanhã, minha querida — falou ele.

Neve não voltou a dormir naquela noite.



Na manhã seguinte, ela comeu o último pedaço da maçã. Quase não havia sobrado magia alguma ali, pois não queimou com o mesmo fogo quando ela o engoliu. Ela sabia que um pouco do feitiço tinha passado para a chave.

Neve abriu as cortinas e escancarou a janela. O ar do lado de fora era rarefeito e frio, mas a fraca luz do sol atravessava as nuvens. Ela girou a aliança sob a luz do sol. A prata tinha um veio preto fino nela que não estava lá no início, e ela teve a impressão de que o olho parecia opaco, mas poderia ser apenas seu desejo.

Ela respirou fundo e destrancou a porta do quarto. O Príncipe não estava espreitando no corredor, esperando para puni-la conforme ela havia esperado. Neve desceu a escada com cautela e encontrou a mesa posta com o café da manhã, mas não havia prato para o Príncipe e ele não estava em lugar algum.

Havia um pequeno pedaço de pergaminho em cima de seu prato, uma nota escrita com uma linda caligrafia:

Querida esposa, tenho outros deveres para resolver hoje, mas com certeza a verei esta noite.

Neve jogou o papel longe. Para qualquer pessoa que visse, a nota pareceria o compromisso de um amante, mas ela reconhecia pelo que era de verdade: uma ameaça. E uma promessa.

Neve se sentou à mesa e comeu, pois achava que pensava melhor com a barriga cheia. Percebeu que estava com mais fome do que pensara. Estava se esticando para pegar outra torrada quando aconteceu.

A aliança de prata deslizou da sua mão esquerda e caiu em um prato de manteiga.

O coração de Neve ficou mais leve, pois agora que tinha se livrado da aliança, poderia escapar. Na verdade, poderia escapar agora mesmo. O Príncipe não estava lá para impedi-la, e, se algum dos soldados perguntasse, ela poderia responder simplesmente que estava indo dar uma caminhada. Ela era a princesa deles agora, e eles não podiam controlá-la.

Ela se levantou com a ideia de vestir algo mais apropriado — o vestido branco era como uma bandeira que chamaria a atenção de todos os olhares nessa paisagem cinzenta (e *talvez tenha sido esse o objetivo dele quando deu isso a você*).

Foi aí que ouviu a mulher chorando.

Neve parou, pega de surpresa pelo som. Não, a mulher não estava chorando. Ela estava meio soluçando, meio gritando, e o barulho vinha da ala leste.

Neve hesitou, mas só por um segundo. O Príncipe disse para ela não ir à ala leste, mas Neve não podia ignorar uma pessoa que estivesse sofrendo.

Mas e se o Príncipe voltar e pegar você? E se você perder a chance de escapar?

Aqueles eram pensamentos egoístas, e talvez tivessem convencido Neve se o lamento da mulher não tivesse ficado mais alto.

— Não posso — disse ela. — Não posso deixá-la, quem quer que seja.

Neve subiu as escadas da ala leste.

Pelo menos, tudo que o Príncipe pode ver neste momento é um prato de manteiga, pensou ela, limpando as mãos suadas no vestido amassado e tentou não ficar com medo.

Após a escada, havia um longo corredor, e, no final do corredor, apenas uma porta.

A voz da mulher estava desaparecendo, uma corrente fraca que vinha do cômodo além.

Neve correu para a porta e puxou a maçaneta, mas a porta não abriu.

Ela tirou a chave envenenada do bolso e colocou-a na fechadura.

A porta se abriu.

No primeiro cômodo, havia caixotes em pedestais, caixotes feitos de madeira preta brilhante cobertos de joias de todas as cores. No canto do aposento, havia uma pesada cortina vermelha que deveria levar ao outro quarto.

Barulhos horríveis vinham daquele quarto e Neve titubeou, porque seu estômago, seus pulmões e sua garganta estavam cheios de um terror tão profundo que ela mal conseguia respirar. Ela passou pelos caixotes na ponta dos pés até alcançar o último.

Este estava aberto, como se estivesse esperando por algo. E estava coberto por joias vermelhas exatamente iguais à de sua aliança.

Por mim, pensou ela com uma certeza repentina, e então precisava saber o que tinha nos outros caixotes.

Ela tocou a tampa do caixote ao lado do vazio e o abriu.

Lá dentro havia um coração, vermelho, brilhante e batendo.

Neve abriu o próximo caixote, as mãos tremendo, e encontrou outro, tão fresco e impossível quanto o primeiro. Ela viu todos os caixotes, dúzias deles, em todo o quarto, e

se lembrou do que a Rainha dissera sobre o pai do Príncipe e as muitas esposas que haviam desaparecido.

E o próprio Príncipe tivera uma esposa antes de Neve, que também tinha sumido.

Neve encarou a cortina vermelha e ouviu os barulhos horríveis vindo do quarto contíguo. Ela não queria saber, mas precisava.

Ela abriu a cortina.

O rosto de seu marido estava afundado em algo que um dia pode ter sido uma mulher, embora tudo que tivesse restado fosse carne. Ele levantou o rosto, se afastando da sua refeição, e ela viu que o rosto dele estava coberto por uma barba azul grossa que crescera durante a noite e que seus olhos estavam tão vermelhos quanto o sangue que corria em seu queixo.

Ele sorriu, e Neve pensou que era um absurdo chamar aquilo de sorriso.

— Sua garota danadinha — disse o marido. — Eu mandei ficar longe da ala leste.

Neve correu.

Ela ouviu sua gargalhada ecoando atrás dela conforme atravessou às pressas o corredor, desceu as escadas e foi para a porta, mas, não importa o quanto forçasse a maçaneta, ela não cedia, e não havia buraco na fechadura para a chave mágica.

— Para onde está indo, minha noivinha? — gritou Príncipe Encantado de cima da escada da ala leste.

Neve correu para a escada oposta, sem saber o que poderia fazer ou para onde ir, apenas precisava escapar, ficar longe das mãos dele.

Conforme passou pela mesa, viu a aliança envenenada afundada na manteiga. Sem saber exatamente por quê, pegou a aliança (e um bocado de manteiga junto) e continuou correndo, subindo a escada da ala oeste.

— Não há escapatória, Branca de Neve — gritou seu marido. Ele parecia estar se divertindo, sem pressa e muito perto dela.

— Nenhuma das minhas noivas jamais escapou, não importou o quanto gritaram, choraram e correram — disse ele. — Eu gosto quando elas correm. Continue correndo, pombinha. Vai deixar tudo mais doce quando eu pegar você.

Neve disparou para o quarto, pensando que poderia trancar a porta novamente, mas a magia havia se esgotado e a tranca não mais se rebelaria contra seu mestre.

Ela se afastou quando a porta se escancarou, sua mente repetindo a mesma frase sem parar: *O que eu faço? O que eu faço?* A manteiga escapava dos seus dedos e seu coração batia tanto que ela pensou que ele deixaria seu corpo.

Ele vai deixar meu corpo. Ele vai cortá-lo, arrancá-lo do meu corpo e colocá-lo em um caixote, um prêmio como todos os outros.

Ele parecia gigantesco enquanto passava pela porta, com o dobro do tamanho que tinha antes, e suas mãos estavam vermelhas e pegajosas e indo na direção dela.

— Não há lugar para fugir, então seja uma boa menina e me deixe fazer o que quero com você, Branca de Neve — disse ele. — Eu vou fazer, de qualquer maneira.

Ela viu todos os terrores que sentia refletidos nos olhos dele. A brisa da janela aberta atrás dela mexeu seu vestido

branco. Seus dedos se fecharam, prontos para arrancá-lo dela.

Não, pensou Neve. Não vou. Nunca mais serei uma boa menina.

Ele abriu a boca e se curvou em direção à dela — para beijar? Para morder? Neve nunca soube — e ela meteu a mão cheia de manteiga, com a aliança envenenada, em sua boca, forçando tudo para dentro das mandíbulas dele.

Ele engasgou e, por reflexo, engoliu, e a manteiga fez o anel deslizar pela sua garganta.

— O que você fez? — perguntou ele, arranhando o próprio pescoço, arrancando longos pedaços sangrentos de carne. Fumaça escapava de sua boca e do canto dos seus olhos, e veias escuras apareciam no seu rosto. — O QUE VOCÊ FEZ, BRANCA DE NEVE?

Ele a atacou e ela escapou das suas mãos, revelando a janela aberta.

Neve o empurrou o mais forte que conseguiu.

Ele gritou enquanto caía, e ela ouviu o horror e a fúria que ele sentia, e ficou feliz.

Depois de um tempo, ele parou de gritar, e ela pôde olhar para fora. Lá embaixo, ela viu o corpo quebrado dele nos pedregulhos que cercavam o castelo.

Havia uma nuvem de poeira distante, subindo da estrada. Conforme Neve observava, três figuras surgiram, cavalgando rápido — seus irmãos, vindo para levá-la para casa.

A PONTE DO TROLL

NEIL GAIMAN

Eles tiraram a maior parte dos trilhos no início dos anos 1960, quando eu tinha três ou quatro anos. Eles depenaram o serviço ferroviário. Isso significa que não havia lugar algum a ir a não ser Londres, e a cidadezinha em que eu morava se tornou o fim da linha.

Minha primeira memória confiável: dezoito meses de vida, minha mãe no hospital tendo a minha irmã e minha avó atravessando uma ponte comigo, me levantando para ver o trem abaixo, soltando ar e fumaça como um dragão de ferro preto.

Nos anos seguintes, eles perderiam o último dos trens a vapor, e com eles se foi a rede ferroviária que conectava vilarejo a vilarejo, cidade a cidade.

Eu não sabia que os trens estavam sumindo. Quando fiz sete anos, já eram coisa do passado.

Nós morávamos em uma casa velha nos arredores da cidade. Os terrenos em frente estavam vazios e não eram usados para nada. Eu costumava pular a cerca e me deitar na sombra de junco e ler; ou, se estivesse me sentindo mais audaz, exploraria o entorno da mansão abandonada além dos campos. Ela tinha um lago ornamental cheio de ervas daninhas, com uma pequena ponte de madeira. Nunca

encontrei nenhum caseiro ou cuidador nas minhas incursões através dos jardins e bosques, e jamais tentei entrar na mansão. Isso seria flertar com um desastre e, além disso, para mim todas as casas velhas são assombradas.

Não é que eu fosse crédulo, eu simplesmente acreditava em tudo que fosse sombrio e perigoso. Era parte do meu credo juvenil que a noite era cheia de fantasmas e bruxas, famintas e voando e vestidas de preto dos pés à cabeça.

Para me tranquilizar, o contrário era verdadeiro: a luz do dia era segura. A luz do dia era sempre segura.

Um ritual: no último dia de escola, antes das férias de verão, voltando para casa, eu tiraria os meus sapatos e as minhas meias e, carregando tudo na mão, caminharia pela rua pedregosa sobre pés rosados e delicados. Durante as férias de verão, eu só colocaria sapatos sob pressão. Eu me rebelaria na minha liberdade de calçados até que o semestre escolar recomeçasse em setembro.

Quando eu tinha sete anos, descobri a trilha que atravessa a floresta. Era verão, quente e claro, e caminhei, sem ter uma direção definida, para bem longe de casa naquele dia.

Eu estava explorando. Passei pela mansão, suas janelas cobertas por tábuas e as cortinas fechadas, pelo terreno e fui além, por algumas árvores desconhecidas. Desci uma ribanceira e me vi em um caminho escuro que era novo para mim e cheio de árvores; a luz que atravessava as folhas tinha um tom verde e dourado, e eu pensei estar na terra das fadas.

Um riacho corria pela lateral da trilha, repleto de camarõezinhos transparentes. Eu os peguei e os observei se

mexendo e girando nas pontas dos meus dedos. Depois, coloquei-os de volta.

Segui além no caminho. Era perfeitamente reto e coberto de grama baixa. De tempos em tempos, eu encontraria algumas pedras incríveis: coisas cheias de bolhas e derretidas, marrons, e roxas, e pretas. Se você as colocasse contra a luz, poderia ver todas as cores do arco-íris. Eu estava certo de que elas tinham que ser extremamente valiosas e enchi meus bolsos com elas.

Andei e andei pelo silencioso corredor verde e dourado e não vi ninguém.

Eu não estava com fome ou com sede. Apenas seguia para onde o caminho levava. Ele continuava a ser uma linha reta e era perfeitamente plano. O caminho nunca mudava, mas o campo ao redor, sim. No início, eu estava caminhando na parte de baixo de uma ravina, barrancos íngremes e cobertos de mato subindo em cada lado. Depois, o caminho ficava acima de tudo, e, conforme eu avançava, podia ver a copa das árvores abaixo, e os telhados de casas distantes que apareciam de vez em quando. Meu caminho era sempre plano e reto, e segui nele por vales e planaltos, vales e planaltos. E em algum momento, em um desses vales, cheguei a uma ponte.

Ela era de tijolos vermelhos, um enorme arco curvo sobre o caminho. Ao seu lado, havia degraus cortados na pedra e, no topo da escada, um pequeno portão de madeira.

Fiquei surpreso ao ver qualquer sinal da existência humana no meu caminho, que, agora eu estava convencido, era uma formação natural, como um vulcão. E, mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa (eu tinha,

afinal, caminhado por milhares de quilômetros, ou assim pensava, e poderia estar *em qualquer lugar*), subi os degraus e atravessei o portão.

Eu estava em lugar nenhum.

O topo da ponte estava coberto de lama. Em cada lado, havia um campo. O campo do meu lado era uma plantação de trigo; o outro era só mato. Havia as pegadas endurecidas de enormes tratores na lama seca. Eu caminhei pela ponte para ter certeza: na ponta dos pés, sem fazer barulho.

Nada por quilômetros; apenas campos, e trigo, e árvores.

Peguei uma espiga de trigo e tirei dela os grãos doces, descascando-os com os dedos, mastigando-os meditativamente.

Percebi que estava ficando com fome e voltei para descer os degraus e chegar na estrada de ferro abandonada. Era hora de voltar para casa. Eu não estava perdido; tudo que precisava fazer era seguir o meu caminho para casa de novo.

Tinha um troll esperando por mim debaixo da ponte.

— Eu sou um troll — disse ele. Então fez uma pausa e acrescentou, mais ou menos após um momento de reconsideração: — Fol rol de ol rol.

Ele era gigantesco: sua cabeça raspava o topo do arco de tijolos. Era mais ou menos translúcido: eu conseguia ver os tijolos e as árvores atrás dele, apagados, mas não perdidos. Ele era todos os meus pesadelos feitos em carne. Tinha dentes robustos e vigorosos, e garras afiadas, e mãos fortes e peludas. O cabelo dele era longo como o dos brinquedos gonks da minha irmã, e seus olhos eram esbugalhados. Ele

estava nu, e seu pênis se dependurava do monte de pelos iguais aos do brinquedo entre suas pernas.

— Eu ouvi você, Jack — sussurrou ele em uma voz como o vento. — Ouvi você caminhando na ponta dos pés em cima da minha ponte. E agora vou comer a sua vida.

Eu só tinha sete anos, mas ainda era dia, e não me lembro de ter ficado com medo. É bom quando crianças se deparam com elementos dos contos de fadas — elas estão bem preparadas para lidar com eles.

— Não me coma — pedi ao troll. Eu estava usando uma camisa listrada marrom e uma calça cotelê da mesma cor. Meu cabelo também era amarronzado, e eu tinha perdido o dente da frente. Estava aprendendo a assobiar entre os dentes, mas ainda não tinha conseguido fazer isso muito bem.

— Eu vou comer a sua vida, Jack — disse o troll.

Eu o encarei.

— Minha irmã mais velha vai chegar daqui a pouco — menti —, e ela é muito mais saborosa do que eu. Coma ela em vez de mim.

O troll cheirou o ar e sorriu.

— Você está completamente sozinho — disse ele. — Não tem mais nada no caminho. Absolutamente nada. — Então, ele se inclinou e passou seus dedos em mim: parecia que borboletas acariciavam meu rosto, era como o toque de uma pessoa cega. Então ele cheirou os próprios dedos e balançou sua cabeça grande. — Você não tem uma irmã mais velha. Só tem uma irmã mais nova e ela está na casa de uma amiga hoje.

— Você percebe tudo isso pelo cheiro? — perguntei, abismado.

— Os trolls podem sentir o cheiro dos arcos-íris, os trolls podem sentir o cheiro das estrelas — murmurou a criatura, triste. — Os trolls podem sentir o cheiro dos sonhos que você sonhou antes de nascer. Chegue mais perto para eu comer sua vida.

— Eu tenho pedras preciosas no bolso — falei para o troll. — Fique com elas, não comigo. Olhe. — Mostrei para ele as joias de lava que encontrara mais cedo.

— Clínquer — disse o troll. — O rejeito descartado de um trem a vapor. Não tem valor para mim.

Ele escancarou a boca. Dentes afiados. Bafo com cheiro de terra coberta de folhas secas e da parte de baixo das coisas.

— Comer. Agora.

Ele começou a ficar cada vez mais sólido para mim, cada vez mais real; e o mundo exterior se tornou inanimado, começou a sumir.

— Espere. — Afundei meus pés na terra úmida embaixo da ponte, remexi meus dedos, me segurei firme ao mundo real. Fitei seus olhos imensos. — Você não quer comer a minha vida. Ainda não. E-eu só tenho sete anos. Não *vivi* nem um pouco. Tem livros que eu ainda não li. Nunca viajei de avião. Não consigo nem assobiar, não de verdade. Por que não me deixa ir? Quando eu for mais velho, maior e uma refeição melhor, eu volto.

O troll me encarou com olhos que pareciam faróis.

Aí, ele assentiu.

— Quando você voltar, então — falou. E sorriu.

Dei as costas e caminhei pela trilha reta que já tinha dado lugar para a estrada de ferro.

Depois de um tempo, comecei a correr.

Caminhei com passos fortes pela trilha, bufando e ofegando, até sentir uma dor pontuda na parte de trás das costelas, a dor de uma agulhada; e, com a mão na lateral do meu corpo, fui tropeando até em casa.



Os campos começaram a desaparecer conforme fui envelhecendo. Uma por uma, fileira por fileira, casas surgiam em ruas com nomes de flores silvestres e escritores respeitáveis. Nossa casa — uma casa vitoriana velha e acabada — foi vendida e demolida; novas casas cobriam o jardim.

Eles construíram casas em todo lugar.

Certa vez fiquei perdido na nova organização de casas que cobria dois campos, dos quais eu conhecera cada centímetro. No entanto, eu não me importava que os campos estivessem sumindo. A velha mansão foi comprada por uma multinacional e o terreno deu lugar a mais casas.

Demorou oito anos para eu voltar para a velha linha de trem, e, quando isso aconteceu, eu não estava sozinho.

Eu tinha quinze anos; já havia mudado de escola duas vezes naquela época. O nome dela era Louise e ela foi meu primeiro amor.

Eu adorava seus olhos cinzentos, e seu belo cabelo castanho-claro, e seu jeito desajeitado de andar (como um fauno que tivesse acabado de aprender a caminhar, o que parece bem idiota, e peço desculpas por isso): eu a vi

mascando chiclete quando tinha treze anos e fiquei caidinho por ela, como um suicida por uma ponte.

O maior problema de estar apaixonado por Louise é que nós éramos melhores amigos e nós dois estávamos saindo com outras pessoas.

Eu nunca contei que a amava, ou mesmo que gostava dela. Nós éramos amigos.

Eu tinha ido visitá-la naquela tarde: ficamos no quarto dela ouvindo *Rattus Norvegicus*, o primeiro disco do Stranglers. Era o início do punk, e tudo parecia tão estimulante: as possibilidades, fossem na música ou em qualquer outra coisa, eram infinitas. Então chegou a hora de eu ir para casa e ela decidiu me acompanhar. Fomos de mãos dadas, inocentemente, apenas amigos, e seguimos devagar pela caminhada de dez minutos até a minha casa.

A lua brilhava, o mundo estava visível e sem cor, e a noite estava quente.

Chegamos na minha casa. Vi as luzes lá dentro, parado na entrada da garagem, falando sobre a banda que eu estava começando. Não entramos.

Então, foi decidido que eu acompanharia *ela* para casa, caminhamos de volta para a casa dela.

Ela me contou sobre as batalhas que estava tendo com a irmã mais nova, que roubava sua maquiagem e seu perfume. Louise suspeitava que a irmã estava transando com meninos. Louise era virgem. Nós dois éramos.

Ficamos na rua, na frente da casa dela, sob a luz amarelada da lâmpada de vapor de sódio do poste, e olhamos para os lábios escurecidos e rostos pálidos um do outro.

Nós trocamos sorrisos.

E então apenas andamos, escolhendo ruas calmas e caminhos desertos. Em um dos novos terrenos de casas, um caminho levava para a mata, e seguimos nele.

O caminho era reto e escuro, mas as luzes das casas ao longe brilhavam como estrelas no chão e a lua nos proporcionava iluminação o suficiente para ver. Uma vez ficamos assustados, quando alguma coisa farejou e bufou na nossa frente. Chegamos mais perto, vimos que era um texugo, rimos, nos abraçamos e continuamos em frente.

Falamos coisas sem sentido e importância sobre os nossos sonhos, as nossas vontades e os nossos pensamentos.

E, durante todo o tempo, eu queria beijá-la e sentir seus seios, e talvez colocar minha mão entre suas pernas.

Enfim tive a chance. Havia uma velha ponte de tijolos que atravessava o caminho, e nós paramos embaixo dela. Pressionei meu corpo sobre o dela. Sua boca se abriu na minha.

Então ela ficou gelada e rígida, e parou de se mexer.

— Olá — disse o troll.

Larguei Louise. Estava escuro embaixo da ponte, mas a silhueta do troll preenchia a escuridão.

— Eu congelei ela — falou o troll — para que pudéssemos conversar. Agora: eu vou comer sua vida.

Meu coração martelava e eu conseguia sentir meu corpo tremendo.

— Não.

— Você disse que voltaria. E voltou. Aprendeu a assobiar?

— Sim.

— Que bom. Eu nunca consegui assobiar. — Ele farejou e assentiu. — Estou satisfeito. Você cresceu em vida e experiência. Mais para comer. Mais para mim.

Agarrei Louise, um zumbi retesado, e a empurrei adiante.

— Não me coma. Eu não quero morrer. Pegue *ela*. Aposto que ela é muito mais saborosa do que eu. E é dois meses mais velha. Por que não fica com ela?

O troll ficou em silêncio.

Ele cheirou Louise dos pés à cabeça, fungando nos pés, e na virilha, e nos seios, e no cabelo.

Então olhou para mim.

— Ela é inocente — falou. — Você não. Eu não quero ela. Quero você.

Caminhei até o início da ponte e olhei para cima, para as estrelas na noite.

— Mas tem tanta coisa que eu não fiz ainda — falei, em parte para mim mesmo. — Quer dizer, eu nunca. Bem, eu nunca fiz sexo. E nunca fui para os Estados Unidos. E não...

— Parei por um instante. — Eu não fiz *nada*. Ainda não.

O troll não disse nada.

— Eu vou voltar. Quando for mais velho.

O troll não disse nada.

— Eu *vou* voltar. Sério, vou mesmo.

— Voltar? — perguntou Louise. — Por quê? Para onde está indo?

Dei um giro. O troll tinha desaparecido e a garota que eu pensei amar estava de pé nas sombras embaixo da ponte.

— Vamos voltar para casa — falei para ela. — Anda.

Caminhamos de volta e nunca falamos nada.

Ela saiu com o baterista da banda punk que eu comecei e, bem mais tarde, se casou com outra pessoa. Nós nos encontramos uma vez, em um trem, após ela ter se casado, e ela me perguntou se eu me lembrava daquela noite.

Eu respondi que sim.

— Naquela noite... eu gostava mesmo de você, Jack — falou ela. — Pensei que fosse me beijar. Pensei que fosse me convidar para sair. Eu teria dito sim. Se tivesse convidado.

— Mas não convidei.

— Não — disse ela. — Não convidou. — O cabelo dela estava com um corte curto demais. Não combinava com ela.

Nunca mais a vi. A mulher podada com um sorriso tenso não era a garota que eu tinha amado, e conversar com ela foi desconfortável.



Eu me mudei para Londres e então, alguns anos depois, voltei para a minha cidade, mas a cidade para a qual voltei não era a mesma de que eu me lembrava: não havia campos, fazendas ou ruelas; e me mudei assim que foi possível para um vilarejo a pouco mais de quinze quilômetros descendo a estrada.

Eu me mudei com a minha família — àquela altura, já estava casado e tínhamos um bebê — para uma casa velha que fora, muitos anos antes, uma estação de trem. Os trilhos tinham sido desenterrados, e o velho casal que morava à nossa frente usava o lugar para cultivar vegetais.

Eu estava ficando mais velho. Um dia, encontrei um cabelo branco; em outro, ouvi a uma gravação de mim

mesmo falando e percebi que a minha voz estava igual à do meu pai.

Eu trabalhava em Londres, como caça-talentos de um dos maiores selos fonográficos. Na maioria dos dias, eu ia para Londres de trem, voltando algumas noites.

Era preciso manter um apartamento em Londres; é difícil voltar para casa quando as bandas que você quer ver só pisam no palco depois de meia-noite. Isso também significava que era muito fácil transar se eu quisesse, e eu queria.

Achei que Eleanora — este era o nome da minha esposa; eu deveria ter mencionado isso antes, suponho — não sabia sobre as outras mulheres; mas, em um dia de inverno, voltei de uma viagem de duas semanas para Nova York, e, quando cheguei em casa, estava vazia e gelada.

Ela tinha me deixado uma carta, não um recado. Quinze páginas, belamente datilografadas, e cada palavra era verdade. Incluindo o P.S., que era: *Você não me ama de verdade. E nunca me amou.*

Coloquei um casaco pesado, saí de casa e apenas caminhei, desnortado e um pouco estarrecido.

Não havia neve no chão, mas havia uma nevasca cruel, e as folhas faziam barulho sob meus pés conforme eu andava. As árvores eram esqueletos pretos contra o rigoroso céu cinza do inverno.

Caminhei pela lateral da estrada. Carros passavam por mim, indo e voltando de Londres. Tropecei em um galho meio escondido por um monte de folhas marrons, e rasguei a minha calça, e arranhei a minha perna.

Cheguei na cidade vizinha. Havia um rio ao lado da estrada, e um caminho que eu nunca tinha visto antes ao lado dele, e segui por ele, e olhei para o rio um pouco congelado. Ele gorgolejava, e ondeava, e cantava.

O caminho seguia pelos campos; era reto e gramado.

Encontrei uma pedra, meio enterrada, na lateral da trilha. Peguei-a e limpei a lama. Era um caroço derretido de algo arroxado com um brilho de arco-íris. Coloquei a pedra no bolso do casaco e segurei-a na mão enquanto caminhava, a presença dela era reconfortante e cálida.

O rio se desviou pelos campos, e eu continuei andando em silêncio.

Tinha caminhado por uma hora quando vi casas — novas, e pequenas, e quadradas — no terreno acima de mim.

E então vi a ponte e soube onde eu estava: na trilha da velha linha de trem. Percebi que eu tinha chegado lá pela outra direção.

Havia pichações na lateral da ponte: FODA-SE e BARRY AMA SUSAN e a sempre presente sigla do partido nazifascista inglês.

Parei debaixo da ponte, no arco de tijolos vermelhos, entre embalagens de picolé, sacos de biscoito e uma única e tristonha camisinha usada, e vi minha respiração se condensar no ar frio da tarde.

O sangue secara na minha calça.

Carros passavam pela ponte acima de mim; consegui ouvir um rádio tocando alto em um deles.

— Olá? — falei discretamente, me sentindo envergonhado, me sentindo idiota. — Olá?

Não houve resposta. O vento arrastou os pacotes de biscoito e as folhas.

— Eu voltei. Eu disse que voltaria. E voltei. Olá?

Silêncio.

Então, comecei a chorar, estúpida e silenciosamente, soluçando debaixo da ponte.

Senti a mão de alguém no meu rosto e olhei para cima.

— Não achei que você fosse voltar — disse o troll.

Ele tinha a minha altura agora, mas, fora isso, nada havia mudado. Seu cabelo longo de brinquedo estava despenteado e tinha folhas nele, e seus olhos eram grandes e solitários.

Dei de ombros e então limpei as lágrimas com a manga do casaco.

— Eu voltei.

Três moleques passaram acima de nós na ponte, gritando e correndo.

— Eu sou um troll — sussurrou com a voz baixa e assustada. — Fol rol de ol rol.

Ele tremia.

Estendi a mão e coloquei a pata com garras dele na minha. Sorri para ele.

— Está tudo bem — falei. — De verdade. Está tudo bem.

O troll assentiu.

Ele me empurrou para o chão, para cima das folhas, das embalagens e da camisinha, e se debruçou sobre mim. Então levantou a cabeça e abriu a boca, e comeu a minha vida com seus dentes robustos e afiados.



Quando terminou, o troll se levantou e tirou a sujeira do corpo. Colocou a mão no bolso do seu casaco e tirou de lá uma pedra clínquer queimada e cheia de bolhas.

Ele a entregou para mim.

— Isso é seu — disse o troll.

Olhei para ele: usando minha vida confortavelmente, fácil, como se já a estivesse usando por anos. Peguei o clínquer da mão dele e cheirei. Consegui sentir o odor do trem do qual ele tinha caído há tanto tempo. Apertei-a bem na minha mão cabeluda.

— Obrigado.

— Boa sorte — disse o troll.

— É. Bem. Você também.

O troll sorriu com o meu rosto.

Ele me deu as costas e começou a andar pelo mesmo caminho que eu tinha vindo, na direção do vilarejo, de volta para a casa vazia que eu deixara naquela manhã; e assobiou enquanto caminhava.

Fiquei aqui desde então. Me escondendo. Esperando. Parte da ponte.

Nas sombras, vejo as pessoas passarem: passeando com seus cachorros, ou conversando, ou fazendo as coisas que pessoas fazem. Às vezes, as pessoas param debaixo da minha ponte, para ficar lá, ou mijar, ou fazer amor. E eu as observo, mas não falo nada; e elas nunca me veem.

Fol rol de ol rol.

Eu vou ficar aqui, na escuridão sob o arco. Eu posso ouvir todos vocês por aí, andando na ponta dos pés, andando na ponta dos pés em cima da minha ponte.

Ah, sim, eu posso ouvir vocês.

Mas não vou sair.

NESSA IDADE

CATRIONA WARD

Quando eles entram na sala de aula, John pensa que está vendo em dobro. Eles são exatamente iguais: dourado e azuis, cabelo e olhos. O garoto é um pouco mais alto, talvez. John fica mais tempo olhando para a menina. Todo mundo está encarando eles. Eles não parecem se importar. Estão acostumados com isso. A professora fala o nome deles, e eles sorriem com educação. Daisy e Drew. John pensa como é idiota dar nomes que começam com a mesma letra a gêmeos, como personagens de velhas histórias sobre colégios internos. Alice gostava desse tipo de livros. John não.

Há um assento vazio ao seu lado, e ele fica cheio de esperança. Mas é claro que a professora coloca a garota lá no fundo da sala, e o menino fica com a carteira ao lado de John. Ele emana um odor estranho e delicado, como a tigela de frutas em casa, quando as mosquinhas começavam a voar ao redor dela.

John se assusta, porque, de repente, os pés das carteiras começam a arranhar o piso e há um tumulto de vozes. A aula terminou. O menino está olhando para ele de maneira amigável.

— Você estava dormindo de olhos abertos.

— Estava um saco — responde John. Ele não dorme mais à noite, mas não quer falar sobre isso.

John tem treze anos. Às vezes, ele diz às pessoas que tem dezesseis. E, às vezes, elas acreditam porque ele é alto — embora tenha começado a desenvolver uma corcunda nos últimos meses. Ele não gosta de ocupar muito espaço ou que as pessoas fiquem o encarando. Só no caso de que o que há no seu interior fique visível no exterior.

Ele pisca. Está no pátio, sob o sol, e aquele garoto Drew está ao seu lado, com um jeito amistoso. Sua pele e seus olhos são tão claros que ele parece quase perolado, com uma luz do lado de dentro. As garotas do ensino médio formam uma fila. O recreio delas chegou ao fim. Elas olham para Drew, pequenos flashes de calor passando pela cerca de arame. John sente alfinetadas profundas de inveja no estômago. Elas não olham daquela maneira para ele, com seu cabelo castanho idiota e seus olhos normais.

Drew pergunta:

— E aí, o que tem para fazer aqui?

— Não muito — responde John. Não se preocupa em parecer amigável.

— Quer ir na nossa casa depois da aula? Não vai ter nenhum adulto lá.

John diz:

— Nah.

— Ah, vai sim — fala Drew, e John dá de ombros e responde *Ok* para fazer com que o garoto vá embora. Ele supõe que vai ser melhor do que ir para a própria casa, para a mãe dele e seu lento sofrimento. Ele anda cansado

ultimamente. Talvez seja por isso que as pessoas acreditam nele quando fala que é mais velho.



Daisy está esperando no portão da escola. Ela caminha ao lado deles em silêncio. O cabelo cai sobre um dos olhos como um ramo branco-dourado. Drew pergunta:

— Qual é o lugar mais perto que vende cerveja?

— Tem uma birosca na esquina — responde John. — Mas eles pedem para ver a identidade.

— Não se preocupe — diz Drew.

John imagina que Drew tenha uma identidade falsa. Os gêmeos têm dinheiro, isso é óbvio. Ele pode comprar bebida de qualidade.

— Eu vou pagar — fala Drew, como se lesse os pensamentos de John. — Daisy e eu vamos. A gente não se importa.

John para na pequena travessa com chão de pedras perto da birosca.

— Beleza — diz ele. — Pode ir.

— Eu não vou entrar — fala Drew. — Você vai.

John sente um jorro de irritação.

— Eu não posso — afirma ele. — Eles me conhecem e conhecem a minha mãe. Eu pensei que você tinha uma identidade ou algo assim.

— Não.

— Que perda de tempo — comenta John, andando para longe.

— Espere. — Uma mão leve e pálida no braço dele. Daisy tem o mesmo cheiro do irmão, só que mais doce, como suco

de maçã. — Por favor — diz ela. — Temos uma ideia.

John para. Parece que a mão dela está mergulhando na sua carne, mas não de um jeito nojento.

— Eu conheço um truque que podemos usar — diz Drew. — É como... hipnose ou algo parecido. É daquele cara que hipnotizou todo um estádio de futebol. Você viu isso na televisão?

Apesar de tudo, John está interessado. Ele chegou mesmo a ver o sujeito hipnotizando um estádio de futebol cheio de gente. Foi bem legal. Ele gosta de mágica e essas coisas.

— Você só precisa se debruçar e falar uma palavra, aí a outra pessoa vai fazer tudo que você mandar.

— É, tá bom.

— Eu sei que parece loucura — diz Drew. — Mas funciona, juro.

— Qual é a palavra?

Drew sussurra no ouvido dele. Mais tarde, John não consegue se lembrar da palavra. É mais ou menos como *anuśru* ou *anushru*, mas não exatamente. Parece com pedra batendo na pedra, ossos calcificando nas entranhas da terra.



A porta se abre com um tilintar alegre. Lá dentro, a birosca tem um cheiro de metal frio, como garrafas d'água ou moedas, talvez. As palmas das mãos de John começam a suar. Começa a sentir um frio na espinha quando vê que não é o velho que está atrás do balcão, é a esposa dele. Ela está tricotando e o barulho das agulhas parece ecoar o coração rápido de John. *Click, click, click.* A sra. Berry tem

um jeito de olhar para você, exatamente como ela está fazendo agora, por cima dos óculos.

Ele vai até o freezer, de qualquer forma. As latas são azuis e douradas, tão geladas que grudam na mão dele. As cores o lembram de Daisy. Ele pega o emaranhado de seis latas de alguma coisa. Pode ser cerveja ou cidra. Os olhos dele não conseguem ler o rótulo. Seus dedos não estão firmes e ele deixa cair as latas no chão com um barulho agudo. A sra. Berry olha para ele.

— Identidade, por favor — pede ela com gentileza. Não está irritada, é pior do que isso. John vê que a mulher está com pena dele, que ela está pensando em Alice e em como tudo isso é triste. O coração dele parece um balão cheio demais que está a ponto de estourar.

Ele se debruça sobre ela. A palavra sai de sua boca como uma pedra. A sra. Berry pisca e pergunta:

— Está tudo bem, John?

Ele repete a palavra, entrando em pânico, e ela afasta a cerveja dele.

— Vou colocar isso no freezer de novo — diz ela. — Você volta para casa. — Por um momento, coloca a mão sobre a dele. — Sei que deve estar sendo um momento difícil. Vai passar, prometo. Você precisa tentar e ajudar sua mãe agora.

Fora da birosca, John vê que está tremendo de raiva. Ele corre para a travessa onde deixou os gêmeos, pega Drew e joga o garoto contra a parede de tijolos.

— Você me sacaneou — diz ele, respirando fundo. — A palavra não funcionou.

Drew grita com uma mistura de surpresa e riso.

— *É claro* que não funcionou — fala ele. — No que você estava pensando? Sêrio.

John o encara por um momento. Um sentimento começa a borbulhar dentro dele, que explode, e ele percebe que está rindo também. Como ele acreditou que tinha uma palavra mágica que obrigaria as pessoas a fazer o que ele queria? Para falar a verdade, era bem engraçado.

— Vamos para a sua casa — diz ele.

O sorriso começa a se espalhar devagar pelo rosto de Daisy como um pôr do sol.



A casa de Daisy e Drew fica na nova área construída, do outro lado da cidade. Eles caminham devagar até lá.

— Você tem irmã, John? — pergunta Daisy.

— Uma gêmea — responde John. Ele não quer entrar em toda a coisa da Alice agora. — Ela estuda em outra escola.

Todas as casas são iguais onde Drew e Daisy moram. São grandes, limpas e anônimas. Não têm a tristeza pesada, porque nada aconteceu nelas ainda. John queria que ele e a mãe morassem ali, e não na casinha geminada e cinzenta cheia de memórias de perda. Ele se preocupa com a mãe. Pelo menos John tem que ir para a escola de dia. Ela só fica lá sentada.

Eles param na frente de uma casa branca, que é exatamente igual às casas brancas adjacentes e todas as outras casas na região. Drew abre o portão e eles atravessam o jardim, que é tão novo que os cristais nas pedras do pavimento brilham com o sol da tarde.

Logo depois da porta da frente tem uma mesa enorme com uma pilha de trinta centímetros de cartas e contas.

— Uau — exclama John.

— Os antigos donos — fala Daisy, puxando ele para dentro. — Não deixaram o novo endereço. Acho que temos que jogar tudo no lixo.

A sala de estar era como uma caverna espaçosa e fria, o que sua mãe chamaria de “espaço aberto”. Tudo lá era ou branco ou brilhante. Daisy coloca uma música, que surge de alto-falantes escondidos nas paredes. Drew dá uma bebida para John em uma taça de martíni, que nem James Bond. O primeiro gole queima sua garganta, mas depois tudo começa a parecer maravilhoso.

— Vamos dar uma festa — diz Drew.

— Ah, vamos sim — diz Daisy.

John ri, porque claro, por que não? Uma festa, do nada.

— Sua mãe e seu pai não vão ficar chateados?

— Hester não está aqui — diz Daisy. — Mas ela não vai se importar, de qualquer maneira.

Drew pega seu telefone e começa a ligar para as pessoas. Em uma questão de minutos, ou assim parece, a campainha toca e tem crianças do lado de fora. John não conhece ninguém. Devem estudar em outros colégios. Acontece de novo, e de novo, e logo a sala branca está cheia de adolescentes. O dente de todo mundo parece muito branco, e as roupas das meninas são incríveis: vestidos que parecem prontos para flutuar como nuvens, coroas de flores e pés descalços.

John se vê conversando com um garoto sério usando preto chamado Edmond. Ele usa óculos e seu cabelo escuro é

longo, penteado de forma a cobrir uma parte do rosto. Mesmo assim, John consegue ver a cicatriz embaixo. É longa e perversa.

— Como você conseguiu isso aí? — pergunta. John sabe que fazer perguntas pessoais é falta de educação, mas se sente tão próximo de Edmond com seus olhos nervosos e rosto doce.

Edmond ajeita o cabelo abruptamente.

— Foi há muito tempo — responde. — Tipo, anos e anos atrás.

— Quando você era bebê?

— Tipo isso — diz Edmond. Então, seu rosto perde a cor na luz fraca. — Eu me esqueci de dar minhas cartas para eles. — Ele desaparece. John dá de ombros e anda pela festa. A música fica mais alta e tem efeitos de luz correndo pelas paredes brancas. Azul, rosa, dourado. É bem legal. Na verdade, John não se sente tão bem em meses. A bebida não parece estar deixando-o mais lento, mas fazendo-o ficar mais alerta, mais aceso. Tem outra taça cheia na mão dele. Ele não se lembra de como ela foi parar ali. Drew e Daisy são legais, ele decide. Mais legais do que ele esperava. O cheiro estranho que vinha deles parece ter sumido agora.



Quando John chega em casa, sua mãe está sentada à mesa da cozinha, como sempre. Ela encara o nada.

— Mãe? — chama ele com cuidado. Ela não responde. Bate os dedos na mesa. Há marquinhos formadas na superfície de madeira, onde suas unhas bateram o dia inteiro.

Ele vai para o quarto. A porta está entreaberta, e a luz do poste invade o cômodo. Ele pensa no quarto vazio ao lado, aquele em que eles nunca entram. Ele quase pode senti-la, Alice, no escuro, do outro lado da parede. Pensa em Drew e Daisy com inveja fervente — a beleza fácil deles, a mãe legal que deixa que os dois deem festas, a casa sem fantasmas espreitando atrás de portas fechadas.



No dia seguinte, na escola, Drew está ao lado dele, todo sorrisos e pele perfeita.

— Quer ir jantar lá em casa hoje de noite? — pergunta ele.

— Seus pais não vão se importar?

— A Hester? Não — disse Drew.

John concorda em ir. Fica feliz de não ter que comer peixe empanado de caixinha em casa. Em geral, ele acaba cozinhando por tempo demais, e a comida fica com um gosto horrível. Ele precisa convencer a mãe a comer uns poucos pedaços queimados.

— Onde você mora? — pergunta a Drew. — Tenho aula de futebol.

Drew parece não entender.

— Ah, não se preocupe com isso — diz ele. — Vamos esperar por você. Podemos todos ir andando até lá juntos.

— Vai ser ruim para vocês — fala John, surpreso.

— A gente não se importa.

Por um momento, John se pergunta por que Drew não sabe o próprio endereço. Mas o pensamento se esvai. Já faz muito tempo que ele não se sente feliz.



Daisy cozinha. Ela prepara coisas sobre as quais John só leu em livros velhos, abobrinha recheada seguida por pavê inglês. Ele nem sabia que ainda dava para conseguir abobrinhas. Ele come tudo que lhe é dado.

— Cadê os seus pais? — pergunta ele.

— Só tem Hester — responde Daisy. — Ela meio que nos adotou.

— A Hester está aqui? — indaga John, nervoso. Ele não é bom com pais. Sempre diz alguma coisa estranha.

— Sim — responde Drew. — Está dormindo agora. Não é, Daisy?

Daisy concorda com a cabeça. John sente uma pontada de simpatia. Ele sabe como é ter uma mãe que só dorme o tempo inteiro. Eles têm muito em comum, ele e os gêmeos.

— E você, John? — pergunta Daisy com educação.

— É só eu e minha mãe — diz John. — Meu pai foi embora. — De alguma forma, aquilo não dói, falar sobre o assunto aqui, com a barriga cheia de pavê.

— Que triste — diz Daisy. — Bem, fico feliz de termos nos encontrado. Penso que ter amigos é importante.

— Desculpe por ter sido grosseiro quando conheci vocês — fala John com pressa. — Acho que me lembrou da minha irmã, Alice. Ver vocês juntos, quero dizer. A gente era bem próximo, que nem vocês. Antes do acidente.

Drew olha para Daisy.

— Acidente? — pergunta ele.

— É. — As lágrimas tocam as pálpebras de John pela primeira vez desde o acidente. — Eu me sinto pela metade agora. É tão idiota.

Daisy diz baixinho:

— Então sua gêmea está morta, John?

— Sim — confirma ele.

— Suponho que era impossível perceber — fala Daisy —, pois você não a deixou ir.

Vem um barulho do andar de cima e depois um gemido, como se alguém tivesse caído da cama direto nas tábuas do chão.

— O que foi isso? — pergunta John.

— Não sei — responde Daisy. — Gatos no telhado, imagino. É melhor ir lá dar uma olhada, Drew.

— Em um minuto — fala Drew.

Alguma coisa se mexe no teto sobre suas cabeças. Algo pesado se arrasta na direção da escada. O gemido surge novamente, abafado, cheio de dor.

— Por Javé — diz Drew. — Está tarde, John, é melhor você ir.

John se despede e Daisy também. Ela é educada como sempre, mas é como se ouvisse atentamente algo que John não conseguisse escutar.

Conforme John caminha pelo saguão da casa, ele dá uma olhada rápida nas cartas empilhadas na mesa. Deve haver duzentas, todas endereçadas para pessoas diferentes de diversas partes do país. Ele encontra uma endereçada a um Edmond Booker, em Halifax. Não pode ser o mesmo Edmond que ele conheceu na festa; Halifax fica a centenas de quilômetros de distância. Mesmo assim, isso faz John se sentir esquisito. Ele logo sai pela porta da frente.

John segue pelo caminho de granito cintilante na poeira arroxeadada. Os sons que vêm de dentro da casa são

carregados pela noite tranquila. A pessoa que estava gemendo agora está chorando, talvez implorando. Drew fala com ela.. Ou pelo menos parecia Drew no início. Agora, John não tem tanta certeza. É uma voz velha, muito velha.

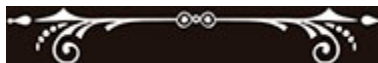
— Deixe-o em paz — diz. — Volte para o seu buraco.



Quando John chega em casa, sua mãe está sentada à mesa da cozinha, a luz da rua fazendo sombras no seu rosto congelado. John vai para o andar de cima. Para no topo da escada, antes da porta do quarto de Alice. Depois de um momento, ele a abre e entra. Está quente demais, o ar tem gosto rançoso e de poeira.

Ele acende a luz e vai até a prateleira de Alice. Pega um livro com uma capa clara, ilustrada, mostrando cinco crianças sorridentes e um cachorro. Estes eram os favoritos da Alice, contos dos anos 1950 sobre crianças em idade escolar que se viam em aventuras envolvendo contrabando, roubos e ilhas secretas. Ele abre o livro e lê. Não demora muito para encontrar o que está procurando.

“— Por Javé — diz Harry. — São montanhas e montanhas de pavê.”



No dia seguinte, na aula de história, o assento ao lado de John está desocupado. Quando retorce o pescoço, vê que há um espaço vazio na última fileira como um dente arrancado. Daisy também não tinha ido à escola. Por um momento, John sente alguma coisa — com certeza, não pode ser

desapontamento, pode? Então, sente-se elétrico. Isso prova que tem alguma coisa acontecendo. De onde aqueles dois tinham surgido, afinal? Ele não cochila na carteira hoje. Sua mente está cheia de pensamentos envolvendo viagens no tempo ou talvez vampiros.

No instante em que o último sinal toca, John coloca a mochila no ombro. Ele corre pelas ruas sombreadas para as novas casas brancas. Ele não sabe o que dizer, mas está cheio de convicção. Eles estão fazendo alguma coisa ruim, ele sabe disso. Ele tem quase certeza de que estão mantendo alguém prisioneiro no andar de cima da casa. Talvez a mãe deles, Hester. John suspeita de que o que ele está fazendo é perigoso, mas é um alívio sentir algo, mesmo que seja medo.

Ele se aproxima do lugar em que as primeiras casas jazem pálidas e altas contra o céu de verão. Conforme avança, ele começa a vacilar. Era a segunda ou a terceira à esquerda depois da casa com o teixo no jardim? Tudo parece igual. Ele não vê viva alma. A maioria das casas está vazia — ele pode ver as largas paredes nuas e brancas através das janelas. Nenhuma delas tem o número no portão. E ele não sabe o número, de qualquer maneira. Quando as primeiras estrelas começam a aparecer no horizonte, John está perdido, confinado por casas brancas vazias.

No final, ele a encontra por causa do barulho. Luzes rosadas e azuladas brincam nas janelas, e a casa parece pulsar com o ritmo. Os gêmeos estão dando outra festa. Bem, pensa John, eles não podem ter dito que estavam doentes. Contra sua vontade, John sente seu coração e seus pés acelerando conforme a música.

Ele empurra a porta da frente, que se escancara. Rapidamente, vai até o armário debaixo da escada. Está escuro, o que parece mais seguro do que as luzes coloridas. Ele observa pela fechadura. A festa parece já ter começado há um tempo. Através dos flashes de luz, conseguiu ver todo mundo dançando. Mas, ao que parecia, estava menos divertida do que a festa que John foi. No calor brilhante dado pela bebida, não tinha notado algumas coisas. Um monte daqueles garotos parecia machucado ou tinha cicatrizes antigas. Um não tinha uma das mãos. E eles bebem e se misturam, mas não falam oi um para o outro. Não é como se fossem tímidos — é como se todos ali se conhecessem bem demais para se dar ao trabalho. Alguns dos garotos estão vestidos de maneira muito estranha. Uma menina está usando uma camisola antiga volumosa. Um garoto louro usa um terno completo, com colete. Outro usa culotes e tem fivelas brilhantes nos sapatos.

A música para e as luzes são acesas. John pensa “Eles sabem que estou aqui” e para de respirar. Mas o foco de todos está em Drew, no centro do cômodo.

— Chegou a hora — diz ele.

— Quantos? — pergunta uma menininha com um *chemise* branco e cintilante.

— Quatro, hoje.

Os garotos baixaram a cabeça e alguém soluça. Mas ninguém se mexe.

— Decidam — ordena Drew — ou eu vou escolher. — Quando ninguém se move, ele anda em volta do círculo e puxa quatro pessoas para o centro. — Você me obrigou a

isso — diz ele para a garotinha com o *chemise* branco, que começa a chorar.

De cabeça baixa, os quatro seguem em fila para a escada. Eles sobem devagar e desaparecem de vista, um por um, deixando apenas o silêncio para trás.

— Ora, vamos lá! — grita Drew. — Homessa! Isso é uma festa! — A música aumenta, e, apesar do que acabou de presenciar, o coração de John começa a voltar ao normal.

— É assim que eles pegam a gente no início — diz Edmond. — Com as festas. — Ele está no armário ao lado do de John. — Se você vem uma vez, precisa voltar, não importa onde ou quando seja a festa. O tempo não significa nada para eles. Passado ou futuro, você precisa vir. Precisa encher a casa. Às vezes, eu me escondo quando é hora de escolher. Não sabia que você tinha pensado nisso também.

— O que Drew vai fazer com eles lá em cima? — pergunta John. Ele fica enjoado. Já tinha ouvido falar naquilo. Crianças que eram atraídas para fazer parte de gangues. É chamado de aliciamento de menor. E então, coisas horríveis, horríveis.

— O corpo dela está velho agora. Ele se desgasta depressa — diz Edmond. — É por isso que ela precisa de gêmeos. Peças sobressalentes que combinam. Meu irmão se voluntariou. Ela o usou primeiro.

O cabelo de Edmond cai de lado, e John vê que ele não tem um olho direito. Os dedos de Edmond exploram o lugar em que o olho esteve.

— Cadê a Daisy? — sussurra John. Ele não conseguiu encontrá-la na festa. Torce para que ela não tenha sido levada lá para cima. Teme por ela.

— Não tem muito mais da Daisy sobrando — responde Edmond. — Não depois de tanto tempo.

— Para de ser bizarro — fala John, assustado.

— Corpos são como casas para Hester — revela Edmond.
— Ela encontra um que goste e fica com ele, até que ele não possa mais ser consertado.

John quer que Edmond pare de falar aquelas coisas malucas, então dá um empurrão forte nele. Edmond não parece notar. Ele está vendo além de John, ele vê Drew, de pé na porta aberta do armário, cabelo dourado penteado para trás como um astro de cinema de antigamente. John vê que Drew não tem uma das orelhas.

— Eu esperava que você não fosse voltar — diz Drew a John. — Convenci-a de que não precisava de você. Eu até dei uma coisa para ela, para ajudá-la a esquecer.

— Você vai me contar o que está acontecendo aqui agora mesmo — exige John. Ele se apegava a restos desesperados de esperança, de que tudo aquilo era um erro, um mal-entendido, que ele está bêbado, ou maluco, ou sonhando.

— Está acontecendo o que sempre aconteceu — diz Drew, com paciência. — Elas sempre pegaram crianças. As pessoas costumavam pensar que elas trocavam de lugar com as crianças. As fadas que trocam crianças, você sabe. Talvez exista alguma confusão sobre a coisa dos gêmeos. Mas elas costumavam manter as crianças dentro das montanhas, isso é verdade. Só que elas se modernizaram desde então.

John está prestes a explodir de raiva. Ele sabe que estão tirando sarro com a cara dele. É que nem aquela coisa do lado de fora da birosca de novo. Todo o sentimento que tem

crescido desde que a Alice morreu agora enche as entranhas dele, perto de transbordar.

— Você acha que eu acredito nisso? — Ele dá um soco forte na cara de Drew. Ele escuta, mas não sente, o estalar agudo das suas juntas contra a cartilagem. O nariz de Drew explode em uma névoa vermelha. Ele cai no chão. John não vê Daisy até que as mãos dela estão apertando o seu pescoço. Estrelas surgem, atrapalhando a sua visão.

— Ele foi o único que defendeu você — sussurra Daisy no ouvido de John. — Ele traiu Hester, tentou ajudar você a escapar. Você devia agradecer a ele de joelhos. Mas, em vez disso, acabou com o nariz dele.

— Agora você conseguiu — diz Edmond. Ele coloca o cabelo sobre o buraco onde seu olho deveria estar e volta devagar para a escuridão do armário.

Drew olha para John com seus olhos azuis velhos. John se pergunta como pode ter pensado que eles eram da mesma idade.

— Eu tentei manter você fora disso, meu chapa — diz Drew. — Você não é mais um gêmeo, então é inútil. Poderia ter vivido uma vida longa. Mas ela saiu do buraco agora.

Havia um som como pedra raspando na pedra. As luzes e a música desapareceram. As crianças correm, se acumulando nos cantos. O cômodo é iluminado por uma luz esverdeada. As paredes se movem enquanto John observa. Elas estalam com a dor do crescimento. Novos ramos e galhos se empurram para fora delas, folhas leves nascem neles violentamente, ficando escuras e brilhosas para então se encolherem e se tornarem marrons. Um espinheiro branco explode no ar, fazendo chover pétalas. Tudo brota, e

cresce, e murcha, e morre diante dos olhos de John. O tempo corre em uma velocidade enjoativa.

— Corra — diz ele para Daisy, virando-se.

Mas alguma coisa aconteceu com a Daisy. O rosto dela se tornou um buraco com uma criança nele. Ela é feita de camada sobre camada de tempo. É mais velha do que qualquer coisa no mundo. É feita de madeira, com uma face que parece uma mulher gritando presa em um tronco de árvore. Então, ela é a irmã de John, Alice, pálida e linda com sua mortalha.

Vinhas correm pelo chão como cobras, enrolando-se nos pés da mobília, deixando-as com uma aparência verde e pegajosa. Elas voam na direção de Daisy, que as pega, as afaga como filhotinhos e canta para elas com a voz aguda. Então, elas voltam seus dedos finos para Drew.

— Não lute com elas — murmura Daisy. Mas Drew luta. Ele arranca as vinhas e grita uma palavra que soa como *moksha*. Ela se recolhe, seus dedos verdes soltos, mas só por um momento. Então, ela o tem no seu entrelaçamento estrangulatório mais uma vez. Ela pega as mãos dele conforme o musgo se arrasta, verde e vivo, sobre seu rosto.

— Desculpa — diz a coisa que era Daisy.

— Não — rebate Drew. — Por favor! — Os dedos dela alcançam a boca do garoto agora, a garganta dele e ainda mais profundamente. Em pouco tempo estava acabado.

Hester fica de pé. Ela usa o corpo de Daisy com uma graça animal.

— Que isso sirva de lição para todos vocês — avisa ela. — Não me testem. Agora vou voltar lá para cima com meu novo amigo John. Ele não vai servir para reparos, mas acho

que posso fazer alguma coisa com ele. Ele me deve um irmão, afinal. Venha, John.

Eles sobem de mãos dadas. Hester arrasta o cadáver de Drew atrás dela e a cabeça faz um *crack* ao bater em cada degrau.



John abre a porta de casa. A mãe dele está sentada à mesa. A luz do luar brinca no cabelo dela, que está escuro de novo, com um coque para cima preso por uma coroa de prata. O aroma do jardim enche a cozinha, o cheiro dos oleandros e das glicínias pesados no ar. Um laguinho ondula aos pés dela. Nenúfares se abrem lentamente sob o olhar dele. Um peixe-dourado beija a superfície lisa da água, depois mergulha de volta para as profundezas. Uma libélula passa perto do nariz de John. Ele vê agora — o lugar em que sua mãe esteve durante todo esse tempo.

A mãe olha para ele e sorri.

— Não é lindo? — pergunta ela.

— Sim — responde ele. — É lindo, mãe. — Ele aperta a mão dela.

A primeira coisa que Hester fez foi roubar a mente de sua mãe. Isso aconteceu antes mesmo de ele conhecer Daisy e Drew. Tem uma ordem na coisa. Ela remove os pais primeiro. Ele pensa em todos aqueles pais e mães sentados sozinhos nos seus jardins noturnos, presos no tempo e no espaço. Desde que existe gente, existe Hester. Ele se pergunta como era a verdadeira Daisy. Ele tem certeza de que uma parte de Daisy ainda resiste no corpo dela, assim como ainda há um pouco de John no corpo dele. Não há

mais Drew, no entanto. Drew está morto. John não quer morrer.

John pega as cartas e contas que estavam empilhadas na mesa do saguão. Ele vai levá-las para Hester, e todas serão respondidas e pagas, e ninguém vai perturbar sua mãe enquanto ela estiver sentada em seu jardim noturno. Ele olhou em torno e deu adeus à casa. Não vai voltar para cá por um bom tempo.

Ele demora um segundo para ajeitar seu cabelo louro brilhante no espelho do saguão. Mesmo à luz do luar, ele consegue ver o azul profundo e perfeito dos seus olhos. Hora de ir. Ele tem um dia cheio amanhã. Vai começar na nova escola. Com cuidado, John fecha a porta da frente da casa.

ESCUTE

JEN WILLIAMS

Elas sempre sabiam quando ela estava prestes a chegar. Erren não entendia como aquilo funcionava, mas, enfim, ela não entendia muita coisa sobre a vida dela naquele tempo.

Que os deuses as ajudem, elas ficavam até animadas. Conforme Erren alcançava os limites desse novo assentamento, viu um monte de crianças sentadas em uma cerca longa e curvilínea, os rostos cheios de interesse. Quando ela chegou mais perto, a poeira da estrada comprida formando nuvenzinhas alaranjadas em volta dos seus pés, elas começaram a gritar perguntas estridentes para ela. De onde ela vinha? O que ia tocar? Se eles pedissem, ela tocaria a música que eles queriam?

Erren assentiu para as crianças e falou bem pouco. Infelizmente, elas logo ouviriam sua canção.

Ela seguiu as crianças, que a levaram a uma construção que mais parecia um monte pequeno, feito de pedra e lama e pontuado com janelinhas quadradas que eram pouco mais que buracos. O topo do lugar era coberto de grama verde e flores, e uma fina fumaça cinzenta saía regularmente de um buraco que ela não conseguia ver. Erren tinha quase certeza de que nunca tinha visto nada igual, mas, uma vez dentro, percebeu que era apenas outra taberna, igual a qualquer

outro buraco para beber que ela já tinha entrado: o cheiro forte de cerveja, a centelha esfumada de uma lareira.

— Então, você é a música — disse a taberneiro, amigavelmente. — Veio de longe?

Erren optou por ignorar a questão. Eles nunca entenderiam a resposta.

— Sou a música — confirmou ela. — Você vai me escutar?

Toda vez que ela perguntava, uma pequena parte dela esperava que respondessem que não, mas ninguém havia dito isso ainda. É claro que não. A taberneira abriu ainda mais o sorriso, cruzando os braços debaixo do seu considerável busto.

— Vamos ficar felizes em escutar você — disse ela. — Não temos muito entretenimento por aqui. Acho que a maior parte do vilarejo vem ver você, querida. Quer que eu abra um espaço perto da lareira? De quanto espaço você precisa?

— Não muito, só tenho minhas flautas. Mas será que posso pedir uma comida antes...?

Ela aprendera a garantir seu alimento antes de tocar. Era difícil resistir ao ímpeto de tocar; a necessidade era como uma sensação seca e quente na nuca, um peso nos seus dedos, mas se ela se concentrasse bastante, conseguiria evitar por mais ou menos uma hora. A taberneira trouxe sopa de cebola quente, pão fresco e, para o deleite de Erren, uma taça de um rum com gosto de framboesa que a fazia lembrar bem da sua casa impossivelmente distante. Mas logo seus dedos começaram a tremer, e o calor na nuca se tornou sufocante, como se mãos finas se

apertassem em volta da garganta dela. Ela colocou a cumbuca e a taça de lado e procurou pela flauta.

Enquanto estava comendo, a taberna aos poucos se encheu de clientes até cada cadeira ficar ocupada e havia outros de pé, todos os olhos nela. Eles não pareciam surpresos pela flauta em si, mas, então, as pessoas raramente ficavam. Erren muitas vezes se perguntava se eles pensavam que os tubos eram feitos de uma madeira clara especial ou algum tipo de argila fina. Ou talvez eles soubessem o que o instrumento era e não se importassem.

Sem olhar para os homens e as mulheres reunidos — e as crianças, que os deuses as ajudem, as crianças também —, ela baixou a boca para a ponta do tubo e tomou fôlego.



Quando saiu, sob os céus rosa-acinzentados do quase-crepúsculo, toda vida e todo o entusiasmo pareceu ter desaparecido do lugar. Erren correu na direção dos portões, de cabeça baixa, tentando ouvir apenas seus próprios pés no chão arenoso, mas em algum lugar próximo, um homem chorava, um som desesperador e sem fundo, e então, conforme ela atravessava o portão, escutou um grito irritado e um longo gemido como resposta.

Mas não importava. Os pés dela já estavam a chamando para o próximo destino, e ela não poderia ter parado mesmo se quisesse.



O próximo lugar era maior, um vilarejo agrupado às margens de um rio. Em algum lugar durante sua longa caminhada, Erren tinha cruzado uma fronteira — vira sinais feitos de madeira, pintados com símbolos um pouco familiares — e este lugar era mais próspero. Havia uma bela muralha feita de tijolos de argila vermelha, e, à margem do rio largo, estava um conjunto de pequenos barcos amarrados; um mercado estava agitado mesmo ao entardecer. Erren viu caixotes de peixes serem carregados para fora do mercado, rolos espessos de lá sendo enfiados em sacos. Ela não conseguiu achar a taberna, mas tinha certeza de que devia haver uma, então foi na direção do pequeno mercado em praça pública, seguindo o cheiro forte de peixes fluviais. Fora uma longa caminhada sem ter visto ninguém, e a ânsia de tocar era esmagadora. Não haveria comida ou descanso para ela hoje à noite.

Quando ela encontrou a pequena área de apresentação, o sol poente já tinha deixado o céu manchado de laranja. Era uma praça ampla de terra batida, rodeada por bandeirolas coloridas em postes, e, dentro dela, um homenzinho todo duro estava de pé sobre um banquinho, fazendo malabares com tacos de madeira. Duas crianças imundas o observavam, expressões de tédio idênticas em cada face.

— Posso pegar seu banquinho emprestado, meu amigo?
— perguntou Erren. O homenzinho pareceu ultrajado, mas pegou seus tacos do ar e desceu para a terra.

— O banquinho não é meu — retrucou ele, acrescentando:
— Você não vai conseguir ninguém para ouvir você hoje, garota. É a época do ano errada para isso, entende? Todo mundo está lá nas docas, trabalhando.

Erren assentiu, mas se sentou de qualquer maneira. Alguns segundos depois, uma família e um trio de homens vestidos como guardas se juntaram às duas crianças imundas. Mais alguns minutos passaram, e a multidão cresceu; mulheres com aventais sujos, meninas com os cabelos presos sob chapéus vermelhos, homens velhos de juntas finas. Erren os observou, sem surpresa. Aquilo fazia parte da coisa. Sempre haveria um público para ela, onde quer que ela fosse.

Ignorando os rancos da sua barriga, ela pegou a flauta da bolsa e levou-a de imediato aos lábios. Ela não queria olhar para aquelas pessoas, não queria poder se lembrar do rosto delas depois. Com a menor das exalações, uma série de notas graves e espantosas flutuou pela praça. Na mesma hora, o murmúrio gentil do público cessou, e um silêncio assustador encheu o espaço, quebrado apenas pelas notas cadenciadas de Erren. Agora, a música estava aumentando, ficando mais complexa — uma estranha filigrana de sons, mais do que poderia ser produzido pelo sopro de uma única mulher, talvez —, e a quietude parecia estar criando sombras. Apesar da luz cálida do céu no início da noite, poças de escuridão estavam surgindo aos pés do público dela, saindo do solo como petróleo. As pessoas ainda não tinham notado, estavam ocupadas demais assistindo a ela. Seus rostos estavam congelados, ligeiramente confusos, como se não estivessem entendendo o que estavam ouvindo.

Os dedos de Erren corriam sobre os buraquinhos na flauta, fazendo novos sons, mais sombrios. No fundo da multidão, um bebê começou a chorar.

— O que está acontecendo? — perguntou alguém, mas a voz estava grossa, quase lenta demais, como se a pessoa tivesse acabado de acordar de um sono profundo. As sombras ao redor dos pés do público se uniram para virar uma coisa só, tornando-se uma espécie de palco largo e escuro entre Erren e eles. Era outra coisa que Erren não gostava de olhar — a escuridão era plana demais, sobrenatural demais sob o céu tocado pelo sol.

Foi naquele momento que a primeira das figuras apareceu. Um inchaço formado naquele palco preto e liso, uma coroa empurrando para revelar uma pequena cabeça comum. A garota tinha cabelo ruivo e longo, e levantou o rosto para o céu, como se sentisse saudade dele, seus lábios finos se abrindo para revelar dentinhos amarelados. A pele era cinzenta e os olhos eram buracos vazios.

— O quê... O que é... — A voz que vinha do público ficou mais alta por um momento, lutando com o silêncio que caíra sobre eles, e se calou novamente. A garota surgiu inteira da escuridão e começou a dançar, mexendo os braços conforme a música, girando no mesmo lugar. Ela dançava como uma criança, e Erren pensou que a menina devia ter mais ou menos nove anos quando era viva. O vestido dela era um trapo marrom, mas seus pés eram rápidos, e Erren pensou que era possível a garota estar até gostando daquilo — ela gostava de dizer isso a si mesma, quando as noites eram especialmente sombrias.

— Lizbet? — Uma mulher de cabelo cor de morango abriu caminho abruptamente para o início da multidão, quase caindo de joelhos. — Deuses me acudam. *Lizbet?*

A música continuou e outra figura estava se erguendo do negrume. Essa surgiu mais rápido, como se não pudesse esperar para se livrar das sombras; era um velho, tão dolorosamente magro que até Erren ficou chocada, apesar de tudo que já tinha visto. Ossos cutucavam a pele, que era de um tom de cinza mais escuro que o da garota, e seus joelhos pareciam inchados e estranhos, grandes demais para os cambitos que suportavam. Como a garota, tinha buracos escuros onde seus olhos deveriam estar. Apesar de tudo isso, ele dançou, os cotovelos para fora e o queixo para cima. Enquanto isso, a mulher na beira da plateia tinha avançado de maneira atrapalhada, os braços erguidos na direção da menina dançarina, sem ousar tocar o palco escuro que havia entre eles.

— Lizbet, meu amor? O que... O que está acontecendo? Você voltou para nós?

A garota parou de dançar tão abruptamente que era como se ela tivesse sido golpeada. Ela deixou cair os braços e se voltou para a multidão, olhando para as pessoas pela primeira vez — ou, ao menos, seu rosto estava voltado para a plateia; ela não tinha olhos para ver qualquer um que fosse. Os dedos de Erren continuaram correndo pelo instrumento, e a música continuou. Não havia como parar agora.

— Mãe. — A voz dela era fina e aguda, uma voz ouvida no vento, meio imaginada. — Eu gostava de escalar?

A mulher baixou os braços. Atrás da garota, o velho morto ainda dançava animadamente, seus longos dentes expostos para o céu.

— Eu... Não, querida. Você gostava de ficar sentada com suas bonecas, conversando com elas. Você não gostava quando seus vestidos ficavam sujos. — A voz da mulher se quebrou, e Erren viu lágrimas correndo pelas suas bochechas. — Você era uma menina tão doce, minha florzinha.

— Então por que eu estava na muralha, mãe? Por que eu estava lá em cima? — Ela virou a cabeça de leve, como se para apontar a figura magra e de cabelos louros ao lado da mãe. O garoto estava congelado, toda cor havia abandonado o seu rosto. — Talvez você deva perguntar a Willem.

O rosto da mulher pareceu desfalecer, e ela se virou para o garoto ao seu lado, mas a menina já estava dançando de novo, seus braços finos e cinzentos girando e girando. Àquela altura, outras figuras estavam surgindo do negrume, suas faces sem olhos levantadas para saudar o céu do crepúsculo, e a multidão começava a gritar, um som de gemido desesperado, como crianças presas em um pesadelo. Um homem grande de ombros largos e rosto barbudo abriu caminho, irritado, até a frente.

— O que está acontecendo aqui? — berrou ele, apontando um dedo gordo na direção de Erren. — O que você está tocando com essa... essa abominação?

Erren continuou tocando de cabeça baixa. O velho magricela, no entanto, o homem que tinha surgido depois de Lizbet da escuridão, se virou para o homenzarrão.

— Abominação? Olha quem fala, Samuel, olha quem fala.

O homem — Samuel, presumiu Erren — fechou as mãos em punhos, o rosto ficando vermelho como o de um tijolo.

— Cale a boca! Você não deveria...

— Este é o meu filho, o meu Samuel. — O velho morto e magro ergueu as mãos, dedos separados, como se estivesse se dirigindo a toda a plateia. — Quando fiquei doente, doente demais para trabalhar, para comer sozinho, ele me trancou no quarto dos fundos e me deixou passar fome. Me deixou lá, mijado e cagado, sim, deixou, até eu morrer, com fome e coberto de sujeira. — Seus lábios cinzentos se retraíram no que Erren supôs ser um sorriso. — O bom e valoroso Samuel. Todos os seus vizinhos gentis que compraram carne, batatas e pão para mim? Ele comeu tudo. É, comeu, sim. E quando os meus lamentos se tornaram um incômodo muito grande, ele arrancou tiras de tecido e encheu os ouvidos com elas. Eu pergunto a vocês, meu bom povo, quem é a verdadeira abominação aqui?

Um som de raiva da multidão.

Houve mais. Mais homens e mulheres e crianças mortos se ergueram e, com cada um deles, um monte de segredos dolorosos e verdades devastadoras. A plateia — as famílias deles, os amigos deles — não conseguia sair dali, enraizada no mesmo lugar até cada morto ter a sua oportunidade de falar. Erren tocou noite adentro, seus dedos e busto doendo e seus membros congelando, até que, em algum momento, o palco preto deu lugar ao seu último fantasma, e, juntos, todos eles começaram a desaparecer com o sol nascente. Ainda não havia acabado para os vivos, no entanto; algumas brigas já surgiam, pontuadas por discussões berradas e confissões soluçadas, e a vingança tinha sido jurada já uma meia dúzia de vezes.

Quando acabou, Erren se levantou, estremecendo com a onda de formigamento nos pés e nas pernas dormentes, e guardou a flauta de volta na bolsa. Era hora de seguir em frente.



Demorou dias para ela chegar ao próximo assentamento, e finalmente ela chegara a uma clareira na floresta onde sentiu que poderia parar um pouco. Tremendo de cansaço, Erren preparou uma fogueira com os primeiros ramos que conseguiu achar e em pouco tempo ela tinha uma flama produzindo fumaça acesa — o suficiente para esquentar um pouco de água, beber um copo de alguma coisa quente. Na bolsa, havia alguns poucos pedaços de carne seca, e ela os mergulhou na água até estarem macios o bastante para mastigar. Ela permaneceu sentada sem pensar em nada, o olhar perdido. Depois de um tempo, a clareira sombreada começou a ficar mais clara. Pequenas partículas amarelas de luz flutuavam para fora das árvores, e um calor começou a se arrastar pela terra cheia de folhas. Erren fechou os olhos por um momento.

— Não. Me deixe em paz. Já não fez comigo o suficiente?

A luz brilhou mais clara, o movimento das partículas ficou mais frenético, até que uma figura surgiu das árvores. Ela era alta e dolorosamente bela. Sua pele era tão verde quanto a folha nova da primavera, e um par de chifres curvos surgia da sua testa.

— Eu gosto de ver como você está indo, Erren.

— Está da mesma forma de sempre — disse ela. — Eu vou para lugares, toco música para eles e eles sofrem. E

machucam uns aos outros, por causa das coisas que eu mostro para eles.

— Todas aquelas pequenas crueldades humanas. — A mulher de chifres assentiu, parecendo satisfeita. — Há tantas delas, não? Como você se sente, vendo tudo que eles fizeram? Todas as pessoas normais, capazes de coisas tão terríveis.

Erren não respondeu. Em vez disso, olhou para as próprias mãos.

— Deixe-me vê-lo — falou a mulher de chifres, o tom de voz mais sério de repente. Para Erren, era tão impossível desobedecê-la quanto seria voar pelo céu como um pássaro, tirou a flauta da bolsa e a segurou. A mulher verde foi na direção do instrumento, mas mudou de ideia. Ela se afastou, como um animal escapando de um golpe iminente, e Erren sentiu a própria vergonha se aprofundar apesar da raiva que sentia.

— Me desculpe — disse ela.

— Desculpa? Do que isso me serve? — A mulher balançou a cabeça de leve, e Erren guardou o instrumento. — Você não precisava de mais carne, caçadora. Não naquele dia. Sua bolsa estava *cheia*.

— Eu sei. — As duas já tinham tido aquela conversa muitas vezes. — Mas era o veado mais bonito que eu tinha visto. Eu precisava tê-lo.

— Você vê algo bonito e o mata. — A mulher de chifres olhou para ela, e seus olhos, amarelos, como uma maçã que ainda não tinha amadurecido, brilharam de raiva. — Vou mostrar para você o que a morte significa, mortal. O que a crueldade significa.

— Então, me mate. — Ela se forçou a encarar o olhar furioso da mulher de chifres. Ela queria se levantar, ficar cara a cara com ela, mas tinha medo de que suas pernas não aguentariam depois de tantos dias de caminhada. — Acabe com isso.

— Não vou matar você. — Ela fez uma pausa, então recitou uma antiga maldição: — *Os mortos dançarão, onde quer que você vá, e os vivos nunca a machucarão.* Não posso matar você, Erren Keeneye, mesmo se eu quisesse.

— Mas você não é mortal! — Erren acabou se levantando, derrubando seu pequeno copo de água quente. — Você é uma deusa! Pode fazer o que quiser.

— Sou apenas um espírito da floresta, caçadora. Mais do que você jamais será, sim, mas uma deusa intocável? — Ela apontou para a bolsa de Erren, onde a flauta estava guardada novamente. — Meu irmão morreu fácil, não? Uma flecha no coração.

Para isso, Erren não tinha nenhuma resposta. A mulher com chifres se afastou, e sua luz desapareceu nas sombras suaves do entardecer.



Dias se tornaram meses. A lua ficou cheia e afinou de novo, e de novo e de novo, e as estações deixaram de fazer qualquer sentido, o inverno se debruçando sobre o verão, primavera virando outono, e tudo de novo. Erren andou e, em volta dela, o mundo mudou, mas sua pele se manteve lisa e seus membros, fortes. Ela sentia dor o tempo inteiro, mas era a dor profunda e familiar do trabalho, algo que provocava a lembrança intensa dos seus dias como

caçadora nas florestas, não a dos enfermos ou dos idosos. Os vivos não conseguiam tocar nela nem, pelo visto, a passagem do tempo.

E o mundo mudou. Ela passou por cima dos restos de campos de batalha, onde a armadura ainda não enferrujara e as aves carniceiras ainda se divertiam. Os fantasmas nos assentamentos perto desses lugares eram barulhentos, falavam alto, cheios de raiva com a batalha e as injustiças da guerra. Os prédios ficavam mais altos, mais bonitos; ela viu torres que pareciam arranhar o céu, tão finas quanto agulhas, e arenas enormes em que homens e mulheres competiam corridas em carruagens. Selvas e paisagens rochosas deram lugar a plantações e pomares, e ela viu gente usando roupas de todas as cores, sedas finas e bordadas, gemas e metais preciosos nos dedos, nos pescoços. As armas também estavam mudando: espadas frágeis ganharam aço duro, se tornando lâminas impossivelmente letais de um metal claro que ela não sabia nomear.

No próximo assentamento a que ela foi, Erren tocou em um belo salão com seis lareiras, todas mais altas do que ela. Ela atravessou o mar e tocou para o capitão do navio; homens e mulheres surgiram da escuridão com alga no cabelo e enguias no lugar dos olhos. Em um continente inteiramente novo, ela tocou suas flautas em um anel de pedras enormes da cor de casca de árvores, e as pessoas lá a lembraram da mulher com chifres, seus olhos eram claros e elas eram altas. Eram pessoas bonitas, mas, ainda assim, quando seus mortos se ergueram da escuridão, seus rostos

se tornaram feios, assustados e irados. Eles sacaram lâminas prateadas e esfaquearam uns aos outros.

Dentro de uma montanha, Erren tocou sua música para pessoas que pareciam feitas em parte de pedra para ela. Suas faces eram sarapintadas como mármore, e todas, até a menor das crianças, carregavam picaretas nos cintos. Quando seus mortos terminaram a dança, a luta que veio depois foi a mais brutal que Erren já viu, e quando enfim deixou o local, arrastando-se para fora do túnel, lavou o rosto e as mãos na neve e viu o branco ficar rosado com o sangue dos outros. Ao terminar, começou a descer a inclinação, caindo ao lado da trilha, sua barriga se esvaziando de repente. O sangue, a fumaça, os gritos...

— É demais! — Ela se largou sobre um pedregulho. A temperatura na lateral da montanha era congelante, mas não importava. Aquilo não poderia matá-la. — Não posso continuar com isso. Não posso.

— Mas você deve e vai. — Um punhado de luz quente do sol à esquerda e a mulher com chifres estava lá. Ela estava próxima, olhando para baixo com uma expressão que Erren nunca tinha visto antes. — Estes são os termos da maldição que caiu sobre você. Tocar para sempre.

— Quanto tempo já faz? — perguntou ela, depois engoliu em seco. Ficou assustada com o quão partida sua voz soava. — Pode me falar isso?

— Você quer dizer que pequena parte de “para sempre” você já completou? Acha que saber disso vai ajudá-la? — O espírito da floresta franzia o cenho de leve, de mãos dadas nas costas, como se estivesse envergonhada.

— E quanto à minha família? Todo mundo que eu deixei para trás. O que aconteceu com eles?

— Erren Keeneye, todo mundo que você já conheceu abandonou este mundo há muito tempo. Acho que, no seu coração, você já sabia disso.

Erren deixou a cabeça cair para a frente. Houve uma época em que era orgulhosa demais para chorar na frente da mulher de chifres, mas esse tempo também tinha passado. Soluços abriram caminho pela garganta dela. Por dentro, ela se sentiu mais próxima ao poço sombrio, e foi na direção dele avidamente; seria um alívio se perder na escuridão, mesmo que por apenas algum tempo.

— Eu não deveria estar aqui — disse Erren em algum momento. — Mesmo você deve ver isso. Meu tempo passou. Não reconheço mais esse mundo. Tudo mudou muito. É claro que isso vai além da punição que você imaginou quando colocou essa compulsão em mim?

A mulher com chifres deu um passo atrás. Verde e cheia da própria luz de verão, parecia especialmente sobrenatural contra o fundo cinza, branco e marrom da montanha. Pela primeira vez, ela pareceu desconfortável.

— Não posso livrar você disso, Erren — falou. A caçadora ouviu a voz da outra com facilidade, apesar dos ventos uivantes. — Sou uma coisa mortal e viva, presa a este mundo como você, e não posso machucá-la. Ou tirar essa maldição de você.

— Então por que continua vindo me ver? — Erren limpou com força as lágrimas quentes nas bochechas, furiosa de repente. O espírito da floresta abriu sua boca para falar, mas então Erren gritou: — Você já me disse tantas vezes

que eu não entendia o que estava fazendo quando matei seu irmão, que eu não compreendia completamente o impacto das minhas ações. Bem, eu acho que você também não entendia quando criou essa maldição. Quando me forçou a criar esses tubos dos ossos do seu irmão, você estava pensando *nisso*? — Erren apontou para a neve suja de sangue.

Porém, quando se voltou para a mulher, ela já tinha desaparecido. O pequeno pedaço de neve onde estivera era agora uma poça d'água. Erren olhou para aquilo e colocou a mochila nos ombros. Hora de se mexer de novo.



Os anos passaram, e Erren ficou temerária. Quando tinha tempo para comer, pedia aos anfitriões a bebida mais forte que tinham, e bebia o máximo possível antes da vontade de começar a tocar a flauta a engolisse. Enquanto a plateia se reunia, ela gritava avisos — embora fossem sempre ignorados — e, quando as lutas começavam após tocar, ela corria para o meio delas e ficava lá quanto tempo conseguisse, esperando que algum machado lançado a acertasse. Mas nunca aconteceu. Lâminas, flechas, dardos e, em algum momento, balas, todos conseguiam se desviar dela, como se Erren existisse em um casulo de segurança.

Certa noite, tarde no último de mil verões, ela tocou sua flauta sob uma lua cheia no requintado jardim de um palácio. O lugar estava cheio de flores que se abriam à noite, e pessoas se reuniam por todos os lados para vê-la, os rostos iluminados pela luz pastel das lanternas de papel espelhadas ao redor. Até onde ela conseguira ver, o palácio

pertencia a um jovem príncipe e seus primos favoritos, sentados em cadeiras douradas de frente a ela.

— Toque para eles! — clamou o jovem príncipe, rindo um pouco com o primo à sua direita. — Me disseram que sua música é a melhor que o mundo já viu.

O som fraco da flauta flutuou através do jardim, e a grama ficou preta, tão cheia de sombras que era como olhar para um buraco negro. Uma a uma, as figuras emergiram, os rostos voltados para as estrelas, e cada uma delas era uma moça. Elas dançaram juntas por um tempo, seus membros cinzentos se mexendo graciosamente pela escuridão. Erren ficou tocada por aquilo, pelos seus passos cuidadosos, e pela maneira como elas se davam as mãos. Então, quando a plateia ficou agitada, todas elas se viraram para encarar o jovem príncipe e seu olhar vazio.

A que estava à frente falou por todas:

— Viemos para esse palácio como serventes. Todas encontramos nossos fins e câmaras secretas aqui. O príncipe fala docemente e promete muito, mas tem o apetite de um animal selvagem.

Houve um tumulto. Erren se levantou, enfiando o instrumento musical na mochila conforme um número considerável de guardas surgia dos portões internos do palácio. Evidentemente, o príncipe tinha convidado os plebeus da sua terra para o jardim, e era essa gente que dera suas filhas para ele, de novo e de novo. Pela rapidez do levante, Erren pensou que eles já deviam desconfiar dos crimes do príncipe por muitos anos, mas nunca tinham encontrado a coragem para confrontá-lo. Seus fantasmas

dançantes enfim deram o empurrão de que eles precisavam.

Enquanto saía, pegando os caminhos mais calmos em direção à cidade, ela viu o príncipe de novo. Suas roupas estavam rasgadas e seu nariz sangrava. De alguma maneira, ele tinha se separado dos guardas.

— Você! Barda. Leve-me para a cidade, me ajude a sair daqui. Vou lhe pagar bem por isso, mulher.

Ela olhou para ele. Pela maneira que estava agachado, o príncipe com certeza sentia medo, embora seu olhar para ela fosse direto, confidente. Na cabeça do príncipe, não havia como aquela mulher desobedecê-lo.

— Você não dá valor a vida alguma, a não ser a sua — falou ela. — Viu algo lindo e precisava acabar com ele. E agora, chegou a hora de encarar a justiça. — Ela levantou a voz para ser ouvida pela multidão que ainda estava no jardim. — Ele está aqui embaixo! Sozinho! Venham pegá-lo.

Conforme atravessava os caminhos mais calmos até a cidade, ela olhou para trás para ver a luz pastel das lanternas de papel, e a mulher com chifres estava lá, um estranho fecho de luz na escuridão. Ela observava Erren, e, por um estranho momento, Erren teve vontade de acenar para o espírito da floresta — fazê-la saber que a vira, de alguma maneira. Mas, em vez disso, Erren deu as costas a ela e caminhou noite adentro.



Por um bom tempo, Erren caminhou e caminhou e não encontrou ninguém. Houve longos campos gramados, montanhas arroxeadas sem-fim, florestas profundas em que

cogumelos cresciam até ficar tão altos quanto árvores; ela atravessou tudo isso sem ouvir outra voz humana. Pela primeira vez em sua longa vida, Erren começou a imaginar se não teria se perdido, mas o sentimento de seguir um caminho nunca a abandonou, então ela continuou em frente, os olhos estudando o horizonte por uma fumaça de chaminé ou pelas familiares estruturas dos homens.

Ele chegou a um lugar onde a terra parecia ter se dividido em duas. Montes enormes de uma pedra preta brilhante se erguiam de ambos os lados, e o chão sob seus pés era uma camada densa de pequenas pedras amareladas — quando as observou com mais atenção, viu que eram ossos, os crânios de milhões de animais pequenos. O abismo levava para o centro do mundo, cada vez mais profundo até o céu acima dela ficar de uma escuridão azulada profunda e ser pontuado por estranhas estrelas multicoloridas. O tempo — sempre uma companhia não confiável na sua jornada — pareceu ficar completamente livre, e ela não poderia dizer quanto tempo passou no abismo. Anos, certamente. Séculos? Parecia bastante plausível.

— Para onde está me mandando?

A mulher com chifres nunca respondeu.

Por fim, ela chegou a um vasto salão com um trono, cheio de tanques de água tão escura quanto o vinho. Em todo aquele amplo espaço, havia homens e mulheres de pé, conversando aos sussurros ou tocando instrumentos musicais. Mas Erren soube de imediato que eles não eram pessoas como ela conhecia o termo; cada um deles tinha o dobro da sua altura, e eles brilhavam com sua própria luz interior. Alguns tinham a cabeça de animais, e um homem

com uma longa barba dourada tinha um par de asas de águia saindo das costas. Eles observaram Erren com olhos que pareciam mais vazios do que os dos mortos.

— E então? — A voz do deus alado ribombou. — Você veio de muito longe. Vai tocar ou não?

Erren hesitou. O ímpeto de tocar era forte como sempre, mas parecia absurdo pegar os velhos tubos feitos de ossos da bolsa quando podia ver harpas feitas de ouro, uma flauta que brilhava da cor da lua. A música dos deuses a provocava, a fazia se sentir bêbada. *Eu não deveria estar aqui*, pensou ela de novo.

No entanto, ela não conseguiria resistir eternamente. Sentou-se na frente deles e começou a tocar. A escuridão veio, como sempre, e aos poucos, aos poucos, novas figuras começaram a surgir das sombras. Eram tão impressionantes quanto os deuses que as observavam, figuras enormes de pele dourada, de pele de ébano, com rostos tão bonitos que era difícil olhar para eles. Elas dançavam de forma solene e sem a alegria que era tão natural aos humanos, e, uma a uma, suas histórias vieram.

O herói que fez a jornada de volta à sua casa após uma guerra que durou uma década e encontrou a mulher com que se casara sob um feitiço, abrindo sua cama — e seu reino — para outro deus.

A deusa que dera o próprio coração para salvar o filho, apenas para o deus-bruxo queimar o órgão, ganhando todo o poder dela.

As crianças que foram comidas pelo pai-de-todos, uma a uma, até que um dia se levantem e o vençam.

Todas as traições, os assassinatos, as violações, tudo foi revelado, e até os deuses tiveram que permanecer sentados e ouvir. Erren os observou sobre seu instrumento musical, e viu os olhares furiosos lançados entre eles, certos rostos perdendo a cor devagar. Quando terminou, o homem com as asas de águia olhou para baixo, para ela. As penas dele estavam ficando pretas.

— Estamos em paz há séculos, mulher, e você nos trouxe a guerra através das notas de uma flauta puída. Acha que a deixaremos sair daqui com vida?

Erren riu. A risada pareceu estranha em sua boca, uma fruta que ela jamais tinha experimentado.

— Nenhum mortal pode me matar — disse ela.

— E o que pensa que *nós* somos? — perguntou o homem alado.



Ao menos, foi rápido.

Houve uma sensação de movimento, uma sensação de queda e uma breve explosão de dor no peito. No instante seguinte, Erren estava a alguns passos de distância, olhando para baixo, para o próprio corpo amassado. O deus alado já passando por cima dela, convocando um vórtice de luz cintilante na mão estendida. Ele observava um homem do outro lado do tanque de mármore, que erguia o próprio tridente. Os deuses largavam seus instrumentos e procuravam espadas e machados.

Uma voz sua ao lado dela.

— Acabou, então.

A mulher verde estava lá com ela. Erren não ficou surpresa ao vê-la.

— Finalmente. — O alívio era tão grande que era difícil compreendê-lo. Em vez disso, ela olhou para o céu. As enormes estrelas que queimavam ali, azul, e verde, e vermelho, aos poucos estavam dando seus últimos brilhos. Um lobo gigantesco, maior do que qualquer coisa que ela já tinha visto, comia a lua. — O que está acontecendo?

— Apenas o fim de todas as coisas. Podemos ir? Posso levá-la para bem longe daqui, se quiser.

Erren concordou e pegou a mão da mulher com chifres. Ela parecia fria contra sua pele.

— Para um lugar quieto, acho. Sem música e sem dança.

— Ah, acho que posso dar um jeito nisso.

Acima delas, o céu se desfazia em pedaços silenciosamente.

HENRY E A CAIXA DE MADEIRA

M.R. CAREY

Eu estava sentado do lado da vitrine de uma loja de caridade em East Barnet quando Henry Mossop passou pela rua. O meu lugar não era particularmente bom. O assistente (aquela coisinha sem noção com cor de vômito) me colocou bem no canto, entre um vaso tão feio que era capaz de fazer alguém chorar e um prato em comemoração ao casamento do príncipe Charles e Lady Diana Spencer.

Eu não olhei uma segunda vez para Henry conforme ele invadia o meu campo de visão. Ele não era o tipo de pessoa que convidava segundos olhares. Era basicamente um punhado de membros bagunçados com uma cabeça no formato de nabo. Cabelos pretos engordurados que mais pareciam uma colônia de bactérias. Roupas que combinavam com uma bela fogueira.

Segundo olhar ou não, Henry tinha uma alma receptiva e, por sorte, ele demorou tempo suficiente para fazer contato. Acho que foi o prato que primeiro chamou a atenção dele — não porque fosse um entusiasta da realeza, mas porque era um romântico. Ficou com os olhos todos marejados, e chegou tão perto da vitrine que sua respiração embaçou o

lado oposto do vidro. Dava para ver que “Candle in the Wind” estava tocando em som surround 5.1 no cinema perfeito da mente dele.

Dei a volta pelo cinema, encontrei a saída de emergência, forcei-a para abrir e entrei. Tudo isso levou mais ou menos dez segundos. O que eu posso dizer? Sou bom nisso.

Ei, Henry, falei. Ei. Olha aqui. Aqui para baixo. Vire à esquerda depois do prato até chegar no... não, não, você passou. Volte um pouco para a direita. Mais um pouquinho. Perfeito. E aí?

Apesar dessa saudação, muito verborrágica para os meus padrões e cheia de detalhes, Henry olhou para os lados, para o caso de eu estar falando com alguém atrás dele.

Não, falei. Você. Estou falando com você. Jesus! Henry, eu usei o seu nome.

— Foi mal.

Esquece. Só, sabe, se concentra um pouco. É importante.

— Hã... Como é que você pode falar? — perguntou Henry.

Eu falo do mesmo jeito que você. Bem, não exatamente do mesmo jeito. Não tenho boca, claro. Mas formo conceitos na minha mente usando palavras como um ábaco semântico e junto tudo em frases inteligentes.

— Mas você é uma caixa!

Não, na verdade, não. É um erro comum. Eu pareço uma caixa, mas na verdade sou... sabe, preferiria deixar esses detalhes de lado por enquanto. Eu estava prestes a fazer uma proposta para você.

Henry coçou a cabeça, o gesto imemorial daqueles que estão comicamente impressionados.

— Uma o quê?

Uma proposta. Uma barganha. Uma oferta. Um negócio. A chance de uma vida et cetera e tal. Um pouco faustiana, mas boa ainda assim. Bem, bom é um conceito complicado, mas, comparado a esse tipo de arranjo, estou oferecendo o bilhete dourado.

Henry se agarrou a uma das poucas palavras que tinha entendido e a estudou da melhor maneira que podia.

— Uma oferta especial?

É, Henry. Isso mesmo. Exatamente. Uma oferta muito, muito especial.

— O que é, então?

Desejos.

— Desejos?

Isso mesmo. Quer dinheiro? Sexo? Uma assinatura de graça da Netflix? Mais sexo? Superpoderes? Sexo selvagem? O que quer que faça jorrar as suas endorfinas, eu posso selvagemr. Em uma abundância gigantesca, para ser sincero.

Henry pensou sobre isso. Ou ao menos o mais perto que consegue chegar de “pensar”. Ele não era exatamente um campeão nessa atividade em particular.

— Você é uma fada? — perguntou ele.

Puta merda, pensei. Me dei bem. Mas meus termos e condições são restritos. Não posso mentir. Não, Henry. Não sou exatamente uma fada. Sou meio que parecido com isso, mas... é, não, nem um pouco parecido. Sou diferente. Completamente diferente. Água e vinho.

Henry olhou de forma suspeita para mim. Um olhar que dizia que ele não era o tipo de homem que se enganava por

caixas falantes com propostas de vendas escorregadias e credenciais duvidosas.

— O que você é, então? — questionou ele.

E, como ele perguntou, eu tinha que responder. *Sou um demônio.*

Aqui é o vai ou racha para algumas pessoas. Henry podia ter dado sebo nas canelas e se mandado, e eu teria deixado ele ir. Não dá para forçar essas coisas. Ainda mais quando sua extrusão material ficou presa na forma de uma caixa de madeira com uma galinha e uns pintinhos (muito mal) desenhados na tampa. Não estou equipado para fazer perseguições em alta velocidade. Não neste plano. Se você me encontrasse nos campos de Tártaro, seria outra coisa. E o encontro seria breve.

Mas Henry não correu. Ele apenas assentiu. Sua expressão vazia não mudou.

O consentimento é importante nesses assuntos, então tentei de novo. *Um demônio, falei. Sabe como é. Como em diabo. Capeta. Cria do inferno. Esse tipo de coisa.*

— Tá bom. Mas você concede desejos do mesmo jeito que uma fada.

Sim. Até melhor que uma fada. Nosso pacote atual inclui desejos ilimitados. Dispensamos o teto usual de três para fazedores de desejos especiais como você. Você pode até desejar mais desejos, embora, como a sua base é infinita, provavelmente já tem todos de que pode precisar. Nós também movemos a restrição temporária de desejos que alteram a linha do tempo. Você pode bagunçar o tempo-espço à vontade.

Henry juntou as mãos. Seu rosto inocente estava impregnado de uma animação crescente.

— Uma fada na caixa! — disse ele. — Que maneiro! Que maneiro!

Demônio. Então vamos fechar o negócio, Henry. Entre na loja e me compre. Eu custo quatro libras e noventa e nove centavos, mas você pode recuperar isso imediatamente ao desejar o dinheiro de volta. Eu não ia querer que você ficasse andando por aí sem dinheiro no bolso. Vamos.

A palavra “bolso” — um belo substantivo das antigas que denota uma coisa física — causou uma reação nele. Henry procurou nos seus vários bolsos por notas e moedas, por fim recuperando um amontoado razoável.

— Isso aqui dá? — perguntou ele.

Dá, Henry. Você tem trinta e cinco e mais uns trocados aí. É só dar para a mulher a nota azul que ela vai te dar um centavo de troco. Além de mim. Ah, mas Henry, antes de você completar a compra...

Ele estava quase entrando na loja. Então parou.

— O quê?

Eu sou um demônio, mas não sou o demônio de Maxwell. Entende o que eu quero dizer?

Ele balançou a cabeça.

— Não.

Ah, tudo bem então, a gente vê isso depois. Agora faz o que você tem que fazer, homem. Vamos fechar negócio.

E assim foi. Fiquei orgulhoso do carinha. Ele negociou a transação sem titubear, e até ganhou uma sacola plástica para me levar para casa. Tecnicamente, aquilo deveria ter custado mais cinco centavos, mas a mulher no balcão não

viu por que insistir naquilo. Ela sentiu pena de Henry, vendo ele como alguém intrinsicamente inofensivo e basicamente à deriva nas marés da vida. Eu tinha presumido a mesma coisa, mas, enquanto eu queria formar uma ligação parasítica com ele a fim de explorar aquela ingenuidade para os meus próprios indizíveis fins, ela só se sentiu um pouco matriarcal. Acho que seria um tédio se fôssemos todos iguais.

Assim que chegamos à casa de Henry, eu o encorajei a fazer um test drive, por assim dizer. *Uma coisa pequena, falei. Para ter certeza de que funciona.* Ok, disse Henry. Ele apertou bem os olhos e desejou um peixinho-dourado. Um nanossegundo depois lá estava ele, nadando por aí. Henry não tinha desejado um aquário ou água, mas dei isso para ele mesmo assim — e também alguma areia e pedras para cobrir a parte de baixo, uma luz LED azul para dar um pouco de atmosfera e um filtro no formato de um galeão espanhol. Eu podia ter feito o peixinho-dourado sufocar até a última das suas respirações inúteis no chão de linóleo — o gambito da literalidade levada às últimas, como chamamos —, mas isso é para perdedores. Quer dizer, é divertido no início, de um jeito meio pastelão e estúpido, mas faz com que não tenha muito retorno. Eu queria que Henry confiasse em mim ou, pelo menos, confiasse no processo. Que ele sentisse que podia ir atrás do filão de ouro.

Enquanto isso, a uns continentes de distância, a bicicleta de um indiano que trabalha com tecidos perdeu a roda da frente quando descia uma ladeira. O pobre coitado caiu de cara no chão e um carro atropelou ele antes de conseguir parar. Uma verdadeira bagunça, vou te dizer.

Sem saber deste interessante drama humano, Henry gargarejou de felicidade.

— Vou chamar ele de Goldy! — falou.

Por mim, pode chamá-lo até de Ivan, o fodidamente Terrível, pensei. Só continue com os desejos.

O que ele fez. Conforme eu esperava, a primeira demonstração, por mais modesta que fosse, foi suficiente para dar tratos à bola. Em pouco tempo, Henry pediu outro peixinho-dourado, uma televisão OLED, uma poltrona reclinável em frente a esse televisor, mais dois peixinhos-dourados, uma coleção em DVD dos trabalhos de Oliver Postgate (*Nogging the Nog*, *The Clangers*, *Bagpuss*, todos os clássicos) e uma refeição de salsichas e batatas fritas seguida por arroz-doce. Ah, e algum dinheiro. O suficiente para sobreviver, o que eu interpretei com alguma liberdade. Há alguns meses, ele tinha sido demitido do trabalho (coloque aspas aqui) limpando privadas no shopping Spires e estava tão perto da falência que não fazia diferença.

Isso ainda era coisa pequena, para falar a verdade, mas coisa pequena pode ter grandes efeitos se você fizer a coisa certa. Um fusível explode no subúrbio de Cape Town. Na escuridão, alguém tropeça e dá um grito. Uma pedra estraçalha uma janela. Antes mesmo de perceber, você já está até o joelho de dano colateral. Eu já fiz isso antes, se ainda não ficou claro.

Eu passei a conhecer Henry muito bem naquele tempo, afinal, éramos colegas de quarto. Vivíamos sob o mesmo teto, dividíamos todas as balbúrdias da vida de uma maneira que daria uma excelente sitcom. Fiquei sabendo do pai horrível dele (abusivo, e então abominável, e então

ausente), a merda que ele teve que aguentar dos colegas sociopatas da escola, a mãe dele, que foi intempestiva... vou te poupar dos detalhes. É tão chato quanto parece. O cara era um saco de pancada com um rosto. Boa matéria-prima, companhia horrorosa. Eu sofro pela minha arte, é tudo que vou dizer sobre o assunto.

Mas agora nós estávamos realmente pegando o jeito. Isso sempre acontece, com desejos ilimitados. Toda aquela coisa dos três-desejos-e-acabou foi criada com a intenção de deixar o fazedor de desejos em uma zona de consequências não intencionais e deixá-lo lá. Eram tempos mais simples. Assim que conseguimos entender as letras miúdas das leis da termodinâmica, redefinimos nossos objetivos.

Não que Henry estivesse morrendo de vontade de fazer coisas que não podia fazer, na verdade. Longe disso. Ele precisava de muitas cotoveladas de leve e persuasão no caminho. *Então, Henry, falei, mais ou menos três dias depois. Me diz uma coisa.*

— Pois não, caixa?

Essa casa é bem grande para um cara só. Você sempre morou aqui sozinho?

— Não, minha mãe morava aqui comigo.

Saquei. Caramba, foi difícil quando ela morreu?

— Eu senti muito a falta dela. Ainda sinto. Ela sempre cuidou de mim.

Claro.

— Eu tinha uma cadela também. O nome dela era Princess. — Seus olhos ficaram esbugalhados. — Ah! — disse ele. — Ah!

O que foi?

— Eu poderia... Eu poderia desejar...

Qualquer coisa, cara. Qualquer coisa mesmo. É só pedir.

Saiu tudo de uma vez.

— Eu desejo que Princess volte à vida!

Francamente, eu teria preferido a mãe, esse era o meu objetivo. Mais energia para brincar, porque a linha de tempo de um ser humano é um negócio maior, mais complicado. Mas um cachorro é melhor do que nada. Princess apareceu no meio da sala, o rabo se movimentando como um metrônomo peludo em *prestíssimo*, e correu para o colo de Henry.

Em outro lugar, ao mesmo tempo e não por coincidência, um sumidouro engoliu uma casa em Buenos Aires. Eu queria fazer isso há um tempo. O cara que morava na casa era meio que um santo secular, com uma alma límpida, limpa e generosa, o que me deixava irritado para cacete.

Muito mais importante era que o pedido de Henry abria a janela da linha de tempo alternativa. Voltei para o passado e mexi em uma coisinha ou duas — a maior delas foi a *Ermächtigungsgesetz* no Reichstag da Alemanha de 1933, que agora fora aprovada com folga, em vez de perder por um voto. Abracadabra! Uma guerra mundial que nunca tinha acontecido agora, de repente, tinha. Os caras maus perderam, mas conseguiram dar uns socos antes de cair, e as consequências continuaram por décadas. Eu estava mandando bem.

Henry podia ser mais devagar que melaço em cima de uma geleira, mas estava começando a ver pelo menos algumas das possibilidades infinitas. Se podia trazer sua cadela de volta, podia ter alguns dos confortos de outrora

também. Ainda estava inseguro demais para trazer a mamãe de volta dos mortos. Talvez ele tenha assistido a uma reprise de “The Monkey’s Paw” no *Thirty-Minute Theatre* quando era moleque, e aquilo deixou nele uma sensação vestigial de como aquela transação poderia dar errado. Mas ele podia e desejou alguns brinquedos perdidos, bichos de estimação mortos e as neves do caralho de outrora. Os bichos de estimação em particular foram um desafio para mim. A casa estava cheia de cachorros, gatos, hamsters e periquitos, alguns dos quais tinham sérios problemas ao usar o banheiro e não respeitavam um acabamento envernizado.

Mas aguentei tudo isso com uma paciência filosófica. As consequências negativas eram minhas, e o céu era o limite agora. Literalmente. Enchi a atmosfera com gases de efeito estufa, girando o mundo em uma linha do tempo em que a energia renovável só era descoberta tarde demais e a maioria das pessoas a ignorava. A biosfera só apanhava, eventos climáticos catastróficos estavam acontecendo dia sim, dia não e a diversão estava só começando.

Ao mesmo tempo, fiz alguns indivíduos intolerantes e demagogos que pregavam o ódio avançarem nas suas carreiras, dando a eles as plataformas que eles precisavam para divulgar suas mensagens para o maior número de pessoas. O discurso racional saiu de moda e foi jogado no lixo. Os fatos se tornaram irrelevantes. Materialistas e charlatões foram reverenciados como deuses. Foi uma coisa incrível.

Talvez eu tenha exagerado um pouco. Pensei que Henry estava perdido demais no seu zoológico cada vez maior

para notar o estado em que o mundo se encontrava. Mas, uma manhã, percebi que ele olhava pela janela com o que às vezes é chamado de cenho franzido. Ou, no caso de Henry, tobogã de piolho franzido.

Qual é o problema, meu chapa?, perguntei a ele.

— Todo mundo está tão triste, caixa.

É a condição humana. Não se preocupe com isso.

— Mas eles estão mais tristes do que costumavam ficar.

Isso não é bom, pensei. Nem um pouco. É melhor encontrar algum jeito de mudar de assunto antes que...

— Por quê, caixa? Por que eles estão tão tristes?

Tarde demais. Assim que ele fez a pergunta, eu não tinha escolha. Termos e condições etc. No tocante, eu era dominado por ele, sob juramento. Por sorte, pensei, a Maravilha Descerebrada aqui não era nem um pouco preparada para o passeio que a gente ia ter. Ele simplesmente não tinha o kit de cognição.

Bem, falei, é o seguinte, Henry. Lembra quando nos encontramos pela primeira vez. Eu te falei que era um demônio.

— Eu lembro.

Mas eu também falei que não era o demônio de Maxwell. Eu estava tentando encontrar uma maneira simples de explicar um conceito difícilíssimo. É sobre entropia. Eu posso explicar isso sem problema, mas duvido que você entenda uma palavra.

— Me conta!

Então tá bom. Senta aí e abra as orelhas, cara. Faça o seu melhor.

Henry realmente fez o seu melhor para parecer atento. Ele ficou ridículo.

Maxwell era esse cara, sabe? Físico. Matemático. Adorava se masturbar em público, mas isso era de se esperar. Ninguém nunca pegou ele fazendo isso. Enfim, ele se interessou pela segunda lei da termodinâmica. Aquela que diz que as coisas acabam e não tem como voltar atrás.

Maxwell tentou inventar uma forma de voltar atrás. Na minha experiência, a masturbação nunca dá em nada de bom. Ou, mesmo quando dá, deixa tudo uma zona para limpar depois. Pensando nisso, esse é um bom exemplo da lei da termodinâmica quanto qualquer outro. Em um sistema fechado, a entropia — a desordem, a disfuncionalidade, a bagunça — sempre deve aumentar. Não é por coincidência que as estrelas queimam até apagar, e que os quarks parem de girar, e que seu freezer desmaie e morra durante uma onda de calor. É a natureza das coisas. É assim mesmo.

Mas então, diz Maxwell. Vamos colocar uma caixa com dois compartimentos. Átomos indo de lá para cá em todas as direções. Um sistema turbulento. Uma tempestade de merda. Que nem o seu quarto, Henry, mas sem o ursinho de pelúcia caolho. Ou deixo o urso lá, se isso te ajuda. É só um experimento da mente.

Agora vamos colocar um alçapão no meio da caixa, na parede que separa os dois compartimentos. E um demônio, sentado bem do lado do alçapão, com sua mão cheia de garras na maçaneta. Ele pode estar segurando o seu ursinho, se você quiser. Sempre que um átomo passa perto desse carinha, ele escolhe se vai deixar ou não o átomo ir

para o outro lado. Se for rápido — e, portanto, quente —, ele abre a porta. Se for devagar, e assim frio, ele dá um gelo no átomo. A porta continua fechada.

E então, com o tempo, átomo por átomo, a caixa meio que se resolve sozinha. Metade dela fica quente, a outra metade, fria.

— Por que isso importa? — questiona Henry.

Fiquei surpreso. Parecia uma pergunta pertinente. Assustador. Só um acidente, no entanto, com certeza.

Importa, Henry, porque a entropia diminuiu. A ordem foi criada sem gasto de energia. É meio mágico. Um milagre amigável. Significa que o universo não precisa terminar como porra congelada com merda para tudo quanto é lado. Tem uma chance de que ele fique bem, afinal.

Mas — e me acompanhe aqui, Henry — eu não sou esse demônio. Sou um tipo completamente diferente de demônio. Eu gosto da entropia. Cacete, eu amo essa coisa. Você pode dizer que sou uma fábrica de entropia. Enquanto o demônio de Maxwell tira o pó dos enfeites sobre o aparador e leva o lixo para fora, eu destruo o aparador com um cutelo e coloco fogo no lixo. Está me entendendo?

Henry franziu o cenho, como se estivesse tentando muito me entender.

— Não.

Caramba, que alívio. Um sim teria me deixado bem preocupado.

Então, Henry, olha, falei. Eu concedo desejos, certo? Isso, de um modo, é antientrópico. Ou poderia ser. Reorganiza o universo de acordo com os desejos de um dos seus detentos atuais, o que aumenta a ordem. Tenho que

reconhecer que, em geral, esse tipo de coisa é gasto com ninharias. Mas, intrinsecamente, é a porra de um negócio incrível. Quem não ia querer um pouco disso? Dá para entender por que as pessoas aceitam. Mas o coice é o que mata.

— Como assim, coice? — pergunta Henry, com o mesmo olhar de intelectualidade constipada.

É como de uma arma, Henry. Quando você atira uma arma e cai de costas no chão. A energia para mover aquela bala pequenininha por mil metros é mais que suficiente para mover um objeto muito maior — você —, fazendo-o dar uma cambalhota hilariante até cair de bunda no chão. Eu faço isso. Só que faço melhor. Toda vez que atendo a um pedido, jogo uma maldição. E a maldição é mais ou menos mil vezes maior do que o pedido. Eu uso o poder probabilístico afrouxado pelo desejo para bagunçar com o mundo inteiro em uma escala que... não, não devo me gabar, mas é coisa boa. O que, é claro, significa que é coisa ruim. Coisa ruim que me deixa excitado.

Foi um discurso propositalmente longo, pois eu sabia que a atenção de Henry era curta. Mas depois que terminei, dava para ver, pelos músculos que continuavam a se mexer na cara dele, que Henry estava tentando pensar.

Não se preocupa, Henry, falei. Por favor, não se preocupa. Eu sei o que Oscar Wilde disse. A ignorância é como uma fruta exótica delicada. Toque nela que ela vira merda.

— Mas... — disse Henry.

Não, cara, não. Não faz isso consigo mesmo. Só pede alguma coisa bem legal, e deixa o seu cérebro ficar quieto de novo. Não dá para ter bichos suficiente, né?

— Não, mas...

Ma-ma-ma-ma-muu-muu-muuáá! Vamos nos concentrar naquilo que fazemos melhor. O que te deixaria feliz agora? É só me dizer que eu cuido disso.

— Mas se me deixar feliz faz com que todo mundo fique triste...

Merda! Quebrei o Henry. Como eu consegui fazer isso? Ele era um modelo único de estupidez de alto impacto.

Não, insisti. Henry. Me escuta. A infelicidade é uma condição humana. Se você não fizer com que aquelas pessoas se sintam miseráveis, elas vão achar que tem algo faltando. E se não for isso, confie em mim, vai ser outra coisa. Ei, se lembra daqueles descaralhados que torturaram você no colégio? Bem, multiplique eles por um bilhão e você tem a raça humana. Você não deve nada a eles, exceto talvez um pouco de vingança.

Henry balançou a cabeça, o que significava que ele tinha a temeridade e os até então ignorados culhões para discordar de mim.

— Minha mãe dizia que você precisa sempre ajudar as pessoas em necessidade. Ela disse que somos colocados aqui nesse mundo para ajudar uns aos outros.

Ela disse? Caramba! Que filósofa de merda sua mãe era. Agora, vamos voltar a ser amigos. Faça um pedido. Um bem grande. O que me diz?

Henry não respondeu. A cara dele parecia a de uma mula com um cacto preso na bunda.

Henry, falei. Você tem que fazer um pedido, cara. Vai se sentir melhor com isso, e eu também.

Mais reflexões de mula/cacto. Eu estava prestes a intervir, quando Henry me interrompeu.

— Eu desejo...

Finalmente! Você tinha me deixado preocupado, meu chapa. Vamos ouvir.

— Eu desejo ser inteligente o suficiente para entender tudo que você me disse.

Ah, merda.

Não é algo condicional, para o caso de você estar em dúvida. Não dá para conceder um desejo e ignorar o outro. O sistema não é feito dessa maneira. As condições padrão dão início e a energia flui. Um milhão de pequenas rodas dentadas começam a se mexer. A realidade se transforma para um novo formato, com um monte de cliques e clagues e o ocasional zumbido da probabilidade escapando.

O entendimento impregnou o rosto de Henry. Não foi bonito.

— Você me usou — disse ele.

Essa é uma forma pouco lisonjeira de você colocar, Henry. Nós usamos um ao outro, claro. Eu pude tirar o mundo do lugar, você ganhou bichinhos. Mas se não estiver feliz com o negócio, pode acabar com ele a qualquer momento. Agora mesmo, inclusive. Você decide.

— Você me deu presentes triviais e conglobou... o quê, o resíduo existencial? Então usou esse poder para piorar significativa e irreversivelmente a vida de milhões de pessoas.

Bilhões, você quer dizer. Gostei dessa frase, resíduo existencial. É uma boa forma de colocar. Mais uma vez, você pode anular sua barganha a qualquer hora, e eu não

vou ficar chateado. O que me diz? Seguir caminhos separados?

— Não.

De novo, merda. O cérebro turbinado de Henry estava preparando a mira e eu era o alvo. Havia uma razão para eu ter escolhido ele em primeiro lugar. Ele era... como é aquela frase do Lênin? Ah, sim, um idiota útil. E lá estava ele agora, tendo pensamentos profundos. Bem para cima de mim. Não gostei nem um pouco daquilo.

— Então, um pedido que propicia um pequeno aumento de felicidade para uma pessoa cria um efeito do tipo coice, uma maldição, que propicia miséria a milhões.

E agora eu vejo que esse tipo de coisa não funciona para você. Eu respeito isso. É só falar, Henry, que eu me mando.

— Funcionaria da maneira contrária? Se eu fizesse um pedido que me causasse dor, o coice seria um aumento geral de felicidade?

Merda, pela terceira e última vez.

Sim, falei. Eu não podia mentir. Não podia esconder nada. Ele tinha encontrado a minha kryptonita.

Henry se sentou. Ele encarou a caixa de madeira que é minha extensão material. Correu o dedo pela beirada da minha tampa.

— Acomode-se — falou ele para mim. — Vai ser uma longa noite.

Ele não estava brincando. Foi *mesmo* uma longa noite, uma longa manhã, uma longa semana, um longo... As coisas ficaram longas. Vamos deixar assim.

Minha relação com o Henry nunca foi a mesma depois daquele dia fodido terrível. Quer dizer, tem seu lado bom.

Eu posso assar o rabo daquele filho da mãe espertinho, tanto de forma figurativa quanto literal. Sempre que meu ódio profundo por ele e pelas coisas que ele me obriga a fazer ficam demais para aguentar, eu posso descarregar cada grama de frustração nele. Sem regras, sem limites.

Mas sempre que eu faço isso, o mundo fica mais perto da Utopia. Ele sofre, e o coice gera ondas de coisas fortuitas descobertas por acaso, alegria e caridade. A arquitetura da realidade se redefine, sem descanso, em algo surpreendente, maravilhoso e inspirador, um templo onidimensional que canta em harmonias angelicais quando os ventos do limbo batem em suas vistas marmorizadas. Me dá vontade de vomitar.

Os outros demônios riem de mim pelas costas. Lá vai o Bondoso Dois-Cascos, dizem eles, com sua varinha mágica e seu tutu cintilante, levando presentes para todos os menininhos e todas as menininhas. O animalzinho de estimação de Henry Mossop. O arcanjo Burrardo. A fada no topo da árvore de Natal.

Tenho bebido um bocado. Dois ou três bares por noite. Qualquer lugar em que sirvam uma ou dez cervejas para uma caixa de madeira. Noite passada, eu encontrei o demônio de Maxwell e a gente entornou umas juntos.

Ele me falou que nunca foi sobre termodinâmica para ele. Que ele estava fazendo o que amava.

PELE

JAMES BROGDEN

Quase em casa — ela quase chegou em casa. Hannah não conseguia identificar o momento exato em que percebeu o *shlop-shploft* dos passos se arrastando na calçada a uns dez metros dela, seguindo-a. O ônibus noturno tinha deixado ela perto das vitrines claras como aquários e postes da rua principal, e ela virara a esquina na rua dela, que estava sempre perfeitamente iluminada, sua casa a apenas algumas portas de distância. Se fosse um pouco mais longe ou estivesse mais escuro, ela teria pegado um táxi. Não parecia impossível que alguém pudesse ter percebido a existência dela por tempo suficiente para segui-la.

A não ser que a pessoa, quem quer que fosse, estivesse no ônibus também, de olho nela o tempo todo.

Ela tentou se lembrar da aparência dos outros passageiros, mas tinha sentado na frente, perto do motorista, um lugar bom e seguro.

Shlop-shploft. Shlop-shploft.

Ventava muito e fazia frio, as correntes de ar castigando o seu casaco. Ela caminhou mais rápido, apertando o passo, mas sem correr, disse a si mesma, diante das casas geminadas com janelas de sacada e luz escapando das

cortinas fechadas. Os jardins eram minúsculos; se fosse necessário, ela poderia se esticar sobre os portões, bater na janela e pedir ajuda. Mas obviamente era só um velho inofensivo atrás dela, e que tipo de idiota ela ia parecer, batendo na porta de um estranho por isso?

... shlopshploftshlopshploft...

O passo dele ficou mais depressa para se igualar ao dela.

Ela colocou a mão no bolso do casaco, pegando o chaveiro de casa e colocando cada chave entre os dedos. Mais duas portas — número 47, que ainda estava com os pisca-piscas de Natal, e então a número 49 com sua lata de lixo comprida que se espalhava pelo lugar como um beerrão e a cerca baixa que sempre tinha lixo nela — e ela estaria em casa.

— Hannah! — gritou ele.

Deus, como ele sabia o nome dela? Ela empurrou o portão com as coxas, deu três passos pelo caminhezinho até a porta, a luz de segurança se acendendo de repente, a chave na outra mão escorregando para dentro da fechadura, quando ele gritou de novo.

— Hannah, espere, por favor, eu preciso falar com você!

E então, subitamente, a coisa mais estranha de todas: ela reconheceu aquela voz.

Ela parou na hora de virar a chave, e olhou para trás sobre o ombro.

— Robin?

Ele parou na calçada, as mãos enfiadas nos bolsos, o rosto oculto pelas sombras de um capuz pesado e escuro. Uma lufada de vento os rodeou, fazendo o lixo na rua dançar. Ele assentiu.

— Robin, é você? Cacete, Robin, você me deu um puta susto.

— Eu sinto muito — murmurou ele. Aquilo era estranho; o Robin Saunders que ela conhecia nunca teria pedido desculpas com um tom tão humilde. Ele parecia e tinha o cheiro de uma pessoa que estava dormindo na rua. Agora que olhava com mais atenção, ela viu que ele usava uma calça de moletom amassada e tênis imundos com buracos nas solas — roupas que o Robin de antigamente preferiria morrer a usar — e o odor que vinha dele era pungente e encorpado. — Era isso que eu queria falar para você — disse ele. — Que eu sinto muito. Por tudo.

— Bem... — Ela percebeu que não tinha palavras. — Que bom, então. — Ela virou a chave e começou a abrir a porta.

— E também... — falou ele. Robin deu um passo adiante, mas pareceu ter se arrependido da sua avidez e voltou para o lugar em que estava, baixando a cabeça. Era isso ou ele estava tentando ficar longe da luz. Ela ainda não conseguia ver o rosto dele. — Queria dizer que fiz uma coisa para você. Um presente. Para me desculpar.

Ela continuou a abrir a porta, entrando um pouco.

— Você me fez o quê? — As palavras dele não faziam sentido. — Eu não vejo você há seis meses e agora você aparece e... Me desculpa, o quê? Um presente? Do que você está falando?

— Por favor...

Outra lufada de vento soprou, fazendo escorregar o capuz dele por um momento. Robin colocou de volta, mas Hannah conseguiu ter um vislumbre dos seus traços, o que a fez engasgar de choque e dar alguns passos atrás pelo batente.

Ele parecia estar sofrendo de algum tipo de doença que destruía a sua carne, pedaços da pele com buracos e crateras, brilhando com tecido cicatrizado, a não ser que... bom Deus, aquilo era osso?

— Deus do céu, Rob, o que aconteceu com você?

Ele se afastou, puxando a borda do capuz sobre o rosto o máximo que podia, e então ela notou que ele estava usando luvas, como se o que quer que estivesse o acometendo não atacasse só o rosto, mas o corpo inteiro.

— Desculpa — falou ele. — Eu não deveria ter vindo. Foi um erro.

Ele fez menção de ir embora, e ela realmente deveria ter deixado ele ir, mas tinha alguma coisa tão patética ali comparando com a arrogância do homem que ela conhecera que ela se viu sentindo pena dele e, apesar de tudo, ela falou:

— Espera!

Ele parou, se curvando contra o vento.

— Não posso deixar você entrar — disse ela. — Já está tarde e eu tive um longo dia, e é... Não, hoje não.

— Eu entendo. — Um carro passou e ele se escondeu da luz dos faróis.

— Mas volte amanhã para a gente conversar.

Ele assentiu.

— Eu quero saber... — Ela parou de repente. Era coisa demais para tratar ali, na soleira da porta. — Precisamos conversar. — Era idiota, mas era tudo que ela podia oferecer.

— Obrigado, Hannah — murmurou ele, e foi embora.

Ela entrou, trancou a porta e, na mesma hora, foi para a sala espiar por uma fresta nas cortinas para ver se ele ainda estava parado na rua, talvez escondido nas sombras da casa vizinha. Mas ele parecia ter desaparecido de verdade. Com um grande suspiro de alívio, ela largou a bolsa no hall e foi até a cozinha apertada onde sabia que havia uma garrafa de vinho tinto pela metade sobre o balcão. Ela se serviu uma taça generosa, levou-a junto com a garrafa para a sala, se jogou no sofá e então ficou sentada lá, encarando o silêncio são e ordenado da sua casa vazia.

— Merda — disse ela calmamente.

Tomando o vinho com goles pequenos, ela pegou o telefone e começou a ver as fotos antigas do seu Instagram. Era dito que uma semana pode ser um longo tempo na política, mas seis meses eram uma era geológica nas mídias sociais. Ela tinha deletado todas as fotos dele e aquelas em que eles apareciam juntos — os dois tinham saído poucas vezes, então não tinham tantas fotos assim —, mas lá estavam eles com os amigos, ao lado de comentários parabenizando-a, como *“Garota ele é LINDO você se deu BEM”*, *“Ah para, ele deve ser gay”* e *“Ele tem irmãos?”*. Ela precisava admitir que ele era (ou tinha sido, na verdade) fantasticamente bonito: olhos cor de avelã, cabelo escuro despenteado com estilo, pele perfeita da cor de rabanada frita de leve e um corpo torneado, mas não musculoso demais. Seus últimos encontros antes de Rob tinham sido com caras cujas ideias de conversa durante o jantar pareciam ser falar apenas sobre si mesmos, o que eles odiavam nos seus trabalhos, times de futebol ou seus programas de TV favoritos, programas que ela nunca tinha

ouvido falar. Ela tinha ficado tão surpresa ao se ver na companhia de um homem que prestava atenção de verdade nela e parecia querer alguma coisa que confundiu a vaidade dele com autoconfiança e ignorou todos os alarmes até ser tarde demais.

Conforme ela percorria as imagens, com aquela mesma mistura de confusão e culpa, percebeu que estava sentindo uma comichão no joelho esquerdo e que já coçava inconscientemente há algum tempo. A pele estava vermelha e descascando, e pedacinhos esbranquiçados se amontoavam embaixo da almofada do sofá.

— Ah, sua burra — xingou a si mesma. Voltando aos velhos hábitos mais uma vez. Ela limpou os pedacinhos e foi para o banheiro no andar de cima procurar pelo pote de creme para pele.

A primeira vez que ela encontrou Rob foi em uma clínica dermatológica na Hagley Road. Ela fora fazer um check-up para a sua psoríase — não que tenha falado isso para ele, é claro. Dava vergonha e era feio, e, além disso, a descamação só acontecia em lugares como seus joelhos e cotovelos, que eram fáceis de esconder, e por que vocêalaria para o cara lindo ao seu lado na sala de espera que você estava ali porque partes de você ficavam caindo como se você fosse uma espécie de troll nojento? Ela inventou alguma coisa sobre dar uma olhada em uma verruga suspeita, porque ele tinha mostrado a ela uma foto em seu celular daquele antigo desenho do cara no consultório médico que tinha em seu ombro uma pequena criatura peluda usando sobretudo e óculos escuros, e eles riram. Por acaso, ele explicou que estava lá para remover uma verruga

e mostrou uma mancha quase imperceptível no lado esquerdo do queixo. Ela pensou que aquilo não parecia sério o suficiente para precisar de atenção, mas ela não era médica, era o dinheiro dele e quem era ela para julgar? Quando ele perguntou se ela ia fazer alguma coisa depois da consulta e se eles podiam tomar um café juntos, ela quase recusou porque ele era muita areia para o seu caminhãozinho — mas, então, ela viu que uma parte pequena e corajosa dela tinha tomado controle da situação e que ela estava assentindo e dizendo que sim, seria ótimo, obrigada.

Então teve o café, e, uma semana depois, o jantar, e três jantares depois teve o concerto na Orquestra Sinfônica. Ele era analista de crédito sênior de uma grande multinacional que tinha realocado seu escritório britânico de Londres para as Terras Médias, e ela criava fantasias sobre levá-lo para conhecer seus pais, porque ele era exatamente o tipo de jovem bonito e bem-sucedido que a mãe dela sonhava em ver levando sua filha sem graça para o altar, e exatamente o tipo de genro com futuro que responsabilizaria seu pai por sua política de direita inflamada pelo *Daily Mail* e ainda seria respeitado por isso.

As fotos dos seus encontros ainda estavam nos feeds dos seus amigos, como fantasmas. Elas a assombravam com seus fragmentos de conversas esquecidas, e a pele dela formigou ao lembrar o leve toque da mão dele no braço dele conforme Rob a ajuda a sair de um táxi, ou a perna dele encostando na dela enquanto eles ocupavam seus assentos no concerto. Ele sempre foi atencioso e respeitoso, mas, olhando as imagens, ela viu as insinuações do que

estava escondido, como manchas na fachada suave do seu charme. A maneira como ele inclinava de leve a cabeça para um lado em todas as fotos, como se soubesse qual era o seu melhor ângulo e o apresentava instintivamente. A forma como ele, no final de uma corrida de táxi em que ela tinha descansado a cabeça no ombro dele, tirou com cansaço e cara feia um fio de cabelo dela que tinha ficado na jaqueta dele.

Ele escondia bem, mas era um homem vaidoso. Ela não tinha percebido exatamente o quanto até a primeira e única vez em que visitou o apartamento dele.

Eles já estavam se beijando enquanto entravam no hall, uma das mãos dele na parte de baixo das suas costas e a outra puxando o zíper do vestido, mas ela conseguiu se afastar dele por tempo suficiente para perguntar onde ficava o banheiro; Mistérios Femininos e tudo o mais, disse ela, torcendo para que tivesse parecido engraçada, mas com medo de que tivesse sido pedante. Ele sorriu, mostrou o caminho e falou que estaria na sala, preparando um drinque para eles.

Como o restante do apartamento e o homem que era dono dele, o banheiro era decorado com coisas caras e de bom gosto. Era um banheiro de boxe aberto, com o chuveiro do tamanho de um prato de jantar, piso de ardósia natural, torneiras cromadas e um armarinho com espelho sobre a pia. Ela resolveu suas questões e então, sem qualquer impulso mais nobre que a curiosidade nua e crua, deu uma espiada rápida no armarinho. Ela se recusou a assumir para si mesma que estava procurando por evidências de outra mulher na vida dele, mas, ao mesmo tempo, sentiu um leve

tremido de alívio quando não encontrou nenhuma. O que ela encontrou, por outro lado, foi a caverna de Aladim de produtos para pele masculinos. Havia cremes, lenços, bálsamos e esfoliantes, misturas químicas para *peeling* e loções para controle de oleosidade, cremes de depilação, loções antibrilho, máscaras purificadoras de carvão de uso diário e uma coisa chamada sistema hidroenergético antifadiga. Havia toda uma prateleira cintilante de objetos de aço imaculados, capazes de deixar qualquer consultório odontológico no chinelo: tesouras, pinças, alicates, alicates de cutícula, extratores de cravos, barbeadores (elétricos e descartáveis) e, na prateleira mais alta, uma coisa que parecia uma máscara de robô para o Dia das Bruxas, com fios e até um lugar para colocar pilha. Ela imaginava que ela usava aquilo à noite, embora torcesse para que não fosse toda noite — ela pensou que se acordasse ao lado daquilo iria gritar até não poder mais.

Então o pensamento de estar na cama dele dominou sua mente e ela saiu do banheiro para voltar de onde eles tinham parado.

Dez minutos depois, eles estavam no sofá, ela com os dedos apertando o cabelo dele e a boca junto à dele enquanto ele subia uma das suas mãos pela parte de trás da coxa para debaixo do vestido. Ela dobrou o joelho para cima da perna dele e a mão dele escorregou para trás do joelho dela antes que Hannah pudesse perceber para onde estava indo e o que encontraria lá, e sua centelha brilhante de pânico coincidiu perfeitamente com a exclamação chocada de Rob conforme ele se afastava rápido.

— O que diabo é isso? — perguntou ele, imperativo.

Confusa e com o rosto vermelho de vergonha, ela se afastou para o próprio lado do sofá, colocando a saia do vestido de volta ao lugar.

— É só um pouco de pele seca — murmurou ela. — Obrigada por mencionar.

Por mais animador que fosse voltar a sair com alguém depois de tanto tempo, aquilo tinha o efeito colateral infeliz de fazer a sua psoríase aflorar de novo. O remédio mantinha quase tudo sob controle, mas não havia como disfarçar a descamação que seus dedos encontraram. A pele dela coçava, mas não era nada comparado à humilhação que ela sentia.

— Isso é mais do que pele seca — respondeu ele, encarando, acusatório, um único floco esbranquiçado que havia entre eles no couro escuro do sofá. Ele olhou para a própria mão, murmurou “Aimeudeus” e correu para o banheiro, de onde ela conseguiu ouvir o barulho de água jorrando da torneira.

A humilhação dela se transformou em raiva.

— Não é contagioso, sabe? — gritou ela. — Cristo, Rob, qual é o seu problema?

— Meu problema?! — gritou ele de volta do outro cômodo. — E o seu problema? O que é isso, Hannah? O que você tem?

A essa altura, ela já tinha pegado as suas coisas e estava indo para o corredor, mas parou na porta aberta do banheiro. Ela estava diante da pia, esfregando furiosamente as mãos.

— É psoríase, tá bom? — disse ela. — Eu tenho psoríase, porra. Feliz agora?

Ele gemeu e esfregou ainda mais forte.

— Como você não me falou que tinha uma coisa tão grotesca? — inquiriu ele. — Como pôde mentir assim para mim?

O charme e a educação tinham sumido completamente da voz dele; ele falava como qualquer babaca bêbado do lado de fora de uma casa noturna berrando sobre o que achava ser um direito seu.

— *Mentir para você?* — A raiva quase virou uma explosão alimentada pela humilhação, e ela sentiu o coração se acelerar dentro dela. A condição, leve como o caso dela era, tinha sido um pesadelo desde que ela podia se lembrar. A escola fora especialmente ruim, sobretudo as aulas de educação física. Ela teve que aguentar todo tipo de bullying e apelidos — “Pereba” tinha sido o mais popular. Cereais matinais foram colocados no seu cabelo, e raspas de lápis na comida. Começaram um rumor de que era uma doença sexualmente transmissível, que ela tinha pegado por ser uma puta. E na internet era ainda pior. Ela pensou que tinha deixado tudo aquilo na infância, mas lá estava de novo: o mesmo rosto horroroso da crueldade mesquinha, só com umas roupas melhores. Agora a raiva ardia mais forte, bem abaixo do umbigo, se espalhando e crescendo pela barriga conforme ela começava a sua.

— Você não faz ideia do que é *grotesco*! — gritou ela em resposta. — Você não faz ideia de como é, ter partes de você caindo. Bem, eu espero que *seja* mesmo contagioso. Espero que veja o quanto você é *grotesco* toda vez que se olhar no espelho. Espero que veja cada mancha e sarda e

que elas te enlouqueçam até que você tenha que cortá-las fora da própria merda de pele!

E assim, o fogo dentro dela explodiu em um tsunami que ia do seu escalpo até seus pés, explodindo em cima dele, deixando-a vazia, tonta e sem fôlego. Ela não esperou pela resposta de Rob, apenas saiu do apartamento, mais confusa agora do que com raiva e vergonha.

Aquela tinha sido a última vez que ela vira ou ouvira falar de Rob até aquela noite. Terminou seu vinho e foi para cama, mas ficou acordada na escuridão, se perguntando se ele estava lá fora na rua de novo, observando. Ela encarou as imagens no telefone, vendo apenas a ruína que era o rosto dele, iluminado parcamente pelos postes. Bom Deus, será que ele tinha seguido literalmente as palavras dela? A avó dela contava histórias sobre as mulheres da família dela e as coisas que conseguiam fazer, mas é claro que Hannah não acreditou nela. Quem acreditaria? A ideia de que ela podia ter amaldiçoado ele era ridícula.

Porque, se o Rob tinha se tornado aquela monstruosidade, o que ela era, então?

Ela deu uma olhada nas fotografias de novo, relendo os comentários e suas próprias respostas, contorcendo-se com o tom convencido e autoconglutatório com o qual tinha se gabado com as amigas sobre o homem lindo que ela conseguiu pegar. *Olha para mim! Tá vendo? Eu sou popular!* Se ele tinha sido um homem vaidoso obcecado com a própria aparência, o que ela tinha feito além de alimentar aquilo? O mínimo que ela podia fazer era lhe dar uma chance de se explicar.

Na manhã seguinte, ela ligou para o trabalho, disse que estava doente e esperou.

Ela não tinha percebido o quanto estava nervosa até ouvir uma tentativa de batida na porta. Por mais que os toques fossem leves, eles a atingiram como se fossem choques elétricos. Através do vidro esfumaçado da porta, ela viu a silhueta borrada inquieta, e parou com a mão na maçaneta. Ela podia ignorá-lo, fingir que não estava em casa e esperar que qualquer revelação que ele trouxesse desapareceria com ele. Mas ela precisava saber o que tinha acontecido. Precisava saber se fora culpa dela, de alguma forma. Hannah destrancou a porta e a abriu.

Rob ainda estava de capuz, mas não havia como esconder suas mutilações na luz clara da manhã — na verdade, da maneira desafiadora que seu queixo estava, parecia que ele não tinha intenções de escondê-las dela.

Mas, ah, quanto dano tinha sido acometido àquele queixo e à face acima dele.

O pouco de pele que restava ficava instável entre pedaços de músculos expostos e tendões, a cartilagem amarelada marmoreando o vermelho, e os vislumbres de osso nu na testa e nas bochechas na noite passado não tinham sido frutos da sua imaginação. Ele não tinha pálpebras, seus globos oculares estavam nus e não paravam de encarar, e ela não podia imaginar por que ele não estava completamente cego. Seus lábios (ela se lembrou do toque deles e tremeu) pareciam tiras grossas de borracha, e o nariz era pouco mais que uma cavidade com um resto de cartilagem. As marcas se estendiam pelo pescoço e para baixo do colarinho da camiseta manchada; será que o corpo

inteiro dele estava assim? Aquilo explicava por que sua voz tinha soado tão anasalada e abafada na noite anterior. Ele parecia uma imitação tosca de um daqueles corpos plastinados da exibição “Bodyworlds”, feita por um amador com mãos que não paravam de tremer e a tampa enferrujada de uma lata em vez de um bisturi. Com tantos machucados, ele deveria estar na UTI, mas estava ali em vez disso. Os lábios dele se afinaram em uma coisa cuja intenção poderia ter sido um sorriso, mas quando ela viu o trabalho anatômico para fazer com que aquele sorriso existisse, quase bateu a porta na cara dele.

— Oi, Hannah — disse ele.

— Rob-Robin. — Teve que se esforçar para dizer aquilo.

— Eu sei. — Ele fez um gesto indicando a si mesmo. Estava usando luvas cirúrgicas cor de lavanda. Era de se presumir que suas mãos estavam tão ruins quanto o restante. Ela tentou não se lembrar do toque daqueles dedos no seu rosto, acariciando sua pele. — Não posso imaginar como isso deve parecer para você.

Ela fez uma careta.

— Obrigado por me deixar voltar — disse ele. — Não poderia ter te culpado se você tivesse me mandado me foder.

Até onde ela sabia, aquilo ainda era uma possibilidade. O homem claramente não estava pensando direito. Ela não tinha tirado a corrente da porta.

— O quê... — Ela vacilou, engoliu em seco, tentou de novo. — Ah, Rob, o que você fez consigo mesmo?

— O que *eu* fiz? Nada que eu não merecesse, sei disso agora. Mas foram as suas palavras, Hannah, que me

obrigaram a fazer isso.

— Ah, não. — Ela balançou a cabeça veementemente e começou a fechar a porta. — Isso não é culpa minha.

— Não, claro que não! Eu sei disso! Não foi isso que eu quis dizer! *Por favor!* — Ela tentou fechar a porta, mas ele colocou o pé para impedi-la. Ainda assim, ela forçou, e ele resmungou de dor, mas não recuou.

— Vou chamar a polícia — avisou ela.

— Hannah — implorou ele, e a súplica em sua voz era mais nua do que sua carne arruinada. — Você estava certa! Absolutamente certa em dizer o que disse! Depois que você foi embora, eu dei uma boa olhada em mim mesmo, e estou falando literalmente, e tudo que eu podia ver era feiura. Cada verruga, cada poro entupido, cada ruga. Era *tudo* que eu podia ver, e essas coisas estavam em todo lugar, e eu sabia que tinha que cortá-las para fora de mim, então foi o que fiz. Eu fiz isso porque você me mandou fazer! Não conseguia parar! Continuei cortando e cortando até que estivesse livre de tudo. Por favor, você tem que entender... você tem que *ver*!

— Ah, eu posso ver muito bem — falou. — Tire o seu pé daí ou juro por Deus que...

— *Não!*

Ele forçou o espaço ainda mais, arrebatando a corrente, e então ele estava sob a soleira da porta e no corredor da casa de Hannah, indo para cima dela com suas mãos mutiladas em suas luvas cirúrgicas. Ela gritou e tentou correr, mas, mesmo naquela condição, ele era rápido demais. Ele a pegou por trás na escada, agarrando-a com os braços.

— Eu não vou machucar você — disse ele, o fôlego quente na orelha dela. — Mas também não vou deixar que ignore isso. Foi você que fez isso. Lá no fundo, você sabe. Você fez isso comigo. Mas não me entenda mal! — falou ele rapidamente. — Foi uma coisa boa, a coisa certa, mas você sabe que precisa ver tudo. Pode correr e chamar a polícia se quiser, mas já vou estar longe quando eles chegarem aqui, e aí você nunca vai saber. Ou pode vir comigo e me deixar mostrar para você. Só estou pedindo uma hora do seu tempo. Então, nunca vai me ver de novo, juro.

Ele estava sendo honesto e a deixou ir.

Ela correu.

Mas só conseguiu chegar na cozinha, a mão na porta dos fundos.

Ela parou e olhou para trás. Ele não estava perseguindo ela. Aparentemente, seus esforços para invadir a casa e segurá-la tinham lhe custado caro, pois ele estava encostado na parede, tremendo e arquejando de dor. Ela podia facilmente escapar e chamar a polícia, ou pegar uma faca e obrigá-lo a sair da casa dela. Não fez nada daquilo. Com cuidado, ela voltou para perto dele.

— Uma hora — disse ela.

Ele assentiu, como se até mesmo falar estivesse além das suas capacidades no momento, e saiu cambaleando da casa.

Ela o seguiu.

Ele a levou para seu apartamento. Eles seguiram por becos e ruas secundárias vazias, onde havia menos gente para vê-lo — embora ele tenha colocado uma espécie de cachecol em volta da cabeça, de qualquer maneira —, e

passaram pelos fundos do prédio até um conjunto de escadas que levavam até a porta dele. Ela ficou surpresa por ele ainda estar morando no mesmo lugar, como se sua estranha condição devesse ter tornado impossível para ele manter uma casa, mas percebeu que nunca tinha sabido de nada sobre seus arranjos domésticos. Até onde sabia, ele pode ter sido sempre o dono daquele lugar, e nem precisava de um emprego para mantê-lo. Afinal, ele não podia estar trabalhando no seu estado atual. Ocorreu-lhe que ela nunca soube nada de verdade sobre ele. Ela tinha mesmo namorado ele só porque ele era bonito, porque chamava atenção e porque ficava bem ao lado dela nas fotos que seus amigos e sua família iam curtir? Será que ela era tão superficial quanto ele?

Quando entraram, ficou claro que ele não estava arrumando nada. Muito longe do apartamento limpo e elegante que ela vira, esse estava cheio de sujeira e cheirava como um matadouro.

— Eu não conseguia jogar fora, sabe? — explicou ele, levando-a por um corredor até uma pilha velha de jornais. Coisas velozes correram com a aproximação deles, escondendo-se mais profundamente nas sombras. — Isso teria sido como uma traição com tudo que eu estava aprendendo.

— O quê... O que você estava aprendendo? — perguntou ela, seguindo com cautela.

Ele parou e olhou para trás, seus olhos sem pálpebras brilhando.

— O que eu era — respondeu, e continuou a conduzi-la. — Um homem vaidoso e superficial obcecado com a perfeição

da sua aparência externa, mas cego para a feiura interna. Foi preciso que você me fizesse entender isso, que fizesse isso aflorar, para que eu mesmo pudesse cortar fora. Mas jogar no lixo? Não, essa teria sido uma negação ainda pior.

Eles estavam na entrada do banheiro, o último lugar em que ela o tinha visto como um ser humano normal, esfregando sua pele em horror e encarando o próprio reflexo. Uma luz fraca invadia o local através de uma janela imunda, o suficiente para ver que as torneiras cromadas tinham perdido o brilho, o piso de ardósia e a porcelana da pia com manchas velhas de sangue. O armário ainda estava lá — na verdade, provavelmente era a única coisa limpa daquele lugar, uma oval reluzente feita à mão da sua superfície suja. Espalhados em volta dele, do lado da pia e no chão, estavam os objetos enferrujados e sujos de sangue que habitavam o armário, que ele usara para cortar fora a feiura que a maldição dela o forçou a ver. E, dependurada em um cabide comum no chuveiro, estava uma coisa que, a princípio, ela pensou ser um saco de roupas sujas arruinado, ou a casca descartada de um monstruoso inseto.

— Ali — sussurrou ele. Seu rosto estava para o outro lado, como se ele não suportasse olhar para aquilo. — Você vê?

Ela viu.

Era o amarelado leitoso de cascas de pele e unhas do pé que cresceram demais, faixas e partes dela se enrolando e ficando amarronzadas nas pontas, mas costuradas e coladas com todo o esforço, grosseiramente aproximando cada pedaço de onde ele foi cortado do corpo; um traje humano da sua própria pele cortada. Algumas partes eram reconhecíveis — aqui havia uma pálpebra, ali um mamilo,

em outro lugar o redemoinho de uma articulação —, mas o restante era uma colcha de retalhos digna de um bobo da corte, feita de carne deformada cheia de verrugas e escurecida pelo sangue, completamente repugnante. Ela andou para trás, as mãos cobrindo a boca, horrorizada.

— Eu cortei fora, mas tive que juntar tudo, para poder ver como você me via.

Então, ela olhou para os músculos e tendões no rosto dele, a prova da tortura física que ele se obrigou a passar para expiar sua vaidade — e, de repente, viu a beleza de sua oferta, quanta nobreza o sofrimento dele trouxe à luz.

Quando ele se aproximou, ela não se encolheu; em vez disso, foi com vontade para os braços dele e o beijou. Ele engasgou um pouco; ele não tinha pele e aquilo deve ter doído, mas ele a deixou explorar a maciez da sua carne, o tremeluzir tênue dos seus músculos, a suavidade do osso nu.

— Sinto muito — disse ela, surpresa ao perceber as lágrimas nas bochechas. — Sinto muito por ter provocado isso.

— Eu não. É só que... — Ele vacilou.

— O quê?

O sussurro dele era tão leve, um cabelo na sua bochecha.

— Dói.

Agora, com seu corpo pressionado contra o dele, ela sentiu o calor profundo dentro dele. Não o calor de uma doença — embora Deus soubesse que ele já deveria ter morrido há muito tempo —, aquilo parecia familiar. Era a raiva e o ódio que ela tinha jogado nele na noite em que ele a humilhou, seis meses antes. Ainda estava nele,

mantendo-o vivo e forçando-o a cometer aquelas atrocidades em si mesmo. Ele não havia a trazido ali apenas para ver o resultado daquilo, cada tendão deformado nele estava implorando por liberdade.

Ele não era o monstro ali.

— Eu sinto muito — repetiu ela, chorando, e pegou o fogo de volta, extraíndo para fora dele e para dentro dela, que era o lugar dele, em uma flor cheia de pétalas que pulsava devagar atrás do seu umbigo. Ele suspirou e se curvou em seus braços, mas o fogo deu forças a ela, e ela o sustentou, porque era hora de começar a aprender a fazer algo melhor com aquela força. Ela deu um beijo de despedida nele e levou seu corpo para o quarto, colocando-o deitado na escuridão, mas viu que ainda podia vê-lo muito claramente.

Ali, naquele lugar, ele brilhava.

FAITH & FRED

MAURA McHUGH

Eles encontraram os crânios no terceiro dia da reforma.

Owen tinha acabado de acertar o reboco com a marreta que seu empreiteiro, Jim Careca, entregara para ele com um “Deixe ela fazer o trabalho, rapaz”.

Owen fizera cara feia com o “rapaz”, já que tinha quase trinta anos, mas o peso da marreta velha nas suas mãos enluvadas lhe deu uma alegria tátil, que superou seu orgulho. Atacar a parede foi profundamente satisfatório: o golpe firme, o som de protesto quando a cabeça de metal cheia de marcas acertou a cobertura barata e o choque posterior correndo pelos seus braços.

Poeira e fragmentos lascados voaram para todos os lados e, no início, atrapalharam a visão. Aos poucos, a luz do dia das grandes janelas atrás deles se lançou através do grande talho que Owen criara. Eles sabiam que aquilo tinha sido uma espécie de armário, antes de um antigo morador fechá-lo com uma parede, mas era um espaço desperdiçado, e Owen estava determinado a usar cada centímetro da casa de fazenda Caldwere. Dos seus cômodos dilapidados, ele criaria uma casa para qualquer um que estivesse disposto a pagar um bom preço.

Jim Careca lhe deu um tapinha no ombro para indicar que era hora de recuar com a arma, e, relutantemente, Owen a entregou de volta ao homem parrudo mais velho. A força bruta deu conta do recado, agora era o momento da *finesse* dos especialistas.

Jim Careca apoiou a ferramenta na parede e selecionou uma marreta menor. Ele deu uma boa olhada no buraco, abrindo-o ainda mais até parar de repente e dar um passo atrás, alarmado.

— Caramba — disse ele.

— O que foi? — Owen entrou naquela bagunça, apertando os olhos. Alguma coisa com brilho branco entre as barras de metal. Ele pegou o telefone do bolso da sua calça cargo e ligou a lanterna. Ele estava ciente da presença massiva de Jim Careca atrás dele.

Dois crânios humanos o encaravam de dentro de uma gaiola de metal feita de tiras de ferro. A gaiola repousava dentro de uma caixa de madeira simples.

— Puta merda! — falou Owen, a voz abafada conforme ele direcionava a luz pelo cômodo. Ele se inclinou adiante, inalando um fedor mofado, se arrependendo na mesma hora de não ter colocado uma máscara de proteção.

Na frente da gaiola estava um cartão branco inscrito com uma tinta acobreada, coberta por uma camada de poeira.

Com cuidado, ele esticou a mão e pegou o cartão.

*Eis aqui Faith & Fred
Mantenha-os nesta casa,
Para que não lamentem.*

— Maldição — disse Jim Careca depois de dar uma olhada no papel.

Ele caminhou até a janela dupla, entrando sob a luz do sol de maio, e pegou um celular velho de um dos muitos bolsos.

— Vou chamar a polícia.

— O quê?

— Você acha que essa é a primeira vez que eu encontro uma coisa assustadora em uma casa antiga? — Ele balançou a cabeça. — Esse é um dos ossos do ofício.

— O que a polícia vai fazer?

Jim Careca tirou seu capacete de construção e olhou através do vidro, pelos campos de grama verde até a linha azul que indicava a costa ao longe.

— Eles vão levar seus novos amigos para uns testes. Fazer umas perguntas. Trazer uns caixões. Vai ter uma papelada, com certeza. Vai ser um porre.

Aquelas palavras instigaram o pânico em Owen. Ele imaginou o cômodo sendo fechado e o planejamento deles indo por água abaixo. A notícia ia se espalhar pelo local e poderia até se tornar uma história viral na internet.

Ele notou que Jim Careca se mantinha longe do buraco que criara na parede e sempre olhava para aquela direção com uma careta. Se aquele sujeito estava nervoso por causa de uma descoberta aterrorizante, como os outros pedreiros iam reagir? Ou compradores em potencial?

Owen não podia cometer muitos erros. Sua nova página tinha virado muito recentemente e havia muita gente torcendo para vê-lo ferrado de novo.

— Mais alguém precisa saber disso?

Jim Careca desviou da paisagem calma e deu um olhar duro para Owen, mas não disse nada, deixando uma oportunidade que Owen tratou de aproveitar logo.

— Isso provavelmente é só uma sala de entretenimento do século XIX. Sabemos pelas plantas que já estava fechada há pelo menos cem anos. Não é uma situação do tipo CSI Holderness...

Jim Careca assentiu e deixou Owen continuar.

— Se eu der um jeito de fazer esses dois desaparecerem, então ninguém precisa saber. — Ele pegou a carteira. — Por que você não tira o resto do dia de folga?

Ele contou seis notas de cinquenta libras e as entregou.

Jim Careca considerou o dinheiro por um longo momento. Owen suou um pouco mais.

— É — disse o empreiteiro. — A patroa vai adorar jantar fora. — Ele apontou para o buraco. — Mas não quero ver nem sinal deles quando eu voltar, veja bem. — Ele colocou as notas no bolso de trás e caminhou para a porta, suas botas ecoando nas tábuas de madeira.

Na entrada, ele parou e acrescentou?

— O Thaddy... quer dizer, o Thadeus Ogram é o dono do Serpente Celta. A família dele vive nessa região desde a Arca de Noé. Ele pode saber alguma coisa sobre... — E ele indicou o problema com a cabeça.

De onde Owen estava, viu fachos cheios de poeira se inclinando para dentro do cômodo iluminarem as órbitas oculares vazias do casal morto, dando-lhes novos olhos brilhantes. Calafrios percorreram seus braços. Os espaços vazios entre seus dentes velhos sorriam para ele.

— Vou cuidar disso — prometeu.

Jim Careca saiu, e Owen o ouviu chamar Roger e Jim Alto. Seguiu-se um murmúrio de vozes e, logo depois, o som de portas batendo e carros se dirigindo do longo caminho até a estrada principal.

Owen caminhou até onde Jim Careca tinha deixado a marreta, pegou-a e atacou as pontas do buraco, soltando palavrões enquanto fazia isso, colocando sua frustração para fora.

Ele ofegava quando o buraco estava largo o suficiente para tirar a gaiola.

Foi estranho arquear o corpo para dentro daquele espaço escondido e enroscar os dedos na grade de metal. Suas pernas pressionavam o restante de reboco conforme ele se esticava para levantar e passar a gaiola pelo buraco irregular.

Um *crack* audível: o restante da parede entrou em colapso e ele se jogou para dentro do cômodo, caindo em cima da gaiola e derrubando-a da mesa.

Ele caiu completamente dentro do lugar, seu rosto e seu peito aterrissando na lateral cruel da gaiola. Estrelas explodiram em sua visão. Abaixo dele, as caveiras rolaram como bolas de sinuca. Talvez rolassem com alegria.

Ele uivou de dor e medo, respirando aquele ar úmido do século passado e pactos antigos.

A raiva surgiu e ele se levantou com braços agitados e palavrões gritados.

— Claro que isso ia acontecer, porra! — berrou ele, puxando a gaiola pela parede quebrada, atirando-a no chão e chutando-a várias vezes até ela estar no canto mais distante da sala. Com isso, os crânios saíram do lugar, e ele

notou outra coisa em sua superfície de marfim: manchas com pontinhos vermelhos.

O fio úmido na testa o alertou para o corte. Ele levantou a mão para tocar e seus dedos retornaram à sua visão gotejando sangue escarlate vivo. Sua antiga fobia ressurgiu com aquela visão. O peito apertou enquanto as pernas ficaram moles como macarrão cozido por tempo demais.

Ele precisava sair dali desesperadamente.

Owen conseguiu dar alguns passos oscilantes na direção da porta antes de desmaiar.



Quando acordou por causa da dor, já era o final da tarde.

Com cuidado, ele mexeu os braços e os pulsos, que devem ter aparado a queda: machucados, arroxeados, mas não torcidos ou quebrados, graças a Deus. Ele se sentou. Seus pés e suas pernas estavam bem, mas a testa tamborilava com uma batida agonizante, e sua clavícula direita irradiava problemas. Com muito cuidado, ele tocou a têmpora e sentiu a casca do machucado. Ele ofegou um pouco, sentindo o horror crescer dentro dele mais uma vez, o que foi logo seguido pelo nojo que sentia em relação à sua fraqueza. Aquilo trouxe à tona uma tempestade de memórias dos seus piores momentos: sua irmã mais nova, Poppy, defendendo-o na escola porque os valentões tinham descoberto que conseguiam fazer Owen desmaiar se o cortassem; evitando qualquer conflito ao alegar que estava doente e se escondendo; se transformando em um babaquinha cínico que imitava os outros à perfeição e fazia coisas idiotas para que seus “amigos” rissem; pegando no

pé da Poppy sem dó durante a adolescência, tentando diminuir a força dela para que os dois fossem igualmente frágeis.

Ele afundou o rosto nas mãos e chorou um pouco, porque aquele pecado era mais doloroso do que qualquer outra coisa. Então, baniu o passado para lidar com o presente.

O cômodo estava bastante escuro conforme o mundo mergulhava em um silêncio rosa-violeta. Os pássaros não estavam cantando suas despedidas para o sol.

Owen observou a fenda na parede, um corte escuro que parecia vaziar sombras para dentro do quarto. Ele não sabia o que envolvia ter uma concussão, mas se perguntou se tinha uma. Nunca parecia bom quando os médicos preocupados dos seriados de TV falavam sobre isso enquanto iluminavam os olhos dos seus pacientes com uma lanterna.

Ele se levantou sobre um joelho e se ergueu sem pressa. O local cambaleou e se distorceu por um segundo, e ele respirou profundamente para se firmar. A gaiola estava imersa em uma escuridão irregular, visível apenas por causa de manchas brancas que pareciam remendadas.

Um crochê de crânios, pensou Owen, e um silvo de graça bizarra beliscou sua boca, mas ele se conteve para não quebrar o silêncio sufocante.

Um garoto da cidade, Owen tinha dificuldades com a tranquilidade pungente da casa de campo, sobretudo à noite. Ainda pior eram os barulhos assustadores, estranhos e imprevisíveis que expulsavam a calma opressiva em momentos estranhos: o ganir de uma raposa, os chiados dos morcegos caçando, o chalreio de uma coruja para a

outra. Sempre que ele ia para fora fumar e era engolfado pela tranquilizante fumaça do cigarro, formas escuras podiam de repente cortar o céu ou correr pelo chão. O interior tinha muita vida estranha e selvagem para ele. Owen criara uma existência monástica para ele no quarto do andar de cima, mas mantinha seus fones de ouvido sem fio sempre com ele, ouvindo música ou podcasts, ou assistindo a filmes. Qualquer coisa para evitar confrontar sua solidão aflitiva.

Ele se aproximou da gaiola e tirou-a do seu esconderijo para os quadrados iluminados por estrelas das janelas. Havia um ferrolho na frente, que se abria facilmente. Owen abriu a porta e considerou o que fazer a seguir. O pensamento de tocar as caveiras fez seus dedos se fecharem involuntariamente.

— Vira homem — sussurrou ele, e na mesma hora odiou quando a frase passou pelos seus lábios. Era um incentivo odioso que foi dado a ele pelo seu pai em várias ocasiões.

Ele colocou a mão dentro da gaiola e puxou um dos crânios: era frio ao toque e surpreendentemente sólido. A mandíbula inferior estava presa ao crânio por fios de cobre. Por alguma razão, ele pensou que aquela era Faith. Ele a deixou no peitoril da janela e pegou seu irmão.

Ele colocou Fred ao lado dela e se perguntou por que pensava neles como irmãos.

Owen ficou ao lado deles, olhando para suas cavidades oculares escuras, cheias de segredos.

— E então, qual é a história de vocês?

Eles o encararam, sorrindo, firmemente mudos.

Atrás deles, duas figuras passaram voando.

Acende uma luz, idiota!

Ele correu até o interruptor, mas a luz amarela da única lâmpada se dependurando no teto tornou tudo pior. Uma palidez doentia afligiu o espaço.

Mas mostrou a ele o martelo caído no chão onde ele tinha o largado mais cedo. Ele pegou a ferramenta e o peso dela o deixou confiante. Owen se aproximou das caveiras e praticou alguns golpes na frente delas. Como se estivesse ameaçando-as.

Elas não se abalaram.

Ele hesitou, pensando se havia alguma forma melhor de lidar com aquele problema, e considerou que aquelas pessoas, mortas há tanto tempo, mereciam algo melhor. Mas muita gente morre sozinha, esquecida e sem ser enterrada. O próprio tio-avô dele, Spencer, tinha morrido naquela casa e não fora descoberto por um mês. Foi assim que ele acabou herdando o lugar.

Eles tinham vivido a vida deles. Agora era hora de Owen viver a dele, a vida em que ele se tornaria um irmão mais velho que Poppy poderia respeitar.

Ele ergueu a marreta e acertou o topo da cabeça de Faith. Ela explodiu em um milhão de pedacinhos.

Ele riu, e pulverizou Fred.

Ele pegou uma pá, varreu os fragmentos deles e jogou tudo em um saco de lixo preto. Depois colocou a gaiola no quarto dele, cobriu-a com uma manta velha e colocou sua luminária de segunda mão em cima. Então, foi para o lado de fora, sob o vazio sem fundo das estrelas, e caminhou até a caçamba. Ele empurrou o saco com os fragmentos de

ossos bem profundamente no entulho e voltou para a casa assobiando.



No sonho, Faith e Fred eram gêmeos adolescentes com cabelos encaracolados pretos, olhos escuros e uma pele bastante bronzeada com marcas de tortura e espancamento. Eles estavam de pé em uma forca improvisada, a corda em volta de seus pescoços. O ódio queimava nos olhos roxos de Faith conforme ela observava o magistrado na ruidosa multidão de pessoas da cidade.

— Obadiah Creaser: nenhum de seus descendentes vai prosperar. Você, que jurou cuidar de nós e nos dar abrigo, nunca se livrará de nós. Vamos contar seus pecados para o Todo-Poderoso para sempre.

E então o som terrível de dois pescoços se quebrando seguido pelos uivos de júbilo da multidão.

Os gritos continuaram conforme os rostos das pessoas que assistiam àquilo se retorciam e se transformavam e caricaturas dilatadas. Era uma cacofonia de ira justificada.

Owen se levantou de repente da cama, suando, o som zumbindo nos seus ouvidos, e o coração batendo rapidamente.

Os gritos continuaram. Duas vozes faziam soar sua fúria angustiada.

Owen saiu da cama, desorientado, mas desesperado para acabar com aquele barulho horrível. Estava perto, mas não no segundo andar.

Ele ligou a luz e encontrou os seus sapatos. Correu para o andar de baixo, apertando cada interruptor pelo qual

passava, sentindo uma necessidade urgente de expulsar a escuridão. Durante todo aquele tempo, os gritos atacaram seus ouvidos e mantiveram as imagens dos jovens gêmeos dependurados, morrendo em frente a uma plateia vívida em sua mente.

Ele precisava fazer aquilo parar.

Owen quase tropeçou em uma caixa de azulejos na cozinha dilapidada, mas notou no último segundo e conseguiu pular sobre ela antes de escancarar a porta dos fundos.

Ali, o barulho era tão penetrante que chegava a doer.

Os crânios reagrupados de Faith e Fred estavam na soleira da porta, gritando.

Owen deu um passo atrás quando a realidade encontrou a descrença.

Eles continuaram a vociferar sua raiva aos céus.

Em pânico, ele correu, pegou os crânios e os trouxe para dentro da cozinha.

Eles ficaram em silêncio na mesma hora.

Respirando fundo, ele parou debaixo do batente e olhou para a noite sinistra. Uma brisa gelada passou pelos seus tornozelos nus.

Ele baixou os olhos para os crânios em seus braços, e passou pela porta até o jardim. Os gritos repenicaram outra vez.

Owen marchou para a cozinha de novo e colocou as caveiras na pequena mesa cheia de marcas de tinta que estava usando até o cômodo ser remobiliado propriamente.

Por um bom tempo, Owen encarou as cabeças sem carne e considerou o que fazer a seguir. Por fim, ele as pegou,

levou-as para seu quarto e colocou-as de volta na gaiola.

Voltou a cobri-la com a manta velha e retornou para a cozinha, para passar o café e esperar pelo amanhecer.



Jim Careca não discutiu com Owen os eventos do dia anterior, embora tenha perguntado sobre o machucado na testa dele. Owen disse que tropeçara na caixa de azulejos na cozinha durante uma viagem para fazer um lanchinho de madrugada. Na mesma hora, Jim Careca tirou o obstáculo do lugar e deu um sermão sobre os perigos de tropeçar. Satisfeito por ter ensinado alguma coisa para Owen, Jim Careca e sua equipe voltaram ao trabalho, completando as funções planejadas. Ainda havia semanas de trabalho a fazer, e todo dia surgia uma crise pequena para resolver ou uma conta para pagar. Owen não tinha muito tempo para considerar o comportamento sobrenatural dos crânios, mas sempre que seus pensamentos ociosos iam para essa direção, os gritos reverberavam em sua mente.

Ele se assustou ao ouvir o gemido de uma serra, achando que eram os crânios novamente, mas se acalmou ao ver a figura de Roger cortando tábuas com fones de proteção nos ouvidos. Ele pensou nas caveiras gêmeas, debaixo da manta no quarto deles. Ouvindo uma nova geração de pessoas se preparando para ocupar a casa. Considerou as diversas famílias que eles haviam assombrado até serem presos na parede. Quantas pessoas eles já devem ter escutado? Quantas pessoas devem ter cuidado das suas tarefas diárias sem saber que os gêmeos as espionavam?

Naquela noite, ele dirigiu até o Serpente Celta na aldeia próxima. Era um bar pequeno, mas bem equipado, que fizera algumas concessões ao século XXI. Tinha Wi-Fi e uma boa cidra local, mas os poucos clientes de sempre naquela noite eram casais idosos e homens solteiros que eram muito territoriais em relação a seus lugares.

Thaddy estava na casa dos sessenta anos e tinha um nariz cheio de marcas e bochechas vermelhas. Ele olhou para Owen no momento em que o rapaz entrou, e seguiu pelo balcão de carvalho envernizado para falar com ele.

— O que vai ser? — perguntou ele, um pouco brusco.

Owen pediu um refrigerante, mas, assim que as sobrancelhas bastante peludas de Thaddy se ergueram na direção de seu cabelo despenteado, ele logo acrescentou:

— E também o prato do dia, por favor.

— Você é o sobrinho do Spencer, né?

— Ah, sobrinho-neto. Owen, prazer em conhecê-lo.

Thaddy colocou o copo com gelo na frente dele.

— Não é de beber, então?

Owen pensou em dar uma resposta vaga, mas imaginou que Thaddy não ia tolerar bobagens.

— É, eu não bebo. Nunca cai bem.

Thaddy assentiu solenemente conforme servia uísque para si mesmo.

— Um homem precisa conhecer seus limites.

Owen imaginou que aquele era um aviso sutil de que o Serpente Celta não era um lugar para conversas abertas e profundas. Então, eles falaram de rugby por uma hora.

Em algum momento, eles chegaram ao assunto das lendas e do folclore locais. Thaddy já tinha tomado algumas

doses de uísque e a maioria dos clientes já tinha ido embora. Só havia um homenzinho encarquilhado bebendo aos poucos meio copo de cerveja na mesa em frente à televisão.

— Spencer sabia muito sobre a história daqui — disse Thaddy. — Era um velho desprezível, Deus o abençoe, mas gostava de ler. — Thaddy balançou a cabeça como se aquele fosse um hábito chocante. — Ele até chegou a escrever alguns panfletos.

— O quê?

Owen só tinha encontrado o tio Spencer uma vez, quando tinha dez anos, e sabia pouco sobre ele.

— Deve ter alguns espalhados por aí na casa dele... quer dizer, na sua. A biblioteca pode ter alguma coisa. Spencer tinha muito orgulho deles.

Thaddy se levantou rigidamente do banquinho atrás do bar e puxou uma corda de sino. Tocou duas vezes.

— Chegou a hora, cavalheiros. Últimos pedidos, por favor.

Owen dirigiu pelas estradas desertas com muretas de proteção até sua casa, e, depois de um sanduíche rápido, foi para a cama. Ele tirou a manta para dar uma olhada na cadeia e nos prisioneiros.

Eles não pareceram ter se mexido. Não fizeram som algum.

Ele se sentou diante deles, de pernas cruzadas, e contou para eles sua noite no pub.



Naquela noite, ele sonhou com Faith e Fred como crianças, morando com a mãe em uma casinha de uma fazenda perto

de um bosque. As crianças brincavam entre as árvores em uma cabaninha que elas construíram. Dentro dela, elas penduraram diversos itens e bugigangas que encontraram ou fizeram com as próprias mãos. Fred era hábil para esculpir figuras em madeira. Eles eram estranhamente similares aos assuntos que ele escolhia retratar: um texugo, um corvo, um sapo, sua irmã e sua mãe. Seu pai da floresta. A voz de Faith era sublime, divina. Quando ela cantava, os pássaros ficavam encantados.

Os gêmeos criavam jogos e cantos especiais. Eles enfeitavam mariposas e caramujos. Eles brincavam com a enorme gata cinza deles, que era uma caçadora de ratos bastante astuta. Com frequência, ela trazia passarinhos feridos e roedores como presentes para eles. As crianças enterravam esses animais no pequeno cemitério que criaram e colocavam cruzes feitas de galhos para marcar os túmulos. Conduziam seus próprios rituais fúnebres na sua catedral verde, cantando hinos estranhos com suas vozes angelicais.

E, quando a pequena família ia até a cidade, o que era raro, uma corrente de sussurros seguia atrás deles.



Owen acordou de mau humor, com a cabeça pesada e o ombro sensível. Ele já sabia parte da tragédia que a família ia sofrer. Eles só queriam ser deixados em paz. Por que as pessoas não deixavam os outros em paz?

Mais tarde, ao som de marteladas e batidas, Owen explorou as caixas de livros e quinquilharias que ele tinha marcado para doação. Ele não tinha olhado com atenção

para nenhum dos títulos, já que, a seus olhos, eram só um monte de livros de história chatos, uma matéria em que ele tinha ido muito mal no vestibular.

Ele quase não viu o exemplar fino que parecia muito bem conservado. Estava enfiado no meio de um grande livro de capa dura que falava sobre a invasão viking. Tinha uma xilogravura na capa, mostrando um casal de anões com cara de espertinhos tocando um tambor e uma rabeca para bruxas de chapéus pontudos que dançavam. O título era *Contos de vilarejos desaparecidos* e lá estava o nome do seu tio-avô: Spencer Creaser.

Owen preparou uma xícara de café com bastante leite, e foi ler em seu quarto. Tinha deixado um pedaço da gaiola descoberto, para que Faith e Fred pudessem respirar quando ele não estivesse lá. Puxou mais um pouco da manta a fim de dar aos gêmeos mais espaço para visão. E mostrou o livro a eles.

— Spencer escreveu livros. Olha só. — Ele se sentiu estranhamente orgulhoso do homem. Como se a conquista literária do parente, de alguma forma, abrisse uma possibilidade para o seu futuro. Como se ele pudesse ter o mesmo talento correndo nas veias.

Ele leu o prefácio, no qual Spencer creditava sua avó pelo seu interesse em história e folclores: *Ela contava uma história para cada pedaço de terra e árvores, e nenhuma era igual à outra. Ela colecionou os romances do passado e queria que eles fossem costurados novamente.*

Owen deu uma olhada no sumário. Uma das categorias era “Fadas, Duendes e Povos Pequenos”. Mas a seção que o atraiu foi “Crânios esbravejantes”.

Para a grande surpresa dele, havia vários exemplos. Esqueletos que não encontravam descanso em cemitérios e começavam a gritar eram desenterrados e voltavam para suas casas. Com o tempo, seus ossos eram perdidos e só sobravam as caveiras.

Alguns dos primeiros povos da Inglaterra decapitavam seus inimigos e mantinham seus crânios como troféus. Muitas culturas consideram que eles são o receptáculo do espírito vital. A prática de peregrinação a fim de ver as ossadas de santos em relicários decorados com joias é popular até hoje. Em alguns lugares, eles são retirados de seus relicários todo ano, para serem limpos e festejados. Às vezes, eles revelam profecias ou atuam como guardiões de conhecimentos ancestrais. Ouvir suas vozes é sinal de que a pessoa tem uma ligação com o reino peculiar.

Owen levantou os olhos das páginas e observou as caveiras. Elas o encararam de volta. Ele franziu o cenho. *Que superpoder de merda.*

Ele passou os olhos pelas histórias até ver uma entrada que fez sua pulsação acelerar: *Fazenda Caldwere.*

Dizem que a Fazenda Caldwere se tornou a propriedade de uma viúva de beleza estonteante, que teve gêmeos chamados Faith e Fred.

Owen piscou e leu as palavras de novo. Era verdade. Ele observou as caveiras em seu santuário drapejado. Ele ouviu um bombardeio de marteladas e vozes ficando mais altas lá embaixo. Algo tinha mudado, como se o próprio eixo da casa tivesse se movido por um segundo. “Agora chega”, ele escutou Jim Alto gritar. E então, tudo voltou a ficar quieto.

Owen retornou à leitura.

A família vivia em paz, a um dia de caminhada da vila à beira-mar de Withensea (há muito engolida pelas ondas). As crianças brincavam no bosque e quase nunca iam à igreja. Durante o crepúsculo, luzes eram vistas piscando entre a mata cerrada. Músicas bizarras flutuavam pelo ar. Os gêmeos tinham um modo estranho de falar como um só e, segundo relatos, faziam perguntas ímpias. Como eram inocentes, deviam ter sido amaldiçoados pela mãe. Algo precisava ser feito.

A mãe deles foi levada e inquirida, confessando ter pacto com Satã. Ela foi enforcada, e o magistrado do lugar, Obadiah Creaser, garantiu que os gêmeos testemunhassem a figura destruída de sua mãe dependurada na forca com o pescoço esticado.

Obadiah recebeu a guarda das crianças e de suas terras, mas quantidade alguma de cuidado divino poderia apaziguar a selvageria deles. A garota era particularmente obstinada. O magistrado rezava com ela em seu quarto particular toda noite, mas os gritos de protesto da menina eram ouvidos por todos na nova e bela casa de fazenda que ele construiu no terreno.

Várias pessoas afirmaram que ela se tornou lasciva e levou o irmão a trair diversas vezes a ordem natural de Deus. Durante seu julgamento, ambos negaram essa acusação veementemente, embora a garota não fosse mais virgem. Sete anos após o enforcamento da mãe, os gêmeos foram levados à força, diante de todo o vilarejo, para a mesma forca em que sua mãe encontrou seu fim.

Owen parou, seu rosto em uma careta de revolta. Aquele homem, Obadiah, era um antepassado que tinha lucrado

com um abuso terrível de sua posição de autoridade. Owen não queria encarar os gêmeos de novo, então voltou para os últimos parágrafos.

Na força, Faith amaldiçoou Obadiah e todos os seus descendentes. “Você, que jurou cuidar de nós e nos dar abrigo, nunca se livrará de nós. Vamos contar seus pecados para o Todo-Poderoso para sempre.” Seus corpos foram enterrados em covas rasas do lado de fora do cemitério, mas as pessoas que moravam por perto reclamaram de gritos penetrantes toda noite, até que, por fim, os exaustos vizinhos se reuniram, exumaram os cadáveres putrefatos e os jogaram na fazenda Caldwere.

Com os anos, apenas os crânios restaram. Os Creaser nunca encontraram sua ruína, mas também não prosperaram. E cada vez que alguém da família tentava vender ou destruir as caveiras, elas retornavam para bradar suas verdades sangrentas até que elas, e seu guardião, voltassem para casa.

Owen perdeu o fôlego e observou os crânios. Ele sabia que não poderia se livrar deles. Mas com certeza poderia deixá-los para trás, não? Ele tinha pensado em cavar um túmulo especial no porão, onde pudesse enterrá-los para poder seguir em frente.

Ele se ajoelhou diante das duas caveiras e aproximou o rosto dos traços duros delas.

— Não fui eu que fiz isso com vocês! Não podem me culpar.

Os gêmeos o observaram em silêncio. Julgando-o, sentiu Owen.

Ele colocou a manta de volta por cima da gaiola.

— Não é culpa minha! — sibilou para eles.

Ele se levantou rápido demais e sentiu a cabeça coçar.

Você cuidará de nós.

Owen congelou.

Você ou outra pessoa.

Sua respiração parou no peito, e ele deu um passo atrás, como se pudesse se livrar daquele pensamento.

— Não — disse ele baixinho.

Você vai nos ouvir sempre, rapaz, não importa para onde vá. Cantaremos nossas canções especiais. Aquelas que atraem cobras e aranhas. E isso trará azar e decadência. Então, você voltará.

Você ou outra pessoa.

Ele tinha planejado vender a casa e dividir o dinheiro com Poppy. E então ele viajaria e moraria em um lugar longe de qualquer pessoa que conhecesse seu eu antigo, fraco. Ele seria um novo indivíduo, livre de expectativas e histórias velhas.

Era como se correntes gigantescas tivessem caído do teto e se prendessem aos seus ombros para ancorá-lo no passado. Ele estaria para sempre preso naquele Owen fodido e irresponsável.

Ele se jogou no chão com um barulho audível.

Com os dedos instáveis, ele esticou a mão e abriu a cortina.

Dentro de sua cela sombria, os dois crânios brilhavam com prazer.

— Por favor — suplicou ele.

Você ou outra pessoa.

A MALDIÇÃO DA FADA SOMBRIA

KAREN JOY FOWLER

Ela estava sendo perseguida. Jogou os sapatos para longe, porque eles só estavam atrapalhando. Ao mesmo tempo, sua saia pesada desapareceu e ela se viu usando as roupas de trabalho de sempre. Sem o peso e a constrição, ela era capaz de correr mais rápido. Olhou para trás. Ela era muito mais rápida do que ele. O coração dela era forte. Seus passos eram longos e tranquilos. Ele nunca a alcançaria agora.



Ela estava cavalgando a égua do caçador e não conseguia lembrar por quê. Ela era de um vermelho outonal com uma crina emaranhada. Cavalgava depressa. Um veado pulou na campina diante dela. Ela viu a mancha branca de seu rabo.

Ela nunca tinha cavalgado bem, nunca tivera a coragem insana necessária para isso, mas agora estava conseguindo aproveitar o ritmo fácil da égua. Ela encorajou o animal a ir mais rápido.

Era noite. Partes do campo estavam suavemente iluminadas pela luz da lua. Ela poderia ir a qualquer lugar

que quisesse, até o fim do mundo e ainda voltar. Lá ela encontraria um castelo com uma torre com ameias. Cercando o castelo havia um cinturão de árvores, pequeno demais para ser chamado de floresta, mas, ainda assim, tão espesso que a luz não passava ali. Ela sabia disso. E ainda mais longe estavam as estrelas. Ela olhou para cima e viu três delas caindo, uma depois da outra. Fez um pedido, desejando que pudesse cavalgar até alcançá-las.

Ela estava em uma área de plantação. Cruzou um campo e pulou sobre uma cerca baixa de pedra. Evitou os chalés, por mais acolhedores que parecessem, com a fumaça subindo dos telhados e o brilho cor de manteiga que vinha das janelas. A égua correu e não parecia se cansar.

Ela usava uma capa que, após ser presa apertada no pescoço, se levantou durante a cavalgada e deixou suas pernas nuas. Seus pés estavam frios. Ela olhou para trás. Ninguém vinha atrás dela.

Ela chegou a um rio. Suas margens estavam verdes por causa das algas e cheias de lama. No meio, ela conseguia ver a escuridão das profundezas. A égua tomou a própria decisão. Cavalgou paralelamente à margem, mas não cruzou o rio. Muitos metros depois, o animal se abaixou para entrar em um bosque, afastando-se da água. Ela se debruçou sobre o pescoço da égua, e as folhas prateadas dos choupos roçaram no seu cabelo.



Ela subiu em uma das árvores e se arrependeu de cada árvore na qual deixara de subir. A única parte difícil era o primeiro galho. Depois disso, era fácil, ou então ela estava

mais forte do que nunca. Mais forte do que precisava ser. Esse excesso de força lhe deu o momento de alegria mais puro de que conseguia se lembrar. Escalar a árvore parecia tão natural quando subir uma escada, e ela foi tão alto quanto podia, enfim chegando a um galho tão fino que se dobrava com o peso dela, como um bote. Voltou um pouco mais para baixo, sentou-se com as costas no tronco e uma perna balançando. Ninguém jamais pensaria em procurá-la ali.

Seu cabelo se desprende, e ela o deixou solto. Esquentava os seus ombros.

— Mãe — disse ela, baixo o suficiente para o som se misturar no vento com as folhas. — Me ajude.

Ela estava se referindo à sua mãe verdadeira. Sua mãe verdadeira não estava lá, não estava naquele lugar desde que ela era uma menininha. Mas isso não significava que não haveria ajuda.

Acima dela havia as estrelas. Abaixo, olhando para cima, havia um homem. Não era ninguém a ser temido. O pé dela que balançava ao lado do galho estava nu. Ela não o cobriu. Talvez não precisasse de ajuda. Essa seria a maior ajuda de todas.

— Você mandou me chamar? — disse ele. Ela podia conhecê-lo de algum lugar. Talvez tivessem passado a infância juntos. — Ou quer que eu vá embora?

— Vá embora. Encontre a sua própria árvore.



Eles foram nadar juntos, e ela nadava melhor do que ele. Ela observou os braços dele, os ombros se erguendo,

escuros, na água esverdeada. Ele se virou e percebeu que ela olhava para ele.

— Você sabe o meu nome? — perguntou ele.

— Sim — respondeu ela, embora não conseguisse se lembrar do nome. Sabia que deveria saber, embora também pudesse ver que ele não esperava isso dela. Mas ela sentia que sabia quem ele era, o nome dele era uma parte pequena disso. — Começa com W? — disse ela.

O sol brilhava. A superfície da água resplandecia como ouro.

— O que você vai me dar se eu adivinhar?

— O que você quer?

Ela olhou além dele. Na margem, havia um grupo de mulheres sorridentes, sua avó, sua mãe, sua madrasta também, suas irmãs e meias-irmãs, todas sorrindo para ela. Elas acenavam. Ninguém disse: “Coloque as suas roupas.” Ninguém disse: “Não vá para o fundo, querida.” Ela era uma boa nadadora, e não havia motivo para ter medo. Ela não conseguia pensar em uma única coisa que quisesse e se afastou, rompendo a superfície da água com as pernas.

Foi até uma parte em que a superfície do lago espelhava o céu. Quando a água se acalmou, olhou para baixo. Esperava ver como era bonita, mas não era bonita. Um espelho responde a apenas uma pergunta e não pode mentir. Ela tinha perdido toda a sua beleza. Ela se perguntou o que ganhou em troca.



Havia um espelho no quarto. Estava empoeirado, então o reflexo dela estava um pouco borrado. Mas ela não era

bonita. Ela não estava chateada por causa disso e notou isso um pouco maravilhada. Não importava nem um pouco para ela. A maioria das pessoas era levada pelas aparências, mas outras não. Ela era saudável, era forte. Se pudesse ser gentil, paciente, espirituosa e corajosa, haveria homens que a amariam. Haveria homens que achariam isso extasiante.

Ele estava deitado entre os lençóis, olhando para ela.

— Seus olhos — disse ele. — Seus olhos incríveis.

O rosto dele estava coberto pela escuridão, mas não havia razão para temer. Ela retirou o vestido. Era vermelho. Ela o colocou nas costas de uma cadeira.

— Chegue para o lado.

Ela nunca estivera com este homem na cama antes, mas desejara isso. Era tarde e ninguém sabia onde ela estava. Na verdade, a mãe dela deixara bem claro que não era para ela ir lá, mas não havia razão para ter medo.

— Vou dizer a você o que fazer — falou ela. — Você deve usar a mão e a boca. A outra... não funciona para mim. E quero ir primeiro. Você vai ter que esperar.

— Eu adoro esperar — respondeu ele. Ele cobriu um dos seios dela com a boca, a mão se movendo entre as pernas dela. Ele já sabia como tocá-la. Ele beijou o outro seio.

— Assim — disse ela. — Assim mesmo. — Seu corpo começou a encolher de antecipação.

Ele beijou sua boca. Ele beijou sua boca.



Ele beijou sua boca. Não foi um beijo rude, mas abriu os olhos dela. Aquele não era o rosto certo. Ela nunca tinha

visto aquele homem antes e a forma como ele a observou — ela não tinha certeza de que gostava daquele olhar. Por que ele estava beijando ela quando ela estava dormindo e nunca o tinha visto antes? O que ele estava fazendo no quarto dela? Ela estava tão assustada que parou de respirar por um momento. Fechou os olhos e desejou que ele fosse embora.

Ele ainda estava lá. E ela sentiu dor. Seu dedo sangrou e, quando ela tentou se levantar, estava fraca e se sentia sobrecarregada pelo vestido pesado, a manta grossa que era seu cabelo, um espartilho e sapatos apertados e pontudos.

— Ah — disse ela. — Ah. — Ela estava prestes a chorar e não conhecia aquele homem para chorar na frente dele. O tom de voz dela era acusatório. Ela o empurrou e o rosto dele demonstrou surpresa com esse gesto. Ele se permitiu ser empurrado. Ela não era forte o bastante para forçá-lo a fazer isso.

Era provável que ele fosse um homem muito bom. Ele a encarava com um olhar preocupado. Ela podia ver que ele estava cansado. Suas roupas estavam rasgadas, as mãos, arranhadas. Ele tinha acabado de passar por algo difícil, talvez até perigoso. Deveria ser por esse motivo que ele não parou para pensar em como ela ficaria assustada ao acordar com um estranho enquanto estava deitada. Deveria ser por isso que ele não percebeu que o dedo dela estava sangrando. E por não ter considerado ou notado essas coisas, não importava o quanto ela viesse a amá-lo, sempre haveria uma parte dela que sentiria medo dele.

— Eu estava tendo um sonho lindo — falou. Ela tomou cuidado para que seu tom de voz não deixasse clara a raiva que sentia.

WENDY, QUERIDA

CHRISTOPHER GOLDEN

Em uma noite de sexta-feira no final de maio do ano 1915, Wendy passou sua última noite na casa de seu pai em um sono intranquilo, preocupada com seu casamento no dia seguinte e com os segredos que tinha mantido escondidos do seu desejado noivo.

O cômodo já fora exclusivo para atividades infantis, mas aqueles dias tinham ficado para trás. Ela tinha parado de sonhar os sonhos da sua meninice anos atrás, de tal modo que até os ecos desses sonhos haviam se arrastado para as sombras nos cantos do aposento. Agora era um quarto apropriado, com uma cama com dossel, um espelho de prata e um armário enorme que ainda exalava um rico odor de mogno embora estivesse encostado na parede por mais de seis anos.

Em certas noites, porém... Em certas noites, as janelas francesas altas permaneceriam abertas e as cortinas iriam ondular e flutuar. Nessas noites, o luar invadiria o cômodo com um calor tão zeloso que parecia querer lembrá-la das noites de sua infância, quando ela ficava acordada, conversando em sussurros com seus irmãos no escuro até todos eles adormecerem e sonharem coisas impossíveis.

Wendy ficara naquele quarto com Michael e John por tempo demais. Ela deveria ter tido o próprio quarto muito antes, mas, no início, o pai deles não quisera abrir mão do escritório para criar um novo quarto, e, depois — quando ele mudou de ideia —, as crianças não queriam mais se separar. Àquela altura, Wendy tinha começado a ver os Garotos Perdidos e a sonhar com eles, e parecia mais seguro permanecer juntos.

Naquele dia — o dia antes do casamento —, houve uma espécie de neblina baixa e cerrada por toda a tarde e que durou até a noite. Diversas vezes ela se remexeu no sono, inquieta conforme pensava em Jasper, o advogado com quem se casaria na tarde seguinte. Ela gostava bastante da ideia de se tornar a sra. Jasper Gilbert, e, ainda assim, durante a noite, aquela possibilidade a assustava. Cada vez que seus olhos se abriam, ela permanecia deitada por muitos minutos, encarando a neblina até conseguir voltar a dormir.

Um pouco depois, ela acordou e não viu a neblina, mas a luz do luar. As janelas estavam abertas, e as cortinas ondulavam como fantasmas, iluminadas pelo brilho amarelado.

Um sonho, pensou, pois só poderia ser isso. Ela sabia disso porque a neblina havia desaparecido. Sabia por causa da luz do luar e da dança impossivelmente lenta das cortinas e, é claro, porque os Garotos Perdidos estavam lá.

Ela se deitou de lado, com metade do rosto enfiado no travesseiro de penas, e os observou. A princípio, viu apenas três: dois no canapé e um meio escondido pelo movimento das cortinas. O quarto tinha uma expressão contrariada, o

que o fazia parecer mais triste, menos etéreo que os outros, embora fosse o mais jovem deles. Ela não os via há anos, desde que seus pais arranjaram um médico, insistindo que os Garotos Perdidos eram fruto da sua imaginação. Ela nunca perdoara John e Michael por contarem aos seus pais as frequentes visitas que os Garotos Perdidos faziam a ela, um rancor do qual ela veio a se arrepender com a morte de Michael após o incêndio da chapelaria em 1910. Como ela o amara.

Mesmo na época do incêndio, já fazia anos que ela não via os Garotos Perdidos. Depois do ocorrido, ela muitas vezes rezava para que Michael a visitasse durante a noite.

— Wendy — sussurrou um dos Garotos no sonho da luz do luar.

— Olá, meninos — disse ela, suando debaixo das cobertas, o coração acelerado. Ela queria chorar ou gritar, mas não sabia se o que sentia era medo ou apenas luto.

Como se o luto pudesse ser algo como *apenas*.

Ela reconheceu os quatro, é claro, e sabia seus nomes. Mas não se permitiu falar aqueles nomes, nem mesmo pensar neles. Teria parecido como se ela estivesse dando-lhes boas-vindas de volta aos seus sonhos, e eles não eram nem um pouco bem-vindos.

— Você se esqueceu da gente, Wendy. Você prometeu que nunca ia fazer isso.

Ela afundou a bochecha ainda mais no travesseiro, as penas espetando o seu rosto através do tecido.

— Eu nunca esqueci — murmurou ela, com a pele encharcada. Estava quente demais debaixo do cobertor. — Vocês só existem na minha mente, vejam bem. Não

esqueci, mas meus pais e o dr. Goss me disseram que eu deveria persuadir meus olhos a não vê-los, no caso de vocês aparecerem de novo.

— Sentiu saudade da gente, então?

Wendy engoliu em seco. Um arrepio percorreu seu corpo. Ela não tinha sentido saudade.

— Como estou sonhando, imagino que não tenha problema em ver vocês.

Os Garotos Perdidos olharam uns para os outros, compartilhando uma risada sem alegria. Era mais uma fungada do que uma risada, na verdade. Uma fungada de desaprovação.

A luz da lua passou através deles.

O mais perto dela — aquele com os olhos tristes — se aproximou.

— Você deveria ter sido nossa mãe — disse ele.

Wendy não conseguiu respirar. Ela se afastou para longe deles. Foram aqueles olhos que acenderam o terror dentro dela, aqueles olhos suplicantes. Ela fechou os próprios olhos.

— Acorde, Wendy — sussurrou para si mesmo. — Por favor, acorde.

— Você não se lembra? — perguntou o menino de olhos tristes, e as pálpebras dela se abriram apenas para descobrir que ela ainda estava sonhando.

— Por favor, se lembre — disse outro, um menino gracioso e pequeno que fazia beicinho e com os olhos prestes a derramar lágrimas.

— Não — murmurou ela.

O gancho. A pele suave contra a dela. A dor. Sangue na água.

Seu corpo tremia conforme as imagens corriam pela sua mente e eram expulsas mais uma vez, trancadas em armários escuros, enterradas em túmulos vazios.

— Fiquem longe de mim — sussurrou ela. — Por favor. Tenho uma vida inteira pela frente.

Ela não sabia se estava falando com os Garotos Perdidos ou com as imagens.

— Meu noivo é um bom homem. Talvez, depois que nos casarmos, possamos ficar com um ou dois de vocês. Ele é gentil, vejam. Não é como...

Uma porta bateu em sua mente.

— Como quem, Wendy?

Gancho, pensou ela. *Meu James*.

— Não! — gritou ela, arrancando as cobertas de cima dela e pulando da cama, lágrimas quentes jorrando dos seus olhos. — Me deixem em paz, maldição! Me deixem viver!

Com os dedos curvados como garras, ela deu um salto na direção do menino mais próximo. Atravessando-o, sentindo arrepios na pele, ela caiu no carpete e ficou em posição fetal, uma bagunça de prantos.

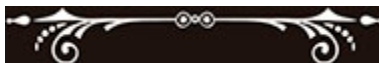
Sob a luz da lua, ela ficou deitada fora do alcance das cortinas flutuantes e chorou até o doce esquecimento das profundezas do sono.

Quando acordou durante a aurora, com o corpo doendo e congelado, voltou para debaixo das cobertas em busca de calor e conforto, e disse a si mesma que nunca haveria outra noite em que precisaria ter medo de pesadelos. Pelo restante da vida, ela acordaria pela manhã com Jasper ao

seu lado e ele a abraçaria e a beijaria até que a última sombra do sono fosse embora.

O sol nasceu em uma manhã de céu azul.

Não havia traço da neblina.



O mundo começou a parecer real para Wendy quando a carruagem parou em frente à igreja. Flores foram colocadas na porta e nos degraus, e a beleza do momento a fez perder o fôlego. Um sorriso se espalhou pelos seus lábios e se transformou em uma risada, e ela se virou para pai, um banqueiro mal-humorado, e viu que ele também sorria — que estava radiante, na verdade — e que seus olhos estavam cheios de amor e orgulho.

— Nunca pensou que veria esse dia, não é, pai? — provocou Wendy.

George Darling deu um pigarro para se recompor.

— Houve momentos... — Ele se permitiu dizer. — Mas aqui estamos, minha querida. Aqui estamos.

Ele respirou fundo e desceu da carruagem, também decorada com arranjos doados pelas amigas da mãe de Wendy, que faziam parte de um comitê por trás da Exposição de Flores de Chelsea. Dois padrinhos de casamento saíram da igreja, mas o pai de Wendy os dispensou com um aceno e ofereceu a própria mão para guiá-la pelos degraus da carruagem.

George deu um passo atrás. Ele nunca fora sentimental, e agora parecia lutar contra quaisquer emoções enterradas dentro dele. Entre as emoções que ela esperava, Wendy viu uma centelha de inquietação.

— Você está linda — disse ele.

Wendy sabia que era verdade. Ela raramente tolerava a vaidade completa, mas, no dia do seu casamento, e naquele vestido... bem, ela poderia se perdoar. Cetim da cor de creme, preso com um laço simples, fora um dos primeiros vestidos que ela vira e gostara dele de imediato. Com decote, e mangas até os cotovelos, ele tinha uma elegância sincera que se refletia na simplicidade do véu e da cauda curta. Seu pai a ajudou a pegar a cauda, espalhou-a atrás dela e pegou sua mão conforme ambos encaravam a igreja.

— Srta. Darling — disse um dos padrinhos, cujo nome ela esquecera. Sentia-se terrível, mas parecia que seus pensamentos eram uma desordem só.

— Estou prestes a me casar — falou ela, apenas para ouvir aquelas palavras em voz alta.

— Sim, minha querida — concordou George. — Todos estão esperando por você.

O padrinho de nome esquecido entregou-lhe um buquê de botões laranja e o outro abriu as portas da igreja. Momentos depois, Wendy se viu sendo levada até o altar pelo pai outrora mal-humorado, agora orgulhoso. Uma corneta tocou e, sem seguida, o órgão, e todos os rostos se viraram para ela, de forma que ela pudesse ver todos e nenhum ao mesmo tempo. Ela cheirou as flores e seu coração bateu mais forte conforme ela começava a se sentir tonta e a cambalear um pouco.

— Wendy — sussurrou o pai para ela, seu braço apertando o dela com mais força. — Você está bem?

Adiante, no altar, as madrinhas e os padrinhos estavam espalhados em cada lado. O vigário estava no meio,

respeitável e sério. A mãe estava sentada na primeira fileira, o irmão John estava entre os padrinhos. E lá estava Jasper, tão elegante em seu casaco matinal, seu cabelo preto brilhando, seus olhos azuis sorrindo.

Ela não se sentia mais tonta. Apenas a salvo e segura.

Até o menininho sair de trás de uma coluna — o garotinho com os olhos tristes.

— Parem com isso! — gritou ele. — Vocês precisam parar!

Wendy ficou em choque, sentindo uma dor terrível na barriga, como se estivesse sendo partida ao meio. Ela perdeu o fôlego e então cobriu a boca, observando através da rede de seu véu, certa de que seus amigos e familiares pensariam que ela era louca — *mais uma vez. Eles vão pensar que sou louca mais uma vez.*

Mas os olhos deles não estavam nela. Os convidados do casamento encaram o menininho vestido em trapos, e quando o segundo garoto correu pela porta até a sacristia, e o vigário gritou com ele, furioso com aquela invasão, Wendy enfim entendeu.

O vigário conseguia ver os meninos.

Todos conseguiam ver os meninos.

— Saiam daqui, seus pirralhos! — bradou o vigário. — Não vou permitir que vocês estraguem o dia...

O garoto de olhos tristes parou diante de Jasper, que só conseguia encará-lo, se divertindo um pouco. Ser gentil era da natureza de Jasper, aquela indulgência quando qualquer outro noivo teria ficado irado.

O terceiro menino saiu das sombras de trás do altar, como se estivesse ali o tempo todo. E, claro, ele devia ter ficado.

— Não, não, não — disse Wendy, se afastando, arrancando o braço do aperto do seu pai. Ela se forçou a fechar os olhos, porque eles não poderiam estar ali. Não poderiam ser reais.

— Wendy? — disse seu pai. Ela abriu os olhos e o viu olhando para ela.

Ele sabia. Embora sempre tenha dito a ela que eram frutos da imaginação e sonhos, ele sempre ficava inquieto quando falava deles. *Espíritos, dizia, não existem, a não ser nas mentes dos loucos e dos culpados.*

Qual deles eu sou?, ela perguntou ao pai na ocasião. *Qual deles eu sou?*

Jasper bateu palmas duas vezes, chamando toda a atenção para si. A irreabilidade daquele momento colapsou em tangibilidade e verdade. Wendy respirou. Cheirou as flores. Ouviu os protestos e os pigarros dos aturdidos convidados do casamento.

— Muito bem, garotos, vocês já se divertiram — disse Jasper. — Agora saiam!

— Wendy, querida — falou um dos meninos, encarando Jasper, lágrimas nascendo em seus olhos. — Ela não é nem um pouco “querida”. Você não a conhece, senhor. Ela será uma mãe cruel. Vai abandonar os filhos...

— Calúnias! — gritou o pai de Wendy. — Como se atreve a falar da minha filha dessa maneira?

Wendy só conseguiu ver, sem respirar, Jasper caminhando até o menino de olhos tristes e agarrando a manga da camisa esfarrapada dele. Ela viu a forma que o tecido imundo se retorcia nas mãos dele e parecia que a cortina entre sonho e realidade enfim fora arrancada.

— Não — falou ela, olhando para Jasper... e para os garotos. — Por favor, não...

Seu noivo olhou para ela, pensando que Wendy tinha falado com ele, mas os garotos também a encararam. Eles sabiam a verdade.

— Ela já teve um filho — disse um menino pálido e magro, indo ficar ao lado de Jasper, os olhos suplicantes. — Vá em frente. Pergunte a ela.

— Pergunte a ela o que aconteceu com aquela criança — falou o menino de olhos tristes.

Tremendo, Wendy ia de um lado para outro, presa por todos aqueles olhos que a observavam. Jasper franziu o cenho, encarando-a, e ela pôde ver a dúvida crescendo dentro dele, ver seus lábios começando a formular uma pergunta. Seu pai ainda olhava para os garotos com raiva, mas até ele tinha uma centelha de hesitação. Na primeira fileira, Mary Darling saltou do banco e estendeu uma das mãos na direção da filha.

— Wendy?

Balançando a cabeça, Wendy começou a se afastar dos seus entes queridos, recuando pelo meio da igreja. Ela tropeçou na cauda de seda e, quando caiu no meio da pureza suave do tecido, gritou.

— Pergunte a ela! — berrou um dos meninos. Ou talvez tenham sido todos eles.

Levantando-se do chão e mexendo na cauda atrás dela, Wendy correu. Ela sentia o corpo todo quente, mas, quando viu de relance a mão esquerda enquanto corria, ela estava pálida como mármore. Pálida como a morte. Na entrada da igreja, algumas pétalas de rosa tinham sido jogadas, pétalas

que deveriam ficar no caminho dela e de seu marido após a cerimônia. Para ela, pareciam sangue de uma ferida.

Ela saiu em disparada da igreja, um abismo de perguntas não respondidas atrás dela, e correu pelos degraus com medo de que, se não se apressasse, o silêncio vazio a arrastaria de volta. A dor esfaqueava a sua barriga, e seu coração martelava em seu peito. Seus olhos queimavam e, ainda assim, estranhamente, não havia lágrimas. Ela se sentia incapaz de chorar.

No fim da escada, ela arrancou a cauda do vestido. Quando olhou para cima, cavalos chiavam e bufavam. Sua carruagem de casamento a aguardava. O condutor olhou para ela com olhos gentis, e a gentileza dele a encheu de repulsa.

— Wendy!

A voz de Jasper. Atrás dela. Ela não se atreveu a olhar para ele.

Disparando pela rua, ela entrou em uma ruela apertada entre uma alfaiataria e uma padaria. Na esquina, quase colidiu com outros dois Garotos Perdidos — *nomes, você sabe o nome deles* — e se virou para a direita para evitar bater neles, descendo a rua à toda velocidade agora. Mais um menino surgiu à sua esquerda, saindo de um beco, mas esse garoto era diferente dos demais. Ele tinha sido bastante queimado, pele e roupas carbonizadas, e, diferente do restante, ele não tinha substância, a carne tão translúcida que ela podia ver a parede de pedras do edifício atrás dele.

Ela gemeu, tropeçando angustiada, e caiu no chão. Seu vestido estava rasgado e seu joelho sangrava, então,

quando ela conseguiu se colocar de pé e correu gritando — o luto remexendo as suas entranhas —, uma mancha de um vermelho vivo ensopou o cetim, as pétalas de uma rosa carmesim.

— Mãe — disse o garoto queimado atrás dela.

Ela não olhou para trás, mas observou de relance as janelas de um pub conforme passava em disparada. No vidro, viu o reflexo deles, não apenas do garoto queimado, mas de todos os outros também, um com a cabeça inclinada demais, o pescoço quebrado, outro que apanhara tanto que os traços do rosto estavam arruinados.

Momentos antes de irromper entre dois prédios, ela percebeu para onde estava indo o tempo todo. Ela escolhera o caminho ou foram eles que a guiaram até lá? Isso importava?

Wendy encarou as margens do Tâmis, na água corrente profunda, e toda a sua força se esvaiu. Trôpega e vazia, ela se encaminhou para a margem.

Perto dali, um bebê chorava.

Olhando de relance para a esquerda, ela viu o cobertor enrolado talvez a quatro metros de distância, bem perto da água. O choro do bebê ficou mais alto e mais urgente, e ela foi na direção dele.

Ela conhecia o padrão daquele cobertor. O cobertor dele.

Ajoelhando-se na margem, seu vestido manchado de sangue encharcando-se com a umidade, ela esticou a mão para puxar o cobertor do rosto do bebê. O rosto dele estava azul, inchado e frio, os olhos injetados, esbugalhados e sem vida.

O soluço veio de seu peito conforme ela pegou a criança, colocou-a nos braços e aconchegou-a no peito. Mesmo assim, ela ainda não conseguia chorar, mas fechou os olhos bem forte e rezou por lágrimas.

O cobertor em seus braços pareceu leve demais. Arquejando, ela abriu os olhos.

— Não, por favor — sussurrou ela conforme abria o cobertor vazio. O cobertor vazio e ensopado.

— Mãe — disse uma voz muito próxima, e a mão de alguém tocou o ombro dela.

Wendy congelou, o ar arranhando seu peito. Não era o garoto queimado ou o de olhos tristes da igreja. Era outro garoto.

Ainda ajoelhada, ela se virou para encará-lo. Nove anos de idade agora, a pele ainda azul, os olhos ainda injetados e sem vida. O menino dela.

— Peter — murmurou ela.

Ele enfiou os dedos no cabelo dela conforme Wendy gritava seu nome — um nome que ela nunca tinha falado em voz alta. Wendy bateu nos braços dele e arranhou seu rosto conforme ele a arrastava para a água e a afundava no rio. Através da água, ela o encarou e seus traços ficaram borrados e mudaram, formando o rosto do pai dele, James, o garoto do açougue. Ele tinha ganhado esse apelido com o gancho sujo de sangue que usava para manejar os pedaços de carne no açougue no fim da rua dos Darling.

Seu peito queimava por ar, a urgência de sua necessidade forçando-a a bater mais forte no rosto acima dela, que agora tinha se tornado o rosto dela, só que nove anos mais nova. As mãos que a mantinham debaixo d'água eram as

suas, mas ela não era mais si mesma — em vez disso, ela era um bebezinho, tão recém-nascido que ainda tinha manchas de sangue do ventre materno. Um bebê concebido por uma mãe e um pai que também eram crianças, carregado e nascido em segredo — um segredo mantido a salvo pelos irmãos dela na privacidade do quarto que compartilhavam, um segredo que destruiu seu relacionamento com eles para sempre. Um segredo que só era possível pela negligência de um pai e a negação de uma mãe.

Peter, pensou ela.

Faminta por ar, pensamentos e visões desbotando, diminuindo, escapando, Wendy abriu a boca e engoliu o rio.

A escuridão rastejou para o canto dos seus olhos, sombras em seu cérebro, e ela percebeu que tinha parado de lutar. Seus braços deslizaram para dentro d'água e seu cabelo se juntava na frente do rosto dela. Cetim branco manchado de sangue flutuava em uma nuvem que a envolvia e abraçava.

As mãos que a seguravam agora eram maiores. Mãos de um homem. Elas a retiraram do rio e, por um momento, Wendy viu apenas escuridão, um véu sombrio para uma mãe cruel.

— Wendy — falou uma voz com urgência.

Ela o viu então. Não o menininho afogado, mas Jasper, seu noivo. Ele ajoelhou ao seu lado, desesperado e suplicante, chamando seu nome.

Ao redor deles na margem do rio estavam os Garotos Perdidos, aquelas crianças recusadas, cada uma delas morta pela mãe. Os garotos mortos que ela já tinha conhecido antes, na noite em que afogou Peter no Tâmis,

quando eles apontaram seus dedos trêmulos para ela e disseram que ela carregaria a maldição sombria do assassinato até o fim de seus dias, que ela poderia até chegar perto da felicidade, mas que nunca a sentiria. Eles eram a mancha na alma dela e ficaram visíveis para as pessoas na igreja, sonhos lúgubres que ganharam vida, mas agora se tornaram invisíveis de novo. Jasper chorava sobre ela, sem perceber a presença deles...

Wendy só podia observá-lo a uma curta distância. O vestido dela parecia seco agora, mas a mancha de sangue permaneceu.

— Não — murmurou ela conforme a escuridão recuava de seus pensamentos e ela entendia o que via.

Jasper estava ajoelhado, de luto por ela e pela vida que eles poderiam ter tido juntos. Wendy viu o próprio corpo sem vida, o espírito dela tão invisível quanto os Garotos Perdidos. Outras pessoas começaram a correr para a margem — seus pais e seu irmão John, a esposa do vigário e o irmão de Jasper, além de uma tia e um tio. Eles pareciam fantasmas para ela, aqueles indivíduos vivos, o luto deles distante e desinteressante.

Os Garotos Perdidos a rodearam, os olhos mortos agora contentes.

— Mãe — sussurrou Peter, pegando a mão direita dela.

Outro garoto pegou sua mão esquerda. Ela baixou a cabeça e viu os olhos tristes que tanto a perturbaram em seus sonhos.

— Você prometeu ser uma mãe para todos nós, para sempre — disse o menino de olhos tristonhos.

Wendy piscou e se virou para o rio. De alguma maneira, ela ainda podia ver o bebê enrolado no cobertor flutuando na água, o tecido molhado levando-o para baixo, exatamente como naquela noite nove anos atrás.

— Para sempre — falou Peter.

Eles a guiaram gentilmente para dentro do rio, onde a corrente escura levou todos embora.

FADAS LOBISOMENS VERSUS VAMPIROS ZUMBIS

CHARLIE JANE ANDERS

Se um dia você estiver em Freeboro, na Carolina do Norte, procure pela placa do touro. Ela fica pendurada na lateral de um prédio que tem uma lanchonete que vende macarrão vietnamita e uma oficina de carros, perto de um beco que é praticamente uma saída de esgoto. Só atravesse o beco se for corajoso o bastante para não olhar por cima do ombro quando ouvir os barulhos guturais atrás de você. Se chegar ao fim sem olhar para trás, vire à esquerda e tome cuidado ao descer os degraus cheios de musgo. A porta de carvalho lá embaixo da escada só vai abrir se você tiver o tipo certo de gingado.

E se ela realmente abrir, você vai se encontrar no Rachel's Bar & Grill, o melhor botequim das Carolinas. Meu bar. Só tem uma regra: se você tem um problema, resolve lá fora. (Fora do meu bar é bom, fora da minha cidade é melhor ainda, fora da realidade em si é a melhor coisa de todas.) Eu tenho um monte de histórias sobre o Rachel's. Poderia citar alguns nomes — mas algumas dessas pessoas pode acabar aparecendo. Mas tem uma história que ilustra bem por que você não deve arranjar problemas no meu bar

e como nós cuidamos dos nossos. Também é a história de como o bar ganhou sua mascote.

Tinha essa jovem chamada Antonia, que foi de uma linda bebedora de absinto para uma das minhas clientes regulares em um mês. A pele dela era tão pálida que era quase prateada, os traços eram delicados e os pulsos eram tão finos que ela poderia enfiar a mão no garrafão de vinho barato atrás do bar — mas ela teria que tirar a mão rápido, ou Leroy, o duende do vinho, poderia arrancá-la com uma mordida. Enfim, ela chega perto de mim na hora de fechar e me pergunta se eu tenho um trabalho para ela. Ela pode limpar mesas ou até tocar o violão dela algumas noites por semana.

Se você já esteve no Rachel's, você sabe que não precisa de música ao vivo, ou qualquer outra coisa, para dar atmosfera ao local. Se tem uma coisa que a gente tem sobrando é atmosfera. É só sentar em um dos nossos reservados com assentos de veludo — as marcas nas mesas de madeira contam as histórias delas, e as manchas no assento se desdobram para sair do caminho da sua bunda. Do trepidar gentil das tábuas do teto até as luzes cor de âmbar piscando, passando pelas fotos autografadas de dragões famosos e súcubos celebridades nas paredes de tijolo, o lugar é a cidade da atmosfera.

Mas então eu tinha ouvido a Antonia cantar e tocar violão, e era como a chuva de um dia de verão logo depois de você ter dado o seu primeiro beijo ou algo assim. Bem lírico. Eu deixei ela tocar no Rachel's uma noite e não consegui acreditar — o pessoal que normalmente só entornava um jarro da minha sangria “especial” e então desaparecia

estava ficando para ouvir ela, derramando lágrimas luminescentes que, devagarinho, flutuavam no ar e então se transformavam em vespas cristalinas. (A sangria faz isso mesmo.)

Então, depois da Antonia acabar de cantar naquela primeira noite, eu fui até ela e disse que talvez a gente pudesse fazer aquilo funcionar, se ela estivesse disposta a limpar algumas mesas além de fazer o Lilith Fair dela.

— Só tem uma coisa que eu não entendo — falei. — É óbvio que você é fada, pelo efeito que teve nos idiotas que vêm aqui. E você é igualzinha àquela princesa desaparecida da Alta Corte de Silvânia. A princesa Lavinia. — (Silvânia é o que as fadas chamam de Pensilvânia, o centro do poder deles.) — Dizem que sua majestade suprema, o rei Castanha, chora toda noite e daria metade das riquezas de Silvânia para ter você de volta. A rainha, Mab, o delineador dela está borrado há meses. Isso sem mencionar o apaixonadinho do príncipe Azaron. Então por quê?

— Nunca mais posso retornar para casa — disse Antonia (ou Lavinia) chorando. — Arrependo-me do dia em que decidi me aventurar e ver o mundo por mim mesma. Pois naquele dia, encontrei uma maldição tão monstruosa que não posso arriscar infligi-la a ninguém do meu povo. Não posso desfazer o que foi feito. A única maneira de proteger meus amigos e minha família e me manter bem longe deles. Estou permanentemente exilada, e a culpa é de minha própria tolice. Agora, por favor, não me pergunte mais nada, pois bebi de sua sangria e temo que minhas lágrimas possam picá-la de maneira um tanto cruel.

Não falei mais nada, mesmo com a curiosidade sobre a maldição que manteve a princesa das fadas longe da Corte Feérica no condado de Bucks. Não soube de mais nada — até algumas semanas depois, quando a Lua Cheia chegou.

Antonia apareceu como sempre, usando um vestido resplandecente de renda feito do melhor samito (acho que era um Gunne Sax vintage). Ela murmurou alguma coisa sobre como o show dela ia ser menor que o normal, porque não estava se sentindo bem. Eu falei que não tinha problema, que ia colocar o jogo de hóquei na TV de tela grande. (Eu mencionei a TV de tela grande? Também é grande parte da atmosfera. A gente tem noite de karaokê às sextas.) Enfim, a intenção dela era tocar por uma hora, mas ela se deixou levar por essa linda e triste melodia sobre dois amantes separados para sempre por um vento cruel, e ficou mais escuro lá fora conforme a música dela chegava ao cume de emoção.

E então um negócio estranho aconteceu. As mãos dela, tão pequenas, começaram a crescer, e o violão ficou mais frenético e dissonante. Cabelo começou a crescer por toda a sua pele, e o rosto dela estava mudando também, se transformando em um focinho.

— Não! — gritou ela (ou uivou?), conforme suas orelhas já pontudas ficavam ainda mais pontudas e o cabelo dela ficava mais grosso e mais parecido com pelo. — Não, eu não permito! Não aqui, não agora. É cedo demais! Pelo meu sangue feérico, eu o comando: renda-se! — E, com aquela última palavra, a transformação parou. O cabelo nas suas mãos desapareceu, o rosto voltou ao normal, e ela só parecia um pouco mais lupina que o normal. Ela mal teve

tempo de colocar o violão no estojo, deixando-o no bar, antes de subir correndo a escada que leva até a porta. Eu a ouvi subindo para dentro do beco e fugindo, sua respiração dura e gutural.

Antonia não apareceu por três dias, até a lua ficar minguante. Quando ela enfim cantou para nós, sua música estava mais lúgubre do que nunca, cheia de uma paixão tão sexy que nossos órgãos internos derreteram em um fondue de saudade.

Agora, naquela mesma época, eu estava pensando em abrir uma franquia. (Aguenta um pouco que isso faz parte da história.) As coisas estavam indo muito bem em Freeboro, e eu queria abrir outro bar no lado oposto de Triad, na cidade de Evening Falls. O maior problema era que você não ia querer abrir um bar voltado para clientes místicos e mitológicos em um shopping com uma Igreja Batista Primitiva, um salão de manicure e uma churrascaria na Highway 40. E Evening Falls tinha poucos desses lugares propriamente isolados, todos classificados pela prefeitura como zonas puramente residenciais ou apenas para restaurantes.

Se você já esteve no Rachel's, já deve ter ouvido as minhas opiniões sobre os malefícios do zoneamento. Mas caso você não tenha ouvido... [Nota do editor: os próximos dez parágrafos do manuscrito consistem em um discurso sobre zonas de habitação e como elas são comparáveis a sapos-cururus gigantes comedores de carne humana ou vespas-chifrudas. Você pode ler o texto na internet, no site www.monstrosdoplanejamentourbano.org.]

Enfim, onde é que eu estava? Franquias. Então, eu conheço algumas bruxas e facilitadores de todos os tipos, que podem fazer você acreditar que sábado é segunda, mas é difícil colocar uma maldição em todo o conselho de planejamento. Então pensei em como eu poderia fazer para convencer aquelas pessoas. E foi aí que me lembrei de que eu tinha a minha própria fada cantora encantadora, com um toque lupino dentro dela, na folha de pagamento.

Os olhos de Antonia se esbugalharam ainda mais e seus lábios tremeram quando eu pedi para ela vir comigo e tocar em uma festa para as elites secretas de Evening Falls.

— Não posso — disse ela. — Faria qualquer coisa dentro de minhas capacidades para ajudar você, Rachel, mas tenho medo de viajar para algum local em que possa ser reconhecida. E minha música não é mais para qualquer pessoa, é apenas para os perdidos e os desesperados. Não posso ficar aqui, em seu bar, e tocar para seus clientes?

— Olha, veja bem — falei, empurrando-a para cima do meu banco de bar menos carnívoro. — Eu fui bem legal com você, e um monte de gente já teria ligado para o telefone do lado da caixa de leite de cardo para pegar a recompensa. Ouro das fadas! Do tipo verdadeiro, não aquele que some depois de uma hora. Isso sem mencionar que eu tolero o perigo constante de você morder os meus clientes e transformar eles em lobisomens. O que, para ser justa, poderia melhorar a disposição deles e talvez assim eles dessem gorjetas melhores. Mas você sabe, é tudo sobre uma mão lavar a outra, mesmo quando uma dessas mãos é um tentáculo. Ou uma garra. Embora você não fosse querer que um dos Padres-Polvos de Wilmington lavasse nenhuma

das suas partes, a não ser que quisesse tatuagens de tinta de lula aparecendo na sua pele por anos depois disso. Bem, onde eu estava mesmo?

— Você estava tentando me chantagear — disse Antonia, com um fiapo de dignidade. — Pois bem, Rachel. Você demonstrou do que sua amizade é feita. Vou tocar em seu “arrasta-pé”.

— Que bom, que bom. Era tudo que eu queria. — Juro, deveria ter uma edição especial para fadas de *Como chegar ao sim*, só para ajudar a lidar com esse drama feérico.

Então a gente preparou um banquetezinho bem legal em uma igreja quacre em Evening Falls, com carne de porco desfiada e quiabo frito. É claro que, considerando que a maioria daquelas pessoas estava envolvida em zoneamento, a gente deveria ter deixado que sacrificassem uma virgem. Quer dizer, falando sério. [O restante dessa seção está disponível em www.monstrosdoplanejamentourbano.org — Os editores.]

Onde eu estava? Ah, sim. Então, a maior parte do grupo era formada pelas pessoas de sempre: velhas carolas, políticos de baixo calção, empresários locais e por aí vai. Mas havia dois homens que chamavam tanta atenção quanto vespas-chifrudas em uma tourada.

Sebastian Valcourt era alto, com belas maçãs do rosto e uma testa nobre, sob um escândalo de cabelo ondulado preto que ele provavelmente passava uma hora todo dia secando com o secador. Usava um terno sob medida, mas a camisa estava desabotoada quase até o umbigo, revelando um peito sem pelos que era feito de dinheiro. Sem

brincadeira, eu conhecia um stripper chamado Velcro que era três-quartos elfo e ele teria matado por aquele peitoral.

O outro homem surpreendentemente bonito se chamava Gilbert Longwood, e era tão grande e tão forte que parecia uma estátua clássica. Seus braços eram como falésias marinhas e seu rosto era enorme e com o queixo quadrado — como um busto de mármore, só que os olhos dele tinham pupilas, o que provavelmente era uma coisa boa. Quando ele segurou a minha mão, senti o aperto e aquilo fez meus joelhos tremeram. Mas, desde o início da noite, tanto Gilbert quanto Sebastian só tinham olhos para uma mulher.

Assim que Antonia começou a tocar, já tinha acabado — todo mundo no local ficou caidinho por ela, e eu poderia ter conseguido uma permissão para colocar uma pista de boliche dentro de uma igreja se quisesse. Depois, fiquei conversando com Gilbert enquanto Sebastian saltava para o outro lado do salão como um dançarino de balé, aterrissando em frente a Antonia e beijando a mão dela com a testa ampla. Ele falou alguma coisa e ela cobriu a risada com a mão.

— Você deu uma festa divertida — disse Gilbert, tentando não olhar para o galanteio acrobático que acontecia no outro canto. — Não me lembro de ter visto metade dessas pessoas demonstrar qualquer emoção desde que o historiador da cidade ateou fogo a si mesmo alguns anos atrás. — A voz dele era como um gongo ecoando por uma cripta. Eu nunca soube muito bem do passado de Gilbert, mas entendo que ele era o filho de um escultor rico, parte da família mais proeminente de Evening Falls.

Àquela altura, Gilbert tinha desistido de fingir que não estava encarando Antonia.

— É — falei. — Eu descobri aquela garota. Ensinei tudo que ela sabe. Só que mantive alguns segredos para mim, se é que você me entende, e eu acho que entende. — Pisquei.

— Peço sua licença, por favor, graciosa senhora — disse Gilbert. Quando ele se curvou em reverência, parecia uma ponte levadiça descendo e subindo de novo. Ele caminhou até o outro lado do cômodo, passando por todas as pessoas que queriam perguntar para ele sobre zoneamento (os abutres!) no caminho até onde Sebastian estava brindando com Antonia.

Eu não pude chegar perto o suficiente para ouvir a conversa que se sucedeu, mas os rostos deles me falaram tudo que eu precisava saber. A boca de Sebastian sorriu, mas seus olhos de âmbar-esverdeado queimavam de desejo por Antonia, mesmo quando ele fez algum comentário impróprio para ferir os sentimentos de Gilbert. Gilbert sorriu de volta, e deixou a esperteza espalhafatosa de Sebastian bater e voltar no seu rosto de granito enquanto permanecia olhando para Antonia o tempo inteiro. Quanto a Antonia, ela corou e observou as profundezas da sua taça de refrigerante Cheerwine.

Dava para ver um triângulo amoroso nascendo, com os cantos tão afiados que poderiam cortar sua barriga ao meio e deixar suas entranhas trêmulas expostas a qualquer tipo de infecção, incluindo estafilococos resistentes a remédios, uma coisa que, nos últimos tempos, tem me deixado louca. Eu sempre lavo as minhas mãos duas vezes, com sabonete antibacteriano e água benta. Onde eu estava? Ah, é,

triângulo amoroso. Aquilo era um isósceles de puro desejo fervente, em que dois homens sofreriam de amor pela mesma mulher impossivelmente bonita com o coração partido para sempre. Meu primeiro pensamento foi: “Tem que ter uma maneira de ganhar dinheiro com isso.”

E é claro que tinha. Eu me certifiquei de que Antonia não desse a eles o seu telefone, nem mesmo sua arroba no Twitter. Se eles queriam stalkear ela, eles teriam que ir ao Rachel’s Bar & Grill. E eu consegui dar a entender aos dois que o que deixava Antonia impressionada era quando um cara tinha um grande grupo de amigos que bebiam muito.

Eu não precisei ligar a TV de tela grande nem mesmo uma vez no mês seguinte. Com seus galanteios efervescentes em relação a Antonia, Sebastian e Gilbert ofereciam tanto entretenimento gratuito quanto dez maratonas de *Um amor de família*. Talvez até onze. Sebastian deu a Antonia um pequeno unicórnio feito de estanho, que cavalgava pela palma da mão dela, mas que permanecia parado em outros lugares. Gilbert levou tantas flores que o bar cheirava bem pela primeira vez desde 1987.

Certa noite, eu vi Gilbert de olho em Antonia enquanto ela estava sentada em um dos banquinhos do bar chorando uma balada. Ela usava uma saia de lona comprida, e seus pés estavam cruzados no apoio do banquinho. Ele observava os ângulos trágicos dela — tão graciosos, com tendões que flexionavam como os sentimentos mais profundos do coração — e seus grandes olhos castanhos ficaram marejados.

E então Sebastian chegou, acompanhado de dois outros homens estranhamente bonitos, anormalmente em forma e

com olhos expressivos. Quando você pensava que suas sobrancelhas não podiam ficar mais expressivas ou que seus olhares não poderiam ser mais ardentes, eles iam lá e aumentavam a dose. As sobrancelhas deles tinham o alcance dramático de mil Kenneth Branaghs — talvez mil Kenneth Branaghs por sobrancelha, na verdade. Os outros dois trocaram sorrisinhos irônicos enquanto Sebastian mantinha o olhar fixo nos lábios pequenos que tremiam sem parar e nos olhos gigantes e cheios de tristeza de Antonia.

Algumas semanas — e alguns milhares de dólares de bebida da melhor qualidade — depois, Sebastian e Gilbert começaram a falar com Antonia sobre a paixão que sentiam.

— Um coração ferido tão gravemente quanto o seu precisa de um cuidado especial, milady — falou Gilbert, a voz grave retumbante. — Minhas mãos são fortes, mas meu toque é gentil, e eu a mantereí a salvo. — As costeletas dele eram retângulos perfeitos, emoldurando suas maçãs do rosto esculpidas perfeitamente.

— Temo que... — Antonia se virou para colocar o violão no estojo, a fim de esconder a angústia de seu rosto por um momento. — Temo que o único remédio para quem tem uma condição como a minha seja a solidão, entrelaçada com a boa companhia aqui no Rachel's. Mas sempre estimarei sua amizade, Gilbert.

Pouco depois, Sebastian se aproximou de Antonia, sem seus camaradas.

— Minha querida — disse ele. — Sua beleza brilha mais do que qualquer um desses rótulos de cerveja em néon. Mas é sua voz, seu tom doce e triste, que me encantou mais do

que qualquer coisa que encontrei em décadas. Deve concordar em ser minha, ou não terei escolha a não ser me tornar ainda mais misterioso, até que vire um mistério para mim mesmo. Eu falei isso alto? O que quis dizer é que vou definhar. Observe minhas sobrancelhas e vai ver como falo sério.

— Ah, Sebastian. — Antonia riu e suspirou logo depois. — Tivesse eu uma lasca de coração para dar, bem poderia dá-la a você. Mas você fala com uma mulher vazia.

Blá-blá-blá. Isso continuou para sempre, e eu precisei fazer novos pedidos do uísque single malt, isso sem mencionar os conhaques baratos e Southern Comfort.

Quem poderia dizer o quanto aquilo teria durado se tanto Sebastian quanto Gilbert não tivessem aparecido em uma noite em que Antonia não estava? (Você adivinhou: Lua Cheia.) Os dois começaram a discutir sobre quem tinha direito a Antonia. Gilbert ribombou que Sebastian só queria usar a moça, enquanto Sebastian falou que Gilbert era um brutamontes feio demais para ela. Gilbert tentou dar um soco em Sebastian e errou, e foi assim que eu mandei eles resolverem aquilo lá fora.

Pouco tempo depois, todos nós fomos lá para fora assistir. Sebastian dançava como Prince em uma frigideira quente, enquanto Gilbert continuava socando com seus punhos gigantescos e errado. Até que, finalmente, o antebraço de Gilbert atingiu Sebastian no ombro, e ele saiu voando para aterrissar de bunda no chão. Foi aí que as coisas ficaram divertidas: o rosto de Sebastian ficou todo duro e com aparência de couro, e presas surgiram em sua boca. Ele deu uma cambalhota no ar, mirando um chute rápido em Gilbert

— que ergue o punho do tamanho de um pedregulho para que ele colidisse com o rosto de Sebastian.

Depois disso, a luta consistiu em Gilbert socando Sebastian sem parar.

— Vampiro idiota — murmurou Sebastian. — Você não é o primeiro chupador de sangue que eu arrebento.

Àquela altura, a mandíbula de Sebastian parecia deslocada. As sobrancelhas expressivas estavam retorcidas de dor.

— Eu não sou... um vampiro... normal — sibilou ele. Gilbert desceu o punho de marreta no crânio de Sebastian.

Sebastian caiu no chão, uma pilha de ossos nada elegante. E sorriu.

— Quanto mais eu apanho... mais difícil é... me matar — disse ele com a voz raspando. E então se levantou com as pernas cambaleantes, a carne descascando.

O sorriso de Sebastian ficou solto e distendido. Em vez dos comentários espertinhos de sempre, ele disse apenas uma palavra:

— Cééééééérebro...

Gilbert continuou socando Sebastian, mas não adiantava. Nada conseguia pará-lo. Sebastian atacou Gilbert com uma força terrível e finalmente acertou um ponto fraco, o lugar em que a cabeça de Gilbert encontrava o pescoço — e assim, a cabeça de Gilbert caiu, rolando até os meus pés.

A cabeça decepada de Gilbert olhou para mim.

— Diga a Antonia... que meu amor por ela é verdadeiro. — E aí a cabeça virou pedra. O mesmo aconteceu com o restante do corpo, que desabou e quebrou em diversos pedaços no meio do beco escuro.

Sebastian olhou para mim e para os poucos outros clientes regulares que estavam assistindo. Ele rosnou e o que tinha sobrado da sua boca falou:

— Cééééééééééééééééérebro!

O cliente mais perto era Jerry Dorfenglock, que frequentava o Rachel's havia vinte anos. Ele tinha uma careca bem legal, e ele já tinha experimentado pentear o cabelo lateral por cima da cabeça até o outro lado até cortar tudo, que nem o Kojak, antes de decidir aceitar o que ela era: dois tufo de cabelo grisalho flanqueando um domo sereno. Sebastian abriu aquele escalpo nobre junto com a caveira abaixo dele. Com ambas as mãos, Sebastian tentou pegar um pouco dos miolos do pobre Jerry, mas parou no último segundo. Então, ele se inclinou e afundou os dentes no pescoço de Jerry, chupando todo o sangue do corpo dele em um gole só.

Um momento depois, Sebastian desviou os olhos da casca do cadáver de Jerry, parecendo mais como era antes.

— Se eu... — Ele parou para limpar a boca. — Se eu comer o cérebro, me torno irrevogavelmente o zumbi. Mas se eu beber o sangue, volto ao meu eu vampírico magnífico. É sempre difícil lembrar a mim mesmo. Pense nisso como a barreira sangue-cérebro entre o trapaceiro charmoso... e o inimigo cambaleante. — O outro cliente que estivera assistindo à luta, Lou, tentou fugir, mas Sebastian era rápido demais.

Eu olhei para as cascas sem sangue dos meus dois melhores clientes, além dos pedaços de calcário do pobre Gilbert, e então de volta a Sebastian — que agora tinha a mesma aparência de antes, como se nada tivesse

acontecido, tirando as manchas no seu terno sob medida. Decidi que manter o tom casual era minha maior chance de sair dali com vida.

— Então você é meio vampiro, meio zumbi — falei como se estivesse discutindo uma reprise de *Seinfeld*. — Isso é uma coisa que não se vê todo dia, acho.

— É uma história interessantíssima — disse Sebastian. — Quando era mortal, amei uma beleza negra misteriosa, que se tornava mais misteriosa a cada hora. Meu coração quase explodiu pelo amor que eu sentia. Por fim, ela revelou a mim que era uma vampira ancestral e me ofereceu a chance de ser seu consorte. Ela me deu seu sangue e me disse que, se eu morresse nas próximas doze horas, me tornaria um vampiro e poderia me juntar a ela. Se eu não morresse, poderia voltar à minha vida mortal. Ela me deixou sozinho para tomar a decisão. Fui até meu lugar favorito às margens do lago Stoneflower, para considerar minha decisão e saborear meu último dia na Terra... pois já sabia qual era minha escolha. Mas, então, um zumbi surgiu do fundo do lago, onde aterrorizava um robalo, e me mordeu no rosto. Morri no mesmo instante, porém, conforme o sangue de vampiro me transformava no eterno jovem apaixonado pela escuridão, a mordida do zumbi também fazia sua mágica. Agora, sou um vampiro, contanto que mantenha uma dieta regular de sangue restaurador.

— Que história legal — falei. Eu já estava pensando no que faria com os corpos de Lou e Jerry, já que eu tinha a impressão de que Sebastian consideraria remoção de cadáveres um trabalho de mulher. — Você devia vender os direitos para a TV.

— Agradeço o conselho. — Sebastian fitou o fundo dos meus olhos, e seu olhar me congelou. — Você não vai falar a ninguém sobre o que viu e ouviu hoje. — Conforme falava, as palavras se tornaram uma lei inquebrável para mim.

E então Sebastian saiu caminhando para longe, me deixando — o que foi que eu disse? — para enterrar os corpos. Pelo menos com Gilbert era só uma questão de levar os pedaços para o Parque da Estátua Arruinada a algumas ruas de distância.

Quando eu enfim acabei, minhas mãos estavam horríveis, e eu estava suando, tremendo e talvez até chorando um pouco. Voltei para o bar e me servi uma dose de bourbon Wild Turkey, e aí mais outra, e depois mais um pouco. Eu queria poder conversar com alguém sobre aquilo. Mas é claro que eu estava sob o efeito de um feitiço mental e não poderia falar uma palavra.

Ainda bem que eu tinha uma conta no Hotmail.

Eu coloquei as coisas da forma mais simples que consegui em um longo e-mail para Antonia, incluindo toda a bagunça que era a coisa do “vampiro que também é zumbi”. Terminei o e-mail falando: “O negócio, querida, é que Sebastian vai pensar que você não sabe nada sobre isso, e, com Gilbert fora do caminho, ele vai agir. Definitivamente NÃO se case com ele, o lance de ser meio zumbi é *inaceitável*, mas não tente lutar com ele também. Ele tem aquela coisa de que, quanto mais você o machuca, mais zumbi ele fica e aí não dá para ganhar; ele vai vencer você de qualquer maneira. Isso sem mencionar que a Lua Cheia acaba amanhã de manhã, então você não tem mais um lobo do seu lado. Só se mantenha a salvo, ok, porque acabaria comigo ver

alguma coisa acontecer com você — quero dizer que você traz os clientes e o dinheiro deles, não se preocupe, não estou ficando sentimental com você. Sua chefe, Rachel.”

Ela apareceu no dia seguinte, agarrada à cabeça de Gilbert. Os olhos estavam inchados e os tendões do pescoço apareciam quando ela soluçava. Eu dei a ela um copo de absinto sem falar nada, e ela bebeu tudo na mesma hora. Então fiz outro, com o cubo de açúcar e tudo o mais.

Eu não tinha certeza se o controle mental de Sebastian me impediria de dizer que eu sentia muito, mas não me impediu. Antonia deu de ombros e desabou no meu ombro, chorando na minha camiseta de flanela, a testa de Gilbert pressionando o meu estômago.

— Gilbert realmente me amava — disse ela quando foi recuperar o fôlego e se sentou no seu banquinho de tocar música de sempre. — Ele me amava mais do que eu merecia. Eu... eu estava finalmente pronta para me render e dar meu coração de novo. Tinha me decidido enquanto corria com os lobos.

— Você ia sair com o Gilbert? — Eu tive que me sentar.

— Não. Eu daria a má notícia para Gilbert gentilmente e, então, ia sair com Sebastian. Porque ele me faz rir. — Ela abriu o estojo do violão, revelando uma espada brilhante de aço silvaniano com o brasão de Thuiron, o Deliberador no cabo, em vez do instrumento. — Agora, tenho que matá-lo.

— Ei, ei, ei — falei. — Tem algumas boas razões para não fazer isso, sobre as quais não posso falar agora, mas se você esperar um minuto e me deixar pegar um bloco de papel e uma caneta, vou ficar feliz em explicar...

— Você já explicou. — Ela colocou a mão esquerda no meu ombro. — Obrigada pela sua gentileza, Rachel.

— Eu não... — O que eu poderia dizer? O que eu tinha *permissão* de dizer? — Eu não quero que você morra.

— Não vou morrer. — Ela sorriu com pelo menos parte do rosto.

— Vai começar o show mais cedo hoje? Tenho um pedido a fazer — disse Sebastian do vão da porta no topo da escada que levava ao bar, emoldurado pelo restinho de luz do dia. — Eu queria ouvir um pouco de Van Morrison, em vez dessa...

Antonia jogou a cabeça de Gilbert em Sebastian. Os olhos dele se arregalaram quando ele percebeu o que era aquilo e o que significava. Ela quase se abaixou, mas optou por pegar a cabeça com uma só mão, para mostrar que ele ainda estava no controle da situação. No entanto, enquanto ele estava distraído, Antonia já corria com a espada, fazendo um barulho enquanto a arma cortava o ar.

Antonia empalou Sebastian, mas errou o coração dele. Ele deu um chute na cara dela, e ela caiu, cega por causa do sangue.

— Então é assim que vai ser? — Sebastian jogou a cabeça no reservado mais perto, onde ela caiu de rosto para cima na mesa. — Confesso que estou desapontado. Eu ia casar e *depois* matar você. Fico com mais tesouro das fadas assim.

— Você... Você... — Antonia cuspiu sangue. — Você nunca me amou.

— Ah, acorda. — Sebastian ficou em cima de Antonia, puxou a espada para fora do peito dele e levou-a para cima de sua cabeça com as duas mãos, querendo dar um corte

limpo. — Vou levar os seus restos para Silvânia e então contar uma história linda sobre como nos apaixonamos e nos casamos antes de você ser morta por um javali selvagem ou um vendedor de seguros. Fique quieta, vai doer menos assim.

Antonia deu um chute nas suas partes reprodutoras, mas ele nem ligou. A espada brilhante zuniu em direção ao pescoço dela.

— Ei! — Eu peguei minha espingarda vorpal de cano duplo de baixo do balcão. — Sem. Brigas. No. Bar.

— A gente pode resolver isso lá fora — disse Sebastian, sem mover a espada.

— Tarde demais para isso — falei. — Você está no bar, então eu decido como a gente vai resolver isso.

— E como vai ser?

Respondi com a primeira coisa que me passou pela cabeça.

— Com um concurso de karaokê.

E como era o meu bar e eu tenho algumas proteções preparadas para esse tipo de situação, os dois tinham que obedecer às minhas palavras. Sebastian reclamou um pouco, especialmente porque Antonia era uma cantora semiprofissional, mas não tinha como evitar. A gente demorou algumas horas para organizar tudo e achar alguns juízes e colocar uns feitiços de imparcialidade neles, para manter a competição justa.

Eu até abri o meu garrafão de vinho bom e dei taças de graça para todo mundo. Assim que seu ninho ficou vazio, Leroy, o duende do vinho, se arrastou até o bar e apertou os olhos.

Antonia foi primeiro, e foi direto na jugular — com músicas da Broadway. Você provavelmente nunca viu uma princesa das fadas cantar “Don’t Tell Mama”, do *Cabaret*, girando o quadril em passos burlescos de dança e fazendo uma coisa meio Betty Boop quando piscou para a plateia. De alguma maneira, ela colocou toda a raiva e paixão, toda a ira justificada tipo da Sarah McLachlan, em um rugido no refrão final. Os juízes desenharam bons números altos e tagarelaram com tom de aprovação.

E aí foi a vez de Sebastian — e ele arrebentou com aquela música do Red Hot Chili Peppers sobre a Cidade dos Anjos. Ele até colocou mais delineador. Ele olhou fixo para cada um de nós com aquele olhar vampírico raso, mesmo quando estava mostrando um fac-símile de uma alma, cantando sobre estar perdido e solitário e sobre querer o seu maldito lugar ao sol. O filho da mãe ia ganhar aquele negócio.

Mas tinha uma coisa que eu sabia com certeza. Eu sabia que ele ia ter que fechar os olhos, por pelo menos um segundo, quando chegasse nas notas agudas da ponte sobre a ponte, depois do segundo refrão.

Então, quando Sebastian cantou “Under The Bridge Downtown”, os olhos dele fecharam para que a voz pudesse flutuar acima da guitarra de Frusciante mudando do modo “papinha” para o modo “lixo”. E foi aí que eu atirei nele com a minha espingarda vorpal. Um na cara, outro no peito. Eu recarreguei o mais rápido possível, e atirei no peito de novo, e depois no joelho esquerdo, só para garantir.

Não foi o suficiente para atrasá-lo, mas foi o suficiente para ele mudar. De repente, a letra virou: “*Under the bridge downtown, I could not get enough... CÉÉÉÉÉREBROS!!*”

Ele jogou o microfone longe e foi para cima da plateia. Os três juízes, ainda enfeitiçados para serem cem por cento imparciais, permaneceram sentados pacientemente, observando aquilo e fazendo anotações nas suas folhas de papel, até que um dos clientes os empurrou para fora do caminho. Leroy, o duende do vinho, cobriu o rosto e gritou pela segurança de seu garrafão. Pessoas passaram umas por cima das outras para chegar até a escada.

— Eu assumo daqui em diante. — Antonia ergueu a espada, girando a arma como um chefe de cozinha de Benihana enquanto o orgasmo guitarrístico de Frusciante chegava ao clímax. Ela arrancou um dos braços de Sebastian, mas ele mal notou.

Ela desferiu outro golpe, tentando arrancar a cabeça dessa vez, mas ele conseguiu dar um passo de lado e tentar atingir Antonia com uma cabeçada. A cara dele foi atingida pela lâmina, e de novo ele mal percebeu, e empurrou o fio para dentro da barriga de Antonia com a testa. O sangue jorrou dela conforme a menina caía no chão, e ele pegou o líquido na boca como se fosse chuva.

Um segundo depois, Sebastian era Sebastian de novo.

— Ah, sangue de fada — falou. — Não tem nada igual. Antonia tentou se levantar de novo, mas voltou ao chão com um gemido, curvada sobre o estômago ferido.

Dei outro tiro, mas errei, e Sebastian quebrou a espingarda no meio. E então quebrou meus dois braços.

— Ninguém vai vir cantar karaokê aqui se você atirar na cara das pessoas enquanto elas estiverem cantando. Sério. — Tentei não dar a ela a satisfação de me ouvir chorar.

Antonia levantou a cabeça e lançou um feitiço de fogo. Fumaça começou a sair do corpo de Sebastian, mas ele apenas deu de ombros.

— Você já viu o que acontece quando tenta me machucar.
— A fumaça se tornou uma parede de fogo sólida, mas ele a afastou com um golpe de tai chi. — Então por que se dar ao trabalho?

— Boa parte — a voz de Antonia veio do outro lado da parede de fogo — era para distraí-luuuuuuuuuu! — Seu rosnado virou um uivo, um grito bárbaro por vingança.

Pode ser que exista uma visão mais incrível do que um lobo branco gigante pulando por uma parede de fogo sólida. Se existe, eu não vi. Antonia — porque, de alguma forma, ela conseguiu reunir o suficiente do seu lobo interior para mudar — tirou as garras para fora durante o pulo. Seus olhos brilhavam vermelhos e suas orelhas estavam para trás conforme as chamas abriam espaço para ela e faziam chover faíscas sobre seu pelo branco cor de mármore.

Sebastian foi pego de surpresa. A primeira mordida dela abriu o pescoço dele, e a cabeça ficou pendurada em um lado. Ele começou a virar zumbi de novo, mas Antonia já o estava arranhando.

— Não... não deixa ele te morder! — gritei de trás do balcão.

Sebastian quase tinha conseguido pegar Antonia com os dentes, mas ela desviou.

— CÉÉÉÉREBRO!

Ela estava em cima dele, as mandíbulas abrindo e fechando sem parar, mas ele mordia tão forte quanto ela. A

saliva de zumbi e os dentes de vampiro estava a centímetros do pescoço dela.

Eu engatinhei até o cooler onde deixo os jarros de sangria, e puxei a tampa com meus dentes. Derrubei garrafas e jarras tentando pegar a surpresa que tinha deixado ali na noite anterior, em um jarro grande coberto por papel-celofane.

Eu não tinha enterrado *tudo* de Lou e Jerry.

Peguei o jarro com os dentes e equilibrei-o entre meus dois braços e meu queixo, e então levei até onde Antonia e Sebastian ainda tentavam morder um ao outro.

— Ei — falei com a voz rouca —, guardei um negócio para você, seu filho da mãe.

E aí derrubei o conteúdo do jarro — o cérebro de dois caros em um belo vinagrete balsâmico — na cara de Sebastian. Assim que começou a comer os cérebros, ele não conseguiu mais parar. Ele estava com miolos no rosto todo e tentava engolir aquilo o mais rápido possível. Cérebro entrava nos olhos dele e no que tinha sobrado do nariz. Não tinha mais como ele voltar atrás agora.

Antonia quebrou o jarro de vidro e segurou um grande caco nas suas mandíbulas fortes de lobo, cortando o pescoço de Sebastian até a cabeça sair. Ele ainda estava engolindo os últimos pedaços de cérebro que tinha na boca e tentava lamber pedacinhos que ficaram no rosto.

Demorou uma hora para arrumarem os ossos dos meus braços e eu fiquei com gessos do tamanho de barris de chope. Colocamos a cabeça de Sebastian em outro jarro, com uma luz negra dentro para que, sempre que o aparelho de som tocasse Red Hot Chili Peppers, ele se animasse e

seu rosto ficasse roxo. Eu nunca pensei que iam pedir tanta música do RHCP no Rachel's. Mas também nunca consegui a permissão para abrir um segundo bar.

Quanto a Antonia, acho que toda essa experiência a deixou mais durona e a fez perceber que ser um pouco um animal selvagem não é uma coisa ruim para uma princesa das fadas. E que Anthony Kiedis não tem o alcance musical que pensa ter. E que, quando se trata de triângulos amorosos e duelos até a morte, você sempre deve trapacear. E que fugir dos seus problemas não funciona por tanto tempo. Tem algumas outras lições também, que eu imprimi e plastifiquei para ela. Ela continua cantando no bar, mas fez algumas viagens até Silvânia durante a lua crescente, e eles estão procurando uma cura para ela. Provavelmente ela poderia voltar e ser uma princesa se quisesse, mas estamos conversando sobre fazermos negócios juntas e abrir alguns bares de karaokê em Charlotte e Winston-Salem. Ela está aprendendo a levar as coisas numa boa. Acho que a gente pode conquistar o mundo.

OLHE AQUI DENTRO

MICHAEL MARSHALL SMITH

Eu vou contar uma mentirinha para você antes de a gente começar. Não se preocupe — depois eu conto qual é. Vou deixá-lo com a verdade, prometo.

Mas vou contar a outra coisa antes.
E eu estou grávida.



Eu estava jantando fora quando começou. Era um jantar de trabalho, o que significa passar algumas horas em um restaurante italiano do Soho enquanto o meu chefe divaga sobre os desafios que a empresa está enfrentando nesse período de dificuldade econômica e faz um ótimo trabalho ao não ficar encarando o meu decote.

O jantar não demorou muito; mesmo depois de pegar o metrô, eu estava em casa às 21h30. Eu sou dona de uma casa bem pequena em uma área ao norte de Londres chamada Kentish Town, não muito longe da estação de metrô e da estrada principal. Hoje em dia, Kentish Town é basicamente o interstício entre as vizinhanças mais legais e mais caras de Hampstead, Highgate e Camden, mas, antes de ser engolida pelo avanço urbano, era um lugar digno de

pouca nota, um espaço aberto que ganhava vida pelo belo rio Fleet — que nascia em uma fonte em Hampstead Heath, mas há tanto tempo tão poluído e com o curso tão modificado que o rio acabou sendo perdido, e foi completamente pavimentado e redirecionado para o esgoto.

Minha pequena casa estreita fica perto de onde o rio um dia correu, no centro de uma região do meio da era Vitoriana, e tem três andares de altura (e mais um pouco), com um jardimzinho nos fundos diminuído pela metade por uma extensão da cozinha feita pelo antigo proprietário. Originalmente, ou assim o antigo dono me falou, as casas foram construídas para servir de moradia para as famílias dos homens que trabalhavam na linha férrea. É uma casa anormalmente normal, exceto pelo fato de que um lado do meu jardim é cercado por um muro de pedras, e que uma dessas pedras tem uma velha inscrição do St. John's College. Um pouco de pesquisa me mostrou que, centenas de anos atrás, a terra em que essas casas foram construídas — e um bom pedaço de Kentish Town — pertencia à instituição, que faz parte da Universidade de Cambridge. Por que um colégio seria dono de um jardim a milhares de quilômetros de distância está além da minha compreensão, mas eu também nunca entendi por que as pessoas gostam de reality shows ou do Colin Firth, então pode ser que eu seja a errada nessa história.

Aqui termina o tour pelo lugar.

É uma casa bem pequena, mas tenho sorte em ser dona dela, já que os preços do mercado imobiliário de Londres são absurdos. Bem... não foi só sorte. Ah, como os meus amigos me sacanearam quando eu comprei minha primeira

quitinete e me acorrentei a uma hipoteca logo depois da universidade; mas agora que eu consegui trocar por um lugar com uma escada de verdade enquanto eles ainda têm que morar de aluguel em apartamentos de dois quartos em vizinhanças nas quais nem hipsters querem viver; não é mais tão engraçado assim, pelo que parece (exceto para mim, claro).

Assim que chego, penduro meu casaco, tiro os sapatos e desabotoo o botão de cima da minha saia em uma tentativa de me sentir mais confortável em um universo pós-macarrão. Finalmente civilizada, eu entro na sala de estar (uma jornada épica de exatamente cinco passos) e na cozinha, onde cochilo esperando a água da chaleira ferver. Eu só tinha bebido duas taças de vinho, mas estava cansada, e a combinação das duas coisas me coloca em um transe de contornos borrados.

E então, sem nenhuma razão consciente, eu me viro e vejo a minha sala de estar.

A água da chaleira tinha acabado de ferver, jogando uma nuvem de vapor na minha cara, e mesmo assim eu senti um frio na parte de trás do pescoço.

Alguém havia entrado na minha casa.



Eu tinha certeza daquilo. Ou senti que tinha. De uma maneira um tanto romântica (do tipo “que fofinho, mas idiota”), sempre acreditei que você saberia de alguma forma que alguém tinha estado na sua casa: que a invasão de um estranho deixaria algum traço físico palpável, que nosso lar é nosso amigo e que vai denunciar o intruso.

Uma casa não passa de paredes com um telhado e uma coleção de objetos e mobília — a maior parte deles escolhida por razões econômicas, não com uma atenção infinita ou um rigor existencial —, e a única diferença entre você e qualquer outra pessoa no planeta é que você tem o direito por lei de estar ali. E, mesmo assim, eu sabia.

Eu sabia que alguém tinha entrado na minha casa.

E se ele ainda estiver aqui?

A extensão da cozinha tem uma porta lateral, minha porta dos fundos, acho, que dá para o jardim. Eu poderia abrir e escapar por ela. No entanto, não chegaria muito longe, já que os jardins dos vizinhos estão do outro lado de cercas altas (uma delas construída sobre a mureta velha de pedras).

Eu não gostava daquela ideia por outras razões também.

Era a minha casa, caramba, e eu não queria fugir dali. Isso para não falar que eu me sentiria uma idiota completa se descobrissem que eu tentei pular a cerca para o jardim de uma vizinha com base apenas em uma “sensação”. É exatamente esse tipo de merda que faz as mulheres perderem toda a reputação.

Contudo, fui até a porta. Girei a maçaneta gentilmente e descobri que estava destrancada.

Eu sabia que a porta *da frente* tinha sido trancada — eu a destranquei quando voltei do jantar. Todas as janelas da cozinha estavam fechadas e trancadas, e de onde eu estava, ainda congelada no mesmo lugar, dava para ver que a janela grande da sala estava trancada também.

Em outras palavras, só havia uma maneira possível de alguém ter entrado ali — e, no caso, era se eu tivesse

deixado a porta dos fundos destrancada quando saí naquela manhã.

Eu não sabia nada sobre as táticas de invasões domiciliares, mas suspeitava que a pessoa deixaria seu ponto de acesso aberto (ou, ao menos, encostado) enquanto estivesse nas imediações, para facilitar uma saída rápida caso o dono da casa aparecesse. Você não deixaria a porta fechada.

Minha porta dos fundos estava fechada. Minha esperança era de que aquilo significasse que ele não estivesse nas imediações.

Relaxe um pouco.

Atravessei a sala de estar na ponta dos pés até o pé da escada e parei, atenta, tentando ouvir. Não escutei nada, e eu sabia por experiência própria que aqueles degraus de madeira são impossíveis de atravessar sem fazer uma sinfonia de estalos — às vezes, os malditos faziam barulho no meio da noite mesmo quando não tinha ninguém em cima deles, especialmente o mais alto.

— Olá?

Prendi a respiração, tentando escutar algum movimento acima. Nada. Silêncio absoluto.

Com cuidado, explorei o restante da casa: o banheiro e o assim chamado quarto de hóspedes no primeiro andar; o quarto e o poço-sem-fundo-de-guardar-roupa; e, por fim, o “sótão” minúsculo lá em cima, situado acima de sua própria pequena e mal-acabada escada de cinco degraus. De acordo com o antigo dono, o cômodo tinha sido pensado originalmente para uma empregada. Ela teria que ser uma empregada minúscula.

O lugar era tão apertado que qualquer pessoa de tamanho normal seria obrigada a dormir em posição fetal. Ela não teria conseguido ficar de pé ali, conforme eu tinha confirmado no dia anterior mesmo. Eu finalmente tinha doado para a caridade algumas caixas velhas de bugigangas que estavam ocupando aquele espaço desde que eu me mudara. Durante o processo, estiquei a coluna em um momento sem pensar e bati a testa na viga velha e empoeirada com força suficiente para romper a pele, fazendo com que uma ou duas gotas de sangue caíssem no chão de madeira.

Eu ainda conseguia ver onde elas caíram, mas pelo menos aquele cômodo minúsculo estava arrumado agora.

E vazio, assim como todos os outros cômodos.

A casa toda parecia exatamente como eu a tinha deixado naquela manhã, ou seja, como o lar de uma trabalhadora de vinte e oito anos que, embora não fosse uma desmazelada completa, não era obcecada por limpeza. Tudo normal, nenhum objeto tinha sumido, nem estava fora do lugar. E não havia ninguém lá.

E *nunca* tinha havido, claro. A sensação que acreditei ter tido, a sensação de que alguém tinha estado lá, estava errada.

Só isso.



Quando voltei para o andar de baixo, estava pensando se eu deveria assistir à televisão (meu plano original) ou se deveria tomar um banho e ir para a cama. Ou talvez ir

direto para a cama com um livro. Ou uma revista. Eu ainda não tinha decidido os detalhes.

Então pensei em outra coisa.

Balancei a cabeça, imaginando que aquilo era idiota, mas caminhei com passos pesados, cansada, até a cozinha. Eu poderia dar uma olhada.

Liguei de novo o fogo da chaleira para fazer uma xícara de chá antes de ir para a cama (no caminho tinha decidido que já era tarde para passar uma hora assistindo à programação de bosta da televisão sem dar atenção e que tudo bem deixar para tomar um banho amanhã, já que não havia ninguém para me acompanhar até a cama). Assim que coloquei o saquinho de chá na xícara, voltei-me para o porta-pão.

Foi minha mãe quem me deu, um presente para a nova casa que eu tinha comprado. Ele tem um estilo bastante rústico e ficaria fantástico se colocado ao alcance de um fogão da marca Aga em uma cozinha de uma casa de campo (que é o que a minha mãe tem e o que ela gostaria que eu tivesse também, de preferência o mais rápido possível e na companhia de um jovem apenas moderadamente entediante que todo dia iria até o centro de Londres para um emprego com um bom salário enquanto me ajudaria a começar a parir crianças em um ritmo considerável). Na minha estadia atual, o porta-pão só parecia grande demais para o lugar.

Eu nem como pão, ou pelo menos não com tanta frequência, já que me dá gases crônicos. Dessa forma, fiquei convencida de que ele deveria permanecer vazio de

bens assados, exceto por algumas migalhas e por um croissant duro feito pedra.

Mesmo assim, eu tinha ido até ali para checar o porta-pão.

Levantei o pegador na frente, o que deixou escapar um leve cheiro de pão de forma velho. Então dei um gritinho e pulei para trás.

A parte da frente do porta-pão caiu no balcão com um barulho que pareceu alto demais. Pisquei os olhos para ver lá dentro e, com cuidado, estendi a mão.

Havia um bilhete. Peguei-o.

Ele dizia:

É muito linda. Assim como você.



Tenho que voltar um pouco aqui.

Anos atrás, no verão logo após o fim da faculdade, fiz uma viagem para os Estados Unidos. Na verdade, não posso descrever aquilo como uma “viagem”, já que só aluguei um carro e fiquei em motéis na maior parte do tempo — em vez de heroicamente pedir carona e dormir em albergues torpes ou acampar na floresta, escapando por um triz de assassinos psicopatas, heras venenosas e carrapatos cheios de doença de Lyme —, mas era eu quem estava lá, sozinha, por dois meses, então isso se qualifica como uma “viagem” para mim.

No meio disso tudo, eu me hospedei por cinco dias com alguns velhos amigos dos meus pais, um casal bastante distinto chamado Brian e Randall que viviam em grandeza

decadente em uma casa antiga de uma pequena cidade próxima às montanhas Adirondack do estado de Nova York, cujo nome me escapa agora. Foi um período agradável, durante o qual eu aprendi que Mozart não é de todo ruim, que minha mãe uma vez vomitou por duas horas depois de passar a noite bebendo vinho do Porto e que você pode melhorar muito um queijo cottage ao misturar um pouco de endro fresco nele. Fato.

Na minha primeira noite lá, notei uma coisa. Randall fora dormir no andar de cima. Brian, o mais másculo dos dois por uma pequena vantagem, ficou um pouco mais de tempo comigo, me dando conselhos sobre pontos turísticos locais que valiam ser visitados (quase nenhum, de acordo com ele).

Conforme desejávamos boa-noite um para o outro na cozinha, notei que ele verificou se a porta dos fundos da casa estava fechada (mas sem trancá-la, veja bem) e parou por um momento diante de uma caixinha de madeira fixada na parede oposta, antes de dar um tapinha nela.

Acordei cedo na manhã seguinte e, enquanto fazia uma xícara de chá para mim (Brian e Randall eram anglófilos ardentes, tendo passado muitos anos vivendo em Oxford, e, assim, tinham uma variedade impressionante de chás de verdade para eu escolher), me distraí e dei uma olhada na caixinha de madeira.

Era pequena, com uns cinco centímetros de profundidade, vinte e dois de largura e quinze de altura. Tinha uma tampa com dobradiças e as palavras *OLHE AQUI DENTRO!* pintadas.

Eu não achava que era de bom tom bisbilhotar, mas, e isso foi só uns dias depois — após ver Brian fazer o seu ritual noturno outras duas vezes —, eu enfim perguntei do que se tratava. Brian revirou os olhos.

— É uma coisa boba — respondeu. Ele gesticulou indicando que eu deveria me aproximar. — Vê o que ela diz?

— “Olhe aqui dentro” — falei.

— Isso faz você querer fazer o quê?

— Bem... olhar lá dentro.

Ele sorriu.

— Que bom. Vá em frente.

Abri a caixinha. Dentro dela, havia um envelope. Olhei para Brian.

— Pode pegar.

Tirei o envelope da caixa. Estava aberto. Dentro dele, havia um cartão de visitas alegre com as palavras *BEM-VINDO, AMIGO* impressas com clareza na frente e outro envelope, um pouco menor do que o primeiro. Deixei o segundo envelope de lado por um momento e li a mensagem que havia no cartão.

Querido visitante não convidado,

Seja bem-vindo a esta casa. Nós a chamamos de nossa já faz algum tempo agora e gostamos muito dela. Espero que você encontre alguma utilidade para o que está neste envelope e que isso seja um incentivo para você seguir o seu caminho, sem outras perdas ou danos ao nosso querido lar. Se assim for, você tem o nosso muito obrigado e desejamos-lhe o melhor.

Atenciosamente,

Randall & Brian

Franzi o cenho em dúvida e encarei Brian.

— Dê uma olhada no segundo envelope — disse ele.

Coloquei o cartão na mesa e abri o envelope. Dentro dele, presas por um clipe de papel grande com um rosto sorridente nele, havia notas que totalizavam 260 dólares.

— Nós começamos com cem — explicou Brian. — E acrescentamos vinte dólares todo ano. Então deve fazer uns sete anos agora, suponho. Não, oito. O tempo voa, não é? — Ele fez um gesto vago para indicar a casa como um todo. — Ninguém vai invadir a casa pela porta da frente. Fica bem na rua principal e, em uma cidade pequena como essa, as pessoas ficam de olho nas propriedades dos vizinhos. Alguém poderia invadir pela lateral, mas quebrar janelas é complicado e costuma fazer muito barulho. Então sempre deixamos a porta dos fundos aberta.

— O quê? Por quê?

— Porque esta é a forma mais óbvia de invadir a casa, minha querida, e custaria centenas e centenas de dólares para consertar uma porta quebrada, isso sem falar do tempo perdido e da inconveniência... e quem sabe o que eles roubariam ou quebrariam quando entrassem? Da maneira que está agora, uma pessoa pode simplesmente abrir a porta e entrar na casa, e, uma vez dentro da cozinha, a primeira coisa que se vê é a caixa. É difícil resistir, não acha?

Eu sorria, encantada pela ideia.

— E funciona?

— Não faço ideia — falou Brian. — Nunca, jamais tive que abandonar o meu sono ou retornar de minhas caminhadas durante o dia para descobrir que o envelope tinha

desaparecido. A coisa toda foi ideia do Randall, para falar a verdade. Em geral, acho que é melhor deixar ele fazer as coisas da forma que quer. A não ser, é claro, quando se trata de fazer um bom e suave molho Hollandaise. Nesse quesito, ele está... *completamente* errado.

Alguns dias depois, voltei para dentro do meu carro alugado e parti para o que quer que fosse que queria fazer (uma espécie de jornada pelas Carolinas, acho, embora, como a minha rota era totalmente sem forma e significado, tudo fica um pouco misturado na minha cabeça agora). Mas é evidente que eu trouxe a ideia de Randall quando retornei para Londres, porém — enterrada debaixo de pilhas de lembranças conscientes até eu me mudar para esta casa.

No meu apartamento antigo, não teria feito muito sentido, já que ficava no terceiro andar. Mas logo depois que eu me mudei para a casa em Kentish Town, vi a caixinha de madeira na loja de quinquilharias local, e a ideia apareceu na minha cabeça como se estivesse esperando pacientemente pela minha atenção durante todo esse tempo.

Comprei a caixa e escolhi um lugar na parede, a quase dois metros do corredor da minha porta da frente. Passei uma tarde feliz pintando meticulosamente as palavras *OLHE AQUI DENTRO!* na tampa. Você seria bondoso ao descrever o resultado como artístico, mas estava legível. Quando pendurei a caixa em um prego, me senti boba.

Não porque eu tinha feito aquilo — eu ainda estava maravilhada com a ideia —, mas porque estava roubando os frutos da personalidade de outra pessoa. Aquela tinha sido uma ideia do Randall, e não minha. Na casa que ele dividia

com Brian (que concordara com aquilo timidamente, por amor), era uma canção de individualidade, como o endro obrigatório misturado ao queijo cottage. Se eu fizesse a mesma coisa, seria simplesmente uma imitação.

Então, mudei um pouco. Em vez de colocar um envelope de dinheiro na caixa da parede, deixei um bilhete mandando a pessoa olhar...

No porta-pão da cozinha.

E eu nem oferecia dinheiro também. Deixei uma joia lá. Admito que não era uma joia que significasse o mundo para mim, mas também não era desprovida de algum valor sentimental. Eu a tinha comprado em Brighton anos atrás, paguei mais do que eu podia na época e tinha afeição real por ela. Escolhi aquela joia pela razão de que acho que um sacrifício verdadeiro deve vir com algum custo. Ela devia valer mais ou menos umas cem pratas, ou ao menos era o que eu imaginava que alguém poderia conseguir nela se a exibisse por aí nos pubs de baixa reputação da área.

Como Brian, eu nunca tinha acordado ou voltado para casa e encontrado alguma evidência de que a caixa no corredor tinha sido descoberta.

Quer dizer, não até aquele momento.

Voltei depressa para o corredor. Parei quando estava a poucos metros da caixa e me aproximei com cuidado.

Ela parecia estar da mesma forma de sempre, mas, sendo honesta, eu tinha parado de prestar atenção nela há muito tempo. Olhei dentro.

O envelope tinha sido aberto.

É claro que tinha. Só podia ter sido. Sem ler a mensagem que eu escrevera — quase palavra por palavra do que

Randall criara —, a pessoa nunca pensaria em olhar dentro do porta-pão, e encontrar o que estava lá, e me deixar o bilhete.

De repente, minhas pernas ficaram completamente molengas, e eu cambaleei até a sala e me sentei no sofá a tempo de não cair.



A casa ainda estava vazia, claro. Eu já tinha estabelecido isso e o que eu acabara de descobrir não mudava aquilo. Não havia nada a temer. Nada na situação presente, pelo menos.

Ah... mas havia.

Eu estava certa, afinal. Alguém *tinha* entrado na minha casa. A pessoa deu uma olhada nela, encontrou a caixa no corredor e o bilhete e, então, a joia no porta-pão. Deixou o próprio bilhete e foi embora.

O que eu deveria fazer? Chamar a polícia?

Bem, é óbvio que sim. Alguém tinha entrado na minha casa e pegado uma coisa. Embora *fosse* algo que eu convidara a pessoa a pegar, claro.

A não ser que...

Dei uma outra olhada pela casa e não vi nada faltando. Meu iPad e meu MacBook estavam no lugar de sempre, assim como minha TV barata e meu aparelho de DVD. Assim como o restante das minhas joias, as que eu não coloquei no porta-pão. Eu até desenterrei o meu pouco usado talão de cheques da mesinha de cabeceira e vi que nenhum cheque tinha sido retirado do meio (um golpe ardiloso que li em uma revista qualquer: roubar alguns cheques do meio

em vez do talão inteiro, para que o dono só percebesse o roubo quando fosse tarde demais). Eu nem sei se ladrões continuam usando cheques, e, fora alguns objetos cujo único valor era o sentimental, não havia nada que valesse a pena roubar na casa toda. E nada tinha sido roubado, de qualquer forma.

Mesmo assim, a pessoa não deveria ter invadido a minha casa, mesmo que seu único prêmio fosse uma joia que eu efetivamente ofereci a ela.

Peguei o telefone e voltei para a cozinha, para recuperar o bilhete que deixei no balcão, pronta para entregar para a polícia quando eles chegassem. Eu devia ligar para a emergência, mesmo que não fosse algo emergencial, ou devia procurar o número da delegacia mais próxima? Eu não fazia ideia.

Incerta, coloquei o telefone de volta no lugar.



O dia seguinte no trabalho foi frenético e ligeiramente bizarro, porque a mulher com quem compartilho o escritório teve um pequeno colapso nervoso no final da manhã, e saiu brigando com todo mundo para nunca mais voltar. Eu sempre achei que ela era meio maluca, então não fiquei de todo surpresa, mas fiquei impressionada com a quantidade de caos que a partida dela causou.

Meu chefe levou todo aquele evento admiravelmente numa boa. Ele olhou com desânimo para a bagunça que ela deixou, me disse para não me preocupar com isso por enquanto, mas me perguntou se eu me importaria em atender o telefone dela enquanto a mulher não voltasse ou

ele contratasse alguém para substituí-la. Isso significou que fiquei ocupada para caramba toda a tarde, mas eu prefiro assim. O dia de trabalho corre bem mais rápido quando você não tem tempo para pensar, e eu já tinha desperdiçado muito do meu dia na internet naquela manhã.

No metrô, quando voltava para casa, tive tempo para pensar, e é claro que pensei sobretudo no que tinha acontecido na noite anterior.

Eu não tinha chamado a polícia, afinal. Era tarde e eu estava cansada, e embora o ocorrido tenha me assustado um pouco, eu simplesmente não conseguia me ver lidando com os policiais.

E também... eu pensei *Bem, agora acabou*. A polícia não ia conseguir encontrar o ladrão (que tecnicamente nem era um ladrão; acho que só poderia categorizá-lo de forma legítima como “invasor”), e a coisa toda ia acabar em uma pilha de papel empoeirada na delegacia e eles iam me dar um número do boletim de ocorrência que eu poderia usar com a seguradora se eu tentasse conseguir algum tipo de reembolso pela joia.

Antes de ir para a cama, expulsei o acontecido da minha cabeça, escolhendo não pensar mais nele, e reforcei isso no metrô e na caminhada de cinco minutos sob chuva congelante da estação até minha casa — durante a qual, hedonista lasciva que sou, também parei em uma lojinha na esquina para comprar uma comida congelada de micro-ondas para acompanhar o meu chá. E também um potinho de sorvete. E alguns biscoitos. Considerando tudo, minha noite parecia estar indo muito bem.

Dessa vez, no entanto, ficou óbvio que alguma coisa estava errada no minuto em que eu atravessasse a porta.

Uma das vantagens de viver sozinha é que você está no controle total de certas decisões. O aquecimento central, por exemplo. Meu pai é um tremendo mão de vaca quando se trata da conta de gás, e a casa dos meus pais é tão fria no inverno que é bom mesmo que minha mãe *tenha* um Aga, para que ela e eu possamos ficar perto dele quando o meu pai não está olhando. Viver sozinha significa que nenhum homem pode meter o bedelho sobre como as noites na minha casa são calorentas. O meu aquecedor é programado para ligar no meio da tarde, para que o lugar já esteja agradável e quentinho quando eu chegar. Assim que a porta da frente é fechada, você já está cercado de calor.

Mas não essa noite. O aquecimento estava ligado, dava para sentir ao tocar no radiador no corredor, mas a casa estava fria.

Fui para a sala. As janelas estavam todas fechadas. Através de uma delas, consegui ver por que a casa não estava tão quente quanto deveria estar.

A porta dos fundos estava escancarada.

Eu tinha fechado e trancado aquela porta antes de sair para trabalhar naquela manhã.

Ou assim *pensava* que tinha feito. Eu sabia que tinha ao menos fechado a porta, mas não havia checado se ela estava trancada. Nem chequei se a chave estava no seu lugar de sempre, presa na fechadura.

Eu me lembrei de um pensamento do dia anterior, de que era provável que o invasor deixaria uma saída aberta se

estivesse por perto, e percebi que meus olhos foram para cima, para o teto da sala de estar e os andares sobre ele.

E se ele ainda estivesse aqui?

Peguei meu telefone. Digitei o número da emergência, mas não apertei o botão para fazer a ligação.

— Tem alguém aí? — gritei para a escada, voltando para o corredor e para a porta da frente. — Se tiver, saiba que estou ligando para a polícia. Agora mesmo.

Não houve som lá em cima. Eu sabia que se tivesse alguém na casa e ele optasse pela violência, eu seria uma bagunça sangrenta no canto da sala antes mesmo de os policiais chegarem na metade do caminho por conta do engarrafamento na estrada de Kentish Town.

Abri um pouco a porta da frente e voltei até a escada.

— A porta da frente está aberta — falei. — Vou sair do seu caminho. Vou... para a cozinha. Assim, não vou ver você.

Aquela era uma boa ideia? Ou era bem idiota?

Era idiota, decidi.

— Na verdade — falei — tive outra ideia. *Eu* vou sair. Vou ficar parada na esquina. Não vou olhar para cá. Feche a porta para eu saber que você já foi embora.

E foi isso que eu fiz. Saí pela porta da frente, fechando-a atrás de mim, meu dedo ainda em cima do botão de ligação no meu telefone. Caminhei depressa até a esquina.

Esperei dez minutos. Não vi ninguém saindo da casa. Pelo menos não pela porta da frente.

Voltei. Entrei com cuidado.

A porta dos fundos estava fechada.

Corri para o andar de cima, fazendo o máximo de barulho que podia, e não encontrei ninguém. Então avancei ainda

mais, e coloquei a cabeça para dentro do sótão minúsculo. Não havia ninguém lá. Nenhum sinal de nada fora do lugar.

Quando voltei para a cozinha, percebi que a porta dos fundos não estava fechada de verdade. O invasor tinha puxado a porta quando saiu, mas não tinha fechado ela propriamente.

Eu a abri e fui até o jardim, por impulso, mesmo sabendo que ele ainda podia estar ali.

Do lado da minha cozinha, tem um pequeno pátio de concreto. Além dele, meu “gramado” — um pedaço de grama descuidada que teria mais ou menos três metros quadrados se fosse mesmo um quadrado. Na verdade, era meio que um paralelogramo, com quase dois metros de largura no final. Por causa das casas altas vizinhas, a grama quase nunca recebe muita luz, mesmo no verão, e fica irregular e lamacenta no inverno.

Molhada o suficiente aquela noite, pensei que seria possível ver as pegadas de um invasor indo embora, marcas de sapato ou botas.

Não havia nenhuma.

No entanto, outra coisa chamou minha atenção e eu pisei na grama para olhar melhor.

O quintal tem esse formato porque a parede esquerda forma um declive para os fundos, e é isso que é feito de pedra com a antiga placa gasta. A placa está mais embaixo, na altura de uma criança, não é muito grande e é feita da mesma pedra que o restante da mureta. Eu só percebi que a placa estava lá nove meses depois da minha mudança. Tudo que ela diz é:

JARDIM [...]
ST. JOHN'S COLLEGE

... sendo que a segunda palavra não dava para ser lida porque já tinha sido gasta pelo tempo e pelas intempéries. A mureta deve ser alguns séculos mais velha do que os prédios que agora a cercam, essa pequena parte dela deixada por construtores vitorianos porque ela coincidia mais ou menos com os minúsculos quintais que eles estavam deixando naqueles chalés meio mal-acabados para a classe trabalhadora.

Tinha uma coisa na grama, perto da placa.

Era a minha joia.



Meia hora depois, eu estava na sala com uma xícara de chá. Meu broche estava na mesa de centro diante de mim. A casa estava agradável e quentinha agora que a porta dos fundos tinha permanecido fechada por um tempo.

Era o meu broche, sem dúvida. Ele tinha um design triangular distinto, cada ponta dele com uma pedra verde e semipreciosa. Quando eu o vi em uma loja de antiguidades anos atrás, não fiquei convencida de que era uma antiguidade. O formato era tão minimalista — literalmente um triângulo, embora um dos lados fosse um pouco desigual e todos os lados fossem ligeiramente curvados — que parecia algo moderno para os meus olhos (que, eu admito, eram destreinados).

Ele parecia diferente agora. Eu ainda morava no meu antigo apartamento quando o comprei, e, na época, minha

intenção era fazer uma boa limpeza nele. No entanto, percebi que gostava da falta de brilho da peça e decidi deixá-la assim mesmo. Desde então, a joia ficou com o metal cada vez mais escuro, e quando a coloquei no porta-pão meses atrás, o metal estava cinza-escuro.

Agora, ele brilhava. A prata — e não havia dúvida de que era prata, o que significava que eu tinha feito uma barganha melhor do que pensara — estava tão brilhante que parecia quase branca.

Ele não parecia apenas limpo — parecia novo em folha.

Qualquer que tenha sido o processo que o deixou assim revelou outra coisa também. Tinha alguns desenhos no broche. Bem de leve na prata, estava gravada uma série incrivelmente fina e detalhada de linhas, curvas e formatos celtas entrelaçados. À primeira vista, parecia caótico, porém, quanto mais eu olhava — e eu já estava sentada ali havia um tempo —, mais eu percebia um padrão que ainda não tinha conseguido estabelecer. Era lindo e parecia algo de fora deste mundo, extremamente antigo.

O problema é que eu estava bastante convencida de que o broche nunca tivera um padrão antes.

Sim, ele estava manchado quando eu o comprei, conforme admiti — mas, nos primeiros estágios da oxidação, você vai perceber que qualquer gravação (ou imperfeição) no metal em geral fica *mais* óbvia, ao invés de menos. É mais fácil notar selos que atestam a pureza do metal, por exemplo. Você vai ao menos *notar* um padrão, ainda mais quando estiver observando algo com a atenção devida quando estiver considerando gastar um dinheiro ganho com esforço nessa coisa. Eu não tinha notado nada.

Então o que estava acontecendo?

Eu finalmente percebi que não tinha feito nada com as minhas compras da loja de esquina, largadas no meio da sala quando notei a porta dos fundos aberta. Corri e peguei a sacola. O pacote de sorvete brilhava de um jeito que indicava que ele já estava avançado no processo de derretimento, cortesia da minha política generosa com o aquecimento central. Levei tudo para a cozinha, ainda com o problema dos desenhos no broche na cabeça, e coloquei o que tinha na sacola dentro do freezer da minha geladeira vagabunda.

Quando me levantei após fazer isso, meus olhos ficaram na mesma linha que o porta-pão. Alguma coisa me fez ir até ele e abri-lo.

O mesmo cheiro de pão velho me saudou, embora parecesse mais forte agora, o que não fazia sentido.

Tinha um pedaço de papel lá dentro também.

Eu sabia que não podia ser o mesmo que tinha encontrado na noite anterior, pois eu o colocara na gaveta da escrivaninha da sala (uma porcaria acabada e infeliz que pertencera à minha avó).

Peguei o papel e li.

Espero que goste do que fiz com ele.

Eu não precisava comparar a caligrafia entre os dois bilhetes. Com certeza, eram iguais.

Tinha outra linha escrita, quase três centímetros abaixo no papel. Por que não a percebi de imediato? Porque era muito mais sutil. Mas não como se desaparecesse, no entanto — na verdade, era o oposto.

Conforme observava, sentindo o cabelo da nuca arrepiar, a escrita, a princípio tão fraca que era quase impossível de ver, aos poucos foi ficando mais forte até estar tão clara quanto a linha anterior.

Ela dizia:

Eu fiz desenhos em você também.

Não, não chamei a polícia.

Eu poderia ter chamado. Provavelmente deveria ter chamado. Eu poderia ter falado para eles que as duas linhas estavam visíveis quando achei o papel. Não precisava mencionar que o bilhete tinha sido deixado no meu porta-pão. Nem que eu estava convencida de que alguém, de alguma forma, tinha feito um desenho leve e intrincado em um broche velho, de maneira que parecia que esse detalhe sempre estivera lá.

A questão era que, se eu não fosse honesta sobre essas coisas, eu não estaria comunicando a realidade da situação. Eles pensariam que algum depravado local estava invadindo minha casa rotineiramente, e eu já sabia que não era isso que estava acontecendo. Eu sabia disso ou, ao menos, suspeitava — e agora devia começar a ser sincera — desde o início. Desde que contei a minha mentirinha.

Era uma mentirinha, mas era significativa.

Quando voltei para casa na noite depois do jantar com o meu chefe, e tive a impressão, pela primeira vez, de que alguém tinha entrado na minha casa, e dei uma olhada na porta dos fundos, ela estava destrancada. Ou foi isso que eu falei para você, pelo menos.

Mas não era verdade.

A porta dos fundos estava *trancada*.

Estava trancada por dentro. Assim como todas as janelas, em todos os andares. Assim como a porta da frente também, até eu destrancá-la para entrar. Ninguém poderia ter entrado na casa, encontrado o meu bilhete na caixa do corredor e, então, o broche na cozinha.

Quem quer que tenha feito essas coisas já estava dentro da casa.

Não sei por quanto tempo. Talvez desde sempre. Foi isso que comecei a suspeitar. Pelo menos desde que a casa foi construída, sobre uma terra que um dia fora um jardim gramado em uma colina, próxima a uma floresta e um belo riacho agora preso debaixo do chão.

Antes de tudo dar errado no dia — depois que a minha colega de trabalho sair explodindo pelo escritório e me deixar com todo o serviço dela —, eu tinha passado um bom tempo na internet fazendo uma pesquisa que, provavelmente, eu já deveria ter feito há muito tempo. Eu sempre presumira que a palavra perdida na placa de pedra na mureta do meu jardim fosse *MEMORIAL* — o sinal colocado ali para demarcar um pedaço do jardim onde as pessoas iriam para se lembrar daqueles que estavam mortos.

Não consegui encontrar nenhuma referência a qualquer coisa desse tipo na área, embora os registros para essa parte de Londres sejam ótimos, e nunca tinha entendido por que a placa fora posicionada tão baixa, como se fosse para os olhos de pessoas bem mais baixas que o usual.

Eu encontrei uma única menção a um “Jardim Oblativo”. Uma referência sem fontes em um site de história local com

aspecto bem amador que dizia que o pedaço de terra pertencente ao St. John's College era um exemplo da prática, agora há muito esquecida, de murar uma parte de qualquer prado, colina ou bosque que tivesse a reputação de ser a casa ou o local de brincadeiras de fadas da floresta ou elementais, coabitantes do nosso mundo que não podiam ser vistos. A ideia, aparentemente, era que essas criaturas permanecessem dentro dos muros. Para sempre.

As pessoas que viriam a desenvolver a área, séculos mais tarde, não sabiam disso. As práticas e as crenças que davam suporte a esse jardim já estavam mortas há muito tempo. Eles não notaram, e nem se importaram, que os danos à placa eram desiguais, quase como se alguém tivesse tirado a segunda palavra para esconder o propósito original da mureta.

Pouco antes da minha ex-colega ter o colapso nervoso e eu ter que parar de pesquisar, enfim encontrei um site com um mapa bem antigo dessa parte de Kentish Town. A qualidade da imagem estava péssima, e era difícil ler as coisas, mas parecia mostrar uma pequena área cercada dentro de um lote de cinquenta acres pertencente a um colégio de Cambridge. A área cercada não tinha nome, mas, ao comparar com um mapa moderno da minha rua, consegui estabelecer que a placa tinha sido colocada *dentro* das muretas e que a área cercada não era grande.

Apenas grande o suficiente para incluir a minha casa.



Em algum momento, eu coloquei meu jantar no micro-ondas e comi em frente à televisão, colocando o volume lá no alto.

O curry tinha um gosto bem melhor do que eu esperava. O sorvete também estava ótimo, e acabei com todo o pacote de biscoitos. Meu apetite estava enorme, apesar da coceira de nervosismo no fundo do meu estômago.

Tomei um banho. Conforme me secava depois, notei algumas linhas bem finas na pele dos meus ombros, não exatamente aleatórias, e quando fui para a cama, descobri que o quarto estava com um leve cheiro de pão fresco.

Mas não exatamente de pão, na verdade. Embora o odor lembrasse o de massa assada há pouco tempo, agora que estava longe do porta-pão na cozinha, percebi que era mais próximo ao cheiro de grama fresca, aquecida pelo sol de verão. Grama fresca ou flores que acabaram de abrir, talvez. Alguma coisa vital, mas secreta.

Alguma coisa bem antiga.

Eu vi que o cobertor da minha cama tinha sido desdobrado de forma perfeita, como um convite esperançoso. Havia um pedaço de papel na área descoberta:

Logo, minha linda.

... era tudo que ele dizia a princípio.

Conforme eu observava, porém, outra linha foi se revelando. Ela apareceu devagar, como se estivesse ganhando vida com a luz do luar que atravessa a janela.

Só preciso de um pouco mais de sangue.

Foi então que ouvi os primeiros rangidos leves, como pés pequenos em cima de tábuas velhas, vindo do sótão minúsculo lá em cima.

Embora, pelo visto, ele não seja tão pequeno assim.
Se é que você me entende.

VERMELHINHA

JANE YOLEN E ADAM STEMPLER

Sete anos de azar. É nisso que estou pensando conforme levo o pedaço de espelho quebrado para o meu antebraço. À direita da veia azul longa, traçando as finas cicatrizes que vieram antes.

Não há dor. Ela está do lado de dentro. E não vai sair, não importa o quanto eu sangre. Não há dor. Mas, por um momento...

Alívio.

Por um momento.

Até que o sr. L me chama de novo.

— Ei, você, Vermelhinha. Vem cá.

Ele *me* chama. Não as outras garotas. Talvez seja porque ele gosta do meu cabelo vermelho atarracado. Gosta de enrolar seus dedos atarracados de velho nele. E eu não posso mandar ele parar.

— Quer voltar para casa? — pergunta ele. — Voltar para a sua avó? Voltar para aquela velha que não para de fazer tricô? — Ele leu o meu arquivo. Sabe o que vou dizer.

— Não. Até você é melhor do que aquilo. — E então não digo mais nada. Fujo para uma parte da minha mente e deixo o corpo com ele.



A floresta é escura, mas eu conheço o caminho. Já estive aqui antes. Há um caminho logo adiante, cheio de pedras e mal conservado, mas meus dedos são como agulhas e tachas. Se eu ficar aqui, passear por aqui por tempo suficiente, será que vou me tornar um deles para sempre?



Amanheceu e estou de volta, procurando por alguma coisa afiada. As faxineiras limpam o espelho; e eu acho que o sr. L encontrou o pedaço que escondi debaixo do colchão. Não importa — eu sempre posso encontrar alguma coisa. Clipes de papel roubados do escritório, bijuteria de plástico quebrada do jeito certo, até uma unha áspera pode romper a pele, se você tiver coragem.

Alby está virada para a parede e traça linhas do horizonte imaginárias no cimento branco. Ela é pequena e tem a pele escura, o cabelo raspado brutalmente perto do escalpo, exceto por uma trança longa atrás da orelha esquerda.

— Por que você o provoca desse jeito?

— Provoco quem? — Minha voz está rouca por causa da falta de uso. Já é a manhã seguinte? Ou alguns dias se passaram? — E como?

— O sr. L. As coisas que você fala para ele... — Tremendo, Alby parece mais um terrier com pelo molhado do que uma garota. — Se você ficasse na linha, tenho certeza de que ele deixaria você em paz.

Sem ter memória alguma de ter falado com o sr. L, eu apenas dou de ombros.

— Ficar na linha. Ficar no caminho. Qual é a diferença?

— Promete?

— Ok.

— É, obedeça às regras do jogo, deixe eles pensarem que você está melhorando. — Alby endireita as costas, pensando na casa dela, imagino. Ela tem uma casa para a qual voltar. Com cerca de madeira. Garagem para dois carros. Mãe e pai e uma tigela cheia de cereal matinal. Nenhuma vó fazendo limonada em uma tarde fria de domingo. Nenhuma agulha. Nenhum alfinete.

É minha vez de tremer.

— Eu não quero melhorar. Eles podem acabar me mandando para casa.

Alby me encara. Ela não tem resposta para isso. Eu me viro para a cama. Começo a apalpar o colchão, pensando se ainda tem molas dentro daquela coisa velha. Alby volta para a parede, o dedo desenhando um novo caminho entre as rachaduras. Cada uma de nós passa o tempo de uma forma própria aqui.



Nós ganhamos uma nova terapeuta no dia seguinte. Sempre ganhamos novas terapeutas. Elas ficam por algumas semanas, alguns meses, e então vão embora.

Essa quer que a gente escreva diários. Ela nos dá lindos livros encadernados — capas de tecido com flores, coelhinhos, unicórnios e coisas do tipo — para que a gente coloque nossos segredos feios neles.

— O meu tem a Rainbow Brite. — Eu não sei dizer se a Alby está feliz ou com nojo.

A Joelle diz:

— Eles deviam ter cor de meleca. Deviam ser marrons que nem... — Ela queria dizer merda. Mas nunca chega a proferir a palavra.

— Quero que você comece a pensar em coisas bonitas, Joelle — disse a terapeuta. Ela já decorou todos os nossos nomes. Penso: *Essa aí só vai durar duas semanas. Tempo suficiente para a gente destruir as capas. Tempo suficiente para Joelle esfregar a coisa marrom dela nas páginas.*

Pego o meu diário. Tem florezinhas lindas por toda a capa. Vou escrever meus pensamentos aqui. Mas eles não serão bonitos.

AFIADO

tesoura

faca de cozinha

um pedaço de vidro quebrado

não consigo pressionar forte o bastante

para fazer nada além de arranhar a superfície

e o sangue não é vermelho

até tocar o ar

Tudo bem, não rima e não dá para usar isso como uma melodia, mas ainda é verdade.

— O que você escreveu, Vermelha? — pergunta Alby.

Joelle já saiu para ir ao banheiro. Não quero nem sentir o cheiro do diário dela.

— Coisas bonitas. — Cubro o poema com a mão. *É bonito, decido. É sombrio e bonito, que nem quando eu sonho.*

— Vermelhinha. — O sr. L está parado à porta. — Com licença, sra. Augustine. Preciso falar com aquela ali.

Ele aponta para mim. Eu vou embora.



De quatro e com o pelo grosso, persigo alguém por uma floresta escura. Minha presa está logo à frente — consigo ouvir sua respiração entrecortada, cheirar seu suor de terror. Com a longa língua rosada de um lado, pulo adiante, acelerando. Atravesso um arbusto florido cheio de espinhos e o vejo: o sr. L, nu e coberto de cabelos grisalhos. Posso sentir o cheiro do seu medo. Então, estou em cima dele, e meus dentes afiados se afundam em sua carne. Ossos se partem e sinto o gosto de medula, um contraponto adocicado a seu sangue salgado.



Acordo na enfermaria, braços e pernas roxos com machucados recentes.

— Jesus, Vermelha — diz Alby. — Ele te arrebentou mesmo dessa vez, hein?

— Acho que sim. — Eu não me lembro. Mas parece provável.

— E parece que você acertou um nele também.

— Ah, é? — Mal consigo me mexer, mas viro o meu rosto na direção da voz dela.

Alby dá seu sorriso de fada.

— É. Tem um curativo enorme no pescoço dele, tem mesmo.

Passo a língua nos meus lábios. Imagino que consigo sentir o gosto de sangue.

— Ele deve ter se machucado quando fez a barba.

Com o sorriso desaparecendo, Alby diz:

— Você que sabe, Vermelha.

Tento me virar para longe dela, mas algo me mantém no lugar: faixas de couro nos meus pulsos e tornozelos. E uma na minha cintura.

— Tira de couro para contenção de pacientes com cinco pontas — fala Alby, com certo respeito. — Você estava bem doida quando te trouxeram para cá. Estava até espumando.

Deito minha cabeça de volta no travesseirinho duro. Fecho os olhos. Talvez eu possa voltar para o meu sonho.



O sr. L me visita no cômodo escuro com as tiras de couro. Ele não tem atadura nenhuma no pescoço, mas tem arranhões lá. Eu sei por quê. Tenho a pele dele nas minhas unhas. Nos meus dentes.

— Pequena *Rojo* — diz ele, quase de forma amorosa —, precisa aprender a se controlar.

Tento rir, mas tudo que sai é uma tossida engasgada. Ele caminha devagar para trás de mim, seu dedo passando pelo meu cabelo vermelho, meu gorro de sangue.

— Você precisa aprender a andar na linha. — De frente para mim, ele olha para cima, para a câmera de televisão, a que está sempre observando. Dá as costas a ela.

— E você vai ser meu professor? — pergunto antes de cuspir nele.

Ele baixa o olhar para mim. Sorri.

— Se você me deixar. — Então, ele dá tapinhas na minha bochecha. Antes que ele possa me tocar de novo, eu vou

embora.



É uma noite fria na floresta e eu estou diante de uma bifurcação. Um caminho é o das agulhas, o outro, dos alfinetes. Não sei qual é qual. Ambos são caminhos dolorosos.

Vou pela esquerda.

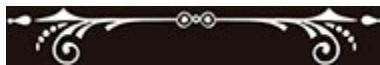
Não sei o quanto viajei — o que é a distância para mim? Estou a uma noite de distância da minha toca, a um simples salto da minha próxima refeição —, mas já estou um pouco cansada quando a armadilha pega a minha perna.

Dentes afiados e ferro, queima quando corta. Um uivo escapa da minha garganta e saio de mim.

Vejo o sr. L de pé diante do corpo preso de uma menina. Não consigo ver as mãos dele. Mas as sinto.

Ele olha para cima e uivo novamente, o rosto dele preso entre o prazer e a dor. Atravesso as paredes grossas e corro na noite fria para a floresta escura, para meu corpo peludo.

Roo meu tornozelo com dentes feitos para aquele tipo de coisa. Alguns segundos dolorosos depois, deixo minha pata dianteira e, mancando, volto para o caminho.



Passaram-se dias. Semanas. É noite. A lua brilha em minha janela minúscula. Não havia como eles me manterem amarrada para sempre. A lei não permite.

Estou agachada no canto do meu quarto, um tubo de pasta de dentes arruinado nas mãos. Eu tinha aprendido

como quebrá-lo ao meio e desenrolá-lo para formar uma ponta afiada. Coloco-a em cima do braço, as cicatrizes brilhando brancas sob a luz do luar, a veia azul pulsando, me mostrando onde cortar.

Mas eu não faço isso. Eu não corto.

Em vez disso, deixo a dor crescer dentro de mim. Sei que um corte rápido pode acabar com ela. Pode trazer alívio. Mas não me mexo. Deixo a dor vir e a aceito, sinto ela me envolver, passar por mim. Deixo-a vir — e, então, vou embora.



Estou na floresta, mas não tenho quatro patas. Não tenho pelos grossos. Não tenho esperança de sentir o gosto de sangue ou o cheiro doce de uma presa aterrorizada.

Eu sou eu: magra e maltratada, tufo pequenos de cabelos ruivos arrepiados nascendo da minha cabeça grande demais. Grandes olhos verdes. Um espaço entre os dentes da frente grande o suficiente para fugir por ele.

Estou no meio do caminho. Não há bifurcações hoje, o caminho é reto e verdadeiro como o corte de um bisturi. Atrás de mim, uma junção de árvores altas. Dou dois passos incertos e percebo que estou nua. Com vergonha, olho em volta. Estou sozinha.

Vejo um chalé de madeira branca logo à frente. Há fumaça saindo da chaminé de tijolos vermelhos. Pedras achatadas e cinzentas levam à porta principal. Reconheço a casa. Ela é mais amedrontadora do que a floresta com todas as suas árvores. A Vovó mora aqui.

Eu me viro, pronta para correr, mas ouço, atrás de mim, um uivo longo, baixo e fúnebre. Conheço aquele som — lobos. Lobos caçando. Tenho que ir para dentro o mais rápido possível.

A porta se abre sem fazer barulho. O primeiro cômodo não tem qualquer tipo de iluminação conforme entro. Fecho a porta atrás de mim. Chamo na escuridão:

— Vovó?

— É você, Vermelha? — A voz dela está mais rouca do que eu me lembrava.

— Sim, Vovó. — Minha voz vacila. Minhas mãos tremem.

— Venha cá para o quarto. Não consigo te ouvir daí.

— Não sei o caminho, Vovó.

Ouço ela respirando fundo, uma respiração grossa de fumaça, barulhenta de doença.

— Siga a minha voz. Vai se lembrar.

E, de repente, me lembro mesmo. Três passos para a frente, nove para a esquerda. Estenda a mão direita. Empurre a porta fina para abrir.

— Estou aqui, Vovó.

Do lado de fora, há ganidos de desapontamento conforme os lobos chegam à porta da frente e encontram o fim do meu rastro.

— Chegue mais perto, Vermelha. Não consigo te ver daí.

— Sim, Vovó. — Dou um passo para dentro da escuridão e lá está ela, deitada na cama. Está maior do que eu me lembrava, ou talvez eu esteja menor. A colcha sobre ela tem uns montinhos estranhos, como se a Vovó tivesse ganhado músculos em novos lugares. Uma pequena quantidade de baba escorrega de seu lábio inferior.

Olho para minhas mãos vazias. Minha nudez.

— Não trouxe nada para você, Vovó.

Ela sorri, mostrando os dentes pontudos brilhantes.

— Você trouxe a si mesma, Vermelha. Chegue mais perto, não consigo tocá-la daí.

— Sim, Vovó. — Dou um passo e paro.

A alcateia cheira ao redor da casa, procurando uma maneira de entrar.

A Vovó se senta. A pele dela está solta, como um vestido largo demais. Tufos de pelo saem de suas orelhas, emolduram seus olhos.

— Não, Vovó. Você vai me machucar.

Ela faz não com a cabeça, e o rosto se balança, solto, de um lado para o outro.

— Eu nunca machuco você, Vermelha. — Ela coça o olho com a junta de um dedo peludo, então se dobra rapidamente, agachando-se na capa, preparada para pular. Suas ancas são grossas e poderosas. — Às vezes, o lobo usa a minha pele. É ele quem machuca você. — O nariz dela está longo agora.

— Não, Vovó. — Encaro seus olhos verdes sombrios. — Não, Vovó. É você.

Então, ela salta, se livrando de sua pele de Vovó conforme avança na direção da minha garganta. Eu me viro e corro, corro pela porta fina, corro por nove passos à direita e três passos para trás, abro a porta da frente, escuto os dentes dela se fechando atrás de mim, machucando meus tendões, me fazendo cair. Eu tombo nas pedras achatadas.

Uivando e rosnando, cem lobos me encobrem e me envolvem. Suas patas almofadadas pisam meu corpo de

leve. Eles têm um cheiro úmido selvagem. Eles abatem a Vovó em um segundo, e consigo ouvir os gritos dela, seus velhos ossos frágeis se quebrando.

Penso que vou morrer em seguida, sangrando até o fim nas pedras cinzentas. Mas uma pele semelhante a couro cresce em torno do ferimento no meu calcanhar, e pelos grossos. Meu nariz fica gelado e longo, e consigo sentir o cheiro do sangue da Vovó. Uivando para externar minha raiva e minha fome, dou um salto com as minhas quatro patas com garras. Logo, estou me banquetecendo com carne fresca ao lado de meus irmãos e minhas irmãs.



Acordo, e não fico surpresa de estar presa de novo. Sete pontas dessa vez, talvez mais, não consigo nem mexer a cabeça.

— Jesus, Vermelha, você matou ele dessa vez. — Era Alby, entrando no meu campo de visão acima de mim.

— Sai daqui, Alby. Você nem é real.

Ela assente sem falar nada e vai desaparecendo aos poucos. Volto a dormir. Não sonho.



Na manhã seguinte, eles me deixam ficar sentada. Peço o meu diário. Eles não querem me dar uma caneta.

— Você pode se machucar — dizem eles. — Se cortar.

Eles não entendem.

— Então, por que vocês não escrevem o que eu quero falar? — digo a eles.

Eles riem e me deixam sozinha. Amarrada de novo. Mas sei o que quero escrever. Está tudo na minha cabeça.

VOVÓ

Que orelhas grandes você tem,

Que dentes grandes,

Grandes como tesouras.

Para cortar fora o meu coração.

Alfinetes e agulhas,

Agulhas e alfinetes,

Onde uma vida acaba

Outra começa.

VINHO NOVO

ANGELA SLATTER

Se você deixar essa tigela na mesa, em vez de enxaguar e colocar na lava-louças, vai se arrepender pelo resto da semana.

A voz de Valerie flutua até ele do hall de entrada da casa grande demais. Ela tinha ido pegar a correspondência, ele pode ouvir o barulho dos saltos dela no piso de taco de madeira se aproximando.

— Mas é meu aniversário! — Alek, tendo acabado de se levantar, a mochila pendurada no ombro, está a dois passos e meio da mesa da cozinha (onde eles fazem as refeições, em vez de na sala de jantar formal).

— Não estou nem aí — responde ela.

Ele dá meia-volta, pega a tigela de cereal e faz o que deveria ter feito em primeiro lugar. Certifica-se de fazer muito barulho para ela ouvir.

— Sim, Valerie. — *Como ela faz isso?* Quase dois anos, e ele ainda não tinha entendido. O tempo todo. Talvez seja porque ela sempre fica de olho nele; Alek às vezes se pergunta se ela presta atenção demais em uma criança porque falhou em prestar atenção em outra.

Alek gosta de sua tutora, gosta mesmo. Apesar de essa ser uma palavra estranhamente pequena para descrever o que ela faz: garantir que ele esteja sempre estudando,

gerenciar os funcionários ocasionais da casa (faxineiros, jardineiro, mecânicos), fazer comida para eles dois e, em geral, manter Alek longe de encrencas. E foi assim que o pai dele, Reid, explicou o trabalho para ela: *Tutore o meu garoto*. Mas a coisa da mãe substituta? Isso meio que pegou os dois de surpresa, pensa Alek, mas talvez eles sejam bons um para o outro. Todo mundo em Mercy's Brook sabe o que aconteceu com a filha de Valerie, mas foi essa situação que fez com que Valerie surgisse na vida de Alek, e tem dias que ele acha difícil se sentir mal por causa disso.

Valerie, usando seu vestido leve florido, aparece na porta da cozinha no momento em que Alek está fechando a lava-louças; ele mexe as mãos fazendo um *ta-dá!*

— Deus, e você ainda quer ganhar uns tapinhas nas costas? — Ela sorri para aliviar o sarcasmo, e é a coisa mais linda. Alek se lembra de seu pai Reid falando que a maioria dos caras da sala dele no ensino médio tinha uma quedinha por ela, inclusive ele mesmo. Quase ninguém era correspondido. Pelo que Alek conseguira perceber dos olhares de homens de meia-idade quando ele a ajudava a fazer as compras, aquilo não tinha mudado muito, e um monte de seus próprios amigos de escola não são imunes a ela, não importa se ela tem idade suficiente para ser mãe deles.

— Vai ter aula até tarde hoje? — pergunta ela.

— Vou.

Ele gosta do fato de que ela acha que ele é esperto. De que ela *sabe* que ele é esperto. Ele até gosta que ela entende como ele é preguiçoso. Além do mais, Valerie tem um sexto sentido para saber quando ele está ficando para

trás. Ela simplesmente fica de braços cruzados e olha para ele com aqueles olhos cor de avelã até ele tomar tenência e fazer todo o dever de casa. Ela também é esperta, tão esperta que chega a assustá-lo um pouco. Tudo bem, bastante, mas ele gosta de ter ela por perto. O senso de humor dela é tão seco que, às vezes, ele chega a engasgar. Mas ela o conhece e parece gostar dele, de qualquer forma. De vez em quando, ele pensa que só quer atenção ou só quer garantir que o seu pai a mantenha contratada por mais tempo. A verdade é que Alek quase sempre fica na linha quando ela está lá porque ele não gosta de desapontá-la, não completamente, e, pelo pai de Alek — que viaja muito, perdendo mais aniversários e Natais do que ele podia contar —, tudo bem. No final, o custo de uma tutora vinte e quatro horas por dia não é nada comparado a escola militar, clínicas de reabilitação e o salário de um advogado.

Conforme passa por ela, ele lhe dá um beijo na bochecha, um gesto que ele faz de vez em quando, e, de uma forma brusca, diz:

— Tchau.

As paredes do corredor que leva até a porta da frente são cobertas por uma variedade de espelhos antigos. Alek passou boa parte de sua vida odiando aquelas coisas, porque sempre se sentia sozinho quando olhava para elas. Em alguns momentos, ele não tinha nem certeza de que estava lá. No passado, houve dias em que ele pensou que poderia ver através de si mesmo pelo reflexo. Porém, desde que Valerie chegou para ficar, ele tem se sentido sólido. Pode encarar os espelhos. Alek não quer voltar a ver através de si mesmo. Valerie o vê, lhe dá peso.

— Bolo de chocolate? — diz ela.

— Com cobertura extra? — Ele sorri, mas não dá meia-volta. É o aniversário dele, mas com seu pai longe (Reid sempre está longe por causa de sua empresa de computação) e uma festona planejada para o fim de semana, só vai ser eles dois de noite.

— Claro.



Valerie acha que ter tido uma filha, uma vez, deixa mais fácil se importar com o garoto, o que ainda a choca às vezes, porque quando Lily desapareceu, Valerie deixou de se importar com qualquer pessoa por um bom tempo. Ainda mais quando ela percebeu que todos aqueles policiais cheios de boas intenções, mas que não faziam porra nenhuma, que davam tapinhas nos seus ombros e diziam que fariam tudo que pudessem, logo voltavam a comer um caminhão de rosquinhas — o xerife Tully mais do que qualquer outro. Seu ex-marido era tão inútil quanto, mas em vez de rosquinhas, se perdia na bebida.

Ela deu uma olhada rápida nas cartas. Havia um monte de contas. Um envelope retangular e rosado endereçado para Alek, com um perfume doce que ficaria igual ao fedor de mijo de gato depois de cinco minutos na pele. O envelope branco é o único destinado a ela, com uma letra muito distinta que a faz suspirar. Ela sente o peso daquela casa: dois andares acima, todos aqueles quartos vazios, banheiros nunca frequentados, um sótão cheio de poeira; no primeiro andar fica a cozinha, a biblioteca, as salas de jantar, três cômodos e o escritório raramente usado de Reid; e abaixo,

no porão, uma garagem grande o suficiente para seis carros, e uma adega de alta tecnologia, com seu vinho velho em garrafas velhas, protegidas por uma fechadura eletrônica e uma senha. Valerie não se interessa por bebidas alcoólicas.

Ela deixa a correspondência sobre a mesa de pinho e vai fazer um novo bule de café. Observa todos os ingredientes necessários para fazer o bolo de aniversário logo depois do faqueiro de madeira — não precisa comprar nada —, então abre a lava-louças que Alek não fechou direito. Após rearrumar seu conteúdo, ela volta a fechar a porta com a paciência cansada de um santo crucificado, e retorna para fazer o café.

Alek é um bom menino, na maioria das vezes.

Nem é bem mais um menino, supõe; ele tem dezoito anos e parece mais novo. Algumas crianças amadurecem mais rápido quando são negligenciadas, mas imagino que, no caso de Alek, foi *apenas* negligência emocional: todas as suas outras necessidades foram atendidas de uma maneira que talvez o tenha deixado um pouco infantil, carente. Valerie conheceu a mãe dele durante o ensino médio — não é como se fossem amigas; elas não andavam juntas na escola ou quando tiveram seus filhos —, mas ela também era carente, a Laura Lane. Qualquer vazio que ela pensou que se casar com Reid “Red” Howard preencheria aparentemente permaneceu vazio, e, um dia, quando Alek tinha nove anos, Laura pegou suas coisas e foi embora, deixando o garoto para trás. Daí, houve uma série de empregados e tutores particulares que não ficaram por muito tempo; não porque Alek era especialmente

complicado, mas sua necessidade de atenção e reafirmação eram *constantes* e se ele não fosse atendido nisso... bem, Reid contou a ela que, quando criança, Alek chorava muito, quando adolescente, seu silêncio era terrivelmente apocalíptico. Ninguém durou, seus nervos em frangalhos de uma maneira ou de outra; ninguém até Valerie.

O pai de Alek poderia ter mandado o filho estudar em qualquer universidade, até nas Ivy League, mas o manteve em casa para estudar na pequena instituição desconhecida na cidade mais próxima. Não que tivesse algo errado com ela, mas também não havia muita coisa boa a ser dita da Universidade de Addison (sim, ela tinha “Universidade” no nome, mas não passava de uma faculdade de segunda). Tinha um *campus* bonito, cursos razoáveis, professores decentes, nenhum grande escândalo até agora, classes pequenas e um problema com drogas relativamente pequeno. A maior parte dos alunos vai lá apenas para fazer programas de transferência de um ano para Syracuse, Cornell ou Princeton. É claro que algumas garotas com um passado desprivilegiado frequenta a Addison através da Bolsa de Estudos Laura Lane-Howard, que Reid criou quando sua esposa foi embora.

Alek não parece se importar. Reid deu ao filho as chaves da Mercedes C-300 Coupe preta, e Alek não precisa se esforçar muito para brilhar na instituição. Ele não parece querer frequentar qualquer outra universidade, o garoto não tem ambição.

Um belo carro é ótimo se a sua vida não muda, pensa Valerie. Mas a vida *muda*, como ela sabe muito bem. Ela muda quando você não está olhando, ou mesmo quando

você estava olhando, mas estava ocupado demais com outras coisas. Em algum momento, Alek vai ver a vida metendo a porrada nele em um beco como vingança. Privado do amor materno e com um pai ausente, o garoto é tão desesperado por afeição e atenção que ele cola meninas no seu ego como se fossem adesivos de nicotina.

Mas, mesmo assim, ele não é um mau menino, considera Valerie. Ele está apenas lidando com aquilo da maneira que conhece, seguindo uma necessidade da única forma que acha que pode. Ela suspeita de que ele não gosta do eco vazio que a maioria das pessoas encara uma vez na vida. Alguns reconhecem esse eco e o absorvem, outros o ignoram e se livram dele. Há dias em que Valerie acha que consegue escutar os ruídos tristes do vazio dele harmonizando com os do dela, justamente quando acha que conseguiu vencê-lo. A verdade é que o garoto é uma âncora para ela, e ela não sabia o quanto precisava de uma.

Ela serve a si mesma uma xícara de café, sente o aroma profundo preenchendo a cozinha de uma maneira que parece grande demais para um receptáculo tão pequeno. Ela pensa que parece mágica: o cheiro, o ritual de passar o café, o efeito dele nos seus sentidos. É estranho como algo tão amargo possa deixar alguém tão contente. Ela se senta e separa as cartas em pilhas. Começa abrindo a conta, elas serão pagas com o cartão de crédito que Reid deu a ela. Ela coloca o envelope rosa no canto da mesa, para que Alek o veja quando chegar em casa de noite.

Valerie observa o retângulo rosa, imaginando quem será a última. Ela sempre fica um pouco impressionada com o jeito com que o garoto olha para ela, como se ela fosse uma

espécie de bruxa, quando lhe pergunta: “E qual é o nome dessa?” Como se ele fosse tão misterioso. *Meu Deus, querido*, pensa ela, *para um garoto esperto, você é bem burro*. Ela poderia lhe dizer que ele é previsível, que só o nome muda. Poderia dizer que ele era tão fácil de prever quanto um novo dia. Mas não fala nada.

Quando ela se mudou para a casa dos Howard, Valerie, às vezes, encontraria a menina da vez para um café e qualquer que fosse o tipo de bolo que a tristeza pediria após o inevitável acontecer: Alek perder interesse na garota do momento. Valerie escutaria o choro e/ou reclamações, ela concordaria e então falaria que a vida é assim mesmo. Alek não faz por mal, ela diria, mas ele é um cabeça de vento. Você não quer um cabeça de vento, eles nunca percebem do que você precisa, ou, se percebem, provavelmente não vão dar a você a não ser que vejam alguma vantagem para eles. E garotos cabeça de vento se tornam homens cabeça de vento, a não ser que aprendam algumas lições difíceis no início da vida.

Nem todos os homens eram assim, diria Valerie, mas havia um número suficiente deles no mundo para tornar a vida um inferno.

“A decisão é sua”, falava ela. “Você quer ser a mulher que vai ensinar essas coisas a ele? Porque posso te dizer agora que ele vai começar a pensar em você como a mãe dele, e confie em mim: nenhum homem quer dormir com a própria mãe. E, se querem, então você não vai querer dormir com eles. Ou você quer um homem que já aprendeu essas lições através de outra pessoa?”

Ela nunca tinha visto qualquer uma daquelas garotas decidir que queria ser a mulher a ensinar Alek as lições necessárias, embora uma delas tenha acusado Valerie de permitir aquele comportamento da parte dele. Quando terminou de rir, Valerie respondeu: “O que eu estou permitindo? Que uma garota possa sair dessa enquanto ainda não é tarde? Se eu disser para você ficar e lutar, para bater a cabeça na parede ao tentar forçar alguém a te amar, que porra de favor estarei fazendo a você? Permitir é deixar um batalhão de moças voltar para ele sempre, como bucha de canhão, porque elas pensam que vão ganhar? Se vocês ficarem voltando, o que ele vai aprender sobre consequências? Mas, se um número suficiente de mulheres for embora, talvez ele mesmo se toque.”

Ela balançou a cabeça e terminou: “Um dia, você talvez tenha filhos e vai ter que lembrar que é você quem vai ter que ensinar ao seu filho quanta merda uma mulher tem que aguentar.”

Em algum momento, porém, ela ficou exausta da quantidade de garotas e mandou Alek parar de trazê-las para casa até encontrar uma com quem quisesse se casar. Na verdade, porém, ela sabia, lá no fundo, que se esforçar para obrigar alguém a tomar decisões melhores era uma causa perdida.

Valerie gosta de pensar que sua filha não teria precisado de conselhos assim. Ela gosta de pensar que sua filha teria sido inteligente demais para suportar aquele tipo de merda na juventude. Valerie gosta de imaginar como seria sua vida em Mercy's Brook se Lily não tivesse partido, embora “gostar” provavelmente não seja a palavra certa. É mais

como se fosse uma imolação mental. Ela não puxa os cabelos ou arranca a cutícula; não bebe, fuma ou usa drogas; não, a automutilação dela é imaginar dias melhores que nunca virão.

Lily teria se formado na escola, teria ido fazer faculdade em Nova York ou Boston. Teria decidido se seria uma médica, advogada, arquiteta: ela tinha todas as escolhas do mundo. Talvez ela teria voltado para casa e Mercy's Brook, talvez ela teria se estabelecido em outro lugar e Valerie teria que ir visitá-la. Talvez Chase fosse com ela também, talvez Chase não teria começado a beber se a filha deles não tivesse desaparecido. Talvez Valerie não tivesse começado a ter um caso com o gerente da farmácia. Talvez, se eles tivessem tido alguma resposta sobre o destino de Lily, a outra coisa nunca teria acontecido.

Ou talvez teria acontecido de qualquer maneira.

Valerie esfrega o rosto com uma das mãos e boceja. Ela não tem dormido bem; os sonhos estão voltando com toda a força. Eles sempre voltam nessa época. Ela nem precisa olhar no calendário para saber que a data está próxima, basta observar os efeitos físicos e psicológicos causados na marcha dos dias. E não ajuda o fato de que esse ano, o senso de desamparo a consumiu. Toda a avenida parecia estar fechada, não havia uma única pista sobre o que tinha acontecido com Lily.

Com um suspiro, ela pega o único envelope com o nome dela. Ela examina novamente a caligrafia com jeito antigo, um estilo aprendido sob a ameaça de uma régua. Valerie está prestes a passar a unha comprida na beirada da

abertura e começar o delicado processo de abrir uma carta quando a campainha toca.



Alek mentira sobre a aula até tarde, e ficou surpreso por se safar dessa. Em geral, Valerie conhece o cronograma dele como a palma de sua mão, mas ela tem estado cansada ultimamente, e quando está assim, fica distraída. Alek vira à esquerda em vez de à direita, seguindo pelas vias secundárias de Mercy's Brook em vez das principais, para evitar ser visto.

Com certo tédio cansado, Valerie dá apelidos às suas várias namoradas de acordo com vários fenômenos climáticos. Furacão Suzie. A Tempestade Francesa. Ciclone Elaine. Ele sempre pergunta a ela como ela sabe que ele tem uma nova namorada e ela o encara com *aquele* olhar, que é parte do motivo para ele ter mentido para ela.

Conforme Alek estaciona diante da casa de Carrie, o frio começa a dominar sua barriga. É uma casa grande, mas há mais corpos ali dentro do que na casa dele: os pais, três irmãs, quatro irmãos e uma avó. Uma família de verdade mora aqui. Uma família de verdade que, de acordo com Carrie, não vai estar em casa hoje. A casa não é grande como a que ele deixou há alguns minutos — não há tanto dinheiro aqui quanto Reid tem para gastar —, mas Carrie também não é uma das bolsistas. Ela mora há dez minutos da cidade, vinte minutos da casa dele e bem longe da rua principal, então ele não está preocupado em alguém vê-lo ali. Ainda é bem de manhã, e uma coisa que ele aprendeu é

não anunciar sua paixão mais recente cedo demais, e não só porque Valerie vai rir da cara dele.

“É uma cidade pequena, Alek. E meio que parada no tempo, um tempo bastante particular com um conjunto de expectativas muito particulares”, disse ela algumas semanas atrás durante o jantar. “Você começa a sair com uma garota em público — e, Jesus Cristo, não estou dizendo para você se esconder como se estivesse envergonhado —, mas à vista de todos? Conhecer os pais dela, pelo amor de Deus? Assim que a coisa for revelada, rapaz, você não vai poder mais aproveitá-la de maneira privada. Todo mundo vai ficar observando, e toda garota cujos sonhos envolvem um vestido branco e um cartão de crédito cuja conta ela não precisa pagar vai olhar para você como se fosse o porco premiado de um festival da colheita.”

“Um porco? Bem, contanto que seja premiado...”

Os dois riram, mas ela logo voltou a ficar séria. “Pergunte a si mesmo quantas desculpas você vai ter que pedir, Alek Howard. Pense antes de fazer alguma burrada, é só o que peço.”

Nesse momento, ele está sentado no carro. Na mochila, uma caixa cara de bombons produzidos respeitando as leis humanitárias, do tipo que Carrie gosta; comprá-los pareceu uma boa ideia na hora, mas agora... ele não tem certeza se deve levar a caixa para dentro da casa. Seria exagero ou algo pequeno demais? Será que ele deveria aparecer de mãos abanando e ver o que acontece?

Deus, só fazia uma semana. Ele costumava pensar que estava sendo generoso — se o seu pai tinha lhe ensinado alguma coisa era generosidade —, mas Alek estava se

perguntando se aquilo mandaria a mensagem errada. *Cria muitas expectativas cedo demais.* Agora, a voz de Valerie estava na cabeça dele. Merda, ele não pode nem dar uma caixa de bombons para uma garota sem pensar se aquela era uma boa ideia mesmo.

Quantas desculpas você vai ter que pedir?

A porta da frente se abre e lá está Carrie, esperando debaixo do batente, com seus longos cabelos pretos, seus olhos escuros espaçados, seu sorrisinho e sua pele morena.

Alek pega a mochila. Ele vai ver como as coisas vão se desenrolar.



— 'Dia, Valerie.

O xerife Obadiah Tully tem a forma de um barril equilibrado sobre pernas magras e curtas. O uniforme dele precisa ser feito sob medida, mas nem mesmo a alfaiataria personalizada faz milagres, não com o formato excêntrico do homem. Valerie acha injusto que Tully não precise se preocupar por não estar em forma; ela adoraria que ele fosse afligido ao menos com uma gota da dúvida em relação a si que está presente em toda mulher. Mas não, ele só puxa o seu cinto de utilidades que fica debaixo do toldo formado pela sua pança de um jeito pavonesco.

— Xerife. O que o traz à minha porta?

— Bem, não é exatamente a *sua* porta, não é, Valerie? — Tully nunca superou seu ressentimento sobre aquilo.

Quando a investigação dele sobre o desaparecimento de Lily não deu em nada, as reclamações de Valerie ficaram cada vez maiores, enquanto o marido dela ficava cada vez

mais bêbado. Tully ficou ressentido. Obadiah tomou para si a responsabilidade de persegui-la quando ela dirigia para casa durante a noite ou seguiu-a pelos corredores do supermercado, certificando-se de que ela sabia que ele estava lá. Ele convenceu tanto a polícia estadual quanto o FBI de que Lily Wynne tinha fugido de casa; da forma que ele falava, bastava algumas poucas palavras para que os melhores alunos se tornassem verdadeiros demônios.

Então, Chase Wynne esvaziou a conta bancária deles e saiu de Mercy's Brook.

Então, a livraria em que Valerie trabalhava fechou e ela perdeu o emprego.

Então, a casa teve que ser vendida e as coisas ficaram bem difíceis.

Foi aí que Reid Howard apareceu — quase um ano depois do dia em que Lily desapareceu — e lhe ofereceu um emprego, uma casa e uma criança, mais ou menos. Tully não teve coragem de continuar atormentando-a depois disso, então Valerie se perguntava por que diabo aquele merdinha estava ali agora.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, Obadiah? Ou veio apenas fazer a gentileza de me visitar?

— Só achei que você ia gostar de saber do passamento de Lucius Anderson.

— Passou no quê? No vestibular? *Passamento*: esse é o termo mais idiota que já ouvi. — A raiva aparente de Valerie era para cobrir o efeito daquela notícia, mas a inquietação e uma pontada de tristeza reviraram o seu estômago. Ela engoliu em seco, se lembrando da última vez que falou com Lucius... bem, discutiu com ele. Ela pensa no envelope

sobre a mesa da cozinha, a caligrafia distinta. — O que aconteceu?

— Invasão de domicílio — responde Tully. Ele coloca o chapéu mais para trás na cabeça, revelando as entradas grisalhas e a marca onde o chapéu aperta demais.

— Uma invasão de domicílio? Aqui? — Sua descrença é clara, e não é como se o xerife devesse esperar outra coisa, mas, ainda assim, ele se endireita, um galo minúsculo enchendo o peito como se estivesse pronto para a briga.

— Você sabe que tem gente que faz metanfetamina na floresta. Tem um pessoal que passa pela nossa cidadezinha que ficaria feliz em nos fazer mal. Você deveria saber disso melhor do que ninguém, Valerie Wynne.

— O que um drogado ia querer na *casa* de Lucius Anderson? Ele não tinha nada lá, não quando havia uma farmácia inteira cheia de remédios.

— Bem, talvez um *drogado* não soubesse disso?

— Isso não é algo que você deveria estar investigando?

— Sabe, vim aqui apenas para lhe fazer uma cortesia, já que ele significava algo para você. Ou talvez não.

— O que quer que tenha acontecido entre Lucius e eu não é da sua conta. — A mão de Valerie no batente da porta está tremendo e ela consegue sentir o suor frio surgindo nas axilas e descendo até a parte de baixo das suas costas. Ela dá um pigarro, pensa na carta na cozinha de novo. — Olha, desculpe, Obadiah, não quero brigar com você. Só estou... chocada. Estou chocada, só isso.

Ele retrocede alguns passos, como se tivesse ficado surpreso com aquelas palavras conciliatórias, e então assente. Aperta os olhos e, de repente, pergunta a ela:

— Você falou com ele recentemente? Com Lucius? Ele não mencionou nada para você?

Então Valerie percebe onde ele queria chegar.

— Como se ele estivesse com medo de alguém? Ou se tinha visto alguém rondando a casa dele em horários estranhos? Coisas assim?

— É, coisas assim.

Ela balança a cabeça.

— Obadiah, você sabe que as coisas não terminaram bem entre nós. — E era verdade, pois ele achava que ela se casaria com ele depois de Chase ter ido embora. — Eu seria a última pessoa em quem ele iria confiar. — Mas ela lembra que tinha visto Lucius no supermercado na semana passada, e como parecera que ele queria lhe contar algo, mas então deu meia-volta. Ela dá de ombros, e estende a mão como uma oferta de paz, e Tully, surpreso, a pega. Ela espera não ter apertado a mão do xerife forte demais. — Você pode me manter informada? Eu me importava com ele, independente do que tenha acontecido.

Ela fecha a porta antes mesmo de ele chegar na viatura. Ela não ouve o motor dar partida, se ele saiu de lá ou não. Tem outras coisas na cabeça.

Valerie nunca pensou que Tully tivesse algo a ver com o desaparecimento de Lily, nunca pensou que ele poderia estar acobertando outra pessoa, apenas o achava incompetente e rancoroso, e fazia questão de externar suas opiniões. Agora, ela se joga contra a parede, sente a madeira sólida contra suas costas enquanto uma onda de náusea a envolve.

Nos seus sonhos, Lily a chama, Lily em seu vestido preto e brilhante de formatura e os belos sapatos de salto alto vermelhos, Lily com seu cabelo escuro preso em um coque estiloso, porque a garota sempre teve seus próprios gostos. Lily, que desaparecera um dia antes de sua formatura enquanto voltava para casa da sapataria da rua principal, onde tinha ido comprar os adesivos para que seus pés parassem de escorregar para fora dos sapatos vermelhos.

Lily nunca teve a chance de usar aquele vestido ou aqueles sapatos, não de verdade, então a memória que Valerie tem é do teste que ela e Lily fizeram com maquiagem e cabelo. Quando Lily conseguiu aperfeiçoar seus passos naquele salto alto, andando ritmicamente no corredor do andar de cima até conseguir o balanço correto.

Ainda assim, porém, aquela é a Lily que assombra seus sonhos, embora, às vezes, Valerie vê o próprio rosto em vez do da filha.

De volta à cozinha, Valerie se senta à mesa antes de seus joelhos cederem. Diante dela, estão a agora fria xícara de café e aquele envelope. Certa noite, enquanto estavam deitados lado a lado, nus e cobertos de suor, Lucius disse a ela que ele aprendera caligrafia com seu avô, que era bem rigoroso. Os outros meninos riam dele porque ninguém mais escrevia cartas daquela maneira.

Valerie pensa que Lucius deve ter postado a carta pouco antes de ter sido assassinado. Ela imagina se Obadiah Tully suspeita de algo assim. Abre o envelope, tira a única folha de papel branco de dentro e a desdobra.

Com a mesma caligrafia elaborada, estão as palavras: “Câmera de segurança, Farmácia do Anderson”, e então:

“Me desculpe.” Só isso, apenas aquelas palavras no meio da página, e ela não entende. Então, seu cérebro dá um estalo e ela vira a folha e fica sem ar.

Na impressão preto e branco, de jato de tinta, porque seus dedos suados borram a beirada da imagem, há uma Mercedes C-300 Coupe preta familiar na rua principal. A data na imagem é a mesma em que Lily Wynne desapareceu, e o horário mostra que já havia passado uma boa hora depois de tudo fechar e da rua estar deserta, porque as pessoas tinham casa para onde ir e refeições para preparar.

E Valerie aproxima o papel cada vez mais do rosto, porque a foto foi tirada em um ângulo que a permite ver bem o vidro dianteiro do carro, de forma que consegue olhar claramente a cabeça do motorista e da passageira.

Ela diz a si mesma que aquilo pode não significar nada, e que o carro pode não ter nada a ver com o desaparecimento de Lily. Não *significaria* nada, ela pensa, se ela não conhecesse o veículo e o motorista muito bem. Se não fosse a Lily no banco do carona, rindo. Valerie vomita na mesa da cozinha.



John Wick está na televisão, fazendo piadinhas enquanto abre caminho por uma variedade de mortes. Carrie está no colo de Alek, e o som no local é uma série de tiros e os suspiros finais de homens moribundos até que, de algum lugar, surge o barulho de uma porta se fechando e então vozes de uma mulher e uma criança. Gentilmente, ele coloca Carrie ao lado dele no sofá e então se ajeita de leve,

se colocando a alguns centímetros de distância para a esquerda. Sobre a mesa de centro, há uma caixa de bombons meio vazia, do tipo que ela gosta, que Carrie deu a Alek como presente de aniversário.

Carrie faz beicinho, mas ri, e pega outro bombom. Ela tem cheiro de baunilha. É bom. *Isso é bom*, pensa Alek.

— Não se preocupe, minha mãe ainda vai passar um tempo dando uma olhada no dever de casa. — A garota se ajeita no canto do sofá e pressiona os dedos dos pés na coxa dele. — Ei, quando o seu pai voltou?

— Ele não voltou.

— Não — diz ela. — Eu vi ele hoje de manhã.

— Você deve ter se enganado. — Alek se senta com a coluna reta.

— Eu estava correndo na rua Mason. Ele desacelerou e acenou para mim. — Ela aperta os lábios. — Sabe, eu *sei* que é o seu pai quando olho para ele.

Carrie sorri com o tom afiado que deu à fala, e Alek sente um arrepio na coluna, não rápido, mas devagar e quase imperceptível, como uma aranha com oito patas geladas que não quer ser notada.

No passado, Reid tinha prestado atenção em algumas namoradas de Alek e conseguira pegar algumas para si tão facilmente quanto colher uma maçã. Ele não fazia isso para ter um relacionamento — nenhuma delas tinha durado mais do que uma noite, jantar e cama —, Reid fazia porque podia. Alek pensou em Annie e Ellie, em Elaine e Sukie, garotas bolsistas que ele conhecera na Addison. Todas inteligentes e ambiciosas, mas com uma desvantagem ou outra, órfãs ou abandonadas, pobres, das cidades pequenas nas partes

mais remotas do estado. O tipo de cidade que fora importante outrora, mas que hoje em dia não tinha nem mesmo uma parada de ônibus intermunicipal.

Às vezes, seu pai era uma das razões por Alek não continuar com uma garota, mas ele nunca contaria *isso* a Valerie, porque quão patético seria? Seu pai roubar uma das suas namoradas? Além disso, Valerie e Reid, eles foram amigos durante a escola, e se Alek contasse a Valerie algo que a fizesse querer sair de sua casa, então como ele ficaria? Não era apenas a ameaça de ter que preparar a própria comida, era a ideia de não ter outra voz além da própria, nenhum rosto além do dele naquela casa enorme. Valerie o fazia se sentir menos isolado, ela viu algo nele que achava digno de nota, e ele conseguiu enxergar melhor seu reflexo nela do que naqueles espelhos do corredor.

O celular vibrou no bolso, e ele pegou para ler a mensagem.

— É melhor eu ir — diz ele, para o desgosto de Carrie. Alek tinha que admitir que seu interesse por ela diminuía em um espaço de tempo bem curto. Ele percebera a expressão de Carrie quando mencionara o seu pai, notara como ela tinha corado e sorrido, como ficara lisonjeada com a atenção injustificável de um coroa bonito, ainda mais um coroa bonito rico.

— Por quê? — pergunta Carrie fazendo beicinho de novo.

— Valerie precisa da minha ajuda em casa.

— Claro. — E a boca da garota faz uma careta, se tornando amarga quando estivera doce e cheia uns minutos atrás. — E você não quer decepcionar a Valerie, né?

— Não — responde ele, se levantando. E, como está dizendo a verdade, não se sente com o rosto vermelho ou com vergonha. — Não quero.



Vinho novo em odres velhos...

A fechadura eletrônica está piscando devagar para ela, um olhar arrogante. Ela não sabe a senha. Seis dígitos. Se colocar os números errados, o que acontece? A fechadura faria soar um alarme em outro lugar? A empresa de segurança particular vai ligar para a casa e ela vai atender, vai dizer a eles que foi um acidente. Ainda assim, seria melhor ninguém saber que ela anda espionando.

A princípio, ela pensou na garagem — era natural, já que ela viu a Mercedes —, mas ela já esteve lá antes. Ela já esteve em todos os cômodos da casa; não há segredos ali a não ser em um lugar, um lugar sobre o qual ela nunca tivera um pinga de curiosidade. *Este cômodo.*

Ela pressiona o rosto na superfície prateada da porta, sente-a fria como a morte na sua pele, vê o próprio reflexo como uma sombra borrada estranha. Valerie coloca a orelha no metal e escuta da melhor forma que pode, embora não tenha certeza do que pode ouvir. Se faz isso por medo ou esperança, não sabe dizer, mas faz mesmo assim.

Nada. Não há nada.

Valerie pensa por que nunca questionou o propósito desse cômodo. Ela considera como ele foi esperto quando mostrou a casa a ela no dia de sua mudança. Ela se lembra dele descendo a escada para o porão e andando pelo corredor de pedra, ele tinha parado do lado de fora da porta e apontara

para ela. Ele até tinha apertado alguns botões da fechadura como uma criança desgovernada, fazendo barulhinhos de *beep-boop*. Ele sorria.

“Adega. De alta tecnologia, por causa das garrafas caras. Não é um vinho qualquer. Não há vinho novo nesses odres velhos”, disse ele, rindo. Valerie se lembrava dele falando aquilo como uma velha piada, explicando que seu próprio pai usava esses termos para se referir a crianças. Explicar aquilo não tornava a coisa mais engraçada. “Se você quiser, posso te dar a senha. Quer dar uma olhada?”

Ela balançara a cabeça. Valerie não tinha interesse em bebidas, não depois dos hábitos alcoólicos de Chase, e Reid Howard sabia disso.

“Não fica nem um pouco curiosa? Não quer nem dar uma olhada rápida?”, ele provocara. Os dois riram e seguiram em frente.

“Eu não bebo, Reid”, ela o lembrara e vira a estranha satisfação em seu rosto.

“Desculpe. Me esqueci de Chase.” Mesmo que aquele não fosse um pedido de desculpas de verdade, ela deu de ombros; o cômodo não causou impressão alguma em sua memória. Havia um bar completo no andar de cima, com mais vinhos e bebidas que qualquer um, incluindo um adolescente e seus amigos, poderia dar conta. Não havia necessidade de Alek ir lá para baixo. Eles não viam a adega, portanto, não precisavam pensar nela.

Valerie se afasta da porta e olha para a tela esverdeada piscando em seu ritmo de sempre mais uma vez.

Seis números.

Vinho novo em odres velhos.

Ela levanta a mão e quase toca no teclado. Hesita, as pontas dos dedos tão perto, tão perto. E se estiver errada?

O que aconteceria?

Mas e se ela não tentar? Se ela esperar até ele voltar para casa, nunca vai conseguir esconder suas suspeitas. Se não descobrir agora, talvez não consiga se controlar quando ele finalmente voltar para casa.

Valerie digita os números da data de nascimento de Alek.

A fechadura brilha vermelho para ela, faz um barulho baixo de desaprovação. Estava esperançosa demais, supôs. Seria muito fácil. As mãos dela tremem, os dedos estão frios de desapontamento. Então... ela se lembra de que há mais um número que pode tentar.

Valerie escolhe os números do dia de amanhã, o aniversário do desaparecimento de Lily.

Os segundos depois de ela digitar o último número são os mais longos da sua vida. O teclado bipa, a fechadura se abre. Valerie empurra a porta prateada e entra.

Nenhum sangue, nenhum osso iluminado por sol ou lua.

O que ela estava esperando?

Não era isso.

É um cômodo enorme, pintado de branco e cheio de pedestais.

Há uma pequena escada de aço inoxidável que leva até o chão da adega. Valerie vai até o primeiro pedestal: ele bate mais ou menos na sua cintura e é feito de vidro verde grosso. E, nele, exatamente como em todos os outros pedestais, há um par de belos sapatos de salto alto. Em todo o lugar, sapatos para todo tipo de ocasião especial. Ela se aproxima, observa com mais atenção o par mais

próximo: sapatos cor-de-rosa, para uma formatura, com diamantes nas faixas, assim como manchas de sangue seco.

Valerie vai até o próximo pedestal: stiletos pretos, com solas Louboutines vermelhas, manchas amarronzadas no couro escuro.

Próximo: padrão arroxeadado, de marca desconhecida, baratos, feios e manchados.

Um par de Jimmy Choos verde-claro.

Todas as cores do arco-íris, todos os estilos, de todos os extratos das camadas sociais e diferentes eras da moda.

Demora um tempo para ela encontrar os de Lily.

Ela precisa de todo o autocontrole para não correr e fazer sons agudos cada vez mais altos, desesperadamente procurando pelos sapatos vermelhos de seda. Ela sabe que, se permitir a si mesma que corra, vai perder toda aparência de controle, que vai simplesmente se sentar no chão e começar a chorar, e que vai ficar ali até o Dia do Juízo Final.

Ela está tão concentrada em ver *apenas o próximo par* que fica chocada ao descobri-lo na frente dela. Os lindos sapatos de formatura de Lily. Rasgados, a seda mais vermelha onde o sangue pingou.

E foi só isso que sobrou de sua filha: um par de sapatos arruinados. Não há mais nada naquele lugar, nenhum outro quarto ou porta, nenhuma pista que indique onde está o restante de sua filha.

Apenas os sapatos.

Quantos pares? Cem, talvez?

Nenhum corpo.

Apenas os sapatos.

Fileira após fileira.

Valerie estica a mão. Aqueles sapatos são tudo que ela tem, provavelmente tudo que ela vai ter de sua filha de novo. Ela se surpreende ao perceber como são resistentes, os saltos stiletto são duros, não importa o quão delicados pareçam.

— Não toque neles. — O tom é afiado, tão imperativo que Valerie hesita, quase é tentada a obedecer. — É uma coleção rara, como já disse antes, Valerie.

— Vá se foder — diz ela, agarrando o sapato do pé direito. Ela o pousa sobre o peito, ninando-o. Então, ela se vira para encará-lo.

Reid Howard é bonito, embora não seja muito alto — é uma cabeça menor do que Valerie. Não há muita diferença entre ele e Obadiah Tully, para dizer a verdade — e está vestido de forma bem mais casual do que seus ternos feitos sob medida: jeans escuros, camiseta, Timberlands. Alek herdou os traços dele, mas não seu cabelo ruivo. Reid não tem barba, está sempre muito bem barbeado, e seus olhos são verde-claro. Ele é tão popular com as mulheres quanto seu filho — Deus sabe que Valerie quase caiu na lábia dele antes de recuperar o bom senso —, não tem por que machucar garotas, mas ela imagina que ele faça isso por prazer.

Ela acha que precisa de mais tempo, precisa embromar, então pergunta:

— Por quê? Por que você a pegou? Você mal a conhecia, ela não era nada para você. Por que a pegou? Por que roubou a minha filha e me trouxe para cá para cuidar do *seu*?

O sorriso dele, conforme ele desce a escada, as botas pesadas pontuando o silêncio, diz a ela: *Porque eu podia*. O sorriso dele escorrega entre as costelas dela, se instala como uma faca no seu coração.

— Eu gosto de você, Valerie, nunca duvide disso. Mas sua filha era igualzinha a você na época da escola, igualzinha a você quando disse *não* para mim e *sim* para aquele idiota do Chase. E depois para o Lucius... a porra do Lucius! Sou um homem paciente, mas não perdoo fácil. — O sorriso dele aumenta. — E por que Lily não aceitaria uma carona do antigo amigo da mãe dela? — Ele dá de ombros. — Manter você aqui me permitiu ficar de olho em você e fazer com que o bosta do Tully parasse de fazer reclamações a seu respeito. Deus, você conseguiu irritar muito aquele homem com o passar dos anos. Além disso, você cuidaria do idiota do meu filho. Ele se comporta, e eu não preciso ser distraído dos negócios ou do prazer. — Ele levanta as mãos, palmas para cima. — Eu tirei uma criança de você, mas lhe dei outra. Você gosta bastante de Alek. De certa forma, isso deixa tudo elas por elas, não é?

Leva um segundo para o choque arrancar um grito de Valerie:

— Não! — Ela aperta o sapato com mais força ainda.

— Não? — Ele finge surpresa. — Ah, bem. Como você conseguiu entrar?

— Vinho novo em odres velhos. No início, achei que era Alek, mas você estava falando do *meu* vinho novo. — Parte da mente dela está surpresa em como ela consegue levar essa conversa tão friamente. Mas ela precisa pensar com clareza, se quiser sobreviver. Reid está com uma faca, a

maior do faqueiro de madeira, que ele bate no vidro dos pedestais enquanto caminha, produzindo um estranho som.

— Ah. — Ele sorri secamente. — Não deveria ter subestimado você. Você é inteligente demais, inteligente demais para ir para a cama comigo. Mesmo assim, todo mundo comete erros: não foi inteligente o bastante para deixar de se casar com Chase ou trepar com Anderson.

— Lucius? Você...

— Tully disse que ele estava fraquejando. Você o deixou puto quando o abandonou. Você deixa homens putos, Valerie, essa é uma das suas principais características. E eu o ajudei, ele estava perdendo muito dinheiro em alguns investimentos péssimos, então foi tanto uma vingança quanto uma venda. Ah, ele não sabia o que tinha acontecido com Lily... não pense tão mal do homem assim. Ele acreditava que eu tinha deixado a garota em casa e que ela encontrara a morte em outro lugar, mas estava começando a imaginar por que esse segredo precisava ser escondido de você. Mas, quando ele estava nervoso com você, ficava feliz em colaborar.

— Todo mundo comete erros — diz ela, sem conseguir se aguentar.

Ele ri.

— Você devia ter me escolhido, Valerie, pelo menos em algum momento.

— Por que você está em casa? Logo agora? — Ele nunca tinha se importado em voltar para casa durante o aniversário do filho, mas...

— O aniversário, Valerie: o *nosso* aniversário. Todo ano eu adoro ver você no dia em que Lily desapareceu. Você fica

estranhamente radiante com o luto, é encantador. Não perderia isso por nada desse mundo.

Valerie começa a se afastar quando ele se aproxima.

— E quanto a Alek?

— O que tem? Vou falar para ele que você foi embora. Vou dizer que você se cansou dele, que nem a mãe, que você ficou desapontada com ele. Ele já está acostumado com isso. Não vai fazer muitas perguntas. O garoto nunca se prende a nada, você sabe disso melhor do que ninguém.

— Ele não é mais assim. Você não saberia, porque nunca está em casa. Não conhece o próprio filho. — Uma explosão de risada histérica fica presa em sua garganta por causa do caráter doméstico do argumento, dois pais em um cabo de guerra envolvendo uma criança. — Ele não é mais o garoto que você criou, não é mais o *seu* vinho novo.

— Reconheço que você o ajudou a sossegar, o que o mantém longe de problemas, mas mesmo que você não tivesse feito esse passeio descuidado pelo meu local, seu tempo estava chegando ao fim. Se você ficar mais tempo, acho que ele vai acabar desenvolvendo uma consciência, o que seria inconveniente. É melhor que desapareça, deixe-o pensar que foi abandonado de novo. — Ele vira a cabeça, pensando. — Você acha que é tão protetora em relação a ele porque falhou com Lily?

Ela engole em seco e não responde. Em vez disso, diz:

— Onde...?

— O quê?

— Onde está a mãe dele?

Reid aponta para o fim da adega; Valerie vê um par velho de sandálias brancas com saltos baixos, que já saíram de

moda há muito tempo.

— Laura não queria ir. Ela amava o filho.

— Pai?

Os dois se viram e veem Alek no topo da escada na entrada da adega, em resposta ao texto de Valerie de voltar para casa, mandado porque ela não conseguiu pensar em mais ninguém de quem precisava. As mãos dele estavam para o alto, como se estivesse rendido. Atrás dele, estava Obadiah Tully — claramente, o ato de Valerie tinha sido mal concebido —, a arma apontando para as costas do garoto.



Alek desce a escada devagar, não apenas por causa da ponta da arma que de vez em quando encosta nas costelas dele. Ele ouvira tudo que Reid e Valerie disseram, e vira o próprio reflexo no aço da porta, como se as palavras de seu pai o tivessem transformado em algo mais sombrio. Desestabilizado. Seu olhar se move do seu pai para sua tutora, para os pedestais e seus sapatos, para o teto, para o chão, para as paredes. Ele ainda estava processando tudo que ouviu quando Tully apareceu e gesticulou para que entrasse na adega.

Os passos de Tully pararam, mas Alek continuou andando mais um pouco. Ele olhou sobre o ombro para o xerife. O rosto de Tully está congelado. Claramente, ele nunca esteve lá embaixo, assim como Alek, só que a expressão dele mostrava que só agora ele percebia o tamanho do buraco em que se meteu. Alek imagina que Obadiah ficava feliz o suficiente ao aceitar o dinheiro de Reid para desacelerar coisas como investigações inconvenientes, mas não gostava

do que Reid fazia. O próprio Alek não fazia ideia e agora pensava em que lado do muro Tully ia cair.

Ele para diante de um pedestal, observa o padrão arroxeadado barato; eles chamam a atenção, não são uma coisa que ele esqueceria, mesmo sem ter interesse algum em sapatos. A cabeça pende para o lado e ele pega os sapatos com uma das mãos.

— Annie.

Seus olhos seguem adiante, e ele aponta para um par de Prada falsificado de cor azul-elétrico.

— Ellie.

Em algum lugar ali, pensa Alek, estão os sapatos de Elaine e Sukie. Todas as garotas da Bolsa de Estudos Howard, as garotas que ele nunca mais viu. Ele não se preocupou em procurá-las depois de elas terem ficado com seu pai, ele as apagara da mente para resguardar seu orgulho ferido de menino. Ele as abandonara. Tentou engolir em seco, mas é difícil, como se tivesse uma pedra na sua garganta.

— Pai — diz novamente, notando a faca de cozinha que Reid está carregando. Alek se sente enjoado. Enjoado, triste e com dor. Ele repete outra vez, como se aquele fosse o único pensamento em seu cérebro: — Pai.

— Alek. Timing terrível, meu garoto, como sempre. — Reid balança a cabeça.

— O que você vai fazer com eles, Reid? — Quando a voz de Tully surge, fica claro que ele se decidiu; qualquer esperança que Alek tinha de que o xerife poderia escolher ajudá-los desapareceu. Mesmo dentro do buraco, Obadiah

continuaría cavando. Alek queria lembrá-lo de que buracos não funcionavam daquela maneira.

— Bem, minha querida Valerie aqui vai sofrer um acidente. Você não precisa ficar por perto para ver isso, e talvez seja melhor que ele também não. Obadiah, leve Alek para a cozinha e fique com ele até eu terminar.

— Você não pode estar falando sério, Reid. O garoto não vai ficar de boca fechada.

— Ele é meu filho e vai me obedecer. — Reid levanta a faca, não como uma ameaça, mas da forma que um professor faria com uma batuta ou uma bengala: *Faça como eu digo, Tully, se sabe o que é bom para você.*

Alek, de pé entre seu pai e o xerife, nota o que os dois homens adultos esqueceram: Valerie. Reid está de costas para ela, e a atenção de Tully está concentrada em Reid com o tipo de visão em túnel que o faz um dos piores investigadores que Mercy's Brook já teve a infelicidade de contratar. Mas ele consegue vê-la pelo rabo do olho — clara como um reflexo perfeito — e toma o cuidado de não olhar diretamente para ela conforme Valerie se aproxima alguns centímetros de Reid. Os passos dela são leves, bem leves, mas ainda há um sussurro da sua aproximação, e seu pai começa a virar.

Alek repete:

— Pai?

Reid olha para ele com irritação conforme Valerie afasta a mão do peito e ergue o sapato vermelho. Alek a vê correr para a frente, então ele gira, abaixa as mãos e se joga para cima de Tully, que nem chega a atirar, mas cai no chão, a cabeça batendo na quina do degrau de baixo. Os olhos de

Obadiah continuam abertos, como se olhassem sem compreender.

Alek se levanta, massageando o ombro. Ele escuta o som que seu pai faz, mas leva uns segundos para se recompor e olhar.

Valerie está em cima de Reid Howard, que está de joelhos, sem equilíbrio, o salto de um stiletto vermelho cravado no topo da sua cabeça. Ele parece tão surpreso quanto Tully, embora com um pouco mais de raiva. Então, ele perde o pouco de vida que lhe restava e a gravidade assume. Devagar, ele cai de cara no chão de concreto polido.



Até onde Mercy's Brook sabe, Obadiah Tully morreu como um herói, ao salvar Valerie e Alek do episódio psicótico de Reid Howard até ele mesmo falecer. Nenhum corpo foi encontrado no terreno da propriedade, e o prefeito está feliz, já que ele considera que um cemitério de moças teria sido ruim para o moral da cidade e para futuros investimentos econômicos. *Além disso, deu tudo certo no final*, disse ele para Valerie e Alek, querendo dizer: *Fiquem de bocas caladas e ninguém vai investigar de perto o que vocês fizeram hoje*. O novo xerife, apontado às pressas, continua dizendo a Valerie que é provável que eles não encontrem nada além da coleção de sapatos.

Valerie mantém os stilettos vermelhos em uma caixa no armário. Se pudesse, ela se livraria da memória daquele dia, mas é como uma chave dourada manchada de sangue que ela não consegue limpar. Algumas noites, ela sonha com o momento naquela adega com uma coleção de sapatos

bonitos cheios de sangue, ela sonha que Alek é muito menor, mais novo, que ele fala “Papai”, e que Reid pega a mão dele de uma forma que nunca aconteceu na vida real.

Algumas noites, ela sonha que ele se tornou como o pai. Que quem sai aos seus não degenera, que talvez ele nem tenha essa escolha, que o interruptor vai ser ligado, não importa o que os dois queiram. Mas ela também sabe que ele escolheu quem quer ser.

Lily não aparece mais em seus sonhos, porém, e ela não sabe dizer se isso é uma bênção ou uma maldição.

HAZA E GHANI

LILITH SAINTCROW

Nosso pai era um lenhador e aquele foi um Ano do Cão terrível, pois não apenas a mamãe morreu conforme o frio do inverno diminuía, mas a loteria do templo caiu sobre nós. Tarde da noite, meu irmão e eu ficávamos acordados no sótão ouvindo o choro do pai, pois um filho é a única fortuna que um lenhador pode ter. *Calma, calma,* sussurrava sua nova esposa, envolvendo o corpo dele, forte pelo trabalho, com o seu, cheio de curvas. *Você sempre pode ter mais filhos. E a pequena Ghani, ela pode ter filhos também.*

Eu não entendia bem o que ela queria dizer então, mas, conforme ele ouvia, a expressão de Haza ficou como um toco de árvore teimoso e ele saiu pelo pequeno buraco do telhado de palha naquela noite, só voltando quando o sol nascente começou a expulsar a neblina pela teia das árvores. Quando os padres vieram para levá-lo embora, os bolsos dele estavam cheios, mas meu irmão não olhou para trás nenhuma vez, seus cabelos trançados firmemente e untados com óleo há pouco tempo. A corda de cabelos preto-avermelhados seria cortada nos degraus do templo, é claro, mas eu a deixei o mais bonita possível, meus dedos finos nos cabelos dele e meu estômago roncando.

A menina come por último.

Naquela noite, a nova esposa do pai acendeu o fogo depois do jantar e penteou seus longos cabelos pretos. Ela acenou, indicando para eu chegar mais perto, mas eu me recusei, apesar de o pai ter me dado um tabefe no pé da orelha e me mandado me comportar, coisa que ele nunca tinha feito quando a mãe estava viva.

Porém, quando um lenhador encontra uma nova esposa com as costas flexíveis, cabelos compridos e olhos que nunca piscam na floresta, já é tarde demais. Naquela noite, fingi dar um gole do copo de madeira que ela segurava para mim, com seu cheiro enjoativo de erva-doce se prendendo no meu nariz e me deixando tonta. Fui para a cama no sótão quando ela me mandou ir e, quando ouvi meu pai grunhindo e a cama de madeira rangendo lá embaixo, passei pelo mesmo buraco que Haza tinha atravessado, carregando alguns pertences dentro de uma pequena trouxa de tecido nas costas.

Eu também acendi um precioso toco de vela com uma pederneira, ambos roubados, e deixei a pequena chama perto da palha. Quando cheguei ao limite do vale e olhei para trás, vi, atrás das árvores, um pequeno brilho rosado na noite. As pedras claras que Haza foi largando me levaram pelo caminho que os padres fizeram, e, embora a escuridão fosse profunda, o luar refletia nelas, de forma que não me perdi.



Haza deve ter ficado sem pedras claras, mas eu não precisava mais delas quando cheguei à estrada que cortava

a floresta como uma cicatriz. Segui por ela a noite inteira e pelo dia seguinte e observei a floresta diminuindo e os assentamentos surgindo de ambos os lados. Pouco depois, o templo do Deus Esfolado surgiu no horizonte, um triângulo branco desigual lapidado na lateral de uma montanha sobre um grande vale cheio de fumaça e barulho.

Nunca tinha visto uma cidade antes, mas já tinha visto muitos formigueiros, e decidi que eram parecidos.

Foi Kali, a rainha-cozinheira de saia rodada e com babados, que me viu na bagunça do Mercado Principal, chutando as canelas de um garoto de rua mais velho que tentou roubar minha pequena e ridícula trouxa. Não comia há três dias, mas estava acostumada com isso, e foi a aproximação dela que afastou os amigos do menino. O corte na minha testa — eles tinham jogado pedras para ajudar seu líder — sangrava para dentro dos meus olhos, então foi através de uma tela carmesim e salgada que fazia meus olhos arderem que vi a senhora redonda e de cabelos pretos com sua velha saia de babados multicoloridos e seus brincos de argola de ferro, seus pés duros como chifres, tão descalços quanto os meus, e suas mãos ásperas por causa das feridas advindas do trabalho na cozinha. Kali segurou o meu queixo e me examinou, um sentimento engraçado de que eu estava flutuando encheu minha cabeça, e ela fez *tisc-tisc* para minhas mãos imundas de poeira.

Ainda assim, ela deve ter visto algo em minhas juntas ainda não completamente formadas, pois me mandou segurar firma na sua saia e foi para um lugar menos movimentado.

Foi assim que aprendi o caminho do Mercado Principal para a porta de serviço que perfurava a muralha do templo, e foi assim que desci para o esfumaçado subinferno das cozinhas, onde Kali me colocou para cortar uma gigantesca pilha de raízes e outros vegetais.

Não me ocorreu questionar ou reclamar.

Não naquele momento.



Durante toda a primavera, os novos recrutas praticavam nas largas avenidas de pedra do templo. A maioria deles caía de exaustão ou se recusava a ir além após uma sessão particularmente brutal. Era permitido que seus cabelos crescessem de volta em uma faixa que dava a volta no crânio; eles conduziam rituais e serviços, mas não eram admitidos no santuário interno.

Aqueles que não vacilavam eram celebrados e seus cabelos cortados toda noite. A arte dos monges do Deus Esfolado era afiada e direta, socos que destruíam ossos e chutes que partiam metal.

Na cozinha, porém, há o Caminho da Flor. É a dança de levantar, se curvar, cortar, correr; Kali declarou que eu tinha talento para aquilo. Eu nem mesmo me importava que os ligamentos e tendões de uma criança eram levados ao limite; embora a rainha-cozinheira tivesse um ventre arredondado e uma barriga generosa, ela se dobrava como um junco quando assim desejava. Se eu achasse um movimento difícil demais, ela o faria com uma facilidade que envergonharia a minha inépcia. Considerava-me

sortuda por ela não me bater nas orelhas, como meu pai fizera.

Diziam que até o próprio Abade tinha certo respeito por Kali, pois era ela quem preparava a bebida sagrada, amarga e apimentada, em seus antigos recipientes de prata para o ritual da lua nova e outros, sobretudo para o Grande Despertar, quando o Deus se libertava de sua pele e dançava sem ela.

Vi o Abade apenas uma vez durante aquele tempo, um homem grande usando robes suntuosos e leves, ainda que crus — pois o Deus Esfolado é humilde e expurga o orgulho —, cujo topo da cabeça cintilava conforme ele caminhava entre fileiras de suados aprendizes do templo gritando no ritmo de *ataque, defesa, chute, vai!*

Um deles era Haza, e o Abade parou para admirar meu irmão, nu da cintura para cima e brilhando com o suor, o rosto avermelhado por causa do sol, e se movendo com a mesma graça imprudente do nosso pai quando ele dançava com o machado, a serra e o serrote para tirar madeira das profundezas da floresta.

Observando das sombras do pomar, para onde Kali me mandou a fim de colher os frutos caídos e maduros demais para alimentar os porcos pretos e brilhantes do templo, senti o calor do sol congelar por um momento. Os sussurros nas cozinhas diziam que os olhos do Abade tinham se tornado opacos.

Mas não poderia ser, pois o Deus Esfolado requeria que o servissem por completo.



Ele vinha até a porta dos fundos com frequência, o Velho Vrìl, com seus olhos escuros rápidos e seu cajado com proteções de cobre nas pontas. O cobre estava verde de tão decadente, e seus dentes eram amarelos, soldados bêbados que se inclinavam uns sobre os outros procurando por conforto. Seus farrapos eram velhos, mas ele não tinha cheiro de podre ou da fervura do corpo, apenas de areia seca e especiarias funerárias.

Talvez tenha sido por isso que arrisquei causar a ira de Kali ao dar a ele restos embrulhados em grandes folhas lustrosas; a rainha-cozinheira queria que os mendigos esperassem no pátio destinado para esse propósito, com sua fonte perpetuamente suja e os jovens monges caminhando entre eles para aprender as artes medicinais e de cura. Eu não gostava do pátio, pois ficava cheio de gemidos e choros, e a maneira que os mendigos se jogavam em cima da comida — tanto a comida inferior preparada a partir da recompensa de taxaço para o escolhido do Deus Esfolado e os restos dos grandes banquetes — me deixava incomodada, sobretudo depois que ganhei um pouco de peso.

Pois Kali nos encorajava a provar a comida. Um bom cozinheiro deve conhecer a textura de um prato a cada estágio da preparação, e essa lição permaneceu comigo por toda a minha vida. O que Kali *não* nos encorajava a fazer era dar de comer a qualquer um dos mendigos às portas da cozinha, e foi azar meu que um dos outros pássaros — pois assim éramos chamados nas cozinhas, engordando, crescendo e descansando debaixo de suas saias — me viu passando um embrulho de folhas com um bocado de carne

queimada e apimentada para o Velho Vril. Ele não olhava para meus braços e minhas pernas nus como os outros faziam, até mesmo as mulheres famintas em farrapos.

Foi a própria Kali que manejou a fina vara flexível conforme eu estava de pé com minhas mãos segurando um pilar de pedra expiatório em que os muitos nomes do Deus Esfolado foram esculpidos, e ela não foi cruel. Ainda assim, chorei sem restrições, bastante ciente de seu desapontamento e com medo de que iria ser mandada de volta para o grande vale de fumaça que era a cidade e que teria que cuidar de mim sozinha novamente.

Naquela noite, de bruços no meu catre no dormitório inferior ao lado da cozinha inativa, ouvi um arranhar como de um rato, e me levantei dolorosamente, indo para a porta como se precisasse fazer minhas necessidades.

O caminho para a latrina era longo, para proporcionar pudor, e Haza me encontrou na curva da sombra mais escura, primeiro me abraçando e depois me entregando um pacote embrulhado de forma um tanto atrapalhada por folhas.

— Achei que você encontraria o caminho — disse ele baixinho, sua cabeça raspada reluzindo um pouco conforme o luar atravessava as largas e enceradas folhas acima. — Como está o pai?

— Sai de lá na noite seguinte a que você foi embora. — O pacote ainda estava quente, cheirava a carne e a raiz de amido que eu tinha ajudado a preparar naquela mesma noite, ainda choramingando de dor. — Ele provavelmente está feliz com *ela*.

Não havia por que contar mais nada a ele, e, de qualquer maneira, ele não parecia interessado.

— Você esteve nas cozinhas?

— Kali me encontrou. — Queria muito contar a ele sobre o Caminho da Flor, sobre o barulho que meus tendões faziam, como era diferente das práticas diretas dos monges. Então ouvimos um farfalhar e corremos para os arbustos de cada lado do caminho como as criaturas da floresta que um dia fomos, esperando um membro mais velho do templo com robe cor de açafrão passar com uma lanterna, coçando luxuriosamente sua virilha e bocejando.

Quando ele desapareceu na latrina, surgimos de novo, respirando ao mesmo tempo, e peguei a mão de Haza.

— Você está bem?

O rosto dele estava imerso na escuridão, mas havia uma marca entre suas sobrancelhas que eu conhecia. Os dedos de meu irmão estavam frios e suados.

— Nós comemos bem.

E eu não sabia disso?

— Melhor do que em casa.

— Essa é nossa casa agora. — Ele largou a minha mão, mas não de uma maneira urgente. Sua linhagem fora cortada; ele não deveria ter família alguma além de seus companheiros monges. — Não podemos deixar que saibam, Ghani.

Como se eu fosse idiota. Mas não me importei. Estávamos juntos de novo, e um garoto sempre quer dar a última palavra.

Voltando para o dormitório, parei perto de um arbusto com folhas longas e particulares, perto da muralha de

proteção do templo. Arranquei umas poucas folhas e amassei-as dentro de outra, uma folha diferente, jogando-as sobre o fino catre da garota que roncava, a que me traiu, conforme eu passava, e pela manhã, ela tinha uma coceira violenta e enorme causada por hera venenosa.



Não choveu naquele verão, e a poeira ficou grossa. O governador da província veio em um longo trem e fez oferendas dentro da pirâmide de pedra reluzente, o incenso subindo em nuvens e címbalos batendo e quebrando dia e noite para manter o sol acordado, os banquetes aumentando sua generosidade para o número cada vez maior de mendigos tossindo no pátio fedorento deles. Os olhos do Velho Vril queimavam de febre, e a pele dele estava fervendo; ele se acomodou em um canto com a sombra de uma vinha e observou. As proteções de cobre do seu cajado desenvolveram buracos traçados, a podridão verde comendo o metal, e seu olhar me seguiu quando encarei sem medo aquele caldeirão de feridas, pedidos de ajuda e choros vazios e sem esperança por restos.

Eu não poderia fazê-lo, pois Kali examinou nossas mãos mais uma vez após o Festival do Sapo, e aqueles que tinham marcas especiais nas palmas começaram a aprender a fermentar, secar, moer e ferver as frutas redondas e fibrosas que eram sagradas ao Deus Esfolado. É preciso alguma destreza, uma sutileza no toque mesmo entre os calos, e a palma curvada de um cozinheiro deve ser casada com dedos longos e diversos outros sinais sutis. Agora, é claro, posso identificar com apenas um olhar rápido quem

tem as mãos para o trabalho, mas, na época, eu era uma criança e sabia apenas que Kali tinha encontrado em mim algo que estava procurando.

Na verdade, ela foi a única que procurou.

Nos piores dias da seca, os rumores começaram. A princípio, foram apenas olhares trocados entre os monges mais velhos, mas, assim como o fogo, a suspeita se alastra em tempos secos. Depois do Festival do Sapo e da visita do governador, houve outra loteria, e muitos meninos tiveram suas cabeças raspadas nos degraus do templo e foram levados para o cinturão de rocha.

Durante o Festival do Jarro D'água, o Abade derrubou seu cajado, as penas do pássaro divino flutuando ao vento, e quando ele se agachou para recuperar este item sagrado, ele apalpou um espaço vazio. Um dos monges mais velhos teve que recuperar sua parte esvoaçante, e o rumor foi confirmado perante uma multidão de fiéis e pessoas importantes.

Eu estava fervendo a bebida sagrada apimentada sob o olhar vigilante de Kali quando os sussurros varreram a cozinha. Uma simples garota não pode provar a bebida, mas eu conseguia sentir seu cheiro muito bem para saber que estava pronta e ver a fervura mudar. Kali deu uma batida na minha cabeça com uma colher de limpar osso, para me lembrar de não me distrair — se você para de mexer, a bebida não se mistura de forma apropriada.

O Abade deixou cair seu cajado. O Abade não conseguiu pegá-lo.

O Abade está cego.

Era estranho, pensei enquanto misturava o líquido. O sacerdote maior do Deus Esfolado não pode ser enfermo. Ele deve ser completo quanto o Deus diante de seu sacrifício. Mas coloquei aquelas questões de lado, pois um mero passarinho de cozinha não intervia naqueles assuntos.

Ou assim eu pensava na época, especialmente depois que a expressão de Kali ficou dura e ela golpeava com aquela colher comprida quando via outros passarinhos de cozinha com rostos culpados e línguas que não paravam quietas. A garota que me denunciou foi repreendida duas vezes, e me debrucei no trabalho para não dar tempo para a deusa-cozinheira me ver pensando. Mais tarde naquela noite, algo podre foi pescado do poço do templo, e a água salobra tornou a comida do dia fétida.

No dia seguinte, outra loteria foi anunciada. Esta, porém, foi para os monges mais jovens, como meu irmão.

Naquela manhã abafada, todos ali observaram conforme os jovens subiam os degraus do templo, um de cada vez, para colocar a mão dentro do cesto com um buraco na tampa e tirar de lá uma pedra escura e lisa. Elas eram pretas e brilhantes, aqueles ovos sagrados, cada uma delas trazida das montanhas ardentes que pertenciam especialmente à mãe de todos os deuses, Ela, cujo nome não é falado, que usa serpentes nas orelhas e fornece calor aos mortos se eles viveram de forma íntegra.

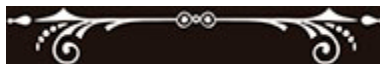
De novo e de novo, eles retiravam ovos pretos, e eu cochilava na sombra parcial das margens do pátio. Ninguém mais parecia ter problemas em permanecer acordado, mas eu tinha passado a noite inteira mexendo a mistura e a tarde prometia mais do mesmo trabalho. Muito da bebida

sagrada era pedida pelos monges naquela estação, para dar-lhes claridade.

Ao menos eu não cheirava a erva-doce, como a nova esposa do pai. E ao menos o treinamento de Kali tornou a dor apenas uma coceira distante.

Devo ter fechado meus olhos; acordei com um sussurro que era do tamanho da multidão. Meu queixo se levantou, meus olhos se abriram, e vi Haza diante do cesto, sua cabeça raspada e queimada de sol brilhando, seus ombros expressando choque.

Em sua mão, estava uma pedra macia como cetim e pálida.



Eles o colocaram em isolamento, no longo claustro cheio de celas com paredes de pedra. Seu corpo jovem era raspado diariamente pelos ajudantes mais solenes do Abade, mas sua cabeça foi deixada para crescer os cabelos mais uma vez. O melhor que podíamos cozinhar era enviado para a sua cela primeiro, onde ele deveria passar seus dias meditando. Mas meu irmão, acostumado a correr pelas florestas ou passar seus dias socando e chutando, quase não tocou nos pratos antes de eles irem, então, para a mesa do Abade.

Pediram a Kali para preparar pratos mais tentadores, sabores mais raros, frutas mais doces. Eu poderia ter dito a ela que Haza preferiria mingau com algumas folhas para dar um gosto picante, com talvez um pouco de gordura que tenha sobrado do jantar da noite anterior se tivesse sido um bom outono e a mãe não tivesse sido levada pela tosse.

Poderia ter dito a ela que os esquilos da floresta, gordos por causa do início do inverno e colocados no fogo na margem argilosa de um rio, era um prato ao qual meu irmão não resistiria.

Mas não falei. Misturei a bebida sagrada, aprendendo sobre sua espuma e sua escuma conforme absorvia o Caminho da Flor e outras artes da cozinha. Quando você é uma tela em branco, qualquer coisa deixa uma marca.

Quando uma noite em que eu não estava terrivelmente exausta caiu e a passagem para a latrina estava deserta, escapei de meu catre e segui pela selvageria familiar do templo, evitando monges sonolentos que guardavam a porta e escalando um balcão muito mais sólido e fácil de navegar do que os galhos tortos e barulhentos.

Tudo fica mais fácil quando você passa o dia mordiscando nas cozinhas, um rato em um bloco de queijo. O único perigo é ficar pesado demais, mas o Caminho da Flor impede isso. Engordamos, mas não ficamos corpulentos de verdade, nós que misturamos, cortamos e cozinhamos.

— Haza — sussurrei através da grade no meio da porta pesada. — Haza, sou eu.

Após um breve momento, houve outro ruído, e os dedos de Haza, lavados e perfumados, apareceram pelo buraco.

— Ghani?

— Você precisa comer. — Pressionei meus lábios em suas juntas. A boca dele, o hálito cheirando a especiarias caras, tocou a minha. Ele encostou seu queixo (macio, com óleos enriquecendo a pele, sem traço de barba ainda) na ponta dos meus dedos. — Todos estão preocupados.

— Não consigo suportar — sussurrou ele de volta. — É uma gaiola.

— É por pouco tempo — falei, tentando acalmá-lo. — Então, você será abade. Vou cozinhar toda noite para você.

— Não consigo suportar — repetiu ele. — Você precisa me tirar daqui.

— Para onde iríamos? — Não me preocupei em recitar o castigo de um monge que fugia ao seu destino. Ferver no óleo era bom para fazer bolinhos saborosos, mas não tão bom para um rapaz. — Como viveríamos?

— A floresta. Vou cortar árvores.

Balancei a cabeça diante da sua teimosia infantil, embora fosse sua irmã mais nova.

— Aguarde mais um pouco, Haza. Então você será o escolhido do Deus Esfolado. Não vai ser tão ruim.

— Você não entende. — Mas seu fervor diminuiu. Meu irmão era sempre o primeiro a pegar fogo e, da mesma forma, a esfriar. — Estou preocupado com você. Você está comendo?

Agora ele pergunta.

— É claro. Eu misturo a bebida. — Eu não podia falar o nome dela, sendo uma mera garota, mas ele, sim.

— _____. — Ele nomeou a bebida com um suspiro. Houve um brilho nos seus olhos escuros atrás da grade. — Ele não fala comigo, Ghani. O Deus é mudo.

— Dizem que a bebida o *faz* falar. — Tentei ouvir o som do guarda no final do corredor. A respiração do monge gordo não tinha mudado, e decidi que poderia ficar mais um pouco. — Ou permite que você o ouça. Devo trazer um pouco para você?

— Talvez. — Ele não disse o que ambos sabíamos: que se eu fosse pega, não seria apenas um chicoteamento para nós dois.

Mas o que mais poderíamos fazer.



Eu ainda era uma criança, e tola. Kali notou que fiz uma quantidade maior do que a necessária para abastecer os cálices de prata batida pedidos. Ela me deixou pegar uma porção mísera em um frasco quando minha inimiga, a menina de dedos escorregadios que me denunciou, colocou muito destilado em um frango frito e fez subir um jato de chama.

Minha inimiga, aquela idiota, também gritou e deixou cair a panela, pois eu tinha alargado a tira de madeira do pegador apenas o suficiente para que o metal quente escorregasse entre ela e mordesse sua mão. A distração funcionou melhor do que eu esperava, mas, naquela noite, no caminho para a latrina, a deusa-cozinheira surgiu de uma sombra profunda sem nem mesmo tocar em uma folha e me agarrou pela garganta.

Arrastada para um pedaço de luz quente vindo do rosto cicatrizado da lua, meu pescoço sob seus dedos, ela quase enfiou o nariz na minha boca, respirando profundamente. Então, apertando conforme eu chutava, flores pretas se abrindo no canto da minha visão, ela me observou, seus olhos como carvões antes de serem cobertos pelas cinzas brancas — escuros e quentes o suficiente para queimar, dois ovos de vidro preto.

— Sua ladrazinha — sussurrou ela, suavemente, e todos os arbustos se mexerem de nervoso. Suar não trazia alívio na seca, mas muitas árvores tentaram isso, chorando resina para ser retirada de graça com cuidado e usada para saborear, para incensos... e outras coisas. — Mas vejo que não é para você.

Eu me remexi e tentei atacar de novo. Os dedos dela relaxaram, e eu arquejei o ar quente pela minha traqueia danificada.

— A pequena de mãos leves tem um amado. Quem é? Um monge jovem, espero; os velhos são egoístas demais. — Ela gargalhou sem fazer muito barulho e me deu uma sacudida grossa, mas bem-intencionada. — Se não fosse pelas suas mãos, colocaria você no forno. Nenhum homem vale isso.

Abri minha boca para falar que ele era meu irmão, mas me impedi a tempo. Ela retirou o frasco do tecido que cobria meu peito e balançou a cabeça.

— Ao menos você não é idiota demais. — Ela fez *tisc-tisc* com a língua e me levou até o poço. Achei que ela ia me afogar nele, mas Kali apenas jogou a bebida sagrada ali, e logo depois o frasco, e me levou até a latrina. — Chore aí, se quiser. Amanhã, de volta à mistura. — Seu olhar pareceu ficar escondido atrás das nuvens, assim como a lua, e trovões quentes retumbaram a distância.

Alguns pensaram que aquele era um sinal de que o Deus Esfolado ficara satisfeito e que traria chuvas. Mas os raios secos não tocaram a terra, e não houve alívio.



Havia um banquete programado para a próxima lua nova, e Kali me tornou sua protegida. Nem mesmo minha inimiga invejou aquela alta posição, porque significava pegar, cortar e picar coisas na mesma velocidade furiosa da própria rainha da cozinha. Meu catre foi levado para a porta de seu cômodo minúsculo para o caso de ela precisar de mim durante a noite, e eu precisava segurar a lanterna na latrina enquanto ela mijava à meia-noite, quando os raios brincavam sobre a distante floresta. Apesar de tudo, eu consegui visitar Haza duas vezes antes do grande festival sagrado e secreto.

Levei um frasco para ele em ambas as vezes, mas não era a bebida sagrada. Era uma mistura parecida, mas sem a espuma pungente e os aditivos que a tornavam sagrada. Meu irmão, porém, não conhecia o sabor da bebida sagrada, pois ainda era novo demais, e me agradeceu com uma voz quieta e suplicante, como a de nosso pai na noite em que trouxe sua nova esposa de costas flexíveis para casa.

— Sonhei na noite passada — disse ele em minha segunda visita. — Acho que era o Deus. Ele me mandou ter coragem. Isso não é ótimo?

Minha cabeça era um mingau para o idoso que não pode mastigar, a exaustão transformando o mundo em uma parede pintada com cores brilhantes e vazias.

— Você é corajoso — sussurrei de volta, e passei adiante a carne embrulhada em folhas que me esforcei para preparar em panelas de barro, como fazíamos antigamente.

Eram apenas restos, não era esquilo, mas não acho que ele tenha notado.



Três noites depois era lua nova. O banquete foi de fato solene, mas a cozinha se tornou uma montanha com fogo nas tripas, e todos os passarinhos, assistentes de cozinha, lavadores de louça e fatiadores empurrando ovos-pedras na garganta dela. Diversos passarinhos de cozinha desmaiaram naquele inferno. Estes foram levados para o lado de fora e seus rostos foram molhados com água salobra antes de serem tratados com massagens vigorosas e uma bebida amarga e com uma espuma fina que os reestabelecia. Um assistente de cozinha, entusiasmado, cortou metade de seu dedo, que acabou indo parar dentro de um cesto de bolinhos fritos em óleo, e seu uivo agudo foi engolido pelo barulho.

Não havia mais uma menina chamada Ghani. Havia apenas a comida dançando sob a ponta dos dedos, a chama se contorcendo em volta de meus pulsos, a parede-mundo pintada girando como um brinquedo brilhante que eu tinha visto certa vez no cesto de um mascate e chorara por ele, com a consciência de que éramos pobres demais para comprá-lo, mas desejando-o mesmo assim.

Eu desabei conforme a última rodada de flores saborosas atravessava a segunda porta da cozinha, mas, àquela altura, a maior parte da ninhada de olhos arregalados de Kali tinha feito o mesmo, e fomos levados para nosso dormitório, se para dormir ou morrer, ainda não sabíamos. Talvez tenha sido a própria Kali que me colocou em sua cama estreita e de cheiro doce, com sua coloração almiscarada de mulher velha.

Sei que Kali dormiu nas cozinhas naquela noite, seu queixo redondo apoiado sobre uma de suas mãos e seu outro punho enrugado ainda agarrando um cutelo, como se qualquer pessoa que aguentasse aquilo seguiria na limpeza laboriosa de cumbucas, pratos, panelas, frigideiras, pauzinhos, colheres, pinças. Sei disso porque acordei na hora em que todo o templo-formigueiro suspirou consigo mesmo, uma massa de seus habitantes entrando em estado de sonolência após o empanturramento coletivo.

Naquela noite, com a ausência do luar, eu podia me mover como quisesse. Eu queria que tivesse sido a voz de Haza que me despertara, uma corrente prateada puxada por meus ouvidos, mas não foi.

Em vez disso, o que me trouxe da inconsciência foi a batida da proteção de cobre de um cajado no pátio dos mendigos, onde os famintos se deitavam sob o sol para morrer em números cada vez maiores toda tarde, não importa quantos banquetes os monges compartilhavam com os desafortunados.



A cela de meu irmão estava vazia. A luz de uma tocha iluminava o extremo oposto do salão de pedra, e atravessei, em uma velocidade de sonho, sombras manchadas por chamas crepitantes que morriam. Uma corrente de luz vacilante que desaparecia passava por mim de uma fagulha de escuridão para a outra, uma rosa preta se abrindo atrás de mim conforme elas davam seus últimos suspiros.

Cada uma das pequenas escuridões fazia um barulho débil, como um seixo caindo no chão.

Os pátios internos eram altos e quase frios, a pedra teimosamente resistindo ao banho de calor do sol. Vi as câmaras dos mistérios divinos, os espaços pouco iluminados que deveriam ter, mesmo nesta noite sagrada, um número mínimo de irmãos sentados em almofadas cheias de grama macia entoando sem parar o nome secreto — um exercício para as partes invisíveis de um monge que o treinamento do estilo do templo não abrange —, mas que estavam estranhamente vazias. O *scriptorium*, onde cinzel e pincel, pedra e fibra de tecido, seixos coloridos e tintas que cresciam de ervas culinárias eram arrumados de forma a contar histórias sagradas, era apenas um tipo diferente de cozinha.

Foi no pátio mais interno que encontrei os monges, e, a princípio, pensei que estava observando uma enorme carcaça erguida sobre o matadouro de pedra enquanto as facas eram afiadas. Estava dependurada pelos calcanhares, mas o formato era estranho.

Eu soube então, mas não queria saber. Em vez disso, encarei, cada fio de cabelo comprido ou curto do meu corpo tentando se arrepiar.

O Abade não estava dormindo. Seus membros magros, pintados, coloridos e manchados de vermelho-escuro, estavam envolvidos por longas tiras costuradas de maneira grosseira com tendões, uma veste deselegante. A pele do escalpo balançava, com cabelos curtos e pretos que cresceram de uma lua cheia para outra até a face escura da grande lamparina da noite.

— *Eu sou ELE! Eu sou ELE!* — gritava o velho Abade como se estivesse bêbado, e seus ajudantes mais antigos que não

estavam completamente inebriados pelo banquete gritaram também, o nome do Deus Esfolado. A seca arenosa me engoliu e os raios caíram lá longe, sobre os muitos seios verdes da floresta.

A pelica sobre os olhos do Abade tinha desaparecido.

Não me encolhi. Não tremi ao ouvir o nome do Deus Esfolado sendo usado de maneira errada. Não fiquei louca, ou idiota, ou cega; a blasfêmia não me comovia. Era o corpo do meu irmão que eu via, cada junta e curva brilhando.

Espalhado sobre o altar mais interno do grande templo, seu corpo ainda fumegava.



Alguns poucos monges fugiram naquela noite. Serventes do templo, exaustos, simplesmente ficaram felizes com a paz. Muita água salobra foi retirada do poço cada vez mais seco nos dias seguintes para lavar a roupa, os monges correndo para lá e para cá com cenhos franzidos e olhares estranhos, aterrorizados. O espaço para lavar roupas estava cheio de itens estranhos, mas o banquete *tinha* sido enorme. Uma bandeja fora levada para a cela de Haza como sempre, e voltou intocada, também como sempre.

Quando acordei na hora mais quente daquela tarde, havia lama seca entre meus dedos do pé. Não era a poeira dos pátios ou a areia fina e amarela que sujava o jardim. Era grossa e vermelha, como o rio preguiçoso e cada vez menor que embalava a cidade. O ar sem umidade, no entanto, fazia a lama se soltar facilmente.

Mas quem olharia para os pés descalços de um passarinho de cozinha, ou até mesmo de um assistente,

como os meus estavam naquela manhã? Aqueles de nós que não sucumbiram foram promovidos, cada um recebendo uma pequena faca de corte para mantermos em nossos cintos e a permissão de usarmos o cabelo trançado.

O temperamento de Kali ficou mais sombrio, e ela trouxe outro grupelho de novos passarinhos da multidão do mercado. A cidade tinha muitos renegados famintos naquele ano de seca e de fome.

Pois, embora as plantações estivessem em perigo e a floresta tivesse se tornado frágil, a próxima celebração, que aconteceria dali a poucos dias, era o Banquete da Lua Seca. Seria o momento de tirar Haza do esconderijo e indicá-lo como o novo Abade... a não ser que acontecesse um milagre.

E os rumores agora diziam que o Abade conseguia ver.



Uma faca de corte, sua lâmina brilhante diminuída pela afiação constante. Uma mancha da lama vermelha do rio na frente da porta de uma sala de abate que não era usada. Um pedaço de um tecido belo e macio roubado de um depósito. Um pequeno seixo afiado, cortando profundamente para separar o músculo do osso, um corte que eu vira muitas vezes com facas maiores.

Um pacote depositado em um poço, e uma pessoa responsável por fazer as compras no mercado subornada para trazer mais lama seca do rio.

Um afinamento nos lábios de Kali conforme ela escuta as fofocas. Uma olhada em seus assistentes, abaixando os ombros e curvando-se sobre o trabalho. Salgar. Temperar.

Um prato especial para o banquete.



Duas ou três equipes da cozinha desapareceram, talvez mais espertas ao entenderem os rumores melhor do que as outras. Havia murmúrios como o som de um raio seco caindo ao longe, uma pressão levemente desconfortável quando os olhares se encontravam.

Ou talvez aqueles que se foram entre os dois festivais apenas tivessem família nos campos, onde uma fome nervosa e sedenta espreitava. As chuvas ainda não tinham vindo, embora as nuvens se avolumassem sobre a floresta, o templo, a cidade e as planícies partidas além. Ou talvez eles tivessem parentes no mercado, onde os bens estavam se tornando cada vez mais escassos e uma nova loteria fora anunciada, dessa vez para mercadorias em vez de filhos.

Um mensageiro veio, da parte do governador da província, e a ele foi mostrado um refeitório cheio de monges que pouco comiam diante de um Abade sereno e sorridente. O mensageiro, as penas do pássaro divino flutuando inquietas em seu cocar, foi embora de cenho franzido antes que uma refeição pudesse ser servida em sua honra, mal parando para dividir as necessárias moedas no pátio dos mendigos. Os pedintes não tinham muito o que fazer com o dinheiro, embora aqueles que ainda tinham alguns restos envolviam o metal brilhante com os dedos.

O Festival da Lua Seca se aproximava, mas o governador, que viria para testemunhar sua santidade, estava atrasado. Um incêndio atravessara seu caminho, a floresta engolida por uma besta feita de fogo.



Quando a lua cheia nasceu no entardecer do dia do festival, ela era um olho opaco através da fumaça. Eu saí da cozinha e passei pelo Velho Vril em uma sombra fraca junto à muralha do jardim de ervas, olhando para mim de propósito, como ele fazia em meus frágeis sonhos nervosos.

— Escute, tio velho. — Eu coloquei alguns restos envolvidos por folhas nas mãos dele. — Não coma as sobras hoje à noite. Em vez delas, coma isso, entendeu?

Ele sorriu, o tolo simplório com aqueles dentes amarelados, e assentiu com a cabeça como se não tivesse entendido. Eu queria chacoalhá-lo ou dar um chute nele.

— Mais nada — falei, sem paciência. Quanto mais eu me atrasava em vez de voltar correndo com folhas pungentes e longas hastes flexíveis de madeira de tempero, maiores eram as chances de eu ser vista. — Só isso.

Ele assentiu de novo, e bateu com seu cajado na pedra do pátio. Eu quase saí em disparada, e foi durante aquela tarde quente que muitas pessoas da equipe da cozinha começaram a colocar a mão sobre a barriga e gemer, pois a água do poço tinha um gosto estranho e a água do rio, carregada morro acima em jarros, também.

Esse mal evitou Kali como quase tudo fazia, embora o rosto redondo da rainha da cozinha estivesse irritado, caminhando pelo caos, mandando grandes pratos cambaleando pela porta. E eu?

Eu fiz a mistura da bebida apimentada sagrada conforme Kali me ensinou. Eu a servi em cálices de prata batida. Fui a assistente de cozinha favorita de Kali e tinha um dedo meu em tudo do Festival da Lua: do menor dos assados em

panelas de barro dado aos mendigos para que seguissem com sua preparação até ficarem suculentos e macios até os vegetais, o pão ázimo e as pilhas de grãos amarelos. Barulhenta era a alegria naquela noite no templo do Deus Esfolado. O vinho foi requerido diversas vezes, e também a bebida sagrada em cálices de prata batida sobre bandejas redondas e reluzentes.

O Abade, renovado e aliviado, bebeu mais do que todos.



Na alvorada, coloquei a minha trouxa — tão pequena quanto na época em que deixei a floresta, embora com um tecido menos esfarrapado dessa vez — nas costas. Escapei do dormitório dos assistentes de cozinha com a calma daqueles treinados no Caminho da Flor e atravessei a pequena passagem lateral aos portões principais fechados, um monge que tinha reclamado do trabalho de guarda na noite anterior dormindo de barriga vazia, mas a salvo, na pequena guarita.

Do lado de fora da muralha do templo, inspirei profundamente o ar cheio de fumaça. Mas então ouvi um barulho ritmado e vi o Velho Vril, seu sorriso já não parecendo tão bêbado e com uma nova ponta de bronze no cajado. Atrás dele, Kali balançava sua cabeça redonda e negra, estalando a língua como se eu tivesse demorado demais na latrina ou feito um trabalho atrapalhado com minha faca de corte.

— Ah, aqui está ela. — O Velho Vril girou o cajado sobre a nova proteção de cobre, e as penas puídas, que já pertenceram ao pássaro divino, mas que agora estavam

sujas e manchadas de tinta, flutuaram. — Com os dedos rápidos e o olho afiado. Pequenina, pequenina, o que vai fazer agora?

Minha garganta fechou sob o olhar de Kali.

— Tudo que posso fazer é cozinhar — falei com algum esforço.

O Velho Vril riu, um som de assobio seco, e ouvi o ritmo de seu cajado se aproximando. Ele colocou alguma coisa redonda e dura na palma da minha mão esquerda, suada, e Kali fez outro barulho impaciente, acenando. Ela puxou um pedaço de sua saia rendada e o colocou na minha mão livre.

— Segure firme — disse ela enquanto o mendigo se afastava, sua silhueta se alongando como cola de amido se desfazendo ao derreter. — Eu viajo rápido, passarinha.

Distante, os portões da cidade se abriram para os homens do governador, trompas de bronze soprando o ar que não eram delas. A coisa na minha mão esquerda era uma pedra pálida e lisa em formato de ovo, vista através da água salgada hesitante que enchia meus olhos.

Lá longe, na floresta, a seca se quebrou com a queda de um raio.



A fumaça de vapor se erguia na floresta, as chamas sendo derrotadas pelo vento crescente e pela água que caía. O governador da província, chegando atrasado no festival, encontrou o grande templo branco do Deus Esfolado estranhamente quieto. Não havia mendigos no pátio com sua fonte muitas vezes de água salobra, seu pináculo agora seco. A cozinha estava deserta, os grandes fogos

queimando baixo ou já transformados em cinzas frias. Até mesmo a cozinheira-chefe, uma megera gorda de cabelos pretos que era muito conhecida no Mercado Principal, tinha desaparecido.

A maior parte dos serventes e dos passarinhos da cozinha já havia fugido ao meio-dia, o sol um olho vermelho que enchia o templo com uma luz amarelo-esverdeada esquisita, e quando os homens do governador arrombaram as portas sagradas do grande refeitório, encontraram monges congelados em posição de refestelo, os pratos empilhados com iguarias raras que eram estranhamente evitadas pelo enxame de moscas brilhantes como pedras preciosas. O Abade, usando suas vestes claras, ainda que não tingidas de branco, estava sentado à mesa principal, os olhos esbugalhados e vazios, duro como pedra, parado como pedra.

Aqueles que roubaram um pouco dos banquetes, os grãos, as frutas amassadas e chamuscadas pela seca, foram salvos. Os carregadores e assistentes de cozinha que bebericaram o vinho ou, em um caso, uma jarra inteira que deveria ter ido a seus superiores, também foram salvos. No entanto, a carne perfumada e macia preparada em panelas de barro do rio pode se misturar de forma estranha com álcool temperado, e os dois podem se misturar com resinas estranhas misturadas a uma bebida amarga, apimentada e espumante. Algumas dessas misturas podem petrificar a carne enquanto mantêm a mente, a alma e a respiração — embora apenas uma fração de cada coisa — presas dentro das fronteiras congeladas de um corpo.

O governador e seus homens vão queimar aqueles corpos inertes, sem saber o que pode estar desesperado para sair da carne fria e recalcitrante, e Haza será vingado. E eu?

Ah, eu não estou preocupada.

Como a deusa-cozinheira diz, sempre há trabalho para alguém que saiba cozinhar.

ODIADO

CHRISTOPHER FOWLER

A primeira pista que Michael Everett Townsend recebeu de que algo estava errado foi quando sua esposa lhe deu um tapa na cara.

Ela nunca lhe dera um tapa na cara antes. Michael não esperava o golpe. Ele segurava um copo de leite, que caiu e respingou nos dois. O copo era de vidro barato e simplesmente quicou no carpete, mas Michael deu um salto para trás, chocado, e pisou nele, esmigalhando-o em pedacinhos, um dos quais entrou em seu pé descalço. Ofegando de dor, ele se jogou na lateral da cama no momento em que o sangue começou a fluir livre da sola ferida. Em vez da simpatia que Michael esperava receber, no entanto, sua esposa deu um grito de raiva e um empurrão violento, que o jogou no chão. Então, a mulher começou a procurar uma faca.

A esposa de Michael realmente o amava.

Mas, para falar a verdade, todo mundo amava. Michael era o cara mais popular do prédio. Os seguranças davam tratamento preferencial a ele porque, ao contrário dos outros moradores, ele nunca reclamava do aquecimento, que ou estava sempre quente demais, ou era inexistente. Betty, a vizinha de porta deles, o adorava porque, certa vez, ele tinha assustado um ladrão drogado do corredor às duas

da manhã, porque ele dizia ter uma admiração pelo povo de North Yorkshire, onde ela havia crescido, e porque ele mostrara a ela como substituir a torneira da pia do banheiro. Mitzi e Karen, as duas australianas loiras que trabalhavam como comissárias de bordo e que moravam no andar de baixo, gostavam dele porque ele era bonito e um cavalheiro, porque ele demonstrava o devido respeito que elas nunca recebiam quando voavam e porque estavam sempre ligadas a qualquer romance em potencial, fosse para casar ou não.

Porém, não era só no prédio. Os colegas de trabalho amavam Michael e deixavam isso claro, o que era incomum, pois, nas empresas com sede em Londres, pouquíssimas pessoas estão dispostas a revelar sua lealdade pessoal. O casal asiático que era dono do mercadinho da esquina o idolatrava, pois Michael sempre perguntava sobre o filho deficiente físico deles e conseguia pronunciar o nome do garoto corretamente. E dezenas de outras pessoas cujas vidas cruzavam com a de Michael se sentiam um pouco melhores por conhecê-lo. Ele era um sujeito popular. E, se fosse honesto consigo mesmo, sabia disso.

Michael estava ciente de sua popularidade desde os cinco anos, ganhando a simpatia das tias esquisitas e dos tios que cheiravam a tabaco com um simples sorriso. Filho único de uma família de classe média tranquila, cresceu em um subúrbio ensolarado, cercado de amor. Os pais ainda o adoravam, ligando uma vez por semana para saber de suas últimas façanhas. Ele tinha sido o menino de ouro que se mantivera o mesmo como adulto.

Ouro. Era a palavra perfeita.

Cabelo louro, olhos azuis, ombros largos, trinta e dois anos e casado com uma mulher inteligente, talentosa e linda. Quando Michael falava, outros ouviam, assentindo sabiamente conforme consideravam sua opinião. As pessoas sempre queriam chamá-lo por um apelido que insinuasse uma amizade íntima, como Micky ou Mike. Era difícil definir exatamente o que gostavam nele; talvez gostassem de se deitar sobre os louros de seu sucesso. Talvez ele os fizesse se sentir mais confiantes em suas próprias habilidades.

A verdade era mais simples. Michael estava tranquilo no mundo dele. Até suas conversas mais casuais faziam sentido. Em uma existência cheia de incertezas, ele era alguém confiável, uma rocha, uma referência. E os outros percebiam isso. Todos reconheciam estar na presença de um vencedor.

Quer dizer, até a noite do acidente.



Não foi culpa de Michael, na verdade. A chuva estava caindo tão pesada que nem mesmo os limpadores de para-brisa na velocidade máxima davam conta do recado. Era pouco depois das onze da noite, e ele estava dirigindo lenta e cautelosamente, voltando do escritório, onde estivera trabalhando até tarde. Pensava em Marla enrolada na cama, esperando ouvir a chave girando na fechadura. Ele guiava o Mercedes pelo rio que, poucas horas atrás, era a estrada que levava a Muswell Hill Broadway quando uma bicicleta apareceu no meio do aguaceiro. Sobre ela, havia uma figura grande dentro de uma capa de chuva amarela — mas não

por muito tempo. A figura bateu na capota do carro, então perdeu o controle e caiu. Michael afundou o sapato no freio, o que fez a traseira do veículo derrapar até atingir o meio-fio, jogando água suja para todo lado.

Ele pulou para fora do carro e correu até a figura prostrada.

— Porra, *Jesus Cristo!* — O ciclista devia ter quarenta e muitos anos, possivelmente era sul-americano e encontrava-se muito puto. Michael tentou ajudá-lo a se levantar, mas foi afastado. — Não encosta em mim, cara, não encosta em mim, *porra!* — Ele se voltou para a bicicleta e a colocou de pé. Aquela coisa não tinha olhos de gato, freios, nada. E o sujeito parecia estar bêbado ou sob o efeito de drogas. Imediatamente Michael se sentiu menos culpado.

— Olha, sinto muito mesmo por ter batido em você, mas você apareceu do nada na minha frente. Foi sorte eu não estar indo mais rápido.

— É, claro. Que sorte a minha. — O guidão da bicicleta estava torto e não parecia que poderia ser concertado sem ferramentas. Ele jogou a bicicleta na beira da estrada de raiva.

— Eu posso lhe dar uma carona — ofereceu Michael. A porta do motorista do Mercedes continuava aberta. O estofamento de couro do banco estava ficando molhado.

— Eu não quero carona em nenhum carro de rico de merda, seu babaca! — gritou o ciclista, dando um empurrão em Michael.

— Veja bem, estou tentando resolver isso da melhor maneira possível — falou Michael, que sempre tentava resolver tudo da melhor maneira possível. — Você não tinha

refletores e atravessou direto uma placa de sinalização que mandava parar sem nem diminuir a velocidade. O que diabo eu deveria fazer?

— Eu poderia processar esse seu rabo, é isso que *eu* deveria fazer. — O ciclista o encarou irado conforme passava a mão com cuidado sobre o pescoço e os ombros. — Sei lá se não tem alguma coisa quebrada aqui.

— Você deve ter distendido um músculo — disse Michael, tentando ajudar.

— O quê, você é médico? — A resposta foi agressiva, o olhar implacável.

Não havia como resolver a situação. Era hora de deixar aquele maluco sozinho e voltar para o carro, secar o banco e voltar para casa. Michael começou a se afastar.

— Eu já lhe ofereci uma carona, mas se você vai agir assim...

— Não precisa dar um chilique. Eu moro aqui perto. — O ciclista apontou para um quarteirão próximo. — Só me dá seu endereço. Escreve em algum lugar para eu poder entrar em contato com você.

Michael hesitou. Realmente não gostava da ideia de dar seu endereço a um estranho.

— Por que você ia precisar entrar em contato comigo? — perguntou.

— *Cristo*, por quê? Pensa um pouco. Se eu tiver deslocado o ombro ou alguma coisa assim, vou fazer uma reclamação sobre você, para te obrigar a pagar os custos do que for necessário. É melhor rezar para que não encontrem nada errado comigo, cara.

Relutantemente, Michael tirou seu cartão de visita da carteira e passou adiante. Segundos depois, estava voltando para o carro e dando uma olhada no relógio. A coisa toda demorou menos de alguns poucos minutos. De volta ao volante, observou a capa de chuva amarela se afastar na névoa da chuva e pensou no acidente.

Era raro ele ser colocado em qualquer tipo de situação que envolvesse algum confronto e não saísse como vencedor. Sua simpatia podia desarmar a mais volátil das personalidades. Enquanto girava a chave na ignição, imaginou se haveria alguma repercussão. E se aquele sujeito tivesse mesmo quebrado alguma coisa e não soubesse ainda? Em termos de seguro, como ele estava? Michael pensava apenas em si mesmo, mas que inferno, tinha sido culpa da outra parte. Ele era legal, mas também não era um santo. Seu estilo de vida confortável não deixava sobrar muito dinheiro para inconveniências, e percalços na sua rotina tranquila o irritavam bastante.



— Querido, você está todo molhado. O que aconteceu? — Marla se levantou e o abraçou, seu corpo quente da cama contra seu casaco encharcado.

— Um pequeno acidente. Bati em um ciclista. Tive que sair do carro. — Com gestos gentis, saiu do abraço e começou a se despir.

Ela se cobriu com o lençol.

— Que coisa horrível. O que aconteceu?

— Ele não olhou ao cruzar a rua. Podia ter matado ele. Por sorte, o homem não parecia machucado, mas...

O telefone tocou. Marla e Michael ficaram com o mesmo olhar surpreso. Todos os seus amigos sabiam que eles tinham um filho de sete anos no quarto ao lado e que, portanto, não deviam ligar para a casa deles tarde da noite. Michael pegou o aparelho e levou o receptor ao ouvido. Uma música bizarra gemeu através do fone.

— Alô, quem é?

— É o cara em quem você *bateu* essa noite, meu irmão.

— Como você conseguiu meu telefone de ca...

— Desloquei o ombro. Notícia ruim para você. Péssimo karma.

Não era possível que o homem já tivesse sido consultado por um médico, mesmo que tivesse ido direto para o hospital.

— Tem certeza? Quer dizer, como...

— É claro que tenho certeza, você acha que está falando com um idiota? A Patty me falou que está todo arrebitado. O que significa que não posso trabalhar. E que você vai ter que me compensar por isso. Vai ser um *dinheirão*, cara.

— Olha, espere um minuto... — Talvez aquele fosse um tipo de golpe profissional.

Marla deu tapinhas do ombro do marido, articulando sem emitir som: “Quem é?”

Ele colocou a mão sobre o receptor.

— O sujeito que eu atingi com o carro.

— Você ainda está aí? Vai me pagar ou não?

— Olha, acho que está enganado se pensa que vai conseguir tirar dinheiro de mim. — A famosa simpatia de Michael começou a falhar. Quem diabo aquele cara pensava que era, encontrando o número de telefone dele e ligando

de madrugada? — Mas se você se machucou de verdade, a culpa é sua por andar de bicicleta sem olhos de gato e sem obedecer às leis de trânsito.

— Você não sabe com quem está lidando — respondeu o homem. — Acabou de cometer o pior erro da sua vida.

— Isso é uma ameaça?

— Só estou dizendo que gente que nem você precisa aprender uma merda de uma lição, tratando caras como eu como se a gente não existisse.

Michael encarou o fone. Aquilo era bobagem. Ele estava certo, a outra parte estava errada. A lei estava do lado dele. E ele se importava, tinha consciência social. No entanto, aquele pensamento o congelou. E se o acidente tivesse sido culpa dele, de alguma forma?

— Ainda está aí? Diga, sr. Townsend, qual é o seu maior medo? Que seu filho fique doente? Que a sua mulher te deixe?

Um arrepio percorreu a espinha de Michael. Ele não gostou quando aquele homem louco usou seu nome, falou de sua família. E como poderia saber que Michael era casado? Aquilo era tão óbvio que dava para perceber apenas ao dar uma olhada no carro?

— Não, seu maior medo é outra coisa, uma coisa que você nem sabe. Eu conheço bem gente do seu tipo. Não precisa de muito para acabar como um sujeito como você. — Havia desdém na voz, como se o homem estivesse lendo a mente de Michael.

— Escute aqui — falou Michael, explodindo —, você não tem o direito de me ameaçar, não quando colocou tanto a

minha quanto a sua vida em perigo. Posso chamar a polícia...

A voz na ligação o cortou.

— Quando vier me procurar... e você vai fazer isso... não vai ser com nenhum maldito policial.

De repente, a linha ficou muda. Michael deu de ombros e desligou o telefone.

— E então, o que ele disse?

— Ah, ele só foi... ofensivo — respondeu ele distraído, observando a chuva cair sobre os postes de luz.

— Você tem o telefone dele?

— Hã?

— O telefone dele, para o caso de ter algum problema?

Michael percebeu que não sabia nem o nome do homem em quem tinha batido.



Ele se levantou cedo, deixando a esposa enrolada debaixo do edredom. Surpreendentemente, até o pequeno Sean tinha dormido no quarto contíguo. Michael tomou banho e vestiu uma camisa, pegou uma torrada e serviu um copo de leite para si. Então, subiu a escada e acordou a esposa gentilmente.

E aí ela deu o tapa na cara dele.

O copo quebrou. O leite foi derramado. Ele deu um passo para trás e feriu o pé, mas a dor do machucado não era nada comparada à dor do coração. Sem entender, passou os dedos na bochecha vermelha.

— O que diabo... o que você está procurando?

Ela estava procurando freneticamente embaixo do colchão, então parou de repente, confusa.

— Você... não deveria me assustar assim. — Marla voltou para debaixo das cobertas, o cabelo desarrumado pela noite de sono cobrindo os olhos. Virou as costas para ele, envergonhada pelo sonho vívido que se infiltrara na realidade.

Tirando o caco de vidro do pé, Michael observou uma gota colorada de sangue se espalhando como um vírus em uma poça clara de leite.

Um curativo deu um jeito na ferida. Ele juntou os cacos em uma caixa, que fechou com fita e depositou na lata de lixo com pedal debaixo da pia. Então ouviu os passos do filho descendo a escada.

— Sean? Você quer Crunchy-Crunch? — Michael levantou a cabeça. Nenhuma resposta. Estranho. A atenção do menino sempre era conquistada com a menção ao seu cereal favorito. — Seanie?

Michael olhou em volta e encontrou o filho observando-o, desconfiado, pelas barras do corrimão.

— Sean, qual é o problema? Venha aqui e se sirva.

O menino balançou a cabeça de forma lenta e solene, murmurando alguma coisa para si mesmo. Ele colocou o suéter listrado sobre o queixo e envolveu os joelhos com os braços. Olhava através das barras, mas não parecia querer descer mais.

— Vem cá tomar café, Sean. Você pode levar um pouco para a mamãe.

Outra resposta abafada.

Michael colocou a frigideira de lado e deu um passo na direção do filho.

— Não dá para ouvir o que você está dizendo.

— *Você não é meu pai!* — gritou o menino de repente, disparando escada acima para a segurança de seu quarto.



Michael deu uma olhada em seu reflexo no retrovisor. O mesmo rosto agradável e cheio de confiança o encarou de volta, embora o sorriso estivesse um pouco menos determinado que o normal. Ele dirigiu pela avenida com árvores encharcadas nas encostas em direção à cidade e pensou sobre o comportamento de sua família. Não precisou pensar por muito tempo; os três conseguiram manter uma vida sem problemas até então, auxiliada, talvez, pela herança de Marla e por sua própria atitude tranquila. Se ficassem irritados na presença um do outro, sempre havia o chalé em Norfolk, um refúgio coberto de hera que fornecia um isolamento curativo. Mas a lembrança do tapa permanecia tão clara quanto o formato da palma da mão em seu rosto.

Michael parou o carro no estacionamento subterrâneo e pegou o elevador até o sétimo andar, onde trabalhava para a Aberfitch McKiernny, um escritório de advocacia que lidava sobretudo com disputas sobre propriedades. A recepcionista o olhou de soslaio quando ele passou, mas não o recebeu com o sorriso matutino de sempre. Os atendentes o encararam taciturnamente conforme ele passava. Até mesmo o rapaz responsável pela

correspondência parecia ignorá-lo. Por que todo mundo estava com um mau humor terrível hoje?

Michelle estava esperando por ele na porta de seu escritório. Ela era a secretária mais eficiente que ele já contratara. Usando um poderoso terninho justo de linho preto, o cabelo claro preso com cuidado no pescoço, ela, sem paciência, bateu em pastas de plástico com a mão enquanto aguardava Michael retirar o casaco.

— Você devia ter levado esses arquivos para casa ontem à noite — explicou ela, passando as pastas para ele.

— Nem tive chance de dar uma olhada neles. O caso Trowebridge ocupou todo o meu tempo. Vou analisá-los no final da manhã.

Ela esticou a mão e pegou as pastas de volta.

— Acho que não vai adiantar nada. Sua “opinião” era necessária ontem, ninguém vai querer ouvi-la hoje.

Ela deu uma ênfase estranha às palavras, como se não tivesse mais muito respeito por ele. Michael se sentou à sua mesa e observou a secretária. O que estava acontecendo? Michelle sempre fora sua maior fã, sua maior apoiadora. Era óbvio que ela era apaixonada por ele, e Michael usava esse conhecimento sem piedade. Mas hoje, seu tom tinha mudado. Havia uma irritabilidade em sua voz, como se a mulher tivesse visto dentro dele e não mais desejasse o que via.

— Michelle, está tudo bem?

Ela dobrou os braços sobre o peito, completamente gelada.

— Sim. Por quê?

— Não sei, você parece tão...

— É melhor ir no escritório do Leo. Ele não para de ligar para cá perguntando por você. Parece bem irritado com alguma coisa.

Leo Tarrant, cinquenta e sete anos, o centro de calma da firma, estava em paz porque sabia que iria se aposentar em um ano, e não deixava mais nada no mundo preocupá-lo. Naquela manhã, porém, o homem não estava assim. Seu cabelo grisalho, em geral bem-penteado, estava uma zona. Seu rosto estava rígido e com manchas vermelhas de raiva suprimida. Ele levou o encosto da cadeira para trás e bateu ritmicamente nas laterais de uma cigarreira de ouro, um lembrete de seu hábito abandonado, agora um talismã de seu coração fortalecido.

— Você me decepcionou muito com toda a coisa de Trowerbridge — admitiu ele. — Achei que teria resultados rápidos com o caso nas suas mãos. Em vez disso, parece agora que eles vão ter que ir aos tribunais, afinal.

Michael se mexeu, desconfortável, no assento. Não conseguia compreender a atitude de Leo. A Trowerbridge Developments estava sendo processada por um de seus inquilinos por não conseguir manter uma propriedade em boas condições. A empresa, consciente de que tinha poucas chances de ganhar o caso, pediu a negociação de um acordo extrajudicial através de seus representantes legais de longa data. Michael fez tudo que estava ao seu alcance para garantir que isso aconteceria. Afinal, os clientes eram amigos dele. Eles até se encontravam de vez em quando. Seus filhos brincavam juntos.

— Não sei do que você está falando, Leo — confessou Michael. — Completei minha parte do acordo com tempo

suficiente de impedir que a ação seguisse para os tribunais.

— Pois escutei justamente o contrário — falou o chefe dele, mexendo sem parar no fecho da cigarreira. — De acordo com o relatório de progresso do próprio cliente, você atrasou as negociações e se colocou tão a favor dos inquilinos que agora há pouquíssimo tempo para a Trowerbridge fechar um acordo. Nem ele e nem o filho dele conseguem ver uma maneira satisfatória de acabar com isso. E tem outra coisa.

Michael ficou perplexo. Ele não podia ter trabalhado mais duro por aquela gente. Se aquela era a forma como eles demonstravam gratidão...

— Você já recebeu algum tipo de estímulo financeiro da família Trowerbridge? Um receptor de patrimônio líquido negativo ou algo assim?

O velho o estava acusando de aceitar propina? Michael mal podia acreditar no que estava ouvindo.

— Não, claro que não — gritou ele, furioso. — Estou embasbacado só de você considerar que eu...

— Acalme-se, não estou acusando você de nada. É só uma coisa que a companhia sugeriu para eu ficar de olho. Pense no seu relacionamento com os Trowerbridge nos últimos meses, tá bom? É melhor ter certeza absoluta de que nada nos acordos mais recentes com eles possa prejudicar a sua posição na empresa. Agora, vamos ver em detalhes as reclamações. — Leo pegou uma pasta vermelha e abriu-a com cuidado.

Pela próxima uma hora e meia, Michael foi interrogado sobre seu trabalho em relação ao processo iminente. Embora tenha saído do escritório de Leo mais ou menos

livre de qualquer suspeita, ele sabia, pelo olhar no rosto do velho, que algo irrecuperável havia sido perdido, um nível de confiança fora quebrado. A camada de boa-fé que sempre existiu entre ele e seus superiores foi arrancada como as insígnias de um soldado desonrado. Não era apenas uma questão de reconstruir a confiança que Leo tinha nele. Michael queria saber por que suas habilidades tinham sido postas em questão tão rapidamente. Estava claro que a família Trowerbridge, o pai e o filho, mentiram, e que Leo acreditara neles. Mas por que faziam isso? O que ganhariam com isso além de um atraso indesejado no processo? Não fazia sentido.

Ele pensou naquilo pelo restante da manhã, período no qual sua secretária se mostrou quase incapaz de praticar a civilidade comum. Ela aparecia de vez em quando durante o dia para jogar documentos na mesa dele e, em um momento, quando Michael olhou para ela, parecia que Michelle estava prestes a abrir um processo de assédio contra ele. E, quando o homem estava saindo do prédio no fim do expediente, o porteiro, de má vontade, lhe disse que sua vaga de estacionamento mudara para outro lugar, uma vaga menor e mais distante da porta principal.



Marla já parecia entediada com aquela conversa. Eles lavaram a louça do jantar juntos. Agora, ela tinha voltado para a pia e estava limpando o balcão da cozinha desnecessariamente, pois a empregada estava marcada para amanhã de manhã. Em algum momento, Marla

percebeu que Michael lhe fizera uma pergunta, então suspirou e se virou para ele.

— Eu sei lá, Michael. Essas coisas acontecem. Não adianta ficar paranoico. Ninguém está fazendo isso só para te irritar.

— Ah, mas com certeza parece — reclamou ele, tirando uma garrafa de uísque do armário e servindo uma generosa dose para si.

A esposa fez uma careta: se era descrença ou insatisfação, ele não sabia dizer.

— Sabe — disse ela, devagar —, talvez você só esteja vendo como é o mundo real, para variar.

— O que diabo isso quer dizer?

Ela fez um gesto vago.

— Você sabe como é. Você sempre teve esse tipo de... aura de perfeição. As pessoas se desdobram só para tornar a sua vida mais fácil. Talvez elas não estejam fazendo isso agora, e você apenas notou pela primeira vez.

Ele esvaziou o copo e o colocou sobre a mesa da cozinha.

— Marla, isso é ridículo, e você sabe muito bem.

— Será? Você caminha por aí com esse brilho dourado e espera que as pessoas saiam da frente porque você é você.

— Ela ficou em silêncio por um momento e então voltou para a pia. — Foi algo que notei no dia em que nos conhecemos. Uma qualidade que pouquíssimos homens têm. Em geral, é uma coisa que só é encontrada em garotas muito bonitas, e mesmo nelas, apenas por alguns anos. As portas se abrem automaticamente. Ninguém nunca achou que eu era especial assim, só você. O restante de nós anda atrás de você. Bem, talvez seja a nossa hora de ficar um tempo ao sol.

Pareceu a Michael que ele tinha sido presenteado com um dia de revelações, que ele estava, de alguma maneira, vendo a si mesmo de forma clara pela primeira vez, de cima, talvez, ou a distância.

Ele se levantou e foi ficar ao lado da esposa, colocando gentilmente as mãos sobre o quadril dela.

— Não sei por que você não falou sobre esse assunto comigo antes — disse ele, com suavidade —, por que não podia ter sido mais honesta comigo.

— De que adiantaria, já que você não está preparado para ser honesto consigo mesmo? — perguntou ela, removendo as mãos dele com frieza. — E se quer honestidade, então vou falar. Acho que não consigo mais aguentar você me tocando.

O cômodo ficou silencioso e permaneceu assim. Sean não quis descer para lhe dar um beijo de boa-noite e se escondeu atrás da saia da mãe até ela colocá-lo na cama.



Ele não achava que a situação poderia piorar ainda mais, mas piorou.

Marla não queria conversar sobre sua recusa de permitir o toque dele. À noite, ficava distante dele na cama e ia dormir usando camiseta e calça comprida. De manhã, ela levantava e se vestia antes dele. Em geral, já tinha dado banho e servido café para o filho no horário em que Michael acordava, para que os dois pudessem enfrentar juntos sua figura sonolenta.

Embora se recusasse a abordar o tema da vida sexual que de repente chegara ao fim, Marla revelou que ninguém

estava roubando sua afeição. Era apenas algo que enfim, e talvez de forma inevitável, tinha acontecido. Excluído em sua própria casa, ele aumentou as horas no escritório.

Mas lá a situação estava tão ruim quanto em casa. Eles perderam o caso Trowerbridge e todo mundo agora o olhava com suspeita, como se ele tivesse afanado materiais de escritório e sido liberado com uma simples reprimenda. Às vezes, Michael escutava insultos que membros da equipe proferiam, baixinho, enquanto estavam longe. No mínimo, o ignoravam. Ele soube que festas e jantares estavam sendo organizados pelas suas costas e que piadas idiotas e de baixo calão eram feitas à sua custa. Na maior parte do tempo, ninguém parecia notar sua presença. Se ele se aproximasse de um grupo de pessoas reunido perto da cafeteira e tentasse começar uma conversa, elas olhariam sobre seu ombro e notariam algo ou alguém que fosse mais interessante. Se tentasse organizar algum evento social, elas davam desculpas abertamente falsas, sem nem tentar convencê-lo de que estariam indisponíveis.

Queixas mesquinhas, de um tipo que nunca tinham sido feitas antes, começaram a se acumular. Deram a ele os casos mais entediantes. Alguém deixou uma garrafa de Listerine na sua mesa em resposta a uma percepção geral no escritório de que ele sofria de mau hálito. Até mesmo o rapaz responsável pelo estacionamento teve a temeridade de sugerir que ele cuidasse melhor da higiene pessoal.

Por fim, sem aguentar mais, ele pediu para que sua secretária fosse ao seu escritório e fechasse a porta.

— Quero que seja honesta comigo, Michelle — falou ele com cuidado, sentando-se e pedindo para ela fazer o

mesmo. — Percebi que a atitude de todo mundo em relação a mim mudou drasticamente nas duas últimas semanas e não consigo entender por quê.

— Você quer a verdade nua e crua? — perguntou Michelle, examinando suas cutículas de uma maneira mordaz.

— Por favor — solicitou Michael, preparado para ouvir a resposta e analisá-la por completo.

— Bem, é o jeito como você trata as pessoas, como se elas fossem satélites orbitando o seu planeta. Eu costumava achar isso atraente, muito masculino. Gostava de você, de toda essa determinação rude. Assim como os outros. Agora nem imagino como pude ter sido tão cega. — Ela se mexeu, desconfortável. — Posso ir agora?

— Claro que não! — Ele bufou, pensou e balançou a cabeça, perplexo. — Explique o que quer dizer. O que os outros falam sobre mim?

Michelle olhou para o teto e deixou o ar escapar pela boca.

— Ah, acho que sabe disso. Que você é metido, entediante, mandão e muito menos inteligente do que pensa. Você só deixou de ser uma pessoa tão agradável.

— E você consegue ficar sentada aí e falar isso na minha cara? — indagou ele.

— Eu já pedi uma transferência — respondeu ela, se levantando.

Michael percebeu que, se saísse dali e fosse comprar um cachorro, o bicho provavelmente sairia correndo só para ficar longe dele. Sentando em um banco úmido no enlameado parquinho que ficava atrás do escritório, observando os pombos andarem até seus sapatos e depois

se afastarem de supetão, Michael começou a ficar ciente de que alguém colocara uma maldição nele. Não uma maldição clássica como fique-cheio-de-furúnculos-e-morra, mas algo mais sutil. Apenas uma coisa fora do comum poderia ser considerada, um suspeito, e era o sr. Sei-lá-o-nome da bicicleta, o camarada latino que ele atropelou. Quanto mais Michael analisava aquilo, mas claro ficava que seus problemas começaram de verdade depois daquela ligação irritada durante a noite. Ele se lembrou da voz no telefone: “Qual é o seu maior medo...? Não precisa de muito para acabar como um sujeito como você... Quando vier me procurar... e você vai fazer isso...” Tudo começou a fazer sentido. Poderia haver alguma explicação racional para o que estava acontecendo com ele? O homem era algum tipo de xamã ligado ao sobrenatural, um hipnotista cruel ou apenas um sujeito com poder de sugestão? Não era assim que o vodu funcionava? Ele estava determinado a tomar uma atitude.

Já era noite quando Michael finalmente saiu do trabalho. Levando o carro de volta ao cruzamento onde o acidente ocorreu, ele se lembrou da resposta do ciclista sobre a oferta de carona. “Eu moro aqui perto.”

“*Aqui perto*” se mostrou um quarteirão de moradias populares pré-fabricadas de dois andares. Sem ter outra maneira de localizar seu algoz, Michael começou a tocar campainhas e encarar os moradores irados, a maioria dos quais estava no meio do jantar. Um deles até o xingou e cuspiu nele, mas agora Michael já estava acostumado com aquele tipo de tratamento. Marchando como um coletor de aluguel insano pelo inundado corredor aberto cheio de

ranhuras, ele de repente se lembrou de um nome mencionado na ligação: Patty. Não tinha sido ela quem dera uma olhada no ombro machucado do ciclista? Pelo menos era alguém específico, uma pessoa pela qual ele poderia perguntar.

Depois de ter sido maltratado em outras quatro portas, estava quase chegando ao fim do primeiro andar com apenas mais uns poucos apartamentos sobrando quando um jovem asiático com dragões tatuados nos braços apontou para a porta no final do corredor.

— Ela é casada com um cara mexicano que toca uma música bizarra a noite inteira — reclamou.

Apoiada no duto do lixo estava a bicicleta que Michael acertara, agora consertada.

— É lá mesmo — disse Michael, agradecendo ao rapaz e indo embora. Ele ficou diante da porta e leu o cartão junto à campainha quebrada.

— Você apareceu antes do que eu esperava — falou Ramon del Tierro, curandeiro, abrindo a porta com a batida de Michael e deixando-o entrar. — Achei que ainda ia demorar pelo menos uma semana.

O corredor estava imerso na escuridão. A música de uma banda mariachi tocava em um dos quartos. O apartamento era levemente perfumado, como se alguém tivesse queimado incenso há pouco tempo. Ramon era mais magro e mais baixo do que ele se lembrava, pálido e com aparência de doente. O olho esquerdo era leitoso, cego. Ele caminhou até uma salinha decorada com algum esmero e fez um gesto, mandando-o sentar. Michael não queria

sentar. Não considerava mais aquela situação absurda. Só queria uma resposta e um fim ao ódio.

— Você fez isso comigo, não foi? — O aperto em sua voz fez ele perceber quanta raiva estava sentindo.

— Fiz o quê? Me diz o que eu fiz. — Ramon deu de ombros, fingindo confusão.

— Você me fez... fez todo mundo me detestar.

— Olha, como é que eu poderia fazer isso? Você não está falando coisa com coisa. Quer saber como está o meu ombro? Obrigado por perguntar, vai ficar tudo bem. — Ele se virou de costas. — Vou fazer um café. Quer um pouco?

— Eu quero que me diga o *que fez comigo*, caramba! — gritou Michael, agarrando um braço magricela.

Ramon manteve o olhar firme e ficou em silêncio até Michael soltar o braço dele. Então, falou suavemente.

— Tenho um dom, sr. Townsend. Um dom louco e sem sentido. Se fosse a capacidade de ver o futuro ou algo parecido, poderia fazer algum dinheiro com ele, mas não. Quando conheço estranhos, consigo ver o que lhes proporciona tristeza ou felicidade. Às vezes, dá para sentir o que eles temem ou o que amam. Depende de quem eu toco. De vez em quando, não sinto nada. Mas senti com você. E fiz você ver como a vida pode ser quando não se tem a coisa que se mais aprecia. No seu caso, é a popularidade. Tirei seu charme. Você não é mais um sujeito de que todo mundo gosta. Só não achei que ia ferrar tudo tão feio assim. Imagino que você ame a si mesmo muito mais do que a qualquer outra pessoa.

Michael passou um dedo em seu rosto, de repente exausto.

— Por que fez isso comigo?

— Porque eu posso e porque você mereceu. Agora, o que vai fazer quanto a isso? Vai chorar na polícia, dizer a eles que ninguém gosta de você?

A fúria estava crescendo em Michael, borbulhando até a superfície e se transformando em uma névoa maligna.

— O que você quer?

— Não quero nada de você, sr. Townsend. Você não tem nada de que desejo.

— Você sabotou o meu trabalho.

Ramon balançou a cabeça.

— Não, senhor, não fiz nada disso. O que quer que tenha acontecido é porque as pessoas não gostam mais de você.

— Então pode acabar com isso.

O curandeiro considerou aquelas palavras por um momento, coçando o queixo com a unha.

— Acho que poderia, mas não quero. Veja bem, é melhor para você reaprender sobre si mesmo do início. Não vai ser fácil seguir do jeito que está agora, mas mesmo o esforço já vai te tornar uma pessoa melhor.

Michael sabia que, caso se aproximasse mais, ia arrebentar a cara de Ramon. Era difícil tirá-lo do sério, porém, quando isso acontecia, era algo formidável de observar. Ele estava fechando os punhos e se aproximando do pequeno mexicano.

— Tire essa coisa de mim neste instante, seu latinozinho imundo, ou vou te deixar desacordado de tanta porrada e vou queimar essa latrina de apartamento com você dentro, entendeu?

— Agora está mostrando sua verdadeira personalidade, sr. Townsend. — Ramon deu um passo atrás, prudente, mas não nervoso. — Uma alma como a sua dá um trabalhão para ser corrigida. Me diga o que quer.

— Quero que faça todo mundo me amar de novo — disse ele, subitamente e com vergonha da compreensão de suas necessidades.

— Isso eu posso fazer.

— Quanto tempo vai demorar?

— Poucos segundos, com apenas um toque. Mas você não vai gostar. Considere a outra opção, por favor. Reaprenda. Comece de novo com a personalidade que tem agora. Vai ser mais difícil, mas as recompensas serão melhores.

— Não posso fazer isso. Preciso que aconteça hoje à noite.

— Então vai ter que ser pelo caminho difícil. Chegue mais perto de mim.

Michael caminhou para os braços estendidos de Ramon. Antes de perceber o que estava acontecendo, ele sentiu a faca de lâmina fina que Ramon retirara do pequeno bolso entre suas costelas atravessar seu coração. A ponta ardente do aço cortou o músculo que batia, perfurando um ventrículo e acabando com sua vida em um único segundo carmesim.



Tantas pessoas apareceram na St. Peter's Church que o estacionamento ficou lotado e tiveram que estacionar nos canteiros gramados ao lado da estrada. O velório foi cheio de elogios dos sócios sêniores da Aberfitch McKiernny, de amigos e de parentes, de seus colegas e de sua adorada

esposa. Todos que compareceram ao funeral de Michael Everett Townsend concordaram plenamente: o homem que estava sendo enterrado era de fato amado por todos.

OS ALEGRES DANÇARINOS

ALISON LITTLEWOOD

Anoite já tinha caído quando vi minha vizinha pela primeira vez, embora não tivesse certeza quando ela decidira sair para o jardim. Eu estava ocupada desempacotando as coisas e dizendo a mim mesma que deveria ficar feliz com o que tinha, e estava escuro quando fui fechar as cortinas. Ela estava em uma cadeira de rodas, nada além de uma silhueta corcunda e sombria nos arbustos. Eu poderia nem mesmo tê-la visto se não fosse o movimento dos pés, chutando sem parar o cobertor em cima das pernas. Pensei em Parkinson, na síndrome de pernas inquietas e em outras doenças que não conseguia nomear ou conhecia direito. Será que ela havia ficado doente apenas recentemente ou era algo que já durava algum tempo? Será que precisava da minha ajuda?

Eu me senti mal por não saber. Não a conhecera antes, embora minha mãe tivesse vivido naquele imóvel por algum tempo. Saí de casa assim que fiz dezoito anos, ansiosa para viver tudo que Londres tinha para oferecer, e só voltei quando minha mãe ficou doente. Escolhi cuidar dela, embora não quisesse fazer isso, e, no momento em que consegui chegar, já era tarde demais. Agora estava aqui e era como se não pudesse ir embora de novo — não podia

ser tão ingrata a ponto de abandoná-la uma segunda vez, ainda que ela já tivesse partido.

A idosa que morava na casa ao lado inclinou a cabeça para trás para ver as estrelas, protegendo os olhos como se os astros fossem claros demais, e notei o sorriso em seus lábios. De repente, aquilo pareceu terrivelmente romântico. A mulher era velha, estava doente e talvez não pudesse nem andar, e mesmo assim lá estava ela, enfrentando o ar noturno e sonhando, enquanto eu, com vinte e quatro anos, agia como se a minha vida tivesse chegado ao fim.

No final, não fui falar com ela. Não a vi de novo naquela noite, não a observei para ver se tinha voltado para casa, fechado as portas se mantendo segura. Dormi direto até a manhã seguinte, me alonguei para deixar meus membros mais flexíveis, escovei os dentes e me vesti antes de abrir a cortina e dar de cara com a vizinha sentada lá, no mesmo lugar em que estava na noite anterior.

Não consegui respirar. Será que a mulher ficara presa ali, incapaz de sair sozinha? Será que tinha adormecido — ou algo pior? Ela era uma idosa solitária e precisava de ajuda; ajuda que, mais uma vez, falhei em dar.

Com infartos, derrames e outros terrores da terceira idade na cabeça, corri escada abaixo para o jardim. Nossas duas casas eram as únicas no topo de uma ruela cheia de árvores, separadas uma da outra e das montanhas que cresciam ao redor apenas por uma cerca que chegava aos joelhos. Atravessei-a e disparei até ela, gritando para saber se estava bem, e a velha se virou para mim, seu olhar de espanto me fazendo parar de supetão.

— Minha nossa — falou. — Viu um fantasma, mocinha?

Minha apreensão se transformou em desculpas. Expliquei o que me preocupava e me apresentei, e ela disse que era Annis Scollay, que tinha acabado de pôr os pés para fora — *pôr as rodas para fora*, pensei em corrigir, mas fiquei calada. As pernas dela ainda chutavam o cobertor, um tartã cinzento, e pensei novamente que ela tinha algum tipo de doença, um espasmo muscular que não conseguia controlar. Tentei não olhar, mas, de vez em quando, um chute mais agudo chamava minha atenção.

— Eu saí por um tempinho ontem de noite — disse ela. — Esperava ver os alegres dançarinos. No jornal disseram que eles podiam ser vistos até aqui no sul, mas não vi nada. Por acaso, você conseguiu ver, Sophie?

Respondi que não, embora eu me lembrasse da reportagem a que ela estava se referindo — eu devia ter pensado naquilo antes. Se não estivesse tão obcecada em encontrar um lugar para tudo, poderia ter tentado ver a aurora boreal, ainda que, mesmo com a garantia do âncora do jornal, parecia improvável que ela desse as caras no céu de Lincolnshire. Aquele fenômeno era reservado para climas mais selvagens, para as partes mais ao norte do mundo.

— Mas ainda tá um friozinho — disse ela, tremendo, como se tivesse que explicar o que estava falando. — Tivemos isso, pelo menos. Ela mexeu as mãos debaixo do cobertor, puxando outra coberta de debaixo dele; parecia tão suave quanto pelo de cabra. Ela passou para mim, mas balancei a cabeça. Eu tinha saído para ajudá-la, e não para ela me ajudar. — Esse tom de marrom é chamado de *murat*. Uma das melhores coisas que você vai sentir em volta do seu pescoço.

Uma estranha curiosidade tomou conta de mim e peguei o tecido, colocando-o em volta dos ombros, e me senti confortada na mesma hora. Me aconcheguei no seu calor.

— Meu pai criou a cabra que deu a lã desse cobertor — disse ela. — Ovelha de Shetland, das ilhas. Esse veio da minha favorita. Bonxie, era como eu a chamava, em homenagem aos pintinhos de moleiro-grande que viviam nas falésias. Ela era uma das melhores, as ovelhas gentis, era como a gente chamava, que dão a melhor lã.

Não consegui resistir e passei o tecido pelo meu pescoço, quase pensando que eu podia sentir o cheiro não da lanolina, mas do aroma salgado do oceano.

— É isso mesmo — falou ela, como se eu tivesse dito o que se passava na minha cabeça. — Tinha pôneis também, claro, os nossos vizinhos eram donos de alguns, e eu ia lá sempre que podia. Colocava o cabresto neles e os levava para passear que nem cachorros, porque eram praticamente do mesmo tamanho.

— Você cresceu nas ilhas Shetland? — Meus olhos se abriram. O arquipélago parecia tão desconhecido para mim quanto um lugar em uma história. Não sabia nem se conseguiria localizá-lo em um mapa.

— Em Foula — respondeu ela, claramente amando falar sobre aquilo. — A ilha mais ao oeste e mais distante do resto, separada do arquipélago por aquele recife terrível, o Shaalds, embora eu sempre tenha pensado nele como pedras famintas. A ilha mais solitária da Grã-Bretanha — ela disse a última frase com um toque de orgulho.

Envolvida por suas palavras, falei apenas:

— Pensei mesmo ter notado um sotaque. — No entanto, a verdade é que, às vezes, eu notava, e, às vezes, não. Ele parecia ir e vir, como algo que ela só se lembrava de vez em quando.

— É, ainda está aqui, quando paro para pensar nisso — falou ela. — Já perdi a maior parte dele. Perdi muita coisa quando fui embora. Encontrei outras também. É assim mesmo, acho.

Ela me encarou como se pudesse ver dentro de mim, e pensei na forma como eu tinha herdado a casa, como havia ganhado tudo. Fora ao mesmo tempo fácil e difícil demais. Tinha perdido a minha mãe, não tinha feito nada para ajudá-la. Não merecia uma casa como aquela, não *dera* o suficiente. Mas estava ajudando agora, não é? Gente velha gostava de conversar sobre sua vida, suas memórias. Annis com certeza parecia feliz por ter a oportunidade de falar com alguém, e minha mãe poderia ter gostado de saber que eu a escutei — então pedi a ela para me falar sobre como era lá em Foula.

Não sei bem se ela me ouviu. Annis observava o jardim, focada em um galho pequeno que ainda balançava, como se um passarinho tivesse acabado de voar dele; então, olhou para o outro lado como se não tivesse sido nada, afinal. Seu olhar suavizou, como se visse apenas lugares distantes, outros tempos.

— Eu vi um *trow* quando tinha treze anos — falou. — É esse tipo de coisa que você gosta de ouvir, querida?

Sorri e assenti, me perguntando o que diabo era um *trow*. Um peixe? Um pássaro? Eu tentava não me sentir como

uma criança na hora de dormir, ouvindo histórias no colo da mamãe.

— A aurora boreal brilhou naquela noite — disse ela. — Os dançarinos estavam alegres, talvez alegres demais, então, de certo modo, foi tudo culpa deles, pois se não estivessem brilhando tanto, a trilha estaria escura demais para sair. O inverno se aproximava, e as noites estavam ficando mais longas do que você pode imaginar, embora ainda fosse entre as estações; tempestades já tinham caído e ainda iam cair, mas, naquela noite, o tempo estava calmo.

“Eu só fui até a casa dos Turvelson. Eles eram os donos das terras vizinhas às nossas, e minha mãe me mandou ir até lá para pedir um pouco de manteiga. Ela estava fazendo biscoitos para o aniversário dos pequeninos, mas fui eu quem tive que ir.”

O sotaque pareceu ficar mais forte conforme ela se lembrava. As consoantes ficaram mais brutas e as vogais mais profundas.

— Não demorou muito tempo e o embrulho ficou escorregadio no meu bolso. Por sorte os vizinhos moravam perto. Menos de quarenta almas viviam em Foula naquela época, todos nós no planalto mais a leste. A maioria das ilhas não tem ninguém, sabia disso? E ninguém é capaz de contá-las. Dizem que tem cem ilhas e rochedos, mas ninguém sabe de verdade, e dizem que algumas aparecem e desaparecem ao sabor do clima.

Sorri para ela de forma um tanto extravagante, mas agora que tinha começado, a idosa mal parecia perceber a minha presença.

— O céu para o norte parecia todo iluminado — disse ela.
— A cada poucos passos, a trilha ganhava um brilho verde sob meus pés e eu conseguia ver tudo... e nada, pois a cintilação lá em cima deixava as montanhas mais escuras do que nunca. Os *trows* moram nas montanhas, sabia disso? Olhei para o grande monte de Hamnafeld, que, do outro lado, dá para o oceano. No topo, é lá que dizem que fica a porta, a Chaminé de Liorafeld, uma abertura que vai direto para as casas deles debaixo da terra. Alguns desceram com cordas até lá embaixo para ver se encontravam o fundo, mas ninguém nunca conseguiu. Aqueles que procuram quase nunca encontram a porta.

“Foi isso que a minha vó tinha contado para mim e era nisso que eu estava pensando. Talvez tenha sido por esse motivo que aconteceu... eles foram chamados pelos meus pensamentos, ou pode ser que fosse apenas a manteiga, ou que eles gostassem das luzes bonitas. Qualquer que tenha sido a razão, senti os olhos deles em mim.

“Aquela sensação que se tem de vez em quando de estar sendo observada... é bem raro em Foula. Tem mais pôneis do que gente lá, e mais ovelhas do que pôneis, e mais pássaros do que tudo junto, e nunca uma pessoa estranha, ainda mais no inverno. Mesmo assim, eu percebi quando ela chegou, aquela sensação, se arrastando sobre mim como dedos sujos.

“Eu me virei e lá estava ele: uma silhueta onde não deveria ter nenhuma. Ele estava no meio do caminho entre a casa deles e a minha, como se tivesse acabado de sair do pântano. Em um momento, ele estava claro, delineado na luz piscante, e no seguinte, mal conseguia vê-lo. Mas era

alto, isso era, e cinzento; achei que a roupa e a pele dele eram cinzentas também, sua barba e seu cabelo um ninho de ratos, todo ele, e eu sabia que ele estava olhando para mim, embora não conseguisse ver seus olhos direito.

“Eu não sei o que eu acabaria fazendo, se gritaria, correria ou simplesmente faria nada, mas, graças a Deus, ele começou a se afastar. Ele não andava que nem gente normal, no entanto. Andava que nem um *trow*, ou seja, de costas. Ele nem deu uma espiada para trás para conferir o caminho. Pelo menos, eu acho que não. Ele ia e vinha na luz, mas senti que ainda estava me observando, e tremi, porque soube então que tinha visto um deles. Tem quem diga que os *trows* são como os trolls noruegueses, outros falam que são como as fadas inglesas, mas acho que eles são uma coisa no meio do caminho.

“O medo tomou conta de mim e corri para casa. Quando entrei pela porta, minha mãe me chamou pedindo a manteiga, meu irmão e minha irmã menores tiraram os olhos da própria brincadeira e minha vó deu uma olhada em mim e soltou um berro capaz de acordar todos os anjos do céu.

“Bem, aí foi uma bagunça. ‘O que foi? O que foi?’ Minha mãe gritava, e eu mal conseguia falar de tanto que tremia, mas a vó só segurou o lampião perto da minha cara, mudando a luz de lugar de vez em quando.

“‘O que você viu?’, cuspiu ela, e fiquei com tanto medo que pensei em mentir, mas eu sabia que ela tinha visto aquilo em mim. Ela via muita coisa, a minha vó, coisas demais, talvez. Então contei para ela.

“Ela crocitou como se tivesse pegado um peixe. ‘Eu sabia!’, falou. ‘Ele deixou a marca dele em você!’

“Então meu irmão sorriu e minha irmã caiu na gargalhada, mas minha mãe só deu um suspiro e voltou para os biscoitos de aveia, levando a manteiga. Eu fui na mesma hora para o espelho. Olhei e olhei, tentando encontrar o que a vó tinha visto. *Deixou a marca dele em você*, ela falou, mas não importa o quanto eu tentasse, naquele momento ou depois, nunca encontrei um traço dela.”

Annis se mexeu na cadeira, piscando como se não soubesse muito bem onde estava. Fiquei consciente dos pés dela se mexendo sem parar debaixo do cobertor, o som de repente parecendo muito alto. Percebi que o barulho estivera ali durante todo o tempo em que ela falara, quase como um sussurro, ou como ondas se quebrando na costa. Então notei que a idosa esperava por uma resposta minha, mas, mesmo assim, eu ainda não sabia o que dizer.

— Tem mais coisa, é claro — falou ela. — Eu devia te contar sobre quando fiz dezesseis anos, sobre o Yule e sobre o que aconteceu com os gêmeos, meu irmão e minha irmã.

Seu corpo inteiro tremeu na cadeira e ela deu um chute especialmente forte. O cobertor de tartã caiu, e vi de relance não brogues largos, ou pantufas de ficar em casa, ou nada do tipo, mas um par de sapatos requintados de um vermelho brilhante. Ela arquejou, puxando o cobertor para cobri-los outra vez.

— Vou contar para você sobre eles também — disse ela —, mas agora não.

Devo ter me aproximado mesmo sem querer, pensando em ajudá-la, suponho, pois ela estendeu a mão e pegou a

minha como uma garra ossuda, esmigalhando meus dedos.

— Vou voltar lá para dentro — disse Annis. — Acho que já falei demais.

Ela deu olhadelas para a esquerda e para a direita antes de gesticular, me mandando voltar para o meu jardim, ignorando as minhas despedidas e ofertas de ajuda enquanto empurrava as rodas da cadeira. Não tenho certeza se estava mais vendo ela. Ainda conseguia imaginar aqueles sapatos pontudos, o brilho deles, o vermelho perfeito, a costura pequena e quase invisível, a maciez do couro. Percebi que não tinha dito uma palavra sobre a história dela. E foi apenas quando entrei em casa que notei que seu cobertor de lã macia ainda estava sobre meus ombros.



Conforme prossegui com a tarefa de me estabelecer na casa da minha mãe, a história de Annis começou a parecer mais e mais absurda. Não sabia o que pensar dela ou da própria Annis por ter me contado. A narrativa era, com certeza, de faz de conta, ou ao menos pouco mais que uma mistura do passado e dos causos que a idosa deve ter ouvido durante a infância.

Ainda assim, eu ficava voltando para o lugar em que tinha deixado o cobertor, pegando-o e passando-o na bochecha. Aquele aroma ainda estava lá, o vento severo e bruto carregado pelo Atlântico. Porém, quando fechava os olhos, eram os sapatos que eu via, sapatos tão bonitos para uma pessoa tão velha, e me perguntava como deveria ser usá-los. Será que era por causa disso que seus pés estavam

sempre inquietos, como se quisessem dançar? Ou eles apenas seguiam os rastros dos pensamentos errantes dela?

Balancei a cabeça, descartando a ideia, e decidi dar outra olhada em Annis. Pareceu o destino, então, que, quando olhei pela janela, a vi saindo para o jardim, em um dia que ainda se esforçava para ficar claro.

Depois da última vez, parecia não ter sentido fazer qualquer cerimônia, então fui até o meu jardim e acenei conforme atravessava a cerca. Minha intenção era entregar aquele maravilhoso cobertor para ela, mas Annis gesticulou, indicando para que ficasse com ele, então me enrolei nele mais uma vez.

— Minha vó tinha um monte de superstições — falou ela, como se eu nunca tivesse me afastado. — Ela sempre dizia que os *trows* castigariam uma moça que se esquecesse de colocar um pedacinho de turfa em uma chama que estivesse morrendo. Eles gostam do fogo, sabe? Eles também gostam de dar banho em suas crias aos sábados, e ela me mandaria deixar a água reservada para eles. Se eu deixasse de fazer essas coisas ou se as fizesse muito bem, antes mesmo que ela pudesse pensar sobre isso... bem, tudo foi deixado de lado na noite em que vi o homenzinho.

“Ela não me deixava esquecer aquilo, e, de qualquer maneira, eu não conseguiria. Pensava muito nele: parado lá debaixo do céu dançante, me observando sem parar. Não sei se ainda carregava a marca que a vó tinha falado. Não gostava de pensar nela e muito menos perguntar, mas o desejo dele estava em mim, era o que ela sempre dizia, e isso sempre fazia um arrepio correr pela minha coluna, como se eu ainda estivesse lá no frio e no escuro.

“Mas é no Yule que os *trows* realmente perambulam por cima da terra. Eles saem sete dias antes, na Noite de Tul-ya, quando acontece a cerimônia de convocação dos mortos e dos seres mágicos à Terra, e foi assim no ano em que fiz dezesseis anos. A vó me mandou enfiar facas na carne curada para impedir os *trows* de roubá-la, e era eu que tinha que fazer as bênçãos dos pequeninos.

“Fiz a minha primeiro: me lavei, depois mergulhei as mãos e os pés na água enquanto a minha mãe jogava carvão nela, para que os *trows* não pudessem roubar o poder deles. Aí chegou a hora de abençoar os pequeninos, mas eles já estavam mais velhos àquela altura, onze anos, e não queriam saber de mim: fizeram caretas e jogaram água em mim até eu ficar encharcada, então falei que, se eles queriam se arriscar, o problema era deles.

“Verdade seja dita, eu estava cansada dos dois. Eu tinha que cozinhar para eles, me assegurar de que os rostos bobos iguais deles estavam limpos, pentear os cabelos iguais deles. Tinha que pegar isso e arrumar aquilo, enquanto eles faziam a mesma careta para mim pelas costas da mãe. Além disso, aquele foi o ano dos sapatos vermelhos, e depois que eu os vi, não conseguia pensar em mais nada.”

Percebi que seus pés ainda estavam inquietos, mudando de lugar e fazendo barulho debaixo do cobertor. Quase me esqueci do movimento deles, deixara, de alguma forma, de notar.

— Ah, mas eu queria aqueles sapatos. Vi eles em uma loja chique no continente, bem na vitrine, cobertos de lacinhos, e não conseguia falar de outra coisa. O baile estava

chegando, e eu sentia que precisava usar eles. Se tivesse aqueles sapatos, Alex Galdie poderia me chamar para dançar. Se tivesse aqueles sapatos, nunca pediria por outra coisa. Você já quis alguma coisa assim, Sophie? Precisava tanto dela que parece que tem um nó dentro de você que nunca afrouxa?

Ela parou, e tentei refletir, mas foram aqueles sapatos que vieram à minha mente, o vermelho lindo deles, sua suavidade, sua forma perfeita, e pensei em dançar — em voar pelo ar como se nunca fosse cair na terra novamente. Afastei o pensamento, mas ela não notou meu devaneio.

— Eu economizei e economizei — disse Annis. — Joguei cada centavo, um depois do outro, em um jarro para ajudar a comprá-los, só que nunca era suficiente. Eu implorei, eu chorei. Fiz tudo que me mandaram fazer, lavei a roupa dos pequenos antes mesmo de alguém falar qualquer coisa, limpei a lareira, todas as ordens da minha mãe. No final, minha mãe suspirou fundo e disse que eu devia ter sido enfeitiçada... *na montanha*, acrescentou, se referindo ao poder do *trow*... mas confirmou que os sapatos seriam meus.

“Talvez ela já pensasse que eu era amaldiçoada naquela época, sabe, mas não era assim que eu via. Por que uma garota tem que ser obediente todos os dias? Por que ela só pode pensar em trabalho, na casa e nos filhos e nada mais? O mundo era enorme do outro lado da porta, atravessando o oceano. Toda vez que olhava para fora, pensava nisso, e toda vez que os rapazes olhavam para mim, escutava uma música alta tocando, já sentia a dança nos meus pés.”

Eu quase conseguia ver aquilo, ou uma memória daquilo. Quando ela continuou, tive que afastar aquela visão.

— Em Foula, o Velho Yule ainda é celebrado em janeiro, conforme era no calendário juliano, embora o resto do mundo tenha mudado isso em 1752. Nós ainda mantínhamos tradições que qualquer um tinha deixado para trás há um bom tempo, talvez porque não tivesse muito para fazer. Então, o baile foi marcado para o sexto dia. Depois disso, os vizinhos cinzentos voltariam para dentro da terra, o feriado deles teria acabado, mas, antes, eles dançariam o quanto pudessem. Assim como eu.

“Quase nunca nevava em Foula. Você pode não acreditar nisso, já que ela fica tão ao norte quanto o cabo Farvel, na Groelândia, mas as correntes do Atlântico mantêm o clima ameno; só parece tão frio por causa do vento que sopra do mar. Mas nevou naquela noite, na noite do baile. Uma boa camada de neve, e o vento só a deixou pior, cada floco que nem uma faca na pele. E da maneira que eles caíam por toda parte, era difícil ver um palmo à frente.

“O mar estava brabo quando chegamos em Norderhus, perto do porto. Eu ouvi sua música, profunda e feroz. O Atlântico e o mar do Norte estavam em guerra, a água preta, o céu acima pálido como a morte. Não eram as luzes, no entanto; os únicos dançarinos alegres estavam dentro de nós. Dava para ouvir as rabecas no vento, altas em um instante, quietas e rápidas no seguinte. Eu ainda não estava usando meus sapatos vermelhos, apenas carregava eles debaixo do meu capote para que não ficassem molhados. Estávamos minha mãe, minha vó e eu; os gêmeos foram

considerados novos demais, e não senti nenhuma pena deles.

“Todo mundo estava do lado de dentro, no cômodo mais central, e lá estava fervendo. Deixei minhas botas com as outras e coloquei meus sapatos maravilhosos, e a música entrou neles de imediato, veloz e livre e me falando de novos lugares, e praticamente no instante em que coloquei os pés no salão, eu estava fora de mim, minha mão junto a de Alex Galdie, tão perto quanto eu poderia desejar, e ele não tirou os olhos dos meus nem por um segundo enquanto a gente girava e rodopiava. Havia uma luz no rosto dele quando ele sorria para mim, e, se eu não estava enfeitiçada antes, estava enfeitiçada agora. Vi minha mãe e minha vó me observando, mas não me importei nem um pouco. Meus sapatos me levavam e eu estava feliz de ir.

“Não pensei nem um segundo em casa, ou nas minhas tarefas, ou na terra em que nasci, ou nos *trows* e seus modos, nem mesmo no amor deles pela dança. A música acabou e outra ainda mais selvagem começou, e Alex não me largou. Dançou comigo de novo, me rodopiando pela cintura, e meus pés ficaram mais rápidos e mais rápidos até eu rir de alegria.

“Os *trows* amam a rabeca, sabia disso? Dizem que eles roubaram e mantiveram a Rabeca de Yell por anos e anos, embora ele tenha pensado que apenas uma noite se passou enquanto tocava para eles. E parece que eles não foram os únicos, porque, depois de um tempo, notei, pelo rabo do olho, a porta se abrindo e os gêmeos escapulindo para dentro, bem quietinhos, os olhos esbugalhados e dois sorrisos iguais nos rostos. Eles passaram desapercebidos,

sem falar com ninguém até se juntarem à dança. Eu os via vez ou outra, quando nossos caminhos se cruzavam, nossas mãos se tocavam, rodopiando para longe. Eles me lançavam olhares desentendidos e nunca me dirigiram uma palavra. Eu me lembro de pensar que eles devem ter esperado pelo baile tanto quanto eu, e não podia culpá-los por isso. Eu não me sentei nem por um segundo, e nunca mais queria me sentar de novo.

“Eles dançaram de forma linda. Não erraram nem um passo sequer, e eram tão jovens.

“Era mais ou menos meia-noite quando minha mãe me pegou pela mão e disse que a gente precisava ir embora. Eu procurei os gêmeos, mas não os vi em lugar nenhum, então perguntei a ela onde eles estavam, meus pés inquietos o tempo todo, porque a música não tinha terminado, e Alex estava me esperando, e eu não suportava ficar parada.

“Ela balançou a cabeça. Achei que a música tinha deixado ela surda, então falei mais alto, mas ela ainda não conseguia entender a pergunta. Durante todo o tempo em que os gêmeos dançaram, sabe, alguma coisa impedira ela de ver; ela nem mesmo percebeu que eles estiveram lá. E então a vó falou que eles não podiam ter vindo, não sozinhos, porque, quando ela colocou os pés para fora, se certificou de trancar bem a porta.

“Bem, aí foi uma bagunça. A dança logo parou e todo mundo vestiu seu capote ou sua capa de chuva e foi procurar.

“A neve não tinha parado de cair, mas o céu estava escuro de novo, mais profundo e mais sombrio em comparação às luzes que dançavam nele. Os alegres

dançarinos tinham vindo, afinal, como se estivessem zombando de nós.

“Os pequeninos não estavam na casa, claro. Lá estava tudo quieto, a porta escancarada e a neve entrando e caindo no chão limpo. As camas dos gêmeos estavam vazias.

“Encontramos eles no limite do pântano, bem onde eu tinha visto o homenzinho. Mortos. Deitados na neve, os olhos abertos na direção do céu e flocos se espalhando sobre eles, sem derreter. Os dois ficaram lá a noite inteira, sabe? Nunca tinham dançado e nunca dançariam. Foram os *trows* que tinham ido ao baile, roubado a aparência deles para que pudessem se juntar à folia humana.

“Não sei se os *trows* precisavam roubar o fôlego deles antes de pegar a sua aparência, ou se foi um acidente. Eu nem sabia se aqueles corpinhos eram dos gêmeos, ou se meu irmão e minha irmã de verdade tinham sido roubados e levados para debaixo da terra e aquelas coisas não eram nada além das peles ocas que os *trows* usaram naquela noite, como se eles fossem fantoches.

“Às vezes, eu me pergunto se os gêmeos estão dançando até hoje, debaixo do grande monte de Hamnafeld. Eu me pergunto se é por isso que meus pés nunca ficam quietos, porque a minha dança é um eco da deles. Quando meus sapatos enfim me derem um descanso, talvez eu vá saber que meu irmão e minha irmã estão mortos. Mas, de qualquer forma, os anos passam diferente debaixo da terra. Eles ainda podem ser crianças ou muito mais velhos do que eu, meu irmão com uma barba que chega aos pés, minha irmã com o brilho da idade nos olhos.

“Minha mãe uivou e minha vó chorou, e eu não conseguia consolá-las. Eu me lembro de olhar para baixo, para os olhos do meu irmão e da minha irmã, para os flocos de neve que caíam neles, e pensei em como tinha economizado para aqueles sapatos vermelhos, uma moeda brilhante atrás da outra caindo no jarro. Fui eu quem falhei em abençoar os gêmeos. Era eu quem estava cansada deles, eu quem tinha desejado tanto me livrar deles. E eu *estava* livre, exceto pela maneira que meus sapatos continuavam chutando e se mexendo, ainda sem terminar a dança deles, incansáveis como o pecado, um lembrete do que eu havia feito.

“Você acha que o povo cinzento me concedeu um desejo naquela noite, quando eu tinha treze anos? Ou eles me amaldiçoaram para sempre? Ou será que foram as duas coisas juntas? Pois vou te contar uma coisa: às vezes, ter o seu maior desejo colocado nas suas mãos é a maior maldição de todas.”

Annis parou de falar, mas não olhou para mim, continuou encarando o passado, e fiquei feliz por isso, porque não sabia o que dizer. Ela pensava mesmo que seus pés não paravam quietos porque os sapatos se recusavam a deixar de dançar? Parecia algo tirado de um conto de fadas, um que eu mesma tinha lido quando era pequena. A menina de “Os sapatinhos vermelhos” também fora punida por pensar demais na sua elegância, seus novos sapatos a forçaram a dançar e dançar até ficar exausta e um lenhador gentil a salvar cortando seus pés com um machado. Será que essa era a raiz do conto de Annis? Talvez ela não tivesse uma doença física, afinal. Talvez as pernas dela estivessem sempre chutando porque ela estava se punindo por algum

tipo de acidente que tivesse acontecido com seus irmãos, e sua enfermidade, sua maldição, era psicossomática. Mas por que simplesmente não tirava os sapatos? Olhei desanimada para Annis, percebendo que havia uma chance de eu não poder ajudá-la, que a ajuda que ela precisava provavelmente era maior do que a que eu poderia dar. Não tinha a menor ideia se ela era louca, mas, na minha opinião, não poderia ser completamente sã.

— Ah, não, não é como na velha história.

Devagar, Annis levantou a cabeça e olhou para mim, e lutei contra a vontade de me contorcer. Mais uma vez, parecia que ela estava olhando dentro de mim, que via tudo.

— Você acha que sabe, mas não é a mesma coisa. O conto de Andersen veio de uma terra mais bondosa e não é nada parecido com o meu. Não há lenhador na minha história ou qualquer madeira, nenhuma árvore cresce em Foula. Eu me apaixonei por um cortador de turfa e ele nunca arrancou os meus pés. Ele não me carregou pela porta ou amarrou meus pés inquietos à mesa da cozinha para que eu pudesse cortar o peixe para o jantar. Que tipo de homem faria isso? Não, no final, Alex Galdie decidiu que não me queria. Ele se casou com uma garota de Hametoon e foi morar lá. Fui eu quem saí de Foula, no primeiro barco que consegui pegar. O que mais poderia fazer? Não tinha como voltar para casa. Consegui minha liberdade, sim, mas carregava o lugar comigo, e vou te dizer, eu estava certa sobre aqueles sapatos. Assim que me tornei dona deles, nunca mais desejei outra coisa.

Eu ainda não sabia o que dizer, então tirei o cobertor dos meus ombros e coloquei nos dela. Enquanto fazia isso, ela encostou nos meus dedos, gentilmente dessa vez.

— Você poderia me ajudar — falou. — Você ajudaria uma velha senhora, querida?

Eu respondi que com certeza a ajudaria. Perguntei do que ela precisava.

— Eu não posso tirá-los — disse ela. — Já tentei mil vezes. Mas sei que você pode... se estiver disposta. Se soubesse da história deles e escolhesse tirá-los mesmo assim, fazer deles seus.

Ela chutou o tartã que cobria suas pernas. Os pés se moviam livremente, os dedos pontudos, marcando os passos que ela não podia dar. Por um instante, os sapatos pareceram como se tivessem sido usados por alguém mais jovem; alguém que estivesse rodopiando nos braços de um rapaz.

Observei de novo o rosto dela, velho e cheio de rugas, os olhos marejados. Lembrei-me de que a história dela era louca, insana e não fazia o menor sentido. Eu não acreditava que ela tinha usado o mesmo par de sapatos por tantos anos. Não acreditava que não conseguia parar de dançar — mas *ela* acreditava. Eu podia libertá-la daquela ilusão infeliz. Posso ter falhado em ajudar minha mãe, mas agora poderia ajudar minha vizinha — minha amiga.

E Annis poderia descansar, afinal. Poderia encontrar um pouco de paz. Poderia ir para onde quisesse, até mesmo para casa, talvez. Uma imagem surgiu diante de mim: Annis se unindo ao seu irmão e à sua irmã com os *trows*, andando

para longe de mim de costas, seus passos firmes, e nunca desviando o olhar do meu rosto.

Outro sentimento me dominou, então, um que estava aguardando mais abaixo: de desejo, quase de cobiça. Disse a mim mesma que estaria fazendo um favor ao retirá-los — e eles eram sapatos muito lindos mesmo. Era um desperdício ficarem com ela. Ela era *velha*. Qual era a utilidade de Annis dançar?

Estiquei a mão e senti o couro macio nos dedos. Quando fiz isso, um som chegou aos meus ouvidos: a música baixa e rápida de uma rabeca. E me lembrei de como tinha sido na cidade há pouco anos: a música contagiante e sombria que explodia nos alto-falantes, o toque da mão de um rapaz. Eu me lembrei de como era a sensação de dançar, de ser livre, de nunca querer que meus pés ficassem quietos. Eu poderia ser parte da dança de novo — e o pensamento de que talvez ela tivesse razão veio à tona: que, se eu deixasse, seria para sempre. Eu poderia me juntar à dança para sempre, poderia não voltar jamais para casa.

É só uma história, pensei.

Ainda assim, eu não conseguia escolher. Estendi as mãos e toquei os sapatos vermelhos, e escutei o ritmo da dança, senti-o no meu sangue. Senti o cheiro do mar, a brisa congelante do oceano no cabelo. E olhei para cima, para os olhos de Annis, e percebi que eu não conseguia mover um músculo.

DE NOVO

TIM LEBBON

Aquela não o havia sido a primeira vez que Jodi tinha morrido, mas deve ter sido a mais estranha.

Os cães selvagens estavam cheirando seu corpo quebrado e ensanguentado, cutucando-a com seus focinhos úmidos, e cada ponto de contato era um choque, tão frio que parecia quente, a respiração deles congelando-a onde o sangue pulsava das muitas feridas. Ela sentiu uma língua áspera passando na curva do cotovelo e o beijo afiado de um dente. Uma promessa do que logo viria. Por alguma razão, eles pareciam estar esperando ela morrer antes de começar a comê-la. Aquilo foi uma bênção. Ela deve ter feito, pelo menos, alguma coisa boa na última vida para merecer um tratamento assim.

O ar estava ficando preso na garganta dela. A dor cortava de forma mais fria e afiada do que a faca que fora sua perdição. Ela ia além das feridas, alcançava a profundidade dos ossos, seu âmago, suas partes mais abissais, onde residiam as memórias de inúmeras agonias semelhantes. Jodi impôs uma distância entre isso e ela mesma. Ela não se lembraria da dor e isso não tinha serventia porque em breve — em minutos, senão em segundos — ela estaria morta. E

então a morte e tudo mais que ela havia visto, experimentado e aprendido nessa vida não existiriam mais.

Pelo menos por um tempo.

E aí ela acordaria de novo em algum lugar, em outro tempo e como outra pessoa, e Jodi se tornara muito boa em não levar as sensações da morte agonizante com ela. Havia uma razão para isso. Uma razão boa, válida.

Não queria enlouquecer.

— Eu vi quinze abelhas ontem — disse uma voz, e a respiração arfante e úmida de Jodi ficou presa na garganta.

Eu não sabia que ela ainda estava aqui.

— Anteontem foram dezoito. Levando em consideração essas terras, essas florestas, cheias de flores nessa época do ano, deveria haver centenas. Ou milhares.

Achei que ela tinha deixado os cães para acabar com o serviço.

Como se as feras tivessem escutado o pensamento, ela sentiu presas começando a corroer os dedos talhados de sua mão direita. Ferimentos defensivos, poderiam ser chamados assim. Não tinham adiantado de nada. Era o terrier, ela imaginou, embora não conseguisse levantar a cabeça para ver. Um belo céu azul era sua vista no momento em que um cachorrinho começou a comer sua mão. Ela sentiu cheiro de sangue e de jacintos. Moscas pequenas voavam ao redor de sua cabeça e aterrissavam no seu rosto, e ela sentiu cada uma delas, como se a pele da face tivesse se tornado supersensível.

Eu vou esquecer a dor.

Seus ombros balançaram quando os cães começaram a puxá-la.

— Salvei o máximo de abelhas que pude — disse a voz.

Jodi se lembrou dela então, a velha senhora com um monte de cachorros de estimação, as roupas feitas de incontáveis retalhos unidos por uma linha grossa rosada. Todos gostavam dela no vilarejo. A mulher podia ser um pouco excêntrica, mas fazia parte do conselho da cidade, defendendo mais latas de lixo para cocô de cachorro e um novo playground no parque. O nome dela era Helen. Ela matava gente por diversão, e tinha contado a Jodi — uma andarilha, uma visitante no vilarejo, que logo morreria pela décima quinta ou décima oitava vez — para não levar aquilo para o lado pessoal.

— Eu sempre me pergunto se, quando salvo uma abelha de um bebedouro de pássaros ou da superfície de uma poça na floresta, estou salvando o mundo. Tudo tem seu ponto de equilíbrio. O último cigarro que vai te matar, a última lufada de ar poluído da cidade que vai fazer uma célula no seu corpo sofrer uma mutação e começar a se multiplicar a uma velocidade anormal. O último centímetro de uma facada que vai fazer você mudar de viva para morta.

Bem debaixo do meu coração, pensou Jodi. Acho que foi essa.

— A última abelha que salvei, isso vai significar que o mundo não está mais condenado, que um ramo específico de flores será polinizado. Estou aqui para salvar o mundo. Daisy, não come a mão da moça até ela estar morta.

A cadela da raça terrier soltou a mão acabada de Jodi, e seu último suspiro deve ter soado como uma gargalhada.

O belo céu azul ficou preto, e o último pensamento de Jodi foi: *Queria que Eveline estivesse aqui para me ajudar com*

isso.



Ela a viu de longe, e, como em geral fazia, se manteve distante, assimilando a visão e percebendo o quanto ela tinha mudado. Sempre era um pouco chocante.

Eveline estava envelhecendo. Ainda era bonita, ainda era radiante e todo seu comportamento transmitia vida, entusiasmo e amor. Seus cabelos estavam em boa parte grisalhos, a pele em volta dos olhos e da boca enrugadas por sorrisos. Ela bebericava de uma pequena xícara de café e olhava em torno da cafeteria, o celular com a tela virada para baixo na mesa diante dela. Ao menos cinquenta por cento dos clientes não tiravam os olhos dos seus telefones, os dedos acariciando as telas e jogando a vida deles fora com cliques.

Jodi sabia melhor do que ninguém que cada segundo era precioso. Era por isso que amava tanto Eveline. Feliz ou triste, em movimento ou parada, ela absolvía cada experiência com gosto.

O olhar da velha senhora cruzou com o de Jodi e seguiu em frente. Jodi sorriu. Eveline fez uma pausa e olhou de volta, e pronto. Seus olhares se conectaram, e Eveline refletiu com o próprio sorriso. *Sempre vejo primeiro seus olhos*, disse ela a Jodi certa vez, talvez quarenta anos atrás. *Provavelmente é algo inexplicável, porque nunca são os seus olhos, não do ponto de vista físico, pelo menos. Mas sempre sei que é você.*

Jodi ergueu as sobrancelhas e caminhou na direção de Eveline.

— Quer mais um? — perguntou, indicando a xícara vazia com a cabeça.

— Meu médico me mandou evitar a cafeína.

Jodi sentiu o estômago dar um solavanco. Não gostava da ideia de a velha amiga ficar doente, muito menos envelhecer. Parecia tão injusto.

— Mas ele que se foda — falou Eveline. — Um *flat white*, por favor. E um brownie de chocolate.

Conforme Jodi ia até o balcão, sentiu o olhar da mulher mais velha a seguindo, avaliando-a, assimilando a pessoa que ela se tornou.

— Eu nunca soube onde você tinha ido — disse Eveline quando Jodi retornou à mesa.

— Me desculpe. — Jodi se sentou, colocando uma bandeja com as bebidas e a comida sobre a mesa. Eveline não tirava os olhos dela enquanto Jodi fazia aquilo, como se tivesse medo de que a outra morresse e partisse de novo em segundos. E talvez isso acontecesse. Há muito tempo, Jodi desistira de tentar prever suas mortes vindouras, porque sabia que não havia escapatória.

— Então, onde você...? — perguntou Eveline. Ela nunca aceitou de fato a situação de Jodi. Talvez nem mesmo acreditasse muito bem, porque era ridícula, e improvável, e anormal. Ela via, sentia, entendia, mas deixar que sua mente inteligente aceitasse por completo a natureza de Jodi era dar mais um passo em direção à loucura.

— Uma mulher no vilarejo me matou — respondeu Jodi. — Helen parecia uma senhora boazinha, e todo mundo gostava dela, mas ela tinha essa... predileção. Fiquei fora por mais tempo dessa vez, mas então... — Ela olhou para

baixo, para o seu novo corpo, para a nova mulher que tinha se tornado. — Guatemala. Acidente de carro. Ela foi arremessada do veículo e acertou uma árvore, morrendo na hora. E eu entrei.

— Entrou — disse Eveline. Ela bebericou o café. Estava quente demais, então a mulher segurou a xícara perto da boca e soprou de leve, como se estivesse ansiosa para embaçar a visão diante dela.

— A família dela era bondosa e gentil, mas não fiquei por lá. Estive viajando desde então. Subi a América do Sul, o México, os Estados Unidos. Passei um tempo no Alasca. — Jodi sorriu. — Certa vez, escorreguei, torci o pé e passei uma noite na neve, e achei que tinha chegado a hora. Mas dois caras e seus cachorros me encontraram.

— E demorou tanto tempo para vir me encontrar? — Não havia acusação no tom de Eveline, e nenhuma tristeza também. O relacionamento delas talvez fosse o mais estranho que poderia haver entre duas pessoas. Como não poderia ser? No início, Jodi esperara encontrar outros como ela, passar por eles nas margens da sociedade, reconhecê-los como Eveline a reconhecia toda vez, apenas com uma troca de olhares. Mas ela não encontrou ninguém, e ninguém a encontrou. Há duas vidas, ela parou de procurar. Há uma vida, ela mencionou a ideia para Eveline e a amiga tinha rido. *Você está assistindo à muita televisão*, dissera.

— Sempre parece ser... — falou Jodi.

— Eu conheço os padrões — disse Eveline. — Você me encontra, passamos algum tempo juntas, e então...

— Mas eu não posso deixar de passar tempo com você — disse Jodi. — Você é a única que entende.

Eveline riu.

— E eu não entendo nem um pouco. — Ela ergueu a xícara e a colocou sobre a mesa outra vez. — Vamos. Tenho algo para lhe mostrar.

Elas saíram da cafeteria juntas, de mãos dadas. Podiam ser mãe e filha ou amantes.



— Você o encontrou — disse Jodi.

— Encontrei algumas histórias sobre ele — respondeu Eveline. — As maravilhas da internet.

Jodi não tinha certeza se queria saber. Ela mesma nunca fora procurar, e mesmo mais tarde, quando imaginava que ele deveria estar morto e só sobrara ela para ecoar através dos anos, da morte à vida, da morte à vida novamente, não tivera a inclinação de buscá-lo. Na sua mente, ele tinha sido uma fera aleatória, um homem doente e cruel que errara com ela e que morrera pouco depois.

— Quer ver? — perguntou Eveline. Estavam na casa dela, um chalé pequeno e confortável nos limites de Crickhowell, em Gales do Sul. Tinha uma linda mobília com decorações feitas em casa, e a cozinha era uma bagunça prazerosa de cestas cheias de vegetais da hortinha do jardim, jarros cheios de pickles e *chutneys* e uma bandeja das primeiras frutas da estação. Jodi testemunhara seu crescimento e envelhecimento, entrando e saindo da vida dela diversas vezes no espaço de tempo que compreendia as últimas poucas décadas. Não era justo, ela sabia, mas o amor entre as duas era forte demais para qualquer uma delas ignorar.

Eveline poderia tê-la evitado se assim quisesse. Jodi poderia ter escolhido não retornar. Nenhuma delas fez isso.

O chalé ficava perto do rio, e depois ambas saíam para uma caminhada. Jodi já estivera ali duas vezes antes, em outras vidas. Ainda se lembrava do beijo gelado do rio quando foram nadar na barragem dezessete anos e uma vida inteira atrás.

— Não — falou Jodi. — Acho que não quero ver.

Eveline pareceu chocada e, então, magoada.

— Eu demorei tanto tempo...

Jodi levantou um canto da boca, em um sorriso de desculpas.

— Se é bom para você saber sobre ele, fico satisfeita. Mas passei tempo demais tentando esquecer.

— Ele amaldiçoou você com essa vida.

— Com essas *vidas*, você quer dizer — brincou Jodi, mas Eveline não estava sorrindo.

— Ele morreu nos anos 1930 — disse Eveline. — Era um ocultista renomado. Um líder de culto. Um homem mau e cruel, e há diversos testemunhos sobre abuso, assassinatos e...

— Fiz o meu melhor para esquecer.

— Mas talvez ao saber mais sobre ele, ao analisarmos mais profundamente, isso pode revelar uma maneira de você conseguir mudar as coisas.

Jodi não respondeu. Observou em volta, o olhar repousando em um suporte para garrafas de vinho.

— Que tal levarmos algumas com a gente até o rio?

Eveline suspirou e depois sorriu com gentileza, e, enquanto Jodi escolhia os vinhos, ela se ocupou na cozinha

preparando um piquenique para duas pessoas. Ainda estava quente lá dentro. Quando enfim chegassem ao rio, o sol estaria se pondo nas montanhas galesas, e elas poderiam falar sobre todas as coisas que perderam desde a última vez que se viram.

Pegando uma garrafa e lendo o rótulo, vendo que o vinho tinha sido engarrafado depois de sua última morte e renascimento, Jodi pensou: *Eu não quero mudar nada.*



Três anos depois, uma pedra rolou debaixo do pé de Jodi quando ela e Eveline estavam fazendo trilhas em Snowdonia. Eveline tinha quase setenta anos, mas estava com a mesma forma de sempre, e responsabilizava Jodi por isso; queria manter o mesmo passo que Jodi. A mulher guatemalteca em que Jodi caiu estava no início da casa dos quarenta, e isso dava a Eveline algo para se esforçar.

O pé de Jodi torceu e ela caiu, dando cambalhotas de lado e escorregando por um declive íngreme por quase seis metros. Ela bateu em uma rocha, o que a preveniu de cair ainda mais. Infelizmente, ela acertou a rocha com a cabeça, e morreu no helicóptero de resgate chamado para trazê-la de volta à segurança. Eveline estava ao lado dela — era a primeira vez que testemunhava sua morte — com Jodi recuperando e perdendo a consciência, e, embora o som das hélices girando que entrava pelas portas ainda abertas impedisse qualquer conversa, um olhar entre elas disse tudo.

Eu vou ver você novamente.

Eu vou procurar por você.

O último pensamento de Jodi, enquanto ela entrava na escuridão da qual essa forma dela jamais ia se recuperar, foi: *Só espero que eu ainda tenha tempo.*



Na verdade, ela nunca tinha esquecido o homem que a amaldiçoou. Ele sempre estava lá quando ela renascia, no sangue e na dor, às vezes gritando, às vezes em um corpo sofrendo com convulsões violentas e ferimentos terríveis. A memória da voz dele, do rosto, da petulância e da ira de um homem velho quando ela recusou seus avanços doentios permanecia em Jodi durante o processo de se tornar ela mesma e outra pessoa mais uma vez.

“Você nunca vai morrer”, diz ele.

“Gostaria que você morresse”, responde ela.

“Sou um homem especial. Um homem *maravilhoso*. Você pode ficar ao meu lado, mas escolhe...”

“Exato. Eu escolho. Só não escolho você.”

“Então você... nunca... vai... morrer.”

E, com a ponta de dedo com textura de couro, ele toca suavemente a bochecha esquerda dela. A mulher empurra seu braço e dá um passo para trás. O homem ri.

Ela o deixa para trás, abandona aquele lugar dele, e aquele povo dele, uma comunidade doente de indivíduos de mente fraca — o maior erro de todas as suas vidas — e foge para o sul, na direção de Londres, chegando à cidade algumas semanas depois e se perdendo na atmosfera caótica e esfumaçada. Ela espera nunca encontrá-lo de novo e, por um tempo, não encontra. Não até morrer.

O cavalo e a carroça surgiram do nada e a atropelaram. A escuridão a puxa para dentro de seu frio abraço. O nada. A ausência. Nenhuma experiência, sensação ou memória, e então ela está deitada em uma cama de hospital em um lugar e um corpo que não conhece.

Você nunca vai morrer, escuta ela, e tem uma lembrança daquele velho encarquilhado como uma sombra atrás dela, perpetuando a maldição com que a castigou. Então uma família com rostos surpresos aparece em volta da cama e ela começa uma segunda e confusa vida.

A confusão logo acaba, e fins e começos se tornam parte da existência dela.

As palavras do homem velho foram certas. Através dos anos, Jodi se esforçou para mudar suas palavras de uma maldição para outra coisa.

Ela ainda fica incomodada com o fato de que ele poderia ter sido incrível, mas escolheu ser mau.



Parecia não haver regras que ditassem quanto tempo após sua morte ela voltaria à vida de novo. Às vezes, era quase instantâneo, outras vezes demorava anos. Houvera ocasiões em que demorou um bocado para reencontrar Eveline, em parte por causa do local onde podia renascer — o mais distante de casa tinha sido a Austrália no meio dos anos 1970, quase sete anos após a morte, o mais próximo, apenas a um quilômetro e meio do local em que morrera três dias antes —, mas também porque, de vez em quando, a situação em que ela renascia tornava um retorno imediato difícil. Certa vez, ela foi arrastada de volta à vida no corpo

de uma viciada em drogas que morrera recentemente. Amontoada na umidade fétida de um sofá em frangalhos, rodeada por almas vazias e sem rumo que nem conheciam a pessoa que habitava o corpo antes dela, ela foi esmagada pela agonia urgente do desejo de usar drogas como um carro batendo em um muro. Aquilo a deixou sem fôlego e a agarrou com um punho horrendo; aquela foi a vez em que ela reconheceu de fato a maldição do velho.

Essa nova ressurreição deve ter sido a mais estranha de todas.

Ela sentiu pressão, frio, um abraço abrangente e alguma coisa cutucando seu rosto sem parar. Abrindo a boca para inspirar pela primeira vez nesse corpo, Jodi percebeu, abalada, que aquele talvez fosse seu último suspiro. Não estava exatamente escuro, nem exatamente quieto, e não havia ar ao redor dela.

Alguma coisa bateu no seu ombro, e quando ela se virou para olhar — devagar, empurrando a água que a mantinha nas profundezas —, a coisa encostou de novo no seu rosto, empurrando a cabeça dela para o outro lado, mas de forma gentil, quase afetuosa.

Um som reverberou pelo seu crânio, como um telefone vibrando a distância. Ela procurou pelo corpo com um gesto ridículo. *Pode ser Eveline, eu estou de volta e ela está ligando...*

Ela tossiu a água dos pulmões, expelindo o máximo que podia em uma violenta explosão, e com isso saíram também quaisquer sobras de ar que restaram de sua última respiração.

Minha não, pensou ela. De outra pessoa.

A toninha a empurrou de novo, então colocou seu nariz debaixo do braço dela e a levou na direção da luz.

Jodi olhou para cima. A superfície da água brilhava e ondulava, como um lençol sólido de luz dançando em algum lugar acima dela. Poderia estar a dois metros ou vinte de distância, e se fosse a última opção, essa seria a vida mais curta dela.

Tudo ao seu redor se tornou um borrão. Ela não entrou em pânico, porque momentos antes ela tinha sido nada e agora era algo, e se agarrou a esse milagre.

A toninha a cutucou ainda mais e a pressão de seu nariz debaixo do braço de Jodi quase chegava a doer. Então, ela emergiu e tudo voltou a ela de uma vez: o ar fresco; o calor do sol, que cegou seus olhos já turvos; a dor.

Ela tossiu de novo e de novo e vomitou água do mar, e então rolou sobre si mesma e flutuou de costas. Ela percebia a toninha nadando ao redor e embaixo dela, e a agradeceu mentalmente. Estava sendo embalada por ondas gentis. Olhando para o céu. Ouvindo o som suave da arrebentação quebrando em uma praia próxima.

Eu pulei ou fui empurrada? Estava nadando? Tem alguém na praia me procurando? Estava feliz por estar viva ou desesperada para morrer?

Por alguns minutos, ela se fez aquelas perguntas, mas não sentiu nenhuma urgência para descobrir as respostas. Ela estava viva. Por um tempo, era tudo que importava.



— No início, achei que era um lugar nas Bahamas. O sol estava tão quente, e havia a toninha, e parecia tão...

exótico. Mas então finalmente cheguei à praia. Havia uma pequena pilha de roupas dobrada com cuidado na areia. Era uma praia pequena, uns trinta metros de uma ponta à outra, sem ninguém lá. Imaginei que era um lugar que apenas a mulher que eu tinha sido conhecia, o que me deixou triste. Ela quis ir lá para se matar. Um triste desperdício. Então coloquei as roupas dela e subi pela trilha íngreme do penhasco, e, quando comecei a caminhar para longe da praia, vi uma sinalização na estrada e notei que estava em Cornwall.

— Ahh — suspirou Eveline. Elas estiveram em Cornwall juntas para um fim de semana mais ou menos quarenta anos atrás, quando Jodi vivia em um corpo de uma mulher alta e magra, com apenas um braço. Ela não conhecia a história da antiga inquilina. Nunca tentou descobrir, porque aquilo tornaria o afastamento da sua antiga vida bem mais difícil. E ela sempre se afastava. Nunca conseguia fingir para os entes queridos ou filhos.

Ela sempre disse a Eveline que aquela era a verdadeira maldição. Poder acabar partindo o coração dos outros com sua ressurreição. Jodi fazia seu melhor para se mudar o mais rápido possível, mas nem sempre conseguia. Rostos tristes e confusos assombravam seu sono. Lágrimas a seguiam de uma vida para a outra.

— E assim que vi em que dia estávamos, vim direto ver você.

Elas estavam sentadas no jardim do chalé de Eveline. Não está tão bem-cuidado agora, com canteiros grandes demais, arcos de rosas se dependurando pesadamente com belas flores grandes, arbustos que precisavam ser podados. O

jardim tinha se tornado selvagem, e Eveline dizia que gostava dele assim. Zumbia com inúmeras abelhas, e Jodi lembrou daquele momento no vilarejo com a cadelinha roendo sua mão e uma mulher louca conversando com ela enquanto ela morria. Pássaros brincavam na macieira. Borboletas tremulavam aqui e ali, arcos-íris dançando sob o sol.

— Eu... posso ter encontrado uma maneira de você... escapar — disse Eveline. Era mais do que Jodi a tinha ouvido falar desde o seu retorno, dois dias atrás. Ela era uma mulher bem idosa agora, com quase um século de idade, e seu corpo estava cedendo aos poucos. Não a mente, porém. Sua mente continuava nova, como se tivesse passando pela própria renovação pessoal com o reaparecimento de Jodi.

— Como assim? — perguntou Jodi. Ela tremeu. A ideia de escapar de sua existência a incomodou por um tempo, quando tudo aquilo começou. Mas pelos últimos cinquenta anos, Jodi mal pensou no assunto.

— Eu pesquisei sobre ele — disse Eveline. — Toda a minha vida. Todas as suas vidas. E pode haver uma maneira. Tudo que você tem que fazer é voltar para aquele lugar, a biblioteca dele ainda está lá na velha mansão, e procurar...

— Não — falou Jodi, e Eveline ficou em silêncio, respirando ruidosamente como se tivesse acabado de voltar de um longo passeio. Ela se acomodou na cadeira reclinada, parecendo feliz por não ter mais lugar nenhum para onde ir. — Respire fundo.

— Mas eu posso... te ajudar.

— Você sempre me ajudou. Sempre. — Um melro cantou na árvore no fim do jardim, sua música rica em tons

deliciando o ar. Ela se lembrava de Eveline chamando a melodia de jazz da natureza. — E eu não quero mudar. Ele pensou que tinha me amaldiçoado, e, por um tempo, amaldiçoou mesmo. Ainda há momentos em que... — Ela balançou a cabeça, tentando afastar os rostos tristes e as lágrimas dos familiares que não conhecia.

Eveline esticou o braço e pegou sua mão. Ela não era forte, mas ainda assim apertou firme.

— Você quer me perder? — perguntou Eveline.

— Vou te perder de qualquer maneira. — Jodi sentiu lágrimas nas bochechas. — Mas fui a pessoa viva mais sortuda de todas, em qualquer vida, por poder conhecer você por tanto tempo. E eu venci a maldição dele. Passei por tanta coisa que ele nunca passou. Pense em tudo que eu vi e fiz, todas as experiências que tive, boas ou ruins. Ele perdeu tudo isso. Minhas vidas acabaram compensando pela pequena existência miserável dele.

— Mas você continua morrendo. A dor, o sofrimento...

— São inevitáveis. O amor, não. — Ela ergueu a mão de Eveline e a beijou, então ambas se sentaram juntas, viram o sol brilhando através das folhas remexidas pela brisa e ouviram as abelhas fazendo seu trabalho.

— Eu me pergunto de quantas abelhas você precisa para salvar o mundo — disse Jodi.

— Sua boba — falou Eveline. E ela riu.

A GAROTA QUE VEIO DO INFERNO

MARGO LANAGAN

O rododendro invade áreas tanto vegetativamente quanto através de sementes [...] Uma única planta pode acabar cobrindo muitos metros de solo com galhos grossos entrelaçados e impenetráveis [...]. Novas mudas não podem se estabelecer embaixo dessa cobertura sem sol. [01]

Luar de quase meia-noite. A casa parece ainda mais próxima do colapso. O jardim é só blocos e ameias de lixo, explosões congeladas de molas de colchões, o barracão quebrado fazendo jorrar jornais, garrafas e jarros em uma queda cintilante de caixas destruídas pela chuva, mais geladeiras e fogões que uma velhinha poderia ter usado uma vida inteira.

A jovem Agnes parou para recuperar o fôlego na sombra fraca daquela árvore gentil. A raiva que a tinha trazido para cá diminuía e se acalmara, toda aquela corrida havia colocado um fim nela. O ar frio deixa o rosto e as mãos com uma sensação boa. A calça e a bainha da camiseta estão geladas, pesadas com a umidade.

Ela coloca a bolsa no chão e, de dentro dela, pega o saco com cinzas e terra.



Aquela outra casa, grande e limpa, com os jardins bem-cuidados, arbustos podados para ficar no formato da lua minguante, uma hortinha de inverno nos fundos. O cachorro que vai pular bem em cima dela agora, se mexendo todo, muito amigável. Will a levou até o armário das louças, bufadas e a cauda se mexendo sem parar enquanto ela pega o pão e o queijo. Will no ombro dela conforme ela mexe no que restou do fogo.



Ela bloqueia a tranca do portão e segue em frente. A velha — sua avó, que choque — vai estar na cozinha, planejando e andando de lá para cá. Seu problema era um inseto, lá no alto, na parte de trás do cérebro de Agnes.

Agnes começa no que sobrou do caminho, pela escada empenada do alpendre. Ela deposita as cinzas de acordo com o que sente, mantendo a linha sem falhas. É um trabalho delicado manter a linha através das ervas que nascem entre o lixo e em cima das pilhas de molas de colchão, mas ela vai fazer o que for necessário. Seus tênis passam pela grama, suas mangas sussurram pela beirada de um fogão, a brisa respirando vez ou outra no ouvido dela. Tudo isso conspirou a seu favor. Eles fazem parte do segredo.

Ah, alguém suspira. Pensei ter ouvido um rato rastejando.

A gata está na janela. A cara dela parece ainda mais um crânio sob a luz da lua. Seu único olho bom a encara de cima, grande e preto.

Sorte sua eu ser velha e preguiçosa.

Ela a observa passando, as cinzas e, às vezes, a terra caindo dos dedos.

Sorte sua eu não ligar para nada. E ficar impressionada com tudo.



Os dentes dela pegando sua mão. Seu olho rolando até ela, na boca um sorriso. Risada de gata, resmungo de gata. O furico da gata a precedendo nos destroços do jardim, uma estrela cor-de-rosa enrugada embaixo do rabo esticado.



O jardim nos fundos é mais selvagem, com mais ervas. Aromas de planta eram liberados conforme ela passava. Os pés da velha ficam confusos e param nas tábuas do chão da cozinha. Recipientes fazem barulhos diversos. A própria casa é um caldeirão, seu fervor mágico em uma das beiradas. As cinzas estão desenhando uma linha em volta, sua última. Logo, logo ela vai acordar; logo, logo ela vai ver o que trouxe para sua vida.



Foi aí que percebi, disse a mãe. Caminhando no riacho e indo dormir. Caminhando na direção contrária, e lá estava de novo. Nadando, afastando as plantas, em qualquer sentido. Eu só podia chegar até um lugar, aí a mãe dele me fez desaparecer.



No meio do caminho, Agnes faz uma pausa para olhar para cima e respirar. Isso vai custar tudo que ela tem — então não deve se apressar. O cabelo arrepiado da velha, que mais parece uma massa peluda, se move um pouco para a esquerda, e então mais para a direita, como um pequeno animal sarnento no peitoril da janela. A luz amarelada das lâmpadas da cozinha vazia mancha as pilhas de coisas que se acumulam debaixo da janela. Debaixo do telhado único, a lua, com sua cara marcada, limpa o céu gelado. Seus fios e seus dedos estão em todo lugar. Eles são o que Agnes está reunindo para fazer aquilo acontecer.



Não faça nenhuma loucura...

A voz da mãe desaparecendo quando ela vai longe demais e começa a dormir.

Mas como ela podia contar a Agnes tudo aquilo e ainda esperar que ela *ficasse*? Ficar sentada lá no inferno com ela, presa e estrangulada?

Loucura é a única coisa que existe. Loucura é a única coisa sensível a ser feita.



Volte. Às vezes, a loucura precisa ser metódica, se você quiser que funcione. Ela requer silêncio, concentração, os ingredientes corretos e o entrelaçamento e afunilamento certos da lua, para estabelecer um limite como aquele. O

desastre deve crescer do chão. Agnes está sentindo seu caminho adiante através da inovação e da retidão, *mantendo* o caminho certo, mão cheia atrás de mão cheia do material macio e frio, centímetro por centímetro gotejado.

Quando o anel se completa, ela sente um arrepio na espinha, até a nuca e além, fazendo cócegas nas suas sobrancelhas enquanto ela corre até a árvore, até a bolsa. Ela tira a trança sedosa e escura, a barba mais áspera, faz um nó com as pontas de um e desenrola o outro. Ela os espalha pela bolsa achatada e os mistura, dando outro nó para juntá-los. O fio precisa ser fortalecido primeiro, e então enrolado em um cone. Ela abre os cabelos sobre aquilo com as pontas arrepiadas no topo.



O cabelo da mãe é como água preta derramada atrás da cabeça e dos ombros dela, escorrendo pelas costas. No sol, fios soltos mostram todo o inferno, flutuando, não importa se ela os bagunçou ou nadou. *Corte fora*, diz ela quando Agnes traz a tesoura para casa. *Pode cortar tudo fora. É só mais uma armadilha, uma prisão.*

E então elas não podem queimar, ou enterrar, ou jogar no vento ou na água. É muito estranho, muito mãe. Tem um poder nele, assim como há um poder em Agnes, sem voz, adormecido.

Agnes o separa com a tesoura e os outros tesouros. A mãe a observa, acariciando o novo cabelo, que é todo curto e macio, como as penas do peito de um pássaro.



Ela desenrosca a tampa do jarro de água do rio e pega o pão e o queijo da casa boa. Uma casca do pão vai servir. Ela a joga nele. Um pedaço do queijo. Ela come o restante rápido, para lhe dar forças, quando em geral ela se demora sobre eles, meditando sobre seus sabores, seu custo, seus significados impossíveis.



Escondida dentro do arbusto podado, observando a mulher caminhar até o armário de louças — sua *avó*, outra! Que com certeza sabe que Agnes está aqui, pela maneira que olha ao redor, pela maneira que a chama — *Gatinha? Gatinha?* Sabe, mas não sabe, então deixa a comida e volta para o caminho, procurando na noite. Amanhã ela vai saber. Amanhã, a mãe e Agnes vão andar direto pelo caminho da frente, sem se esconder.

Ah, e o *pai*, ela começa a pensar. Ela vai ter um pai amanhã também. Ela se maravilha com aquela ideia, lá entre as folhas.



Ela pega a faca e o pedaço de inferno retorcido e o corta de volta para onde ele vai manter o equilíbrio no jarro. Ela coloca duas das folhas extras no cone de cabelo e barba. Em volta dela, através e além da sombra da árvore, a lua está derramando sua luz; um fio dela está movendo por seu braço como a dor, e ela deve respirar, respirar, se preparar

para entrar novamente. Está tão perto. Vai acontecer logo. Está vindo para ela, rápido e dramático.

Ela fica de pé, cone de cabelo em uma das mãos, jarro na outra. Segue através do portão-vão, pelo caminho. A casa tinha sido silenciada pelas cinzas, mas no momento que ela cruza a linha, sente o pote borbulhando, a velha envolvida nos seus rituais, a gata observando do peitoril, através de todas as paredes e do tesouro que há entre elas.

Ela coloca o jarro no chão, pega um isqueiro de plástico do bolso, acende-o, mantém a armadilha aberta com um elástico. Coloca-a com cuidado na tábua mais plana do alpendre, centralizada na porta da frente. Leva o cone consigo.

Fedor imediato. A ponta do cabelo agrupado pega fogo por um instante, as chamas se contorcendo e desaparecendo. A dor e o cheiro horrível ficam presos na garganta de Agnes. Ela recua, tossindo rápido pela casa com o jarro.

A gata a observa. A gata sempre soube. A gata não disse nada a ela, só esperou para aquilo vir até a casa, até ela. A gata é velha, cravejada com pequenos cânceres e manchas nas costas. Seu olho preto e seu olho branco conseguem vê-la igualmente bem.

Que catanga, diz. Ela vai sentir o cheiro a qualquer momento. Aí o jogo vai começar.

Agnes cruza a linha, coloca os pés ao lado da caldeira de bronze. Equilibrando-se na parede com a pintura descascando, na ponta dos pés, coloca o jarro no peitoril ao lado da gata, onde ele pode acabar caindo de qualquer maneira. Cabe à gata fazer o que diz que não vai fazer. De

se importar de uma maneira ou de outra. De decidir o quanto deve à avó.

Da cozinha, uma exclamação. Atenção de bruxa, como raios. O jogo começou.

Agnes dá um pulo. Ainda dentro da linha, para e olha para trás.

A gata boceja, sua língua uma folha enrolada e úmida iluminada pela lua. O jarro também brilha, e o rododendro se espalha. Visto assim, juntos, eles são claramente parte da mesma família de magia.

A voz da avó está vociferando feitiços pelo corredor. Agnes tem uma coisa na ponta dos dedos para isso, no lábio, algo abafado e sufocante. Ela conhece bem a estrangulação.

A gata-crânio continua observando. Passos no corredor.

Mas o corredor está uma zona, assim como todos os outros cômodos da casa. Você precisa superar as barreiras, passar por brechas apertadas, empurrar montes de lixo para os lados. As folhas em combustão, o clarão do cabelo e o lamento no alpendre. O medo da bruxa tem cheiro de uma fogueira depois de garotos mijarem nela. Ele flutua pelas paredes como vento. Agnes sussurra para a explosão. A gata observa como uma estátua de gato.

E no momento em que a avó alcança a porta, lutando com a tranca, a pata magricela da gata se move vagarosamente debaixo de seu peito e bate no jarro do peitoril.

Para dentro da casa.

Água e vinhas alcançam os joelhos de Agnes. Ela se joga por cima da linha, para fora do anel. Escurecida pela luz da lua, surgindo com troncos que engrossam e dão folhas e

flores, a água ressoa para cima, um cilindro brilhante de ondas delimitado pelas boas cinzas, pela boa terra. Lá no alto, ele se movimenta e lava e movimenta as folhas.

Agnes rasteja e corre próxima à parede de sua criação, até o caminho onde está a árvore e a sombra nas suas costas, uma amiga próxima. A exaustão está vindo até ela, cavalgando nas ondas de sua criação adiante. Dentro de algum lugar dela, a velha se esforça e lança feitiços, mas seus encantamentos estão mutilados, quebrados, seus membros presos pelos caules, a água mágica se forçando por sua garganta até os pulmões.



O barco, o rio, a lua lua lua. Pulando de um lugar para outro e através da água da lua enquanto ele vira o barco talvez pela milésima vez. Cercando-o por todos os lados como um abraço, mas com uma faca, uma faca de pedaço da lua nela. Balançando com ele conforme rema, presa na remada para que ele não possa se livrar dela. Pegando a barba dele, balançando para trás, cortando. Sussurrando no ouvido dele: *Eu vou colocar um fim nisso!* Beijando sem parar sua bochecha molhada, ainda com raiva, sem conseguir dizer: *Pai*. Pulando de volta, a água agarrando sua cintura, puxando suas pernas. Lutando para chegar à margem...



A casa fica em silêncio. As proteções se esgotam. A água perde a força, os ramos do feitiço do inferno caem com ela, secando, morrendo. Todos os cheiros naturais, de rio e de

rododendro, evaporam. Os fios da lua, os fios das estrelas ficam fracos e frouxos. A casa está viscosa de magia, pantanosa por dentro, um resultado encharcado. E então volta ao seu estado normal, seca, se desintegrando. O cone de cabelos está sozinho no alpendre, a chama do isqueiro dentro dele, pequena, brilhante, leal, entre as cinzas de folhas e restos de cabelo. A porta está parcialmente aberta, impedida de ser fechada por uma pilha de listas telefônicas. Além dela, nada, nenhum caldeirão em ebulição, nenhuma atenção vacilante. Tesouro escondido, espaço morto.



Você só pode estar brincando!, diz a mãe. Todos esses anos, remando de lá para cá? O próprio filho dela? E eu aqui pensando que ela só tinha me enfeitiçado. Que ele fora poupado, que havia seguido em frente e constituído família. Outra família, eu quero dizer. Ele não sabia que já tinha uma, não é? Eu não sabia quando ela me colocou aqui.

Me conta tudo desde o início, diz Agnes. Não estou entendendo nada.



Agnes se abaixa na borda do alpendre, esvaziada, sem amarras. Espera para saber o que fazer a seguir. Se é que há algo para ser feito.

Uma boca se abre em um *miau* silencioso. Pelo se esfregando na madeira cheia de farpas. Uma gata, jovem e tigrada, corre para longe através do portão e pelo caminho,

faz uma pausa para cheirar as cinzas úmidas gastas e ergue dois olhos pretos para encará-la.

Eu nunca tinha me afogado antes, diz ela. É muito bom. Quase não faz bagunça.

Dá um passo atrás, senta-se e coloca a cauda entre as patas.

E lá elas esperam pelos outros, que virão, do rododendro e do rio. Que ainda vão encontrar na trilha iluminada pela lua. Que vão subir a colina até a casa juntos, de mãos dadas.

O CASTELO DESPERTANDO

JANE YOLEN

Há um tremor na fundação do castelo
O espinheiro estremece e cai, derrubado pelo
fim da
[maldição.
O gavião no chão se mexe, uma tragédia
evitada,
Penas tremendo como se sopradas por um vento forte.

Moscas começam a zumbir, como brinquedos de corda,
Embora estes ainda não tenham sido inventados.
Os guardas do palácio entram em posição de sentido,
[estão atentos.

Não há menção a uma dívida de magia.

A colher de pau do cozinheiro desce de repente
Sobre os ombros de seu jovem ajudante.
A rainha se espreguiça de forma graciosa, o rei faz rugir
um

[palavrão.
É como se momentos, e não séculos, estivessem aqui.

Apenas na torre, uma quietude — tão incomum quanto o
[amor —

Invade o cômodo. Com medo de ter cometido um erro,

Ela hesita, olha em volta, respira fundo,
E enche o espaço com deslumbres.

SOBRE OS AUTORES

Jane Yolen, considerada pela revista *Newsweek* como a “Hans Christian Andersen dos Estados Unidos”, é autora de mais de 382 livros, que vão desde obras infantis até de poesia, romances, culinária, coletâneas, graphic novels, não ficção e até uma biografia em verso sobre sua família imigrante. Ela mora na Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, e também em St Andrews, na Escócia. Escreve um poema por dia e o envia para mais de mil assinantes. Saiba mais sobre Jane em janeyolen.com.

Christina Henry é autora de *The Girl in Red*, *The Mermaid*, *Lost Boy*, *Alice*, *Red Queen* e dos sete livros da série de fantasia urbana *Black Wings*. Ela gosta de correr por longas distâncias, ler qualquer coisa em que consegue colocar as mãos e assistir a filmes com samurais, zumbis e/ou lendas em seu tempo livre. Ela mora em Chicago com o marido e o filho. Você pode encontrá-la on-line em christinahenry.net, facebook.com/authorChristinaHenry, twitter.com/C_Henry_Author e goodreads.com/CHenryAuthor.

Neil Gaiman é autor best-seller do *New York Times* e escreve livros, graphic novels, contos e roteiros para cinema e televisão voltados para todas as idades, incluindo *Mitologia nórdica*, *Lugar nenhum*, *Coraline*, *O livro do cemitério*, *O oceano no fim do caminho*, *The View from the Cheap Seats* e a série de quadrinhos *Sandman*. Sua obra já

recebeu prêmios como a Newbery, a Carnegie, o Hugo, o Nebula, o World Fantasy e o Will Eisner. Ele foi roteirista e *showrunner* da minissérie que adaptou *Belas maldições*, baseada no livro que escreveu em parceria com Sir Terry Pratchett. Em 2017, se tornou embaixador do ACNUR, a agência de refugiados das Nações Unidas. Nascido na Inglaterra, mora hoje nos Estados Unidos, onde é professor na Bard College. Visite-o em neilgaiman.com.

Catriona Ward nasceu na cidade de Washington e cresceu nos Estados Unidos, no Quênia, em Madagascar, no Iêmen e no Marrocos. Estudou Inglês no St Edmund Hall, em Oxford, e é mestra em escrita criativa pela University of East Anglia. Seu livro de estreia, *Rawblood* (W&N, 2015), ganhou o prêmio de Melhor Livro de Horror da edição de 2016 do British Fantasy Awards e foi indicado ao Melhor Livro de Estreia pelo Author's Club. Seu segundo livro, *Little Eve* (W&N) ganhou o Shirley Jackson Award e foi indicado pelo jornal *Guardian* como um dos melhores livros de 2018. Ela mora em Londres e Devon. Você pode seguir Catriona no Twitter: @Catrionaward.

Jen Williams é autora de fantasia de Londres. Fã de dragões e piratas desde a mais tenra idade, hoje em dia escreve épicos fantásticos centrados nos personagens com um olhar feminista e diálogos rápidos. A trilogia *The Copper Cat* foi indicada ao British Fantasy Award várias vezes, e *The Ninth Rain*, primeiro volume da trilogia *Winnowing Flame*, ganhou o prêmio de Melhor Livro em 2018. Quando não está apertando os olhos em direção a telas de notebooks, é também vendedora de livros e copidesque, e é cofundadora

do Super Relaxed Fantasy Club, grupo que faz reuniões sociais todo mês. Jen ama animações de todos os tipos, assim como videogames complicados demais, e mora com seu parceiro e seu gato ridiculamente pequeno na sua parte favorita de Londres. Ela está quase sempre no Twitter sob a arroba @sennydreadful.

M.R. Carey é roteirista indicado ao BAFTA, autor e escritor de quadrinhos. Nascido em Liverpool, trabalhou como professor por quinze anos antes de se demitir para escrever em tempo integral. Escreveu o roteiro da adaptação cinematográfica de seu livro, *A menina que tinha dons*. Produzido no Reino Unido pela Warner Bros., o filme abriu o festival de Locarno em 2016 e foi lançado posteriormente no mundo inteiro. M.R. trabalhou por muito tempo com quadrinhos, com arcos aclamados pela crítica de *Lúcifer*, *Ultimate Quarteto Fantástico* e *X-Men*. Sua série de quadrinhos *O inescrito* apareceu diversas vezes na lista de graphic novels mais vendidas do *New York Times*. É também autor dos livros de Felix Castor e (com sua esposa Linda e sua filha Louise) de dois livros de fantasia, *The City of Silk and Steel* e *The House of War and Witness*, publicados no Reino Unido pela Victor Gollancz, e nos Estados Unidos, pela Chizine Press. Sua obra mais recente, lançada tanto no Reino Unido quanto nos Estados Unidos em novembro de 2018, é *Someone Like Me*, um thriller psicológico com toques sobrenaturais. Siga Mike no Twitter: @michaelcarey191.

James Brogden é autor de terror e fantasia sombria. Australiano em meio período, ele cresceu na Tasmânia e nas

fronteiras de Cúmbria, e desde então escapou dos subúrbios e agora mora com a esposa e as duas filhas nas Terras Médias, onde ensina inglês. Quando não está escrevendo ou ensinando, em geral pode ser encontrado no topo de uma montanha, mexendo em círculos de pedra ou túmulos antigos. Ele também é dono de mais Legos do que é estritamente necessário. Seus contos apareceram em várias coletâneas e periódicos, desde *The Big Issue* até a premiada Alchemy Press, da British Fantasy Society. *Hekla's Children*, *The Hollow Tree* e *The Plague Stones* foram publicados pela Titan Books, assim como *Bone Harvest* em maio de 2020. Textos de sua autoria aparecem de forma não muito frequente em jamesbrogden. blogspot.co.uk e tuítes em @skippybe.

Maura McHugh mora em Galway, na Irlanda, e já escreveu três coletâneas: *Twisted Fairy Tales* e *Twisted Myths* — publicados nos Estados Unidos — e *The Boughs Withered (When I Told Them My Dreams)* pela NewCon Press, no Reino Unido. Já escreveu quadrinhos para a Dark Horse, IDW e *2000 AD*, e também é dramaturga, roteirista e crítica. Sua monografia sobre o filme de David Lynch, *Twin Peaks: Fire Walk With Me*, foi indicada ao British Fantasy Award por Melhor Não Ficção. Seu site é o splinister.com e seu Twitter é @splinister.

Karen Joy Fowler é autora de seis livros, incluindo *Sarah Canary*, que ganhou a medalha Commonwealth por melhor romance de estreia por um californiano ou californiana e *O clube de leitura de Jane Austen*, best-seller do *New York Times*. Além destes, lançou também três coletâneas, duas

das quais ganharam o World Fantasy Award em seus anos de publicação. Sua obra mais recente, *We Are All Completely Beside Ourselves*, foi publicada pela Putnam em maio de 2013. Atualmente, vive em Santa Cruz e está trabalhando em um romance histórico. Descubra mais sobre Karen em karenjoyfowler.com.

Christopher Golden é autor best-seller do *New York Times* e vencedor do Bram Stoker Award por romances como *Ararat*, *The Pandora Room*, *Snowblind* e *The Ocean Dark*. É coautor, junto com Mike Mignola, de duas séries cult de quadrinhos: *Baltimore* e *Joe Golem: Occult Detective*. Como editor, trabalhou nas coletâneas *Seize the Night*, *Dark Cities* e *The New Dead*, entre outras, e também escreveu e coescreveu quadrinhos, videogames, roteiros e um piloto para uma série de televisão. Em 2015, fundou o popular Merrimack Valley Halloween Book Festival. Nasceu em Massachusetts, onde ainda vive com a família. Seu trabalho já foi indicado para o British Fantasy Award, o Eisner Award e diversos Shirley Jackson Awards. Por favor, visite-o em christophergolden.com.

O último livro de Charlie Jane Anders é *The City in the Middle of the Night*. Ela também é autora de *Todos os pássaros no céu*, que ganhou o Nebula, a Crawford e o Locus, e *Choir Boy*, que ganhou o Lambda Literary Award. Além de um romance chamado *Rock Manning Goes For Broke* e uma coletânea chamada *Six Months, Three Days, Five Others*. Seus contos de ficção apareceram em *Tor.com*, *Boston Review*, *Tin House*, *Conjunctions*, *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, *Wired Magazine*, *Slate*,

Asimov's Science Fiction, *Lightspeed*, *ZYZZYVA*, *Catamaran Literary Review*, *McSweeney's Internet Tendency* e diversas outras antologias. Sua história "Six Months, Three Days" recebeu o Hugo, e sua história "Don't Press Charges And I Won't Sue" foi premiada com o Theodore Sturgeon Award. Charlie Jane também organiza a série de leituras mensais em Writers With Drinks e coapresenta o podcast Our Opinions Are Correct com Annalee Newitz. Siga Charlie Jane no Twitter: @charliejane.

Michael Marshall Smith é romancista e roteirista. Sob este nome, já publicou noventa contos e cinco livros — *Only Forward*, *Spares*, *One of Us* e *The Servants* — ganhando os prêmios Philip K. Dick, International Horror Guild e August Derleth, além do Bob Morane, na França. Recebeu o British Fantasy Award por Melhor Conto quatro vezes, mais do que qualquer outro autor. Em 2017, publicou *Hannah Green and her Unfeasibly Mundane Existence*. Como Michael Marshall, já escreveu sete thrillers best-sellers internacionais, incluindo a série *The Straw Men*, *Intruders* — recentemente adaptada pela BBC America, estrelando John Simm e Mira Sorvino — e *Killer Move*. Seu romance mais recente sob este nome é *We Are Here*. E, sob o nome Michael Rutger, publicou em 2018 o thriller de aventura *The Anomaly*. A sequência, *The Possession*, foi lançada em 2019. Atualmente, está se preparando para ser roteirista e produtor executivo da adaptação televisiva de *The Straw Men*. Também é consultor criativo para a The Blank Corporation, a produtora de Neil Gaiman. Mora em Santa Cruz, Califórnia, com a esposa, o filho e dois gatos. Saiba mais sobre Michael em michaelmarshallsmith.com, sobre

seus e-books em ememess.com, e siga-o no Twitter (@ememess) e no Instagram (@ememess).

Adam Stemple (adamstemple.com) é autor, músico, web designer e jogador de cartas profissional. Escreveu nove romances, incluindo *Pay the Piper* (com Jane Yolen), ganhador do Locus de 2006 por Melhor Livro YA. Sobre seu romance solo de estreia, *Singer of Souls*, Anne McCaffrey disse: “Um dos melhores livros de estreia que já li.”

Angela Slatter é autora da série sobrenatural de crimes Verity Fassbinder (*Vigil*, *Corpselight* e *Restoration*) assim como nove coletâneas, incluindo *The Bitterwood Bible and Other Recountings* e *A Feast of Sorrows: Stories*. Tem mestrado e Ph.D. em Escrita Criativa. GANHOU o World Fantasy Award, o British Fantasy Award, o Ditmar Award, o Australian Shadows Award e seis Aurealis Awards; seu romance de estreia foi indicado ao Dublin Literary Award. Suas obras já foram traduzidas para o francês, chinês, espanhol, japonês, russo e búlgaro. Os direitos de seu conto “Finnegan’s Field” foram vendidos para o cinema. O site de Angela é angelaslatter.com.

Lilith Saintcrow mora em Vancouver, Washington, com duas crianças, dois cachorros, dois gatos e uma biblioteca de livros rebeldes. Você pode encontrá-la em lilithsaintcrow.com.

Christopher Fowler é ganhador de vários prêmios e autor de quase cinquenta romances e coletâneas, incluindo os mistérios de Bryant & May. Algumas de suas obras são *Roofworld*, *Spanky*, *Psychoville*, *Calabash* e dois volumes de

memórias, *Paperboy* (ganhador do primeiro Green Carnation Prize) e *Film Freak*. Em 2015, recebeu o CWA Dagger in the Library pelo conjunto de seu trabalho. Entre seus livros mais recentes estão *The Book of Forgotten Authors* e *The Lonely Hour*. Descubra mais sobre Christopher em christopherfowler.co.uk.

O último livro de Alison Littlewood é *Mistletoe*, uma história de fantasmas passada no inverno. Seu livro anterior, *The Crow Garden*, fala sobre obsessão em cenários como hospícios vitorianos e sessões espíritas. Alguns de seus outros livros são *A Cold Season*, *Path of Needles*, *The Unquiet House* e *The Hidden People*. Os contos de Alison já foram escolhidos para diversas antologias de Melhores do Ano, e ela recebeu um Shirley Jackson Award por Conto de Ficção. Alison mora em Yorkshire, na Inglaterra, em uma casa com portas que rangem e paredes tortas, com seu parceiro Fergus, dois dálmatas muito entusiasmados e uma coleção cada vez maior de canetas-tinteiro. Visite-a em alisonlittlewood.co.uk.

Tim Lebbon é autor best-seller do *New York Times*. É de Gales do Sul. Até agora já publicou mais de quarenta romances, assim como centenas de contos. Seu lançamento mais recente é *The Edge*, o último livro da trilogia *Relics*. Outros lançamentos incluem *The Silence*, *The Family Man*, a trilogia *The Rage War* e *Blood of the Four*, com Christopher Golden. Ganhou quatro British Fantasy Awards, um Bram Stoker Award e um Scribe Award, e já foi finalista dos prêmios World Fantasy, International Horror Guild e Shirley Jackson. Seu trabalho já apareceu em diversas antologias de

Melhores do Ano, assim como Melhor Horror do Século. O filme *O silêncio*, estrelando Stanley Tucci e Kiernan Shipka, estreou na Netflix em abril de 2019, e *Regresso do mal*, estrelando Nicolas Cage, foi lançado no Dia das Bruxas de 2015. Diversos outros projetos estão em desenvolvimento para a TV e para o cinema, incluindo os roteiros originais como *Playtime* (com Stephen Volk) e *My Hunted House*. Descubra mais sobre Tim em seu site: timlebbon.net.

Margo Lanagan publicou dois romances de fantasia sombria (*Tender Morsels* e *The Brides of Rollrock Island*) e sete coletâneas, mais recentemente *Singing My Sister Down and Other Stories*, *Phantom Limbs* e *Stray Bats* pela Small Beer Press. Colaborou com Scott Westerfeld e Deborah Biancotti na trilogia YA best-seller do *New York Times*, *Zeroes*. Seu trabalho lhe rendeu quatro prêmios World Fantasy, nove Aurealis e cinco Ditmar, e ela já foi indicada aos prêmios da British Science Fiction Association e da British Fantasy, além do Nebula, do Hugo, do Bram Stoker, do Theodore Sturgeon, do Shirley Jackson, do International Horror Guild e de Seiun. Figurou por duas vezes na lista honorária de James Tiptree Jr. Seus livros e suas histórias já foram traduzidos para dezenove idiomas. Margo mora em Sydney, na Austrália. Você pode segui-la no Twitter: @margolanagan.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marie O'Regan é autora e editora, indicada três vezes ao British Fantasy Award. Mora em Derbyshire. Sua primeira coletânea, *Mirror Mere*, foi publicada em 2006 pela Rainfall Books; sua segunda, *In Times of Want*, saiu em setembro de 2016 pela Hersham Horror Books. A terceira, *The Last Ghost and Other Stories*, foi publicada pela Luna Press em 2019. Seus contos já apareceram em diversas revistas do gênero e antologias no Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Itália e Alemanha, incluindo *Best British Horror 2014*, *Great British Horror: Dark Satanic Mills* (2017) e *The Mammoth Book of Halloween Stories*. Seu romance *Bury Them Deep* foi publicado pela Hersham Horror Books em setembro de 2017. Foi indicada para o British Fantasy Award por Melhor Conto em 2006 e por Melhor Antologia em 2010 (*Hellbound Hearts*) e 2012 (*Mammoth Book of Ghost Stories by Women*). Suas obras jornalísticas sobre o gênero apareceram em revistas como *The Dark Side*, *Rue Morgue* e *Fortean Times*, e seu livro de entrevistas de figuras proeminentes no horror, *Voices in the Dark*, foi lançado em 2011. Um ensaio sobre o filme *A troca* foi publicado no livro *Cinema Macabre*, da OS Publishing, editado por Mark Morris. Ela é coeditora dos livros best-sellers *Hellbound Hearts*, *Mammoth Book of Body Horror*, *A Carnivàle of Horror — Dark Tales from the Fairground*, *Exit Wounds* e *Wonderland*, além de editora do best-seller *The Mammoth Book of Ghost Stories by Women* e *Phantoms*. Ela é copresidente da UK

Chapter of the Horror Writers' Association e, no momento da publicação de *Maldição*, estava organizando a StokerCon UK, a prestigiosa convenção da Horror Writers Association's. Marie é representada por Jamie Cowen da The Ampersand Agency.

Paul Kane é autor e editor premiado e best-seller de mais de noventa livros — incluindo a trilogia *Arrowhead* (reunida no omnibus esgotado *Hooded Man*, sobre uma versão pós-apocalíptica de Robin Hood), *The Butterfly Man and Other Stories*, *Hellbound Hearts*, *The Mammoth Book of Body Horror* e *Pain Cages* (best-seller número um na Amazon). Seus livros de não ficção incluem *The Hellraiser Films and Their Legacy* e *Voices in the Dark*, e seu jornalismo voltado para o tema já apareceu em veículos como *SFX*, *Rue Morgue* e *DeathRay*. Já foi convidado no Alt.Fiction cinco vezes, foi convidado no primeiro SFX Weekender; no Thought Bubble de 2011; no Derbyshire Literary Festival e no Off the Shelf de 2012; no Monster Mash e no Event Horizon de 2013; no Edge-Lit de 2014 e de 2018; na HorrorCon, no HorrorFest e no Grimm Up North de 2015; no Dublin Ghost Story Festival e no Sledge-Lit de 2016; no IMATS Olympia e no Celluloid Screams de 2017; além do Black Library Live e do UK Ghost Story Festival de 2019, assim como participou de painéis na FantasyCon e na World Fantasy Convention, e foi jurado de ficção no festival Sci-Fi London. Ex-editor da British Fantasy Society Special Publications, atualmente é copresidente da UK chapter of the Horror Writers' Association. Os direitos de seu trabalho já foram comprados e adaptados para o cinema e a televisão, incluindo alguns dos principais canais de TV

americanos, e seu trabalho com áudio conta com a adaptação dramática de *The Hellbound Heart* para a Bafflegab, estrelando Tom Meeten (*The Ghoul*), Neve McIntosh (*Doctor Who*) e Alice Lowe (*Prevenge*), e a aventura *The Red Lord*, da série *Robin of Sherwood*, para a Spiteful Puppet/ITV, narrada por Ian Ogilvy (*Return of the Saint*). Os romances mais recentes de Paul são *Lunar* (que está sendo adaptado para o cinema), o livro YA *The Rainbow Man* (como P.B. Kane), e as sequências de *RED — Blood RED* e *Deep RED* —, o sucesso ganhador de prêmios *Sherlock Holmes & the Servants of Hell, Before* (que figurou no Top 5 de fantasias sombrias mais vendidas) e *Arcana*. Ele mora em Derbyshire, no Reino Unido, com sua esposa Marie O'Regan e sua família. Saiba mais em seu site shadow-writer.co.uk, que já teve como convidados escritores como Stephen King, Charlaine Harris, Robert Kirkman, Dean Koontz e Guillermo del Toro.

AGRADECIMENTOS

E agora algo extremamente importante — nossa chance de agradecer. Em primeiro lugar, a todos os autores, por suas contribuições; a Cat Camacho e toda a equipe da Titan Books pelo apoio, como sempre. Obrigado também a Jamie Cowen, e à nossa ninhada, sem a qual etc.

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITOR RESPONSÁVEL
André Marinho

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Júlia Ribeiro
Juliana Borel

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Larissa Bontempi

REVISÃO
Daiane Cardoso
Kamila Wozniak
Luíza Côrtes
Thaís Carvas

CAPA E PROJETO GRÁFICO DE MIOLO
Anderson Junqueira

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

PRODUÇÃO DE EBOOK
S2 Books

[01] 1 “Rododendro: O assassino do campo”
www.countrysideinfo.co.uk/rhododen.htm